

Universidade Federal de Minas Gerais
Programa de Pós-graduação em Sociologia

**Da ordem e de transgressão:
a questão da hi[e]stória no festivo Ciclo da Paixão de Cristo em São João del-Rei,
Minas Gerais**

Ana Paula Lessa Belone

Belo Horizonte
2013

Universidade Federal de Minas Gerais
Programa de Pós-graduação em Sociologia

**Da ordem e de transgressão:
a questão da hi[e]stória no festivo Ciclo da Paixão de Cristo em São João del-Rei,
Minas Gerais**

Ana Paula Lessa Belone

Dissertação de mestrado apresentada ao
Programa de Pós-graduação em Sociologia
da Universidade Federal de Minas Gerais,
como parte dos requisitos à obtenção do
Título de Mestre em Sociologia.

Orientadora: Profa. Léa Freitas Perez

Belo Horizonte
2013

**Da ordem e de transgressão:
a questão da hi[e]stória no festivo Ciclo da Paixão de Cristo em São João del-Rei,
Minas Gerais**

Ana Paula Lessa Belone

Dissertação de mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos à obtenção do Título do Título de Mestre em Sociologia.

_____ pela seguinte banca examinadora:

Professora Léa Freitas Perez - FAFICH/UFMG (Orientadora)

Professora Wania Amélia Belchior Mesquita - UENF

Professor Tarcísio Rodrigues Botelho - FAFICH/UFMG

Belo Horizonte
2013

RESUMO

Este estudo apresenta a etnografia do Ciclo da Paixão de Cristo no Centro Histórico da cidade de São João del Rei, Minas Gerais, que celebra o sacrifício do deus por longos dias até chegar à ressurreição, no dia da Páscoa; o núcleo mítico-místico e teológico do catolicismo. Esse multiverso religioso optou por sustentar, na festa contemporânea, elementos da história colonial e barroca da festa do passado que são utilizados para se fazerem atuais. De tal modo que em um primeiro momento, vale destacar a dimensão de pompa, do luxo e da exibição presentes na cena festiva. Em um segundo momento destaca-se o império da ordem, que revela todo o caráter transgressor da festa. Aliás, é de transgressão em transgressão, que os moldes da festa do passado são dramatizados na festa contemporânea.

Palavras chave: Ciclo festivo, Paixão de Cristo, sacrifício, história, ordem, transgressão.

ABSTRACT

This study presents an ethnography of the cycle of the Christ's Passion in the historical center of São João del-Rei, Minas Gerais, which celebrates the God's sacrifice for long days until the resurrection on Easter, the core mythical-mystical and theological of Catholicism. This religious "multiverse" has chosen to sustain, in contemporary party, elements of baroque and colonial history of the party's past that are used to make actual. So that, at first, notes dimension of pomp, luxury and exhibition. In a second moment highlights the empire of order, which shows the whole party trespasser character. Indeed, is in transgression of transgression, which the molds of the party's past are dramatized in contemporary party.

Key words: festive cycle, Passion of Christ, sacrifice, history, order, transgression.

“Siga meu pés, desfazendo meus passos...”

Augusto de Campos

Agradecimentos

Nessa via arduamente percorrida ao longo desses dois anos de mestrado, os meus passos foram, em grande medida, guiados pela imprevisibilidade e pela intuição; mas em momento algum, eles foram solitários. Ao contrário, outros tantos passos se juntaram aos meus, acompanhando e dando suporte ao meu trajeto, até que ele se completasse nessa dissertação.

Em primeiro lugar, então, quero mencionar os passos repletos de cumplicidade de minha mais do que orientadora Léa Perez, por estarem sempre prontos a me ensinarem a percorrer surpreendentes caminhos teóricos. Certamente sabemos que a opção por essa via é mais difícil e mais sinuosa; contudo, é também a mais bela e aquela que nos oferece as *serendipities* que tantos contentamentos nos proporcionam. A ela o meu agradecimento por esses anos de parceria que ultrapassaram a relação de orientação.

Sou grata aos meus amigos do Centro de Estudos de Religião Pierre Sanchis por serem eles a darem comigo os primeiros passos, ainda no ano de 2008, no multiverso religioso de São João del-Rei.

Aos meus queridos amigos da Turma M, por continuarem essa prazerosa caminhada comigo, mesmo passado os anos da graduação, e à turma do mestrado, por dividir as experiências dos distintos percursos de pesquisa. A todos eles, o meu reconhecimento.

Ao professor Otávio Velho que, na ocasião da minha qualificação, interceptou os meus passos de modo instigante, fazendo com que eles adotassem um outro rumo. A partir dali, eu percorri a via seguindo as pistas deixadas, por ele, pelo caminho. A ele a minha mais profunda admiração. Agradeço também, aos professores Tarcísio Botelho e Wania Mesquita que, pela disponibilidade em ler o meu texto e compor a minha banca, enriqueceram, e muito, as possibilidades de direção.

Sou grata ao CNPq pelo apoio financeiro concedido ao longo desse período e sem o qual eu não poderia ter aprofundado nas minhas andanças por São João del-Rei, na busca pela festa. E uma vez aportada nessas terras, eu me deparei com muitas

peças dispostas a ajudar essa forasteira, a compreender um pouco mais esse multiverso. A todos que cruzaram o meu caminho, obrigada.

Ao meu pai, Geraldo, à minha mãe, Eliane, às minhas irmãs, Maria Cecília e Maria Clara, ao Fábio e ao Orlandil. Família querida que, mesmo sem saber ao certo qual era a direção, toparam percorrer essa estrada comigo. A todos, um obrigado cheio de amor.

Por fim, quero agradecer ao Max, companheiro de todas as jornadas, cujos passos estavam sempre rentes aos meus.

Lista de Imagens

Imagem 1: Interior da Catedral do Pilar preparada para a Festa de Passos

Imagem 2: Velamento da imagem de Nossa Senhora das Dores

Imagem 3: Velamento da imagem do Senhor Bom Jesus dos Passos

Imagem 4: Adoração à imagem desvelada de Nossa Senhora das Dores na Igreja do Carmo

Imagem 5: Procissão de Depósito da imagem do Senhor dos Passos

Imagem 6: Chegada do Senhor dos Passos à Igreja de São Francisco de Assis

Imagem 7: Saída da Rasoura do Senhor dos Passos da Igreja de São Francisco de Assis

Imagem 8: Rasoura do Senhor dos Passos ao redor da Igreja de São Francisco de Assis

Imagem 9: Adoração ao Senhor dos Passos na Igreja de São Francisco de Assis antes da Procissão do Encontro

Imagem 10: Momento do encontro das imagens do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores no Largo das Mercês

Imagem 11: Bênção dos Ramos em frente à Igreja do Rosário

Imagem 12: Altar da Catedral do Pilar preparada para o Domingo de Ramos

Imagem 13: Procissão do Senhor do Triunfo

Imagem 14: Confissão comunitária na Igreja do Rosário

Imagem 15: Altar preparado por Dona D. para a primeira Via Sacra externa da Igreja de São Francisco de Assis

Imagem 16: Cena do Encontro montada pela Irmandade dos Passos na Catedral do Pilar

Imagem 17: Cerimônia do Ofício de Trevas na Catedral do Pilar

Imagem 18: Missa da Ceia do Senhor na Catedral do Pilar

Imagem 19: Cerimônia do Lava Pés em palco montado atrás da Catedral do Pilar

Imagem 20: Armação efêmera da Igreja das Mercês

Imagem 21: Imagem de Nossa Senhora das Mercês

Imagem 22: Imagem de Nossa Senhora do Carmo

Imagem 23: Visita às armações efêmeras no interior da Igreja do Carmo

Imagem 24: Movimentação no Centro Histórico para visita às armações efêmeras montadas nas igrejas

Imagem 25: Imagem de Nossa Senhora do Rosário

Imagem 26: Imagem de Santo Antônio

Imagem 27: Tapetes do projeto “Semana Santa Cultural” sendo observados na noite da quinta-feira Santa

Imagem 28: Imagem de Nossa Senhora da Conceição montada pela Ordem Franciscana na Igreja de São Francisco de Assis

Imagem 29: Cerimônia da Solene Ação Litúrgica na Catedral do Pilar

Imagem 30: Momento da Adoração da Cruz na Catedral do Pilar

Imagem 31: Cena da crucificação montada na escadaria da Igreja das Mercês

Imagem 32: Elite sanjoanense de posse das lanternas da Procissão do Enterro

Imagem 33: Figurantes dos Testamentos na Cerimônia do Descendimento da Cruz

Imagem 34: Momento do Descendimento de Jesus da cruz

Imagem 35: Plateia de fiéis na cerimônia do Descendimento da Cruz

Imagem 36: Canto da Verônica após o Descendimento

Imagem 37: Esquife com o Senhor Morto

Imagem 38: Início da Procissão do Enterro

Imagem 39: Destruição dos tapetes na passagem da Procissão do Enterro

Imagem 40: Entrada da feira de artesanato

Imagem 41: Cartaz informando sobre baile de Aleluia

Imagem 42: Cerimônia da Vigília Pascal

Imagem 43: Altar da Catedral do Pilar momentos antes da arrebenção de Aleluia

Imagem 44: Círio Pascal na Cerimônia da Vigília

Imagem 45: Vista do altar da Catedral do Pilar durante a Missa Pascal

Imagem 46: Altares desvelados na Catedral do Pilar no Domingo de Páscoa

Imagem 47: Confecção dos tapetes do Grupo Arte de Rua do Largo do Carmo

Imagem 48: Início da Procissão do Santíssimo Sacramento

Imagem 49: Santíssimo Sacramento em procissão

Imagem 50: Procissão do Santíssimo Sacramento

Imagem 51: Cerimônia da coroação de Nossa Senhora

Imagem 52: Fiéis acompanhando o canto do *Te Deum Laudamus*

Lista de anexos

Anexo 1: Mapa do Centro Histórico de São João del-Rei.

Anexo 2: Programação impressa da Comemoração de Passos do ano de 2012.

Anexo 3: Programação impressa da Semana Santa do ano de 2012.

Anexo 4: Orações distribuídas aos fiéis na Catedral do Pilar durante a missa solene do Domingo de Ramos e durante a missa da Ceia do Senhor, na Quinta Santa.

Anexo 5: Programação impressa da “Semana Santa Cultural” do ano de 2012.

Regenerar o tempo na sua totalidade, de poder viver, viver humanamente, historicamente, na eternidade, pela transfiguração da duração em um instante eterno.

Mircea Eliade

SUMÁRIO

Apresentação, 1

Parte I: Encontro e Transgressão, 25

Parte II: Sacrifício e dom de si, 88

Parte III: Festa... Para além da festa, 186

Considerações Finais, 227

Referências Bibliográficas, 233

Anexos, 240

APRESENTAÇÃO

08 de abril de 2009

Já nos aproximamos cada vez mais de São João del Rei. Estamos parados em um restaurante à beira da estrada “Café com prosa” [todos famintos], comendo pão de queijo com linguiça. É bem certo que assim como o café, muita “prosa” acompanhou nossa curta estadia neste lugar repleto de imagens de santos expostos para venda [ouço, ao fundo, Rafael falando o nome das imagens: “Santo Antônio, Nossa Senhora Aparecida, Sant’ Anna...”].

Às 14h00min, chegada a São João del Rei. Percebo que, em cada lugar que olho, uma torre de igreja me espreita; é uma cidade que respira religião e que já vive um vai e vem de pessoas em função da Semana Santa. Logo depois partimos em direção a Tiradentes, cidade escolhida para nos hospedarmos.

{Mais tarde...} Dividimos a equipe. Para assistir ao Ofício de Trevas em São João fomos eu, Rafael, Renata e Pedro; para acompanhar a Via Sacra em Tiradentes, ficaram Marcos, Júlia e Denise. Em São João del Rei tinha-me esquecido que, em nenhuma das viagens anteriores, havia visto as igrejas iluminadas como agora. Elas saltam aos olhos de tanta beleza! Entrei na igreja do Pilar e logo vi que estava completamente cheia. A cerimônia já havia iniciado. Como não conseguia ver o altar do lugar onde eu me encontrava, comecei a prestar atenção na fisionomia de quem estava ao meu redor. Olhares baixos e melancólicos, de lamentação mesmo. Saí por um instante porque precisava escrever essas linhas. De repente, na entrada da igreja, eu escrevendo, um homem passa diante de mim dizendo para si: “o povo mineiro é mesmo muito religioso”... De volta ao interior da igreja, não consegui parar de olhar para os quadros dos passos do sofrimento de Cristo, ao fundo a melodia triste reverberava por toda igreja.

O ritual é muito bem marcado, tudo perfeitamente ordenado. O mínimo detalhe aqui salta aos olhos. A igreja está totalmente iluminada; no púlpito, um orador dita os passos do ritual que é executado em latim. Orquestra e coro dão o tom com músicas muito faustosas e graves. Em alguns momentos entram em cena os cantos gregorianos. Todos ali presentes - inclusive eu - pareciam pequenos diante da magnificência e da grandeza desse acontecimento que gira em torno da Paixão e da Morte de Jesus [parece que estamos no século do ouro, vida barroca].

A cerimônia é bastante demorada. Cerca de três horas. Fomos até o bar mais próximo

procurar café e água. Na saída percebo que muitas pessoas se concentram do lado de fora da igreja onde há uma intensa movimentação. Alguns jovens chegam para acompanhar o ritual, todos carregando debaixo dos braços o livro de capa preta que eu veria outras tantas vezes ao longo da festa. Entramos no “Bico de lacre”, boteco onde só se encontravam alguns poucos bêbados. Tomamos café, compramos água e conversamos por um tempo. Tínhamos que voltar, pois a cerimônia já estava perto do fim.

De volta à igreja. Mais cheia do que antes, só conseguimos um lugar na porta. A maior parte das luzes já estava apagada. Quando restou somente a luz da vela que fica no vértice do castiçal triangular posicionado no altar, uma inquietação tomou conta de todos. O celebrante disse algumas últimas palavras. A vela apagou e uma escuridão invadiu a igreja. Quando penso que não, todos começaram a bater os pés no chão em um só compasso; isso não durou mais do que poucos segundos. As luzes voltaram a se acender. Todos se dirigiram até a saída. Tive a impressão [senão a certeza] de que todos só esperaram até o final com o único propósito de baterem os pés.

O relato de 08 de abril de 2009, escrito por ocasião da terceira viagem que integrou a pesquisa “Nos rastros de Saint-Hilaire: as festas em Minas Gerais dois séculos depois...”, traz à tona a lembrança do dia em que fui, de fato, apresentada às festividades da Semana Santa da cidade de São João del Rei, justamente através de uma de suas mais importantes e comentadas solenidades, o Ofício de Trevas¹. A vivência dessa experiência foi, de certo modo, paradigmática para mim, por me fazer sentir aquele arrebatamento há muito esquecido e guardado apenas nos ternos anos de minha infância, motivado pela ideia da crucificação e de todo o mistério que a cerca.

O meu itinerário pelo mundo do sagrado, tomando de assalto as palavras de Gianni Vattimo, é “daquele que é comum a tantas pessoas que tiveram a mesma formação que eu” (2004, p. 8). Fui formada nos preceitos da religião católica por uma família que, até onde posso vislumbrar, foi assim constituída.

Batizaram-me em um ensolarado junho de 1984, como acusam uma ou duas fotografias, e fiz a primeira Eucaristia na escola, em que estudava junto à minha irmã, no ano de 1993, vestida em uma bela túnica branca costurada por minha mãe. Naquele dia, não esqueço que mal me contive, aguardando que alguma surpresa se operasse em mim, chegada a hora de compartilhar o mistério do Corpo de Deus através da hóstia.

Quando criança, lembro-me que na casa dos meus avós paternos havia um pequeno altar com uma infinidade de imagens de santos, de escapulários e de orações. Cresci observando minha avó sempre rondando aquele altar; certas vezes rezando ajoelhada, outras tantas, tecendo uma íntima conversa com seus santos protetores. Entretanto, uma imagem em especial naquele particular multiverso religioso, se destacava sob meu olhar curioso e povoava meu imaginário infantil, causando-me, ao

¹ “Nos rastros...” foi uma pesquisa realizada, entre os anos de 2008 e 2009, pelo Centro de Estudos de Religião Pierre Sanchis sob a coordenação da professora Léa Freitas Perez e com o financiamento do CNPq, e contou com a participação dos seguintes pesquisadores: Ana Paula Lessa Belone, Júlia Goyatá, Marcos Martins, Rafael Barros, Denise Pimenta, Pedro Gondim e da cinegrafista Renata Otto Diniz. Essa pesquisa surgiu dando continuidade a uma pesquisa anterior intitulada “Cartografia das festas em Minas Gerais - por seus viajantes e cronistas”, financiada pela Fapemig e pelo CNPq e também realizada pelo CER - Pierre Sanchis. O desenho daquela teve seus traços esboçados, sobretudo, através dos rastros deixados pelo viajante estrangeiro por meio de seus diários de viagens, contando as experiências no Brasil do século XIX. A leitura interessada de seus relatos resultou em um mapeamento das festas observadas e descritas por Saint-Hilaire e, posteriormente, em uma expedição composta por três viagens, que procurou refazer os passos do viajante francês por algumas das cidades mineiras visitadas por ele a dois séculos passados. Refazendo seus passos, então, viajamos por uma região amplamente descrita pelo estrangeiro e que abrangeu as cidades históricas de São João del Rei e de Tiradentes. Foi precisamente nessas cidades que acompanhamos os ciclos do Nascimento e da Paixão de Jesus, que, no calendário de funções litúrgicas do cristianismo, compreendem, respectivamente, as festas do Natal e as da Semana Santa.

mesmo tempo, um misto de fascinação e de repulsa [pelo medo que me fazia sentir]². Era a piedosa figura do deus crucificado, com sua face em agonia e sua carne marcada por chagas³. Não podia compreender, em minha simplicidade juvenil, como a imagem forte de Cristo crucificado podia ser elemento de adoração por parte dos devotos. Aquele símbolo sempre esteve presente em toda parte, por onde quer que eu fosse: no sinal que aprendi a fazer no corpo, tocando, com a mão direita, a cabeça, o peito e os ombros; no pátio de minha antiga escola onde era dever parar todos os dias antes da aula, para rezar; nas serras e nas estradas que cruzava nas viagens com a família ou no pequeno altar de minha avó.

Mais tarde aprendi que a compaixão não era somente em relação àquela cena da crucificação, mas a todos àqueles momentos que a precederam e, em especial, àquele que se seguiu e que se liga ao núcleo fundamental da religião ao qual fui iniciada: é por meio do sacrifício do Filho de Deus que emerge o mistério do triunfo sobre a morte através da ressurreição⁴. E a esse acontecimento capital se segue todo um tempo de celebrações pela lembrança da dor de Cristo e pela sua redenção, que se repete periodicamente ao longo da hi[e]stória⁵.

Em meus tempos de menina, a tão esperada Páscoa [porque era dia das crianças ganharem seus ovos de chocolate], era antecipada por um período de recolhimento e de

² O uso do termo multiverso é utilizado a partir de Léa Perez, “no senso que Ihe é atribuído pela física quântica, relativamente ao movimento de um sistema, que tendo num certo instante duas alternativas de percurso seguirá simultaneamente as duas. Cada uma compondo um mundo diferente e irreduzível um ao outro. Em uma palavra: indecidibilidade” (2011, p. 30).

³ A propósito da dimensão do sagrado relacionado à memória, à infância e à vida cotidiana ver Leiris (1979) e Pires (2001).

⁴ Quando falo em cena, logo me reporto a Vincent Crapanzano, para quem ela, diferentemente da realidade “objetiva” a qual se tenta diferenciar, é um terreno marcado pelo fantasioso, pelo sentimento e pelas emoções, e identificado com o domínio do subjetivo. “Para mim, ao menos a cena é aquela aparência, a forma ou refração da situação “objetiva” em que nos encontramos, colorindo-a ou nuançando-a e, com isso, tornando-a diferente daquilo que sabemos que ela é quando nos damos ao trabalho de sobre ela pensar objetivamente” (2005, p. 359). De acordo com Denise Pimenta, a respeito da cena de Crapanzano, “a cena não é pura subjetivação, ela é a possibilidade de se enxergar os horizontes imaginários, um passo além, uma possibilidade de se avançar para além do olhar comum (científico)” (2008, p. 11).

⁵ O conceito Hi[e]stória foi cunhado por Léa Perez, para quem “o temo história é grafado propositalmente hi[e]stória para ressaltar o *double bind* que o tropo comporta e solicita como fato e artefato histórico, como evento e acontecimento sócioantropológico, como real factual e construção imaginária e/ou discursiva. *Double bind* [duplo vínculo], proposto por Gregory Bateson em 1956, refere-se à existência de injunções paradoxais [aporéticas], dupla postulação. Uso aqui na sua acepção derridiana, que remete ao senso mesmo da diferença e da indeterminação no que tange à solução e ao fechamento de uma questão de pensamento. Em uma só palavra: indecidibilidade” (2001, p. 23) [grifo do autor].

penitência por parte dos adultos, diferentemente dos dias “normais”. Logo após o carnaval, na quarta-feira de Cinzas, obrigatoriamente não se comia carne. O mesmo acontecia na sexta-feira da Paixão [além do que, nesse dia, ninguém podia despender qualquer tipo de esforço físico, dizia minha mãe]. Era tempo também de comparecer às comemorações da paróquia do bairro, sempre muito longas para a minha irrequieta percepção, e carregadas de intrincadas simbologias que atiçavam minha curiosidade, como a cor roxa dos tecidos que cobriam os altares.

Entretanto, à medida que crescia, a religião aparentemente deixava de fazer parte da minha biografia. Sequer o sacramento da Crisma eu recebi. Aos quinze anos, já me encontrava em um momento de descobertas e de diferenças [com uma boa dose de rebeldia é verdade], abrigando certa rejeição à crença religiosa estabelecida; uma espécie de íntimo desencanto. Para aborrecimento principalmente de meu pai, não mais frequentei uma missa ou me ative a temas da esfera do religioso. O medo e o fascínio que o multiverso do sagrado ocasionava em mim quando criança pareciam ter ficado para trás, vivos apenas no campo das recordações. Assim como Michel Leiris, “dizendo-me ‘é apenas isso’ e não esperando mais milagre, logo abandonei as práticas religiosas, depois parei de crer e não recomecei jamais” (2003a, p. 81). Porém, diferentemente de Leiris, eu não parei de crer [creio eu], e o retorno da religião em minha vida sobreveio precisamente no momento em que eu tateava o terreno, por excelência, da ciência: a universidade⁶.

Nesse determinado momento da minha trajetória, a religião tornou-se “boa para pensar”, parafraseando Claude Lévi-Strauss. A partir de minha integração como pesquisadora no Centro de Estudos da Religião Pierre Sanchis - sob a coordenação de Léa Perez - dei início, então, à aproximação entre o “profano real” do plano da ciência e o “sagrado mistério” do plano da religião (2010a, p. 3).

Entretanto, Léa Perez diz, concordando com Vattimo, que “religião é questão não somente de atualidade, mas também de cotidiano e de sentimento. Trata-se, pois, de experiência, de ‘sensibilidade religiosa’ que, diz ele, sente à sua volta, ressurgindo, ‘na sua rigorosa imprecisão e indefinibilidade’” (2010, p. 5). E foi especialmente naquela

⁶ Utilizo a expressão “creio eu”, a partir do “Acreditar em Acreditar” de Gianni Vattimo que, diz ele, ser uma “apologia do crente não praticante” (1988, p. 66). “Sobre a complexidade paradoxal da expressão e das dificuldades de sua tradução em outras línguas comenta que [...] ‘tanto pode significar fé, convicção, certeza de alguma coisa, quanto opinar ou acreditar em algo com uma certa margem de incertezas’. Na expressão acreditar em acreditar, diz ele, o primeiro acreditar corresponde ao sentido da dúvida, ao passo que o segundo refere-se à fé, a convicção, a certeza (Perez, 2012, p. 203).

noite festiva, que emergiu outra vez em mim aquele sentimento misto de encantamento e de angústia, uma “corrente dupla, com tudo o que me impele e ao mesmo tempo me retém” em relação ao deus crucificado (Leiris, 2003, p. 125).

A esse fato profundamente definidor, proporcionado por aquela São João del Rei em festa do ano de 2009, se seguiram outros igualmente reveladores que não cessaram de aguçar o meu olhar e a minha imaginação. Impressionou-me, sobretudo na cerimônia do Ofício de Trevas, o peso e a importância do episódio a ponto de me fazer registrar: *parece que estamos no século do ouro, vida barroca*. Realmente não havia nenhum exagero em enunciar essas palavras naquele momento, já que era tudo grandioso demais e suntuoso demais. As outras cerimônias e celebrações que presenciei também apresentavam esse mesmo traço de pompa e, principalmente, de ordem, notadamente aquelas realizadas nos adros e nos interiores das igrejas do século XVIII e que se estendiam pelas ruas do Centro Histórico da cidade - entre as vias sacras e as procissões -; o que enchia os moradores de exultação, a festa de turistas e a cidade de negócios.

A festa da Semana Santa também era assim pintada por cronistas, por jornalistas e por demais entusiastas encarregados de apresentá-la [e porque não? de vendê-la] ao Brasil e ao mundo, tal como revela o trecho do texto a seguir:

São João del Rei se destaca pela intensidade e exuberância de sua vida religiosa tradicional, através de variadas celebrações litúrgicas e paralitúrgicas, na piedade de suas missas e na devoção de suas vias-sacras, tríduos, novenas e procissões diversas, sem falar o latim e os foguetes, continuando vivo o mundo barroco, na plena efervescência do século XXI.

Nossos sentidos se vêem envolvidos pelo som dos sinos, que, na eloquência de sua peculiar linguagem, transmitem com seus dobres simples, duplos e repiques muitas informações e mensagens, tão bem identificadas pelo são-joanense; pela música litúrgica e religiosa, executada pelas vozes e instrumentos das bicentenárias orquestras Lira Sanjoanense e Ribeiro Bastos; pelo agradável aroma dos incensos e das plantas aromáticas presente nas cerimônias; pela riqueza e beleza de tantas obras pictóricas, escultóricas e arquitetônicas; pelo contacto com velas, tochas e lanternas e mesmo pelo gosto adocicado das amêndoas em cartuchos decorados.

[...]

Concluindo, podemos afirmar que, em São João del Rei, as celebrações religiosas, além de sua opulência e beleza, possuem um caráter de profunda fé e de sincera e autêntica vivência da religião, jamais se constituindo em mero espetáculo destinados à admiração e aplausos de entusiásticos espectadores (Tirado, 2007, p. 9-10)⁷.

A maneira como a festa da Semana Santa é concebida em São João del Rei, ou seja, empregando elementos de um passado colonial para fazer continuar *vivo o mundo barroco*, motivando, sobretudo, o orgulho e a fé dos sanjoanenses, o deslocamento dos estrangeiros e o incremento dos interesses econômicos da cidade, me causou, à primeira vista, certo estranhamento e, ao mesmo tempo, grande entusiasmo. Especialmente para quem, como eu, sempre estive habituada a frequentar apenas cerimônias de caráter “moderno” nas paróquias de bairro da capital mineira, experimentar toda aquela “aura do passado” em uma cidade histórica na *plena efervescência do século XXI*, me fez querer ir além.

Do primeiro contato com a festa do ano de 2009 permaneceu o anseio de me aprofundar mais nessa Semana Santa e em todas as suas questões mais latentes; anseio esse que só veio a se concretizar a partir do meu ingresso, em 2011, no mestrado em sociologia da UFMG⁸. Nessa outra etapa da minha trajetória, reunindo os dados etnográficos obtidos especificamente na festa de São João del-Rei [já que a pesquisa anterior envolvia outra cidade, bem como outras festividades e outros objetivos], e uma literatura cada vez mais acionada sobre os temas que me pareceram mais relevantes diante da realidade observada, desenvolvi o meu projeto de pesquisa justamente em torno do ciclo festivo da Paixão e da Morte de Jesus no contexto da cidade mineira de São João del Rei.

⁷ Esse trecho faz parte do texto *Ritos religiosos em São João del Rei*, e integra, junto a outros catorze textos de diferentes autores, um número especial da Revista *Suplemento Literário de Minas Gerais*, por ocasião da concessão do título de Capital Brasileira da Cultura do ano de 2007, para a cidade de São João del Rei.

⁸ Contudo, a pesquisa “Nos rastros...” rendeu, como resultado, a escritura de diários de viagens dos seus pesquisadores, uma mala “feita” com as memórias dessas viagens [e que, posteriormente, compôs o trabalho “Em torno do Natal e da Semana Santa nas Minas Gerais: retratos de viagem”, apresentado na *VIII Reunião de Antropologia do Mercosul*, também em 2009], a produção de um documentário sobre a Folia de Reis da cidade de Tiradentes, além de uma quantidade significativa de material sobre as festas dos ciclos natalino e da Paixão nas cidades de São João del Rei e de Tiradentes. Ademais, essa pesquisa serviu de subsídio para a minha monografia de graduação intitulada de *Hi[e]stórias de viagem ou A escritura no embalo incessante dos dias* que foi defendida em 23 de setembro de 2009.

A direção que tomei, norteadada pela viagem e pela literatura, acabou por me conduzir, de modo mais particular, a tratar o modo como São João del Rei, na tentativa de ingressar e de se sustentar em um mercado competitivo de cidades, utiliza a festa da Semana Santa “autêntica”, “tradicional” e “barroca” como uma moeda de troca para o consumo turístico, e os possíveis paradoxos que surgem dessa ação de mercadorização da festa. Além desses possíveis paradoxos, pensei em invocar também, as brechas por onde essa festa escapa, posto que destinada ao princípio do dispêndio e da troca, e que tem o seu ponto forte no sacrifício do deus.

Definido o tema da pesquisa passei a concentrar-me, primeiramente, em levantar mais leituras e a colecionar mais informações sobre a festa religiosa em questão, sobre a cidade e sobre outros temas importantes à pesquisa como a questão do turismo e do mercado de cidades, por exemplo; já que a parte do trabalho de campo ficara reservada somente para o ano de 2012, única ocasião em que eu poderia acompanhar o ciclo festivo.

De tal modo, no dia 17 de janeiro de 2012, retornei a São João del Rei três anos após a minha primeira visita. Essa incursão inicial e anterior à festa foi feita, basicamente, com o intuito de estabelecer os primeiros contatos, de realizar algumas entrevistas e de pesquisar em arquivos e em bibliotecas.

Assim que cheguei à cidade, fui diretamente à Catedral do Pilar, igreja que eu lembrava concentrar a maior parte dos eventos da Semana Santa. Somente depois eu soube que essa centralização ocorre porque é a Irmandade do Santíssimo Sacramento, instituída na Matriz, que promove a festa desde 08 de fevereiro de 1711, ano de sua fundação; portanto, há 301 anos, configurando a festa da Semana Santa mais antiga da cidade. Essa informação foi determinante para a minha decisão de concentrar os meus esforços em observar somente a festividade realizada no chamado Centro Histórico de São João del Rei.

No caminho para a igreja, subindo uma das muitas ruas do Centro Histórico repletas de comércio de todo gênero, vi afixada na porta de uma loja, um cartaz convocando a todos para participarem das festividades de São Sebastião com novena durante toda a semana e missa festiva seguida de procissão e da apresentação de um grupo de folia, no dia 20 de janeiro. Uma vez mais havia me encontrado com a cidade em festa!

Chegando à Catedral, achei a porta principal fechada e logo me dirigi à portaria lateral, entrando em uma ante-sala onde se encontrava uma imagem de Santa Terezinha de Lisieux, a “Doutora da Igreja”. Imediatamente achei um bom sinal ter-me deparado com Santa Terezinha logo no início da minha jornada, já que ela é conhecida por ser a santa que ensinou ao mundo “a pequena estrada da infância espiritual”. Tal como uma criança dando os seus primeiros passos, eu que naquele momento ia pé ante pé em minha pesquisa, pedia a ela para conduzi-los pela melhor estrada, amparados por sua ciência do amor.

Nesse mesmo momento entrou no local um homem que logo reconheci como sendo o seu A., que, apresentado em uma das viagens anteriores, havia nos falado muito sobre a Semana Santa da cidade⁹. Ele fez uma reverência para a imagem e entrou na sala. Esperei para tentar uma aproximação e, assim que ele saiu, me apresentei, engatando uma rápida e informal conversa que rendeu percepções muito interessantes sobre a festa.

Os primeiros subsídios, na óptica de seu A., davam conta de que *a festa da Semana Santa não acontece somente na Semana Santa*, já que, após a quarta-feira de Cinzas, iniciam-se uma série de acontecimentos que constituem todo o ciclo festivo. São tantas comemorações pela lembrança do sofrimento e da morte de Cristo, que *não há como fazer a festa em apenas uma semana*, ressaltou. E esse calendário preenchido por funções litúrgicas e paralitúrgicas envolve toda uma organização que sustenta e que faz a festa, entre as diversas equipes de voluntários responsáveis pela arrumação da igreja, pela preparação das imagens para as procissões, pelas confissões comunitárias, além da Associação de coroinhas que ajuda no momento das celebrações e das orquestras que ensaiam e que tocam as composições musicais. *A Semana Santa é uma festa muito complexa e uma demonstração de muita fé para quem dela participa*, completou¹⁰.

⁹ A fim de preservar a identidade dos entrevistados, optei por ocultar os seus nomes, apenas apresentando-os impessoalmente como “morador[a]”, “representante da irmandade”, etc. No caso de alguns entrevistados, em particular, que considerarei como pessoas “chave” para a pesquisa, sinalizei apenas a letra inicial do nome, tal como procedeu Leiris no livro *A África fantasma* (2007).

¹⁰ Logo notei - e me chamou bastante atenção - que o discurso de seu A. sobre a festa era muito pautado na instituição, como se tudo passasse apenas nos domínios da igreja [o que ficou ainda mais patente na entrevista que ele me concedeu dias depois]. Talvez fosse por conta de sua efetiva participação nos quadros da irmandade e da orquestra; o fato é que essa questão ficou repercutindo em minha cabeça nos dias que se seguiram ao campo.

Em meio ao trabalho de campo que me iniciava no Ciclo da Paixão de Cristo, tive ainda a oportunidade de participar do final das festividades de São Sebastião, cuja devoção remete ao século XVIII, ocasião em que o território de Minas Gerais ainda se encontrava subordinado à diocese do Rio de Janeiro, onde São Sebastião é o padroeiro. Dada a proximidade territorial e, portanto, a autoridade dessa diocese em São João del Rei, o patrono de “São Sebastião do Rio de Janeiro” estendeu o seu alcance para a cidade mineira.

A noite de 20 de janeiro de 2012 começou com a missa festiva em louvor ao santo mártir na Catedral do Pilar. A imagem de São Sebastião se encontrava posicionada em um andor coberto por flores vermelhas e rosas à frente do altar principal, esperando para sair em procissão. A missa, de grande riqueza litúrgica, foi acompanhada pela orquestra e pelo toque dos sinos; entretanto, diante de tanta alegria, uma coisa preocupava a todos os fiéis que ali estavam: a forte chuva que parecia armar no céu que rapidamente se carregou de preto. Ao final da missa a chuva já havia precipitado sem grande alarde; porém, mesmo diante dela, a orquestra se posicionou do lado de fora da igreja preparando-se para a condução musical do cortejo.

Diante do pedido do padre em favor de esperar mais um pouco pela forte chuva que ainda parecia querer vir, notei que a folia de São Sebastião estava sentada em um canto da igreja. Fui até lá conversar com os seus integrantes e falar que eu havia participado do Encontro de Folias da Colônia do Marçal em 2009, como parte da pesquisa “Nos rastros...”; ao que um deles respondeu que aquele grupo se dividia, na verdade, em três tipos distintos de folia: a dos Santos Reis, a de São Sebastião e a do Divino Espírito Santo, e que cada uma participava de um ciclo festivo distinto. Mal ele acabou de falar, rapidamente se formou uma agitação pela saída da procissão, fazendo com que a conversa fosse interrompida. Mesmo que breve, senti-me imensamente feliz por reencontrar a folia; porém, ao mesmo tempo em que experimentei a sensação de felicidade, provei uma alheia sensação de mal estar.

Sem esperar pelo desenrolar da chuva, o andor com a imagem saiu da igreja carregada por quatro homens do exército. Junto a eles iam os irmãos do Santíssimo Sacramento, promotora da festa, ladeando o santo com suas vestimentas vermelhas. Logo mais atrás, o padre caminhava segurando a custódia protegida pelo pátio e, por todos os lados, os fiéis caminhavam aos pés de São Sebastião. No momento em que a

imagem deixou a igreja, as nuvens carregadas de chuva simplesmente dispersaram, fazendo com que todos comentassem que algo de inexplicável havia ali acontecido.

A procissão fez um pequeno trajeto no entorno da Matriz do Pilar [passando pela Igreja das Mercês, pelo Largo da Cruz e pela Igreja do Carmo] e, no caminho, a única chuva que se viu cair foi a de pétalas de rosas vermelhas jogadas da sacada de um sobrado em homenagem ao santo. De volta à Matriz, a imagem adentrou de costas sob os aplausos dos fiéis e o espocar dos fogos de artifício. Após encerrar essa parte da comemoração com a adoração ao Santíssimo Sacramento, o celebrante convidou a todos para assistirem a apresentação da folia no adro da igreja¹¹.

A folia se dispôs - com duas violas, uma sanfona, um pandeiro e o porta-bandeira - bem de frente para o padre e começou a entoar os seus versos, ao que instantaneamente as lágrimas começaram a brotar dos meus olhos. Essa reação repentina não foi somente pela surpresa de mais uma vez estar com a folia, mas também por vê-la diante da opulência e do poder da igreja. O embate maior que eu travava comigo mesma, naquele momento, era pensar que eu estava privilegiando o lado da continuidade ao estudar uma manifestação “oficial” da igreja, em detrimento de uma manifestação religiosa que eu julgava mais “popular”, no caso da folia.

Em meio a esse embate, peguei uma moeda e fui oferecer ao grupo. Depositei a esmola no pequeno saquinho vermelho ao lado da bandeira, com grande embaraço por estar chorando. Cada verso cantado era acompanhado pelo padre que sabia grande parte das letras. Ao final da apresentação, o capitão da folia se aproximou do padre, que o cumprimentou com um aperto de mão e com um forte abraço. A festa de São Sebastião do ano de 2012 havia chegado ao fim; contudo, para mim, aquele instante se mostrou apenas como o início de algumas inquietações que me acompanhariam durante todo o trabalho.

De posse dessa e de muitas outras questões, fiz as viagens posteriores, efetivamente, ao longo de todo o ciclo festivo, sendo a segunda no período de 16 a 23 de março e a terceira, no período de 31 de março a 08 de abril, respectivamente os períodos da Quaresma e da Semana Santa do ano de 2012.

As festividades do Ciclo da Paixão de São João del Rei estão atreladas às diversas paróquias da cidade, conformando pontos de comemoração pela lembrança da

¹¹ Diferentemente das festas de São Sebastião de tantos outros lugares de Minas Gerais e do Brasil, a festa promovida pela Catedral do Pilar de São João del Rei não apresentava um caráter “profano” tão comum a esse tipo de manifestação como os leilões, as barraquinhas, os shows musicais, etc.

morte de Cristo que se distribuem espacialmente do Centro Histórico, onde está localizada a Matriz do Pilar - a primeira igreja paroquial da cidade e, durante muito tempo, a única a realizar essa festividade - irradiando-se para os bairros e acompanhando o próprio crescimento da cidade.

Apesar de todas as paróquias seguirem uma estrutura ritual comum estabelecida pelo calendário litúrgico do catolicismo, o modo como são realizadas as celebrações que marcam esse circuito festivo não se mostra exatamente igual umas às outras. Isso fica patente no fato emblemático de que a IV semana da Quaresma abriga a Procissão do Encontro na Catedral do Pilar; uma solenidade comumente realizada nos dias da Semana Santa. Enquanto as demais paróquias procedem com a liturgia quaresmal nesse tempo, a Catedral do Pilar desloca essa comemoração devido ao cumprimento de um estatuto.

Assim, diante do multiverso de modos de celebrar a morte de Jesus nesse circuito festivo, optei por empreender a minha pesquisa etnográfica apenas na festa que ocorre na região do Centro Histórico da cidade. Essa escolha se deve - além do já citado fato dela ser a Semana Santa mais antiga da cidade - ao fato dela ser uma festa considerada “tradicional” por “manter” uma série de rituais, o que a torna A Semana Santa de São João del Rei, notória entre os turistas e alvo de comentada tentativa de mercadorização. Contudo, uma vez que eu não dispus de tempo suficiente para contemplar todo aquele multiverso social e religioso, optei por considerar então, aqueles aspectos que desde o primeiro instante se destacaram sob meu olhar e que, de algum modo, marcaram a minha vivência com relação à festa e, principalmente, as minhas observações em campo.

As experiências dos trabalhos de campo que se seguiram à incursão inicial em janeiro de 2012, já no período da Quaresma e da Semana Santa, me colocaram diante desse ciclo festivo, pela primeira vez, em uma profundidade tal que até então, eu não havia experimentado. Logo no primeiro momento, participando da Comemoração dos Passos no período quaresmal, compreendi que a festa realmente se passa nos domínios da instituição religiosa; ou seja, se eu partisse para São João del Rei com o intuito de buscar algum evento da Semana Santa em um lugar outro que não fosse a igreja, eu simplesmente não o encontraria. Desse modo, o meu esforço em relação ao ciclo concentrou-se sobremaneira, na observação sistemática das celebrações e das

solenidades realizadas nas e pelas igrejas do Centro Histórico, especialmente aquelas realizadas na Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar.

Dizer que o ciclo festivo se encontra subordinado à igreja não é a mesma coisa de dizer que fora dela nada possa acontecer. Ao contrário, a festa continua a possibilitar experiências místicas e aspectos da espiritualidade dos fiéis que vão além do que é atribuído pela igreja, como expõem as muitas hi[e]stórias que ouvi e as muitas cenas que observei como, por exemplo, dos fiéis passando por debaixo da cruz do Senhor dos Passos ou carregando para casa os ramos de manjerição do andor de Nossa Senhora das Dores [práticas consideradas, pela igreja, como atos de credice ou de superstição]. A festa também se estende pelo espaço urbano colorindo as ruas com o movimento incessante de pessoas a encher os bares a cada procissão que passa ou a cada missa que chega ao fim [o que fazem os mais saudosistas falarem que, antigamente, era diferente, já que o ciclo era vivido como um verdadeiro tempo de recolhimento].

Assim, e apesar do tempo festivo manifestar uma pluralidade de experiências religiosas e sociais repletas de nuances que ultrapassam o simples espaço físico e doutrinário da igreja, é precisamente nesse domínio que a Semana Santa desvela uma de suas mais interessantes e atrativas facetas: o caráter de pompa, de ordem e de tradição cuidadosamente cultuada que predomina na cena festiva.

É em nome de uma tradição *deixada pelos antepassados*, que a festa do Ciclo da Paixão é instituída de um jeito tal que *o povo sanjoanense soube guardar até hoje com piedade e carinho* e que mesmo *sem afetar as reformas litúrgicas trazidas pelo Concílio* procurou-se *conservar o que se deve conservar*¹². E o que para eles se deve conservar do passado para ser digno de contemplação no presente, é justamente uma hi[e]stória religiosa ligada aos tempos do período colonial caracterizado, sobretudo, pelo catolicismo ibérico transplantado para a colônia e marcado por uma visão de mundo barroca.

O discurso que é construído e disseminado sobre a festa de hoje vem imbuído, todo ele, de uma prática que busca trazer à tona os elementos que compuseram a vida social e religiosa da São João del Rei de tempos passados em nome do “dever

¹² Os trechos em itálico foram retirados da Apresentação da 1ª edição da obra “Piedosas e solenes tradições de nossa terra: Quaresma e Semana Santa em São João del Rei”; aquele *livro de capa preto que eu veria tantas outras vezes ao longo da festa*. Esse livro, que já está em sua 2ª edição, é o resultado do trabalho realizado pela equipe de liturgia da Paróquia da Catedral de Nossa Senhora do Pilar e que apresenta a estrutura de todos os atos litúrgicos e paralitúrgicos realizados no Ciclo da Paixão.

conservar” uma hi[er]stória portadora daquelas que são consideradas como as “autênticas tradições locais”, entre elas, a própria dilatação do tempo festivo, as irmandades religiosas, o estilo barroco da festa, as composições musicais sacras, a linguagem dos sinos, os rituais em latim, etc.

E essa “tradição” religiosa dos primeiros tempos que é feita pulsar na cidade dos tempos presentes, acaba por ser alçada como um produto para desenvolver fortemente o turismo, meio pelo qual São João del Rei tenta ingressar no chamado mercado de cidades. São nas alianças seladas entre determinados atores sociais compostos, sobretudo, pelo poder público, pelas empresas privadas e pelos produtores culturais, que a festa é acomodada na lógica da produção para o mercado, por meio da elaboração e da execução de projetos e de políticas públicas. O que se percebe então são ações que convergem e que são destinadas a incrementar o potencial turístico da cidade, fazendo do tempo festivo também um tempo de negócios.

Conhecendo o potencial e a força que a festa da Semana Santa tem dentro do segmento denominado de turismo cultural, certas instâncias de governança presentes no município tratam de promovê-la tal como produtos em uma vitrine. *Na vitrine você põe as suas melhores peças porque você precisa de chamar atenção; a partir do momento que a pessoa entrou na loja, vamos dizer assim, você apresenta todos os seus produtos* (Entrevista com a gestora do Circuito Trilha dos Inconfidentes - 22/03/2012).

Então, nos últimos anos, várias ações foram empreendidas nessa direção, como a integração da cidade em um circuito turístico denominado de Estrada Real bem como a obtenção do título de Capital Brasileira da Cultura no ano de 2007. Em um plano mais particularmente relacionado à festa religiosa, há doze anos tem a ocorrência de um evento organizado por uma ONG de apelo cultural e realizado durante a Semana Santa. Esse acontecimento possui as suas principais atividades concentradas no Tríduo Pascal, justamente os dias de maior fluxo turístico na cidade por ser feriado. Todas essas atividades têm como tema a festa e a cultura barroca, entre recitais de músicas do século XVIII, exposição de arte sacra e a famosa confecção dos tapetes de rua, a sua atividade mais importante e de atração turística. No ano de 2012 o tema dos tapetes foi sobre as volutas, um elemento decorativo do barroco em formato de espiral e de curvas.

Outro evento que ocorre na cidade há oito anos, exatamente nos dias do Tríduo Pascal, é a Feira de Artesanato consolidada com o apoio do Governo do Estado de Minas Gerais e do SEBRAE/MG. A feira tem a sua realização nesses dias justamente

porque a Semana Santa, de tão “tradicional” e “autêntica”, tornou-se um destino cada vez mais procurado por estrangeiros que enchem a cidade nesses dias festivos. A própria feira se aproveita então, da opção da cidade em utilizar a hi[e]stória da festa para fazer negócios.

Mais adiante, no momento que se seguiu às viagens reuni os elementos e as percepções obtidas, tanto nas leituras preliminares, quanto no trabalho de campo que envolveu principalmente, a observação e as entrevistas. Com isso tudo em mãos, desenvolvi o projeto para a qualificação apresentando à banca o que seria o esboço do meu trabalho final de dissertação através de um prévio sumário no qual tracei o caminho de análise da festa do Ciclo da Paixão inserida no contexto de São João del Rei.

O trabalho seria dividido em três partes sendo a primeira de cunho teórico, destinada à discussão da Paixão de Cristo como um dos mitos fundadores da religião cristã, do sacrifício do deus como a base do ciclo festivo e da inserção desse ciclo no calendário litúrgico do catolicismo. A segunda parte, de conteúdo hi[e]stórico, seria aquela que falaria da religião e da festa como formas de sociação importantes na formação urbana de São João del Rei, da difusão do culto à Paixão na cidade e do papel das associações leigas nesse processo, bem como, do desenvolvimento da festa da Semana Santa ao longo do tempo. Já a terceira e última parte seria aquela propriamente etnográfica - a etnografia de um ciclo festivo destinado ao consumo inútil [sua estrutura e sua manutenção, as formas de socialidade, a pluralidade de atores envolvidos, etc.]. Essa parte ainda abarcaria a discussão da São João del Rei contemporânea inscrita no mercado de cidades com vistas ao consumo turístico e das brechas por onde a festa escapa à sua tentativa de mercadorização. Neste ponto é preciso esclarecer que o modo como eu organizei o trabalho obedeceu estritamente o meu caminho de pesquisa, que passou, primeiro, pelas leituras, atravessando a pesquisa hi[e]stórica para, somente depois, deter-se no trabalho de campo.

A etapa da qualificação aconteceu no dia 27 de agosto de 2012 sendo a banca composta por Otávio Velho, professor emérito nos quadros do Departamento de Antropologia do Museu Nacional/UFRJ, e pelo professor do Departamento de História da UFMG, Tarcísio Botelho. Aparentemente não haveria razão para falar dessa etapa já completado o trabalho. Entretanto, apenas não haveria motivo se ela não se consolidasse como absolutamente fundamental e decisiva para o meu percurso de pesquisa. As

observações feitas a respeito da minha pesquisa foram de tal maneira, importantes, que fizeram operar uma completa mudança em minha perspectiva de abordagem.

Entre outras questões, o professor Otávio Velho chamou a atenção justamente sobre os possíveis riscos advindos do modo pelo qual eu estava construindo o texto. Segundo ele, a minha opção em colocar a etnografia no último plano fez com que ela se submetesse a uma dupla subordinação: do ponto de vista da “doutrina”, no primeiro plano e do ponto de vista da “história” no segundo plano¹³. E foi exatamente no ponto de vista com relação à hi[e]stória é que, de modo provocativo, eu fui “acusada” de historicismo sendo completamente referendado pelo professor Tarcísio Botelho.

O fato de eu apresentar a Semana Santa da São João del Rei de hoje como uma festa erigida em cima dos elementos de um passado que de certa forma continuam vivos, fez a banca ponderar que eu estava empreendendo uma espécie de reconstrução da hi[e]stória, obedecendo a uma certa continuidade que me fazia apresentar as coisas quase como se elas já estivessem encadeadas. Esse possível uso que eu fiz da hi[e]stória para explicar como a festa de hoje é portadora de uma herança cultural que ainda pulsa e habita na cidade e que me conduziu a um inevitável historicismo fez, na ótica do professor Otávio, com que ele sentisse em alguns momentos do texto como *se estivesse em bizâncio, aquela grande igreja que toma conta de tudo, absolutamente totalitária*. E esse sentimento fez ele se perguntar *onde é que está o resto de São João del-Rei? Você*

¹³ O valor e a importância conferidos ao trabalho de campo e à etnografia, e que estão na base da própria trajetória de Otávio Velho, fica patente na entrevista dada por ele à Silvia Garcia Nogueira (UEPB) e à Flávia Pires (UFPB), na qual ele diz, ao ser perguntado a respeito de estudos na antropologia que não se utilizam do trabalho de campo: “Eu não sou contra, só acho que não se deve perder de vista a referência ao trabalho de campo. Acredito que a norma, o padrão mais usual deve ser o trabalho de campo, que a partir daí você possa ter outras situações também. Mas, sendo assim, se a referência continua sendo o trabalho de campo e a etnografia, que isto influencie o próprio trabalho que não seja propriamente um campo. Eu estou lendo no momento um livro de uma antropóloga americana, a Ann Stoler, que trabalha com o arquivo, mas insiste muito na ideia da etnografia do arquivo. Ela realmente trabalha com toda a bagagem da antropologia para fazer essa etnografia do arquivo. Até é contra certa tendência que existe entre os antropólogos de lidar com o texto e com o arquivo de uma maneira um pouco ingênua. Porque justamente a gente não trabalha como se estivesse em um campo. Eu não tenho nada contra, pelo contrário, aliás. Acho que um dos campos que está se desenvolvendo no mundo hoje, na Antropologia, é a fronteira entre a Antropologia e a História. Eu acho que isso é muito importante, mas não se deve perder essa referência à alteridade a ao trabalho de campo. Inclusive, um dos melhores trabalhos de antropólogos sobre a nossa sociedade foram feitos por antropólogos que anteriormente tiveram um trabalho mais radical de alteridade. No início da carreira, já com uma coisa muito próxima, muito facilitada, é que eu acho que é ruim. Deixa isso pros mais velhos, nos dando conta que é falso pensar que isto é o mais simples. Pelo contrário” (2010, p. 332-333).

privilegiou esse lado historicista, digamos assim... Não tem nada mais desorganizado, todo mundo segue as leis direitinho né¹⁴?

Passado o momento da qualificação e meditando junto à minha orientadora com certo desalento sobre tudo o que foi dito, aquelas palavras vieram à tona e subitamente como que lançaram luz à sombra em que até então eu me encontrava, tal como na cena de Vincent Crapanzano (2005). A arguição da banca a respeito do meu trabalho, sobretudo, nas palavras de Otávio Velho, me ajudou a perceber e a considerar justamente o peso que a hi[e]stória tem nesse Ciclo da Paixão em particular. O que à primeira vista sobressaiu ao meu olhar apenas como uma impressionante idiossincrasia local, agora se descortina em um horizonte analítico pleno de possibilidades. Se na Semana Santa o episódio da Paixão de Cristo se mostrou como necessária para se operar a Sua “passagem” para a Páscoa me arrisco a dizer que, no tempo do mestrado, a qualificação tornou-se a minha “Páscoa intelectual”.

A questão que a partir desse momento se desvela imperativa para o meu trabalho diz respeito a uma cidade que carrega consigo o termo de “histórica”, porque nascida na riqueza que o ouro fez prosperar e que conformou uma sociedade abastada “que mesclava um barroco tardio e fulgurações de uma sociedade de corte”, vivida em tempos apoteóticos que fez criar “uma festa de dispêndio devoto, ganância e consumo orgiástico” (Martins, 2012, p. 20). Uma cidade histórica que busca se utilizar de sua própria hi[e]stória, tal como a expressão de Friedrich Nietzsche (2005), para perpetrar o ciclo festivo da Paixão de Cristo como aquele vivido em seus tempos áureos.

Desse modo, o que se observa é uma festa que realmente se passa sob o comando das irmandades, que é caracteristicamente opulenta e esplendorosa e que é extremamente ordenada. Paradoxalmente, é essa diacronia, sobretudo a questão da extrema ordem, que torna a festa do Centro Histórico, atrativa e popular. Nesse ponto, e ao contrário do senso comum [no qual me vi inevitavelmente presa no episódio da folia] a festa é popular justamente por ser tão fiel ao passado, cujo modelo seguido é aquele da tradição dita “oficial”, da igreja e das ordens leigas.

Mesmo as sucessivas reformas e regulamentações ocorridas na Igreja Católica, sobretudo aquelas empreendidas pelo Concílio Vaticano II - e que atingiram a instituição religiosa como um todo - não foram suficientes, para promover uma

¹⁴ Esses são alguns trechos das observações de Otávio Velho sobre o meu trabalho, que foram gravadas no momento da qualificação e, posteriormente, transcritas.

completa renovação das cerimônias do Ciclo da Paixão das igrejas do Centro Histórico, que se esforçam para utilizar a hi[e]stória da festa nos moldes do Concílio Tridentino [que era aquela realizada no período colonial].

Depois do Concílio Vaticano II que terminou em 1965, as cerimônias foram abreviadas, muitas foram passadas para o português, o latim só pareceu um pouco de moda, então o que é que acontece? Muitas celebrações, mesmo do Pilar aqui, são feitas conforme as mudanças litúrgicas por influência do Concílio Vaticano II e, desde o Papa Pio XII, no final do pontificado dele, quando foram introduzidas simplificações e a língua portuguesa. Então alguma coisa permaneceu não é? Ainda tem latim aqui no Centro, na paróquia do Pilar. Aqui em São João del Rei, na época posterior ao Concílio, houve um problema porque aqui era uma tradição de quase dois séculos e meio, quase três séculos. Então tínhamos duas orquestras - ainda temos - aquela época, e aí houve uma tentativa de adotar as normas e as imposições do Concílio. Reuniram-se aí o padre, vigário, os chefes das orquestras e disseram 'como vai ser?' Aí chegaram, depois de muito discutir, a uma conciliação intermediária: preservam algumas coisas, outras coisas adotaram as normas do Concílio. Aí chegou nessa conciliação.

(Entrevista com um historiador local - 02/04/2012)

Como se pode notar, determinadas ações convergiram no enfrentamento à onda renovadora imposta pela hierarquia da igreja por meio do Concílio Vaticano II e ainda que várias mudanças tenham sido fixadas, o que prevaleceu com toda força foi o caráter barroco da Semana Santa, já que *isso é típico de fazer. Se vamos fazer, vamos fazer o melhor possível. Aqui se faz porque tem que fazer* como sustentou seu A. E o melhor a ser feito, na visão de quem faz e de quem vive a festa, é daquela maneira que transborda tradição. É justamente a estrita manutenção da tradição transfigurada na obrigação em ter que continuar com a grandeza do passado, que se desvela na maior das transgressões cometidas pela festa.

O modo como a festa é concebida no Centro Histórico de São João del Rei, aponta para uma direção que diz respeito ao uso de sua hi[e]stória revestido do compromisso e da obrigação em continuar a fazer do jeito que sempre foi feito. Assim, se é de historicismo que se trata, a sua concepção não passa exatamente pela minha pena, mas sim, pela disposição da própria cidade que optou “por estabelecer um nex

causal entre vários momentos da história” (Benjamim, 1994, p. 332). A cidade “capta a configuração em que sua própria época entrou em contato com uma época anterior, perfeitamente determinada. Com isso, ela funda um conceito [da festa] do presente como um “agora” no qual se infiltram estilhaços” da festa do passado (Idem, p. 332).

A afirmação desse pretense “continuum” se desvela, por exemplo, na declaração da maestrina da Orquestra Ribeiro Bastos quando revelou: *eu não quero que essa tradição termine na minha mão*, ou no próprio receio de seu A., de que a criação da Escola de Música da UFSJ fosse um motivo de extinção das orquestras bicentenárias de música sacra, devido à profissionalização dos músicos [já que, segundo ele, a música religiosa da cidade *sobrevive de teimosia*, já que não há retorno financeiro].

Dado esse cenário clarificado por ocasião da qualificação, determinei que antes de pensar sobre as possíveis implicações advindas da mercantilização da festa através do turismo eu tinha que recuar um passo, e pensar mais profundamente sobre o papel da hi[e]stória na construção desse ciclo festivo. Seguindo então, a sugestão do professor Tarcísio de suprimir essa primeira discussão que por si só, já *seria um desafio muito grande*, coloco de lado a questão mais ampla do turismo para ater-me com mais atenção na questão da hi[e]stória, ou mais precisamente, dos usos que se faz dela.

Portanto, a partir desse momento se impõe um outro objetivo a ser traçado, qual seja: o de apresentar esse ciclo festivo que carrega consigo o peso de um passado barroco que é utilizado para se fazer atual bem como o de apresentar o modo como isso que é considerado A hi[e]stória é experienciado por quem participa da festa. A partir desse posicionamento e de acordo com as palavras de Graça Índias Cordeiro, será possível “aceder, não só às maneiras como a festa existiu no passado e evoluiu até os dias de hoje como, sobretudo, perceber o modo como o presente dessas festas se constrói explicitamente sobre um passado que se renova na sua recordação, legitimador da ação da coesão grupal” (1997, p.31).

A opção de São João del Rei, especialmente através de determinados grupos, em fazer uso da longa duração com o desígnio de construir a festa do presente, faz com que o ciclo festivo se estabeleça sob os alicerces de uma visão de mundo barroca. De tal modo, em um primeiro momento, vale destacar na festa a dimensão de pompa, de luxo e de exibição que revela todo o caráter transgressor desse ciclo, posto que destinado a um dispêndio improdutivo que não se deseja acumular; o princípio da dissipação que tem o

seu ponto máximo no sacrifício do Filho de Deus¹⁵. Sejam nas armações efêmeras montadas para a visitação das igrejas na Quinta-feira Santa, na opulenta ornamentação dos andores e dos altares ou mesmo no luxo da programação impressa, o que se percebe é o espetáculo de uma dilapidação ostentatória que de tão qualificada e bela é motivo de grande orgulho para a cidade.

Em um segundo momento, destaca-se o império da ordem presente em toda a cena festiva, que se mostra como outro traço de transgressão e uma de suas expressões mais notórias, que salta aos olhos no desempenho dos rituais, no protocolo cerimonial [e é pelo seu devido cumprimento que a Matriz do Pilar criou o livro de capa preta] e até na disposição dos cortejos que as irmandades fazem questão de seguir. Contudo, não se engane com o caráter extremamente ordenador da festa! É exatamente do excesso de ordem que nascem os momentos de desordem presentes no tempo festivo. Nessa sutil fronteira criada por uma ambiguidade que é inerente ao sagrado, a questão que se coloca, indo de encontro ao pensamento de Mary Douglas (1976), é de que da Semana Santa emana tanta ordem, mas tanta ordem, que ela acaba por irromper instantes de caos e de con-fusão, sendo o mais emblemático deles a noite de sábado santo quando é “arrebentada” a Aleluia.

Esses e outros elementos do *ethos* barroco são utilizados na composição do ciclo da Paixão buscando, do modo mais espetacular possível, reencenar a hi[e]stória de um drama que se desvela no percurso de Jesus em busca da salvação da humanidade; drama este que é contado biblicamente e que é vivido ano após ano nas festividades da Quaresma e da Semana Santa, ou mesmo domingo após domingo onde a cada missa celebrada é a páscoa que se prolonga, porque “o mito só faz o deus vivo sair da prova para submetê-lo novamente a ela, de modo que constitui sua vida como uma cadeia ininterrupta de paixões e ressurreições” (Hubert e Mauss, 2005, p. 95).

Essa outra escritura mantém, assim como na antiga, a sua divisão em três partes, sendo a etnografia do Ciclo da Paixão o eixo central do trabalho seguindo as proposições de Otávio Velho. Essa escritura etnográfica estará toda entrecortada por fotografias, além do anexo contendo diversos materiais que juntos, compõem o texto como forma de fazê-lo ser não apenas uma experiência de leitura, mas, sobretudo, uma experiência sensorial tal como o ciclo realmente se mostra: uma festa que aguça a visão

¹⁵ O *Ensaio sobre a dívida* de Marcel Mauss (2003) e *A parte maldita* de George Bataille (1975) são as principais referências no que diz respeito às mais expressivas proposições teóricas sobre a noção de dispêndio.

com suntuosas cerimônias, o tato com o toque na cruz, a audição com o som dos sinos e das orquestras, o olfato com o aroma das ervas e das flores e o paladar com o gosto adocicado das amêndoas nos cartuchos distribuídos aos anjinhos das procissões.

A característica fundamental desse ciclo festivo é ser organizado em torno dos momentos que antecedem a morte de Jesus Cristo e ter como ponto culminante, a celebração de sua ressurreição no dia da Páscoa. Todos esses momentos de rememoração das dores e do sofrimento de Jesus são explicitados basicamente através dos rituais, das missas e, sobretudo, das procissões; ocasiões extraordinárias em que o tempo festivo é instaurado e o drama é revivido e reencenado.

Base sob o qual é erigida a festa, o drama da Paixão será, portanto, o ponto da trama entre as partes que serão anunciadas, cada uma, por meio de três das catorze Estações da Via Sacra¹⁶. Em São João del Rei, as via sacras são componentes fundamentais do ciclo pois são celebrações que preenchem o tempo festivo. Durante toda a Quaresma, as ordens terceiras, as confrarias e as irmandades realizam as Vias Sacras internas, venerando os quadros dos passos do sofrimento de Cristo em suas respectivas igrejas. Já nas três primeiras sextas-feiras do período quaresmal são realizadas as Vias Sacras de rua, uma daquelas cerimônias exaltadas por conservar a tradição. O roteiro dessa Via Sacra acompanha as Capelas-Passos, ou passinhos, espalhados em diversos pontos do Centro Histórico da cidade¹⁷.

A 4ª Estação - *Jesus encontra-se com sua aflita Mãe* - é aquela que melhor expressa a primeira parte do trabalho desenvolvida em torno do tempo quaresmal. A Quaresma, palavra derivada do latim *quadagesima dies*, é o momento do ano litúrgico que, como o próprio nome indica, possui uma duração de quarenta dias iniciados por ocasião da quarta-feira de Cinzas e completando-se já iniciado o período da Semana Santa, caracterizando-se em um tempo de penitência e de renovação interna pela ocasião da Paixão e da morte de Cristo, observado nos exercícios de piedade.

¹⁶ A Via Sacra é a celebração de um percurso feito com a intenção de reviver os últimos momentos da vida de Jesus através de uma oração que medita sobre a Sua paixão, a Sua morte e a Sua ressurreição.

¹⁷ Passinho I - Igreja de São Francisco de Assis
Passinho II - Rua Padre José Maria Xavier
Passinho III - Largo do Rosário
Passinho IV - Largo da Câmara
Passinho V - Largo da Cruz
Passinho VI - Rua Getúlio Vargas
Passinho VII - Igreja Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar

Preparar-se é, então, investir de corpo e de alma no intento de acionar e de reviver o sofrimento da morte de Cristo buscando, assim, alcançar a plenitude da salvação eterna proporcionada por Ele através do próprio sacrifício. Na Quaresma do Centro Histórico, o sofrimento de Cristo é vivido intensamente e incessantemente com a obrigação insólita de se festejar, em seu quarto domingo, a Solenidade de Passos que culmina com o doloroso Encontro entre Mãe e Filho no Calvário, o maior e mais exaltado acontecimento desse período do Ciclo; e também uma das maiores transgressões da festa cometida em nome da hi[e]stória.

O sofrimento e a morte de Cristo estão no centro das celebrações quaresmais dando o tom a todo o seu conjunto e prosseguindo com força total ao longo da Semana Santa, momento em que a lembrança pelo sacrifício do Filho de Deus alcança o seu mais alto grau. Para a segunda parte da dissertação, que se debruça justamente sobre a Semana Santa, a cena que melhor a exprime é a *12ª Estação - Jesus morre na cruz*. Dizer que a festa da Semana Santa se institui a partir do mito cristão da morte e da ressurreição de Jesus, guarda uma questão seminal que funda a sua prática e a faz existir, ou seja, o dom incondicional da vida através do próprio sacrifício do deus que morre pela salvação da humanidade.

A renúncia à vida em prol do outro - certamente em um gesto de amor irrestrito - fez com que Cristo se sacrificasse, uma vez que em “todo sacrifício religioso há um ato de abnegação, já que o sacrificante se priva e se dá” (Hubert e Mauss, 2005, p. 83). O deus que se desata da própria existência e se doa, o faz em um plano outro, aquele da suprema dádiva. A abnegação de Cristo pela humanidade faz com que esta se reúna periodicamente para dissipar a sua própria força em um gesto de penitência pelo dom do deus; e nesse tempo festivo, é a celebração do Enterro do Senhor, precedida pelo Descendimento da Cruz, justamente aquela que arrasta uma multidão silenciosa, absorta e consumida pela extrema dádiva.

Por fim, para falar da terceira e última parte, nada mais apropriado do que colocar a última cena, a *14ª Estação - Jesus é depositado no sepulcro*, aquela que abre o caminho para a “Páscoa do Senhor”. O drama da Paixão se arrasta por um período de quase cinquenta dias entre dolorosas lembranças pelo sofrimento de Cristo como elaboração para se chegar ao ponto culminante da celebração: a ressurreição, no dia da Páscoa. Para Q acontecimento basta apenas um dia - o último - no qual a Vigília Pascal da noite anterior, torna-se a sua solenidade preparatória. Entretanto, esse apenas um dia,

se desvela como um tempo de margem, que fecha assim como abre; é o dia que cerra consigo o ciclo da aflição contida e faz surgir o ciclo do grito de Aleluia, passagem essa operada pelo canto final do *Te Deum Laudamus*.

PARTE I

ENCONTRO E TRANSGRESSÃO

IV Estação: Jesus encontra-se com sua aflita Mãe

Simeão abençoou-os e disse a Maria, sua Mãe: 'Ele foi estabelecido para a queda e o reerguimento de muitos em Israel, e para ser sinal de contradição; e uma espada há de traspasar a tua alma. Assim se deverão revelar os intentos de muitos corações'. Sua mãe guardava no coração todas essas recordações (Lc. 2,34-35.51).

18 de março de 2012

Assim que a procissão atravessou a ponte de pedra e alcançou o Largo do Rosário, passei a perceber que as pessoas que acompanhavam a Procissão dos Passos já começavam a se diluir naquelas que acompanhavam a Procissão das Dores. A partir do ponto da Catedral do Pilar, já não se sabia ao certo que cortejo estava acompanhado.

Depois que entrei em uma ladeira ao lado da Catedral para chegar até a praça que leva à Igreja das Mercês, vi que as duas procissões havia se transformado em uma; era uma multidão de pessoas que se encontrava junto ao Encontro das duas imagens.

Ambas as imagens se posicionaram aos pés da escadaria da Igreja das Mercês, uma de frente para a outra, em alusão ao Encontro no Calvário. O padre começou a pronunciar o sermão que lembrava esse doloroso acontecimento para uma multidão de pessoas espalhada pela praça. Crianças corriam para todo o lado, casais namoravam e pessoas comiam suas pipocas enquanto ouviam atentas as palavras do pregador, tudo a uma só vez e ao mesmo tempo, como diria Mauss.

Após o Sermão, a grande Procissão do Encontro andou rumo à Catedral de Nossa Senhora do Pilar, parando nos passinhos que ainda restavam pelo caminho. Jesus todo o momento à frente de Sua Mãe. Chegada a procissão à igreja, não se encontravam mais lugares. O padre pronunciou o Sermão do Calvário e, assim que iniciado, descortinou-se aos olhos dos presentes a cena do Calvário no altar-mor. Ali estava a cena do sacrifício do Filho de Deus.

Dois meses após aquela primeira viagem que principiara meus passos pelos caminhos do Ciclo da Paixão de São João del Rei, eu me encontrava de volta à cidade em meados de março de 2012, mais precisamente em seu 16º dia; período de grande relevo para as comemorações quaresmais devido à afamada Festa de Passos. No entanto, bem antes desse momento, ainda no auge da euforia das derradeiras horas do último dia de carnaval, em 21 de fevereiro de 2012, poucos eram aqueles que se davam conta dos dobres que abrolhavam dos sinos da Catedral do Pilar avisando a todos que um outro tempo estava por vir. Virado o dia e chegada a quarta-feira de Cinzas o aviso logo se cumprira e o tempo se transformara em Quaresma, aquele que prepara para a Páscoa do Senhor.

Essa ocasião limite que con-fundia o badalo dos sinos à batucada carnavalesca e fazia notar que era a Quaresma que se aproximava, situa-se em meio a outros dois ciclos festivos cujos caracteres influenciam de modo determinante o seu caráter primordial de penitência. O ciclo que se segue a ela, assim como a Semana Santa, é o Pascal; um tempo bem-aventurado pelo deus já ressuscitado que se concentra nos cantos de louvor em agradecimento à redenção, especialmente através do hino da *Aleluia*. O ciclo que a antecede e que findava no ocaso daquele dia, é o Carnaval; a festa por excelência dos excessos, celebrada por três dias anteriores à quarta-feira de Cinzas.

Logo nas primeiras horas da manhã do dia 22 de fevereiro, os foliões que deixavam para trás os intensos dias de festejo se esbarravam nas ruas com os fiéis a caminho das igrejas em busca das primeiras solenidades do Ciclo da Paixão. Ao avançar do dia, houve a Missa das Cinzas na Catedral do Pilar, decretando de vez o fim do carnaval. O ato mais aguardado dessa celebração foi a chamada imposição das cinzas, que consistiu em tocar a fronte dos presentes com as cinzas em sinal de cruz, e proclamar a cada um para que *Converti ao Evangelho de Cristo*. O ato de marcar a testa com cinzas chamava a atenção de todos para efemeridade da vida, para a necessidade dos exercícios penitenciais, bem como, para a promessa da redenção que logo se cumpriria. Após proceder ao ritual de imposição, o celebrante tomou a dianteira junto à grande cruz quaresmal, iniciando a via sacra no interior da igreja.

A partir desse dia em diante deu-se entrada, então, a um calendário sensível e carregado de celebrações religiosas intensamente vividas através de uma infinidade de manifestações rituais pela lembrança da Paixão e da Morte de Cristo, onde a via sacra acabava por desempenhar um importante papel nas comemorações do Centro Histórico, posto que portadora de uma experiência quase que diária dos aspectos sofridos e dolorosos pelos quais Cristo passou até o último momento de sua vida. Era a lembrança do sacrifício que não se fazia esquecer nem por um só instante.

A existência de uma via sagrada e o seu arranjo espacial tornou-se um importante dispositivo de ritualização da memória cristã. A sua importância reside, sobretudo, no imperativo de marcar no espaço a lembrança do suplício para, depois, refazer com os próprios passos, o caminho que os passos de Cristo marcaram. Cristo foi condenado à morte pela cruz. Do Pretório, local onde sucedeu a condenação, até o Monte Calvário, o ponto no qual Jesus foi crucificado, delineou-se um trajeto donde sobrevieram certos lugares fundantes que se tornaram as cenas de seus momentos sofríveis rumo à morte, e cujas etapas principais foram delimitadas e compuseram o chamado “caminho da cruz”.

“A força com a qual os lugares se inserem como pontos de apoio da memória cristã se deve provavelmente ao fato de que, inseridas num mundo onde predominava a tradição judaica, foram os pilares de uma memória de grupo, da qual os Evangelhos compõem a narrativa fundadora. [...] Será no século XIII, muito em razão da pregação Franciscana e a necessidade de reproduzir os sofrimentos de Cristo como um exercício espiritual, que essa memória será recuperada, preservada e alterada no decorrer do tempo” (Ferreira, 2009, p. 05).

Essa devota prática de reviver os últimos momentos de Cristo por meio da meditação das cenas de seu sofrimento esteve ligada à crescente devoção com relação à Paixão do Senhor, intensificada por ocasião das cruzadas e com o estabelecimento das ordens religiosas. Durante o século XV surgiram réplicas dessas cenas na Europa, muito em razão da atividade dos franciscanos, concedida pelo Papa Inocêncio XI, que adquiriram o direito de erigirem os sagrados passos em suas igrejas. As indulgências obtidas pela visita dos lugares sagrados da Terra Santa foram, assim, estendidas a eles e aos membros de sua ordem e, no século XVI, o Papa Benedito XIII estendeu as indulgências a todos os fiéis. Ao mesmo tempo, o número de passos dessa caminhada foi paulatinamente definido, sendo fixado em catorze o número de Estações, ainda no

século XVI, cada uma delas contendo uma meditação e uma oração que lhe são próprias.

A primeira via sacra da quarta-feira de Cinzas percorrida no interior da Catedral do Pilar, abriu precedente para a ocorrência de muitas outras ao longo de todo período quaresmal, cada uma delas organizadas pelas ordens leigas no interior de suas respectivas igrejas¹⁸.

Dia a dia, semana a semana, as vias sacras internas envolveram os fiéis para um movimento confinado aos muros das igrejas, fazendo com que aqueles, acostados nos assentos escolhidos para assistirem ao exercício de piedade, percorressem mentalmente as catorze Estações nos quadros distribuídos pelas paredes laterais das igrejas. São elas:

I Estação: Jesus é condenado à morte

II Estação: Jesus com a cruz às costas

III Estação: Jesus cai pela primeira vez

IV Estação: Jesus encontra-se com sua aflita mãe

V Estação: Simão Cirineu ajuda Jesus a levar a cruz

VI Estação: Verônica enxuga a face de Jesus

VII Estação: Jesus cai pela segunda vez

VIII Estação: Jesus prediz às filhas de Jerusalém os males de sua pátria

IX Estação: Jesus cai pela terceira vez

X Estação: Jesus é despojado de suas vestes

XI Estação: Jesus é pregado na cruz

XII Estação: Jesus morre na cruz

XIII Estação: Jesus é descido da cruz

XIV Estação: Jesus é depositado no sepulcro

¹⁸ Assim, nas segundas da Quaresma a Via Sacra acontecia na Catedral do Pilar pelas mãos da Irmandade de São Miguel e Almas, sempre às 19h30min, após a missa noturna. Nas terças, era a vez da Via Sacra se instalar na Igreja de São Gonçalo Garcia, sendo realizada às 19h00min pela Confraria de mesmo nome. Nas quartas-feiras ocorriam simultaneamente duas Vias Sacras, ambas às 19h30min, sendo a primeira organizada pela Confraria de Nossa Senhora da Boa Morte na Catedral e a segunda, pela Ordem Terceira de São Francisco de Assis na Igreja de São Francisco. Já as noites de quinta-feira eram dedicadas à organização da Via Sacra pela Irmandade do Santíssimo Sacramento às 19h30min ainda na Catedral do Pilar, e a Via Sacra das sextas-feiras era realizada na Igreja de Nossa Senhora do Carmo às 18h30min pela Ordem Carmelita. Já nos sábados, a Via Sacra acontecia na Igreja de Nossa Senhora das Mercês pela Arquiconfraria das Mercês e, aos domingos, na Igreja de Nossa Senhora do Rosário, por sua Confraria.

Não obstante, nas três primeiras sextas-feiras do tempo quaresmal, a via sacra saiu de dentro dos templos e ganhou as ruas, permitindo aos fiéis experimentarem um verdadeiro investimento corporal ao percorrer o caminho da via dolorosa refletido nas ruas do Centro Histórico.

A via sacra externa, primeira celebração que integra a Comemoração de Passos, promovida pela Irmandade de Bom Jesus dos Passos, ocorreu na sexta-feira posterior à Quarta de Cinzas, dia 24 de fevereiro, e nas sextas-feiras seguintes, dias 02 e 09 de março, sempre após uma missa realizada na Catedral do Pilar, às 19h00min, por intenção dos irmãos vivos e dos irmãos falecidos dessa irmandade. Os lugares fundantes desse trajeto processional eram marcados pelos chamados “passinhos”, espalhados pelas ruas do Centro Histórico, e que consistem em pequenas capelas construídas, em sua maioria, na segunda metade do século XVIII, cujas pinturas e imagens internas remetem aos episódios da vida e, sobretudo, da Paixão e da morte de Jesus.

Contabilizando em cinco, o número de Capelas-Passos, somadas ao início do trajeto na Igreja de São Francisco de Assis e ao término, na Catedral do Pilar, a via sacra de rua completava o seu circuito apresentando apenas sete Estações, conquanto a tradição da igreja apresente catorze; um detalhe que era anunciado como uma distinta tradição sanjoanense.

Nessa via da cruz delineada no espaço urbano, o primeiro passinho meditava sobre a Agonia de Jesus no Horto das Oliveiras, o segundo passinho sobre a Sentença de Pilatos e o terceiro, sobre a Lamentação das mulheres de Jerusalém. Já o quarto passinho falava sobre o Encontro de Maria com Jesus, o quinto, sobre a Verônica enxugando o rosto de Jesus, o sexto, sobre a Ajuda de Simão Cirineu e, finalmente, o sétimo passinho, meditava sobre a Crucificação. Quando não muito, falava-se dessa via sacra como um exercício de piedade do povo sanjoanense, encontrado consoante a outras localidades com as mesmas características históricas que São João del-Rei, onde a tradição ainda é mantida.

Essas coisas, às vezes, não é só particulares de São João del Rei. Por exemplo, todas as cidades de Minas, históricas, antigas, da época colonial, elas têm, ou tinham, na maioria acabou, talvez, os passinhos, cinco capelas representando passagens da caminhada de Jesus carregando a cruz para o Calvário; então é o encontro com Cirineu, com Maria, com as mulheres... Elas constituíam os passinhos. Aqui em São

João del Rei tem cinco passinhos, com mais uma igreja de saída e uma de chegada perfazem sete, que é a estação da Via Sacra. Ora, o que é que acontecia, na Idade Média quando os europeus iam para a Palestina, para Jerusalém, eles inventaram de fazer lá uma caminhada nos lugares onde Jesus caminhou, uma espécie de caminho das cruzes né? Via-crúcis, via sagrada. Então, para aquelas pessoas que não podiam ir nessa peregrinação à Terra Santa, a igreja criou no contexto da rua, no contexto sagrado entre profano da vida pública, essas capelas para que as pessoas pudessem fazer aqui sem precisar de ir à Jerusalém, aquela mesma caminhada para ganhar indulgências. Então em São João del Rei, nas três primeiras sextas-feiras da Quaresma, logo depois do carnaval tem uma e depois as outras duas; se fazem as Vias Sacras nas ruas percorrendo esses passinhos. Aqui continua, eu não sei se em outros lugares ainda conserva isso também, mais eu acredito que em muitos lugares foi acabando né? (Entrevista com um historiador local - 02/04/2012).

Assim, por três sextas-feiras consecutivas, a cruz quaresmal saiu à frente, circundada por grandes lanternas acesas na posse dos irmãos dos Passos vestidos com suas opas na cor roxa. Logo atrás da cruz que abria os caminhos, o crucificado era carregado por um provedor da Irmandade e ladeado por velas acesas. Adiante, o sacerdote que presidia toda a cerimônia, caminhava também rodeado pelos irmãos dos Passos e, a seguir, a aglomeração de fiéis, que completava o cortejo rumo à Igreja de São Francisco de Assis, local do I Passinho. Com o Crucificado na dianteira, entoou-se:

Pater mi, si possibile est, transeat a me calix iste: verumtamen non sicut ego volo, sed sicut tu.

[Meu Pai, se é possível, que passe de mim este cálice: contudo, não seja como eu quero, mas como tu queres].

Pela primeira vez na noite ouviam-se os centenários Motetos dos Passos de autoria do compositor local Martiniano Ribeiro Bastos (1834-1912) que, a cada parada, eram executados pela Orquestra e pelo Coro Ribeiro Bastos¹⁹. Junto à polifonia dos

¹⁹ O Moteto é um gênero musical que surgiu na chamada Escola de Notre Dame no século XIII, e que é marcado pelo uso de diferentes vozes para cada texto utilizado. O termo Moteto deriva de *mot*, em francês, palavra.

motetos, o que se ouvia era o dobre simples e compassado dos sinos das igrejas mais próximas, após a passagem do cortejo a cada “passinho”.

Deixada a Igreja de São Francisco, a procissão rumou para o II Passinho da Rua Padre José Maria Xavier, posicionado ao lado do Conservatório Estadual de Música de mesmo nome. Com o crucificado mais uma vez à frente, foi cantado o seguinte moteto:

Popule meus, quid feci tibi? aut in quo contristavi te? Quia eduxi de terra Ægypti: parasti Crucem Salvatori tuo. Responde mihi

[Meu povo, que te fiz eu? Ou em que te contristei? Porque te libertei da terra do Egito, preparaste uma cruz para o teu Salvador. Responde-me].

Atravessado o curso do Córrego do Lenheiro pela ponte de pedra, e alcançado o Largo do Rosário, o cortejo parou diante do III Passinho, construção posicionada do lado esquerdo da praça, a poucos metros da Igreja do Rosário. Ali foi cantado o moteto:

Filiæ Jerusalem, nolite flere super me, sed vos et super filios vestros

[Filhas de Jerusalém, não choreis por mim, mas por vós mesmas e vossos filhos].

Após passar pela rua lateral da Catedral, a procissão parou diante do IV Passinho do Largo da Câmara, timidamente posicionado de frente para a Praça Francisco Neves, quase aos pés da Igreja das Mercês. Foi ali que se meditou ao som do moteto:

Domine Jesus! Te desidero, Te quaero, Te volo. Ostende mihi faciem tuam et salvus ero

[Senhor Jesus, eu te desejo, te procuro, te quero. Mostra-me a tua face e eu serei salvo].

Com o acompanhamento dos sinos das Mercês ao fundo, a procissão partiu rumo ao V Passinho do Largo da Cruz, sendo o moteto que deu o tom à cena...

O vos omnes, attendite, et videte si est dolor sicut dolor meus

[Vós que passais pelo caminho, detende-vos e vede se há dor igual à minha dor].

Quase fechando o circuito, a Via Sacra deteve-se na Rua Getúlio Vargas onde se encontrava o VI Passinho, a poucos passos da Catedral. Foi nele que se meditou acompanhado pelo moteto:

Angariaverunt Simonem Cyrenæum ut tolleret crucem ejus

[Requisitaram Simão Cirineu para que carregasse a sua cruz].

Finalmente a via completou-se dolorosa em seu VII e último Passinho no interior da Catedral do Pilar onde, diante de todos os presentes, o altar-mor revelou a cena da Crucificação de Jesus no Calvário ao som do último moteto:

Bajulans sibi crucem (Jesus) exivit eum, qui dicitur Calvariæ locum

[Carregando a sua cruz, Jesus saiu para aquele que se chama lugar do Calvário].

A complexidade dos motetos executados nas vias sacras apontava que a música era um dos elementos mais importantes desse ciclo festivo feito à maneira do passado, especialmente, através da atividade das bicentenárias orquestras Ribeiro Bastos e Lira Sanjoanense, ainda hoje em atividade.

Eu acho que a musica na Semana Santa é o 50% da festa. É impossível fazer a Semana Santa sem a música, como é impossível fazer a Semana Santa sem a parte litúrgica, que nós chamamos de “coro e altar”; é o coro que enfeita a parte do altar. Então é essa a importância da música na Semana Santa e... A Ribeiro Bastos tem todo um repertório próprio pra Semana Santa que já... A gente já atua desde 1754, a gente já atua, e temos todo um repertório próprio pra isso, os integrantes têm o entusiasmo de participarem da Semana Santa é... São amadores no bom sentido de amador, amador do que ama e não do que faz de qualquer maneira porque não é o profissional, e é isso, é essa nossa importância.

(Entrevista com a maestrina na orquestra Ribeiro Bastos - 20/03/2012).

A primeira notícia escrita que se tem a respeito da atividade musical em São João del Rei data do ano de 1717, por ocasião da visita do então Governador da Capitania de Minas Gerais à antiga vila. O relato narra que, na recepção, o *Te Deum* foi

executado. Devido a uma ampliação cada vez maior do calendário religioso, e o conseqüente aumento das festas, houve a estabilização dessas duas corporações musicais que, atuando de forma complementar, procuravam atender às necessidades, especialmente, das instituições religiosas.

A orquestra Ribeiro Bastos é atuante no município desde meados do século XVIII e mantém, ainda hoje, a maior parte de seus compromissos com a Ordem Terceira de São Francisco e com as Irmandades do Santíssimo Sacramento e dos Passos; sendo que, nas festas patrocinadas por essas ordens leigas, a parte musical é executada pelos músicos da orquestra.

Já a orquestra Lira Sanjoanense, também criada em meados dos setecentos, formou-se a partir de um grupo musical que assumiu compromisso com a Confraria do Rosário. Desde o seu início, essa orquestra prestou serviços musicais também para a Ordem do Carmo, para a Arquiconfraria das Mercês, para as Irmandades de São Gonçalo Garcia, de São Miguel e Almas e dos Passos.

Ambas as orquestras mantêm as suas atividades ininterruptas desde a criação, procedendo com um trabalho amador e sem fins lucrativos, o que é visto como um ato de “teimosia” frente à profissionalização dos músicos advinda, principalmente, após a implantação do curso de música pela Universidade Federal de São João del Rei [UFSJ]. Essa “teimosia” da qual fala seu A. pode, contudo, ser apreendida como uma das facetas transgressoras da festa. Luta-se com obstinação para sustentar as orquestras amadoras mesmo com a possibilidade de profissionalização dos músicos em outras instâncias.

Aqui faz pelo prazer de se fazer a música, a Orquestra... A música em São João del Rei sobrevive de teimosia. A verdade é essa, sobrevive aqui, especialmente essa música religiosa, a música das orquestras sacras, sobrevive de teimosia. Eu tenho até muito medo de que essa coisa da Universidade aqui ela seja é... Um dos motivos de... Extinção de muita coisa. Porque a mentalidade que eles falam é o seguinte é, eles tão indo lá no prédio, eles não tão ensinando isso, eles tão ensinando uma profissão de músico. As orquestras de São João del Rei elas funcionaram e ainda funcionam, como escola de música, como escola de música prática e... Os músicos das orquestras sacras, eles são de modo artesanal; tudo é feito com carinho, ao longo do tempo, sem pressa. (Entrevista com seu A. - 23/01/2012).

Voltando ao tempo da Quaresma...

É notório que o domingo é um dos mais relevantes para a comunidade cristã, senão o mais relevante dos dias, posto que a Páscoa cristã seguindo forte influência judaica assume uma comemoração anual, sendo celebrada no primeiro domingo posterior à Páscoa dos judeus. Esse é um dia de tal modo importante, que surgiu um outro termo para designá-lo ainda nos primeiros séculos, sendo chamado de o *dia do sol*. “Celebramos essa reunião geral no dia do sol, porque foi o primeiro dia em que Deus, transformando as trevas e a matéria, fez o mundo, e também o dia em que Jesus Cristo, nosso Salvador, ressuscitou dos mortos” (White, 1997, p. 40).

Contudo, e apesar da predominância do domingo no calendário litúrgico do catolicismo, observa-se que eram precisamente as sextas-feiras que se desvelavam como os dias mais expressivos para o tempo da Quaresma, sobretudo para a Quaresma do Centro Histórico de São João del Rei; já que esse dia concentrava a maior parte dos ritos comemorativos desse período. Além das vias sacras de rua, as três primeiras sextas-feiras do período receberam também as Encomendações de Almas, celebração que mostrava uma vez mais, ser a ideia da morte o centro desse ciclo festivo. A devoção às almas se manifestava ao longo de todo o ano, principalmente com as visitas aos cemitérios e as missas das almas nas segundas-feiras. Porém, era na Quaresma - o tempo próprio à reflexão - que o ritual era instituído, ganhava força e tomava as ruas.

Geralmente é assim também, se não me engano também são 3 ou 4 encomendações; cada sexta-feira, geralmente é em torno de 11 horas da noite e cada sexta-feira ela tem um trajeto, um dia ela passa em todos os cemitérios e vão rezando para os mortos ali naquele cemitério. Outro dia são em encruzilhadas, outro dia eles vão parando em cruzeiros que têm na cidade, portas de igreja, entendeu? Então, assim, cada sexta-feira é num lugar e já tradicional também, aquela sexta-feira é ali, aquela sexta-feira é ali e aquela sexta-feira é ali; já é esquematizado direitinho, entendeu? Também não é comum isso em qualquer lugar não, se bobear quase que aqui em São João só que faz isso. Eu não sei te falar com certeza porque né? Mais é praticamente São João só que faz essa encomendação...

(Entrevista com uma moradora da cidade - 03/04/2012).

De acordo com Ulisses Passarelli, em geral, “encomenda e suas variantes, falam do objetivo de se encomendar, ou recomendar as almas, aos cuidados divinos, por meio de preces, no sentido de aliviar-lhes as penas. Assim acreditam que elas alcançarão a luz celeste e o descanso. As almas são alimentadas por orações, tal como o corpo, a matéria, precisa de comida. Ao mesmo tempo seus cantares lamentosos evocam um recolhimento reflexivo. O conjunto desfila processionalmente e estaciona de tanto em tanto para cantar. Esses locais são chamados estações, passos, pontos ou paradas, conforme a região” (2007, p. 01).

A cada sexta-feira, vencido o trajeto da via sacra de rua, o cortejo com os músicos da orquestra e do coro se reunia junto aos fiéis no lugar marcado ao adiantar da noite, geralmente às 23h00min. Após bater a matraca uma primeira vez clamando para um profundo silêncio, todos saíam pelas ruas cantando os mesmo Motetos da via sacra e rezando em voz alta o Rosário de Nossa Senhora, entre uma parada e outra, onde ainda se escutava mais uma vez o som das matracas. Os cantos eram acompanhados pelos instrumentos clássicos, sendo que “a trompa dá à música uma conotação especial. O contrabaixo confere-lhe um ar tenebroso. O povo lhe chama rabeção: “oh! São as trompas da encomendação de almas! Senhor Deus misericórdia; elas cantam pela clave de dó; o rabeção rascante, profundo, faz tremer os corações” (idem, p.07).

Até meados do século XX, em lugar desses eruditos motetos em latim, utilizava-se a peça musical do compositor tiradentino Manoel Dias de Oliveira (1735-1813); uma lamentação chorosa, cuja letra dizia:

Alerta, mortais, alerta!

Que é tempo, como está visto...

Que a Paixão de Jesus Cristo,

Sua morte faz lembrar.

E porque não duvidais,

Como é certo mandar ele,

Que orei por todo aquele,

Que ele veio libertar.

Lembra-vos daqueles,

Que em pranto desfeito,

Já sentem o efeito

Da triste agonia.

Dai-lhes, por piedade

O socorro vosso,

Por um Padre Nosso,

E a Ave Maria (Passarelli, 2007, p. 07).

O emprego de instrumentos clássicos, assim como a utilização das mesmas composições musicais das vias sacras expõe que até mesmo para uma manifestação de acentuado tom folclórico tal como a Encomendação de Almas, houve uma conversão das características a serviço da religiosidade “oficial”, composta pelas ordens leigas e pela igreja, no caso específico de São João del Rei. Aqui, pela primeira vez, se percebe a força que a religião “oficial” imprime a tudo o que integra o ciclo festivo como forma de afiançar uma pretensa “pureza” que garanta a continuidade da grandeza da festa do passado, cuja música sacra em latim se mostra como um dos elementos mais importantes.

Entretanto, essa transgressão cometida e assentada nos usos da hi[e]stória colonial e barroca em nome de uma concepção de festa do passado, não é algo aceito tão imediatamente por aqueles que vêm nas tradições folclóricas e populares manifestações também dignas de serem levadas adiante. E nesse ponto, se percebe as tensões existentes nesse campo festivo para fazer prevalecer essa determinada visão de mundo da festa como “tradicional”, “autêntica” e “barroca”.

Para Passarelli, “pelo fato da música seguir a uma partitura, conservada em arquivo; pelo uso de instrumentos ausentes em grupos folclóricos; pelo canto coral, há de se convir e eu concordo, que a música da encomendação de almas nesta cidade não é folclórica [...] E não há mal ou ofensa alguma que o seja, posto que, todos encerram em si uma parte do conhecimento das tradições populares. Não há vergonha em que seja folclórico, numa parte ou no todo [...] O ritual folclórico parece-me que lhe aumenta o valor e digo mais, esta só é uma encomendação autêntica porque conserva este lado folclórico. A música e a letra atuais não lhe conectam à raiz histórica. A letra dos motetos é perfeita para as vias-sacras mas não digo o mesmo para a encomendação [...] apenas penso, que ela não é adequada para a encomendação (2007, p. 21-22).

Já para o historiador Antônio Gaio Sobrinho, a substituição da composição de Manoel Dias de Oliveira “pelos motetos latinos de Ribeiro Bastos, dessa original lamentação, tão apropriada a uma prática popular e folclórica qual era a encomendação de almas, consistiu certamente uma infeliz e desastrosa iniciativa que só contribuirá, ao lado da agitação das noites atuais, para a perda de mais essa tradição são-joanense” (2001, p. 105).

Contudo, e mesmo que sob o rígido domínio “oficial”, na encomendação o sagrado não domesticado ainda escapa ao controle e se manifesta na experiência das visões, das assombrações e dos seres fantásticos. Afinal, está se tratando com as almas e na Quaresma o tempo é propício para toda a sorte de desassossegos. “A Quaresma [...] foi sempre o período mais carregado do ano, ocasião que segundo as narrativas populares surgem toda espécie de assombros, como mula-sem-cabeça, a bruxa, o lobisomem, o saci-pererê e outros seres mitológicos” (Passarelli, 2007, p. 06).

Aí o povo tem aquele mito, que o povo, quando está na encomendação, não pode olhar pra trás porque senão vê as almas vindo atrás... O pessoal falava “você pode ir na encomendação, mais não olha prá trás não...”. Sempre tem bastante gente. Sempre a orquestra vai, uma pequena parte da orquestra que vai, que canta... E o povo. Aí eles cantam, rezam (Entrevista com uma moradora da cidade - 03/04/2012).

O ritual da encomendação foi cumprido em 2012, quase que nas mesmas noites em que ocorreram as vias sacras externas. Na sexta-feira do dia 24 de fevereiro aconteceu a primeira, que percorreu o perímetro do Centro Histórico da cidade, incluindo os cemitérios das congregações leigas e as igrejas. O ritual teve início no Cemitério das Mercês, parando de quando em quando nos seguintes pontos: na cruz lateral da Capela do Santíssimo Sacramento da Catedral do Pilar, no Cemitério das Irmandades da Catedral, no Cemitério do Rosário, de São Francisco, de São Gonçalo Garcia e, por fim, no Cemitério do Carmo.

A segunda Encomendação do dia 02 de março saiu da Igreja de São José Operário e passou pelo cruzeiro da ponte de pedra, pela encruzilhada da Avenida General Osório com o Beco Salomão e pela encruzilhada da mesma avenida com a Rua Afonsina Alvarenga. O trajeto ainda contou com passagem pela Capela de Santo Antônio, pela Igreja do Rosário e terminando na Catedral de Nossa Senhora do Pilar. A

última Encomendação de almas, marcada para a terceira semana da Quaresma, no dia 09 de março, teve que ser adiada por conta das fortes chuvas que caíram naquela noite e assolaram o município.

O tempo dessas primeiras celebrações quaresmais já havia ficado para trás quando aportei ao território sanjoanense para a minha efetiva participação no Ciclo da Paixão da cidade. Há muito a cidade já vivia a Quaresma, mas essa experiência começava a se desvelar para mim somente a partir daquele momento. De modo que eu não participei do período inicial das festividades. Porém, o imperativo em mim se sobrepôs, qual seja: o de pensar a festa em termos de ciclos; o que me fez apresentar o Ciclo da Paixão em sua integralidade. Reuni então, os fragmentos de que dispunha para formar essa espécie de cartografia das solenidades iniciais que, tal como um mapa para o viajante, me ajudaria a indicar o caminho ao qual o ciclo festivo do Centro Histórico de São João del Rei conduz, e que eu realmente só saberia a direção a partir do 16º dia do mês de março chegada a Festa de Passos²⁰.

Como nas outras vezes em que estive na cidade em busca de algo que me falasse sobre o Ciclo da Paixão, eu logo me dirigi à Catedral do Pilar assim que aportei à cidade. Em uma breve incursão na manhã da minha chegada, somente dois grandes tecidos roxos inscritos com a sigla SPQR [*Senatus Populus Que Romanus* - Senado e Povo Romano] em dourado que pendiam das janelas frontais da Igreja de São Francisco de Assis, e duas bandeiras da mesma cor, porém em uma tonalidade um pouco mais clara, com o Sagrado Coração em vermelho nas janelas da Igreja do Carmo, mostravam que ali no Centro Histórico, a Quaresma estava em pleno curso. Pelo menos no espaço público o tempo festivo se apresentava tímido, ante mim, diante do cotidiano agitado daquele que é o maior município da mesorregião do Campo das Vertentes.

São João del Rei é um município do sudoeste do estado de Minas Gerais que tem uma população total de 84.404 mil habitantes, segundo dados do Censo do IBGE de 2010, sendo que desse total, 79.790 mil habitantes residem em sua área urbana. E é exatamente nos limites urbanos que a cidade concentra grande parte dos serviços de

²⁰ Essa cartografia só foi possível por meio das informações detalhadas a respeito de cada uma dessas solenidades extraídas do livro *Piedosas e solenes tradições de nossa terra: A Quaresma e a Semana Santa em São João del-Rei*.

saúde, de comércio e de educação, entre outros, polarizando outras cidades da região do Campo das Vertentes e do Sul de Minas.

Apesar de hi[e]storicamente se destacar na produção agrícola, tendo em vista um vasto território para o cultivo e para a criação, são precisamente as atividades de indústria, de comércio e de serviços que geram as maiores divisas para o município e que ocupam a maior parte de sua a população. Seguindo ainda os dados do Censo de 2010, levando-se em conta o total da população ocupada, a maioria, 15.158 mil habitantes encontravam-se ocupadas nos serviços, 7.077 mil habitantes na indústria, 6.072 mil habitantes no comércio e, por fim, 2.109 mil estavam ocupados com a agropecuária.

Com relação à indústria há significativas empresas nas áreas têxtil, metalúrgica e alimentícia, conformando um dos principais núcleos industriais da região. Já com relação ao comércio, há uma grande variedade de estabelecimentos dos mais variados setores, fazendo com que Centro da cidade seja também um grande centro comercial, que abrange os bairros maiores como o Matozinhos, o Tejuco e a Colônia do Marçal. Além disso, a dimensão socioeconômica de São João pode ser verificada, ainda, na presença do Aeroporto Regional Prefeito Octávio de Almeida Neves, o mais importante da região, e na criação da Universidade Federal de São João del Rei no ano de 2002, advinda da antiga Fundação de Ensino Superior de São João del Rei - FUNREI²¹.

Essa cidade contemporânea que esboça certos traços e determinadas pretensões de um grande centro urbano é a mesma que se encontra na mira do saudosismo de muitos habitantes que dizem sentir as mudanças dos tempos e que pronunciam ser esse mesmo crescimento e as consequências advindas dele a maior causa das significativas transformações que vêm ocorrendo na Quaresma; sobretudo, com relação ao seu caráter de recolhimento próprio à ocasião que se fazia sentir na cidade de antigamente e que vem perdendo força à medida que a “modernidade” avança:

Tudo mudou, isso tudo mudou, eu acho que uma das coisas que fez mudar é isso; hoje ela é uma cidade completamente universitária, é uma cidade de muito jovem né, então...

²¹ Informações obtidas nos seguintes sites:

https://sisindi.indi.mg.gov.br/sistema_integrado/cake_1.1.15.5144/index.php/mon/mon_perfis/view/762
<http://www.ufsj.edu.br/dplag/historico.php>

Quaresma em São João não tinha nada, era Quaresma mesmo! Não tinha baile, não tinha nada. A gente ficava contando os quarenta dias pro Sábado de Aleluia, pra gente poder ter um baile pra gente poder sair, pra gente poder dançar... Hoje, não tem nada disso mais não! Tem baile todo dia, tem festa todo dia entendeu? Até isso também mudou.

(Entrevista com uma moradora - 03/04/2012).

É como se fosse qualquer dia, sabe? É... Por exemplo, baile não tinha antigamente, entrou Quaresma não tinha baile de jeito nenhum e hoje tem, tem baile na Quaresma. Tem algum lugar que observa, mais tem baile, tem festa né, e era aquele silêncio, na Quaresma era aquele silêncio mesmo... Hoje não, hoje você vê é barulho, você sai e é barulho pra todo lado sabe?

Passa a procissão ali, está cheio de bar ali aberto, o pessoal tomando cerveja, dia de fazer jejum, abstinência, não tem ninguém jejuando... O pessoal não jejua não! E tem gente que come carne também, muita gente que não observa de jeito nenhum.

(Entrevista com uma moradora - 04/04/2012).

Em meu tempo de menina, eu percebia que esse era um período que já foi com mais piedade. Não havia barulho, era um momento de maior interiorização. De uns tempos para cá, foi perdendo esse caráter penitencial. Hoje as pessoas acham que é carnaval, tem barulho, tem buzina... É como se fossem dias normais.

Antigamente a Quaresma era um dia de exceção, todos ficavam mais recolhidos. As pessoas esperavam arrebentar a Aleluia no sábado para fazer festa. Hoje já não é mais assim não, hoje os bares ficam abertos, as ruas ficam cheias...

(Conversa informal com uma moradora - 02/04/2012).

Antigamente tudo era de preto, não havia sons. À medida da abertura da cidade, com a entrada de bares, músicas, baile, algumas tradições foram caindo.

(Conversa informal com um morador - 01/04/2012).

Se andando pelas ruas a Quaresma não se fazia notar com os mesmos matizes lúgubres outrora vividos e agora lembrados, no interior das igrejas ela imperava absoluta. Assim que entrei na Catedral do Pilar percebi uma atmosfera distinta naquele

mesmo ambiente visitado em outros momentos. Não era um efeito apenas visual acentuado pela altivez do templo, mas uma percepção um tanto misteriosa que cercava o recinto e que o envolvia como um todo.

Já na entrada, percebi que a disposição dos assentos estava diferente daquela de todos os dias. Uma das fileiras dos bancos de madeira fora virada de lado alargando o corredor central, provavelmente para assegurar a passagem do pesado andor assentado sob uma estrutura que continha a insígnia do Sagrado Coração em dourado e que se encontrava no caminho entre os assentos e o altar mor. O andor trazia a imagem de Nossa Senhora das Dores - uma das personagens principais desse ciclo festivo - que esperava para ser depositada na Igreja do Carmo. Guardando, e ao mesmo tempo iluminando a imagem, quatro velas fronteavam Nossa Senhora, acesas sobre castiçais dourados.



Imagem 1: Interior da Catedral do Pilar preparada para a Festa de Passos - 16/03/2012 (arquivo pessoal).

A imagem estava resguardada por um artefato em formato quadrangular de tecido roxo com pequenas franjas amarelas na parte superior, de modo que a sua face não estava visível, a menos que se chegasse muito perto da estrutura que acomodava o andor. Depois me dei conta de que Nossa Senhora das Dores permanecia velada, e era assim que ela seria conduzida até a outra igreja.

Detendo o meu olhar sobre a imagem vi que a sua indumentária era extremamente luxuosa e detalhada. O vestido longo de um fino veludo e bordado com delicados motivos florais em dourado, deixava entrever a sobreposição de renda na barra e no punho. Sobre o vestido, Nossa Senhora portava uma capa de um roxo ainda mais carregado e também bordado com a mesma padronagem floral. Por cima da cabeça da santa pendia um alvo véu e por fim, brincos, anéis e broches completavam o traje de gala. De acordo com Aluizio Viegas, uma antiga prática ainda “mantida” é que “a preparação da imagem de Nossa Senhora das Dores, com a troca de suas roupagens simples para as mais ricas é feita pela família Assis Viegas isso acontecendo desde a primeira metade do século XIX, tradição que passa de mães às filhas já que somente as mulheres é que preparam a imagem” (2002, p. 02).



Imagem 2: Velamento da imagem de Nossa Senhora das Dores - 16/03/2012 (arquivo pessoal).

Duas fitas igualmente roxas caíam dos pés da imagem e terminavam com duas almofadinhas nas extremidades; uma delas desenhada com duas flores brancas e a outra com o Sagrado Coração de Maria. Depois fui saber que essas duas fitas são colocadas para que os fiéis adorem a imagem afastando dela as mãos que insistem no toque, o que mais tarde eu vi ser praticamente impossível.

A igreja também se vestia de roxo. Os altares laterais das Irmandades como de Passos, de São Miguel e Almas e de Nossa Senhora da Boa Morte cobriam-se da cor, assim como o altar principal da Irmandade do Santíssimo Sacramento, que também era ocultado pelo veludo roxo com a cruz em dourado. Nenhuma das cruzes presentes no interior da igreja, assim como nenhum dos santos estavam à vista, pois eles também se fechavam para e pela Quaresma.

A prática de cobrir as cruzes e as imagens expostas para os cultos se estabelecia como obrigatória antes das reformas litúrgicas ocorridas em razão do Concílio Vaticano

II em meados do século XX. Determinava-se que após a missa do sábado anterior ao Domingo da Paixão [o V domingo da Quaresma], era dever cobrir os objetos sacros que assim deveriam permanecer até o fim da Adoração da Cruz na Sexta da Paixão [para as cruzes] e até o fim do Hino da Aleluia no Sábado Santo [para as imagens]. Esse era um costume ligado às duas últimas semanas da Quaresma e que tinha a finalidade de centrar a atenção de todos os fiéis somente para os mistérios da Paixão do Senhor.

Com as normas litúrgicas instituídas pelo Concílio Vaticano II houve o rompimento com a estrita obrigatoriedade do velamento das imagens. De acordo com rubrica inserida no Missal Romano pelo Papa Paulo VI, “O costume de cobrir as cruzes e as imagens das igrejas *podem conservar-se*, conforme o parecer da Conferência Episcopal” [grifo meu]²². Contudo, se o Concílio passou apenas a recomendar o velamento dos objetos sacros, a Catedral do Pilar [assim como a Igreja do Carmo e de São Francisco de Assis] manteve o compromisso prescrito pelas normas anteriores ao Concílio, seguindo com o costume do velamento obrigatório e até mesmo o antecipando em uma semana devido ao início das comemorações dos Passos na sexta-feira da quarta semana quaresmal, como salienta Antônio Gaio Sobrinho (2001, p.106).

Nesse tempo do sofrimento e da prática da escassez, a igreja barroca tão ricamente decorada se poupava de ornamentos. Poupava mas não economizava, pois a festa apontava para uma prodigalidade nos gastos e, portanto, para uma opulência que impressionava. Esse ponto expõe uma ambivalência existente na Quaresma do Centro Histórico de São João del Rei pois, ao mesmo tempo em que a liturgia prescreve que a fecundidade desse período se encontra, precisamente, nos exercícios de recolhimento e nas observâncias penosas, a Irmandade dos Passos como promotora da festa tem a noção, tal como Callois indicou, de que é exatamente da exuberância que nasce a fecundidade (1988, p. 98). De acordo com as práticas perpetradas por essa ordem leiga, o manancial de graças desse tempo não advém propriamente da falta, da penúria, da escassez ou mesmo do recolhimento, mas do dispêndio festivo; da pompa, do luxo e da grandeza mantidos em nome do passado.

As dores de Nossa Senhora eram lembradas nas quatro espadas cravadas em seu peito, e também no chão, nas folhas secas de rosmaninho que convidavam os fiéis a entrarem para reverenciar a Mãe dolorosa. Vale destacar que Maria é transpassada por

²² Citado de:

http://www.portal.ecclesia.pt/ecclesiaout/liturgia/liturgia_site/questoes/quest_ver.asp?cod_quest=60.

sete dores que serão, uma a uma, meditadas na semana posterior à Festa de Passos, na quinta semana da Quaresma. Contudo, a Irmandade dos Passos “preserva” o costume de colocar somente quatro espadas no peito da imagem de Nossa Senhora das Dores nessa ocasião, porque o Encontro de Maria com seu Filho, que ocorre no domingo, é justamente a sua quarta dor.

Caminhar pelas folhas secas fazia exalar um aroma que não deixava esquecer a aflição; parecia que a cena armada tinha o desígnio de fazer sentir o sofrimento com todas as sensações que o corpo poderia experimentar: na visão da Mãe em dor, na audição do templo em absoluto silêncio, no tato estimulado pela mão que tocava a imagem [mesmo que isso fosse um ato censurável pela irmandade], no olfato ao sentir o aroma seco que se lançava da erva sob o chão e o paladar - por que não? - que era aguçado pelo manjeriço que enfeitava os pés de Nossa Senhora. Se a ideia de festa que se queria sustentar era aquela do passado barroco da cidade, nada era mais apropriado do que o exercício de uma religiosidade que exaltava o primado dos sentidos. O que a irmandade buscava com toda aquela prática era, portanto, uma religiosidade “exteriorista e epidérmica”, como disse Caio Boschi, bem como lúdica, que, por meio do culto externo, exacerbava o estético, o teatral e o espetacular (1986, p.22).

O aroma do manjeriço exalava desde a entrada da igreja e aumentava de intensidade à medida que se aproximava da imagem, onde uma infinidade de ramos da erva tinha sido colocada no andor, aos pés de Nossa Senhora. Os irmãos dos Passos enfatizaram que a tradição “manda” que, no Depósito, as imagens de Nossa Senhora das Dores e do Senhor Bom Jesus dos Passos sejam ornamentadas com a erva aromática, no intuito de se advertir para o sofrimento de Mãe e de Filho.

No tempo em que permaneci na igreja, muito fiéis entraram para visitar a imagem velada ao longo da tarde. Os devotos deram uma pausa no cotidiano atribulado de uma sexta-feira de trabalho, para dedicarem um pouco de seu tempo a reverenciar a Mãe. Alguns chegaram, sentaram-se e passaram um bom tempo de introspecção com o terço em mãos; uns passaram direto e foram ajoelhar-se em frente ao altar; já outros, apenas se posicionaram de frente à imagem para fazer uma oração, beijaram as fitas e foram-se embora, retomando o rumo da vida comum. Também decidi tomar outro rumo.

Na época da vivência desse trabalho de campo, eu ainda estava procedendo a minha busca pela questão do turismo no contexto do Ciclo da Paixão. Fui então, atrás de uma referência que me havia sido anteriormente passada, no Circuito Trilha dos

Inconfidentes. De lá, saí na companhia de um guia turístico que, após ouvir sobre a minha pesquisa quando eu a explicava para a gestora do Circuito, fez questão de me levar em uma excursão pela cidade; de modo que, pela primeira vez, eu andava pelas ruas de São João del Rei sob o olhar de um guia turístico. Tal olhar acabou por me deixar diante de uma pequena porta localizada na virada de uma sinuosa curva da Rua Santo Antônio que, dizem, ser a rua mais antiga da cidade; aquela que servia de passagem aos tropeiros para o Caminho Velho.

De lá do fundo, subindo as escadas que davam para a porta, surgiu um homem que o guia me apresentou como sendo um dos responsáveis por “manter” viva a tradição local da arte sacra, já que o seu ofício era o de santeiro. Descemos as escadas e logo nos deparamos com uma enorme imagem de Cristo pregado na cruz. Segundo o santeiro, essa imagem estava em seu ateliê a pedido da Igreja do Senhor do Monte para ser restaurada. Disse ele que, quando a imagem chegou até suas mãos, estava em péssimo estado de conservação e, assim que se iniciaram os trabalhos de restauro, ele teve uma surpresa, ou antes, uma descoberta. A imagem datada do século XVIII foi originalmente talhada como um Senhor Morto utilizado nas cerimônias de adoração, sendo posteriormente rearticulada para ser um Cristo crucificado.

As evidências que levaram o artista a essa conclusão foram pontualmente sendo mostradas e explicadas por ele: a imagem possuía a chaga provocada pela lança [característica que só a imagem do Senhor Morto possui], a cabeça não era a original, os braços foram modificados, havia emendas em várias partes do corpo e, por fim, a imagem tinha a cintura pendida para a esquerda, o que denotava segundo o especialista, a posição de Jesus morto. O santeiro nos disse acreditar que aquela imagem possa ter sido uma doação feita pela Igreja do Carmo à Igreja do Senhor do Monte. Sua hipótese era a de que, como a iconografia do Senhor do Monte é a reprodução de Cristo ainda vivo na cruz, a imagem doada fora modificada para servir aos propósitos dessa igreja.

Após a visita ao ateliê do santeiro, o guia foi me conduziu em direção à Catedral do Pilar, pois era ali que seria a nossa próxima parada. Bem de frente para a Catedral, entramos em um belo sobrado que abrigava um memorial religioso, onde se encontrava a maestrina da Orquestra Ribeiro Bastos, a pessoa que o guia me levou para conhecer. Subimos as escadas do sobrado e encontramos a senhora maestrina varrendo o chão de um salão repleto de paramentos religiosos expostos. Deixadas a sós pelo guia, que foi

atrás de um outro compromisso, conversamos durante algum tempo sobre a música sacra que dá o tom às comemorações do Ciclo da Paixão.

Mais tarde, refletindo sobre aquela excursão guiada, eu me dei conta de que fui transportada por um caminho que percorria uma paisagem completamente enraizada em um passado que nunca quis ficar para trás, que é atento e cuidadosamente mantido e que habita a cidade, seja *na tradição dos santeiros, artesãos especializados em imagens sacras*, [que] *é mantida há vários séculos em São João del Rei*, ou pelas mãos da *maestrina* [que] *há mais de meio século é uma das principais responsáveis pela perpetuação da tradição musical barroca na cidade*²³. É claro que eu fui conduzida pelo olhar de um guia turístico e que essa é a lente pela qual ele mira a cidade [e tenta vendê-la]; mas o que está posto em questão é o fato de que a cidade, assim como a imagem de Nossa Senhora das Dores, está encoberto por um véu de veneração; só que no caso, a veneração da cidade é com relação à sua hi[e]stória. O que se percebe, então, é um discurso que coloca o santeiro e a maestrina como os mantenedores de uma concepção de passado que predomina sobre as demais concepções, e que é “conservada” com afincos por distintas visões de mundo, principalmente pelas ordens leigas e pela igreja [mas também pelo povo e por outros grupos atuantes no poder].

No caso de São João del Rei, a concepção de passado que prevalece é aquela ligada ao período colonial, onde a cultura barroca e todos os seus desdobramentos, uma vez florescidos no século XVIII, fez da cidade a portadora da alcunha de histórica. Carregar consigo a denominação de hi[e]stórica, sobrevinda no que um dia a grandeza do barroco permitiu, fez de São João uma cidade que desenvolveu e aperfeiçoou o gosto pela sustentação e pela veneração desse passado que ela traz à tona a cada santo esculpido, a cada música orquestrada, a cada badalo de sino ou a cada missa celebrada, mesmo que sempre às voltas com a questão do progresso.

Essa forte disposição em “conservar” os rastros que o barroco deixou, fez com que São João del Rei fosse umas das cidades históricas visitadas por Mário e Oswald de Andrade, por Tarsila do Amaral e por Blaise Cendrars, entre outros; modernistas dos anos 20 do século passado que vieram a Minas Gerais em uma viagem “de redescoberta

²³ Matérias da reportagem “São João del Rei realiza curso para artesãos em imagens sacras”, publicada em 20/10/2010 e da reportagem “Palmas para nossa maestrina soberana”, publicada em 27/03/2010.

(Link 1: <http://megaminas.globo.com/2010/10/20/sao-joao-del-rei-realiza-curso-para-artesaos-em-imagens-sacras>)

(Link 2: <http://saojoaodelreitransparente.com.br/works/view/672>).

do Brasil”, que foi empreendida em consonância com o projeto político e ideológico da construção de uma identidade nacional proposta pelo governo de Getúlio Vargas.

Tal projeto buscou apoiar-se em elementos culturais históricos, sendo o foco principal da construção desse projeto coletivo direcionado justamente para o período colonial que podia ser sintetizado pelas cidades hi[e]stóricas mineiras. “Sob uma constelação de fatos históricos - o ciclo do ouro, a singularidade da arte e da arquitetura Barroca, a literatura, a Inconfidência como movimento de oposição à metrópole e contemporânea à Revolução Francesa e aos ideais iluministas - criaram-se os subsídios para alimentar a ideia de uma nação brasileira, com um passado a ser protegido para dar inspiração à nação do futuro” (Flôres, 2007, p. 20)²⁴.

Coincidência ou não, foi precisamente essa festa Semana Santa - uma das manifestações mais aclamadas como portadora de uma autêntica tradição local herdada do passado barroco - o ponto de partida e o centro da peripécia dos modernistas rumo ao território mineiro. “Ao final do dia 16 de abril {de 1924}, Quarta-feira Santa, a caravana paulista já se encontrava devidamente alojada no Hotel Macedo [...] No dia seguinte, descansados, espalharam-se pela cidade [...] À noite é quase certo que visitaram os passinhos” (Cortez, 2010, p. 21).

Contudo, essa mesma cidade de alma conservadora que atravessara com a lança da continuidade hi[e]stórica suas manifestações culturais, foi também, desde sempre, revestida por uma grossa epiderme progressista que motivou intensas transformações, principalmente em seu patrimônio dito material, para falar sob a rubrica andradiana,.

Para que São João del Rei alcançasse o patamar de desenvolvimento que vigora na contemporaneidade, a cidade sustentou o seu veio e a sua cultura progressista em fins do século XIX e principalmente ao longo de todo o século XX nutrida, sobretudo, pelos representantes da elite econômica e política local que, face à expectativa de desenvolvimento e de crescimento, promoveram significativas intervenções na paisagem urbana, materializando projetos que alteravam de maneira expressiva a arquitetura hi[e]stórica em nome de um “inevitável” progresso a que a cidade estava

²⁴ A associação do poder político atuante junto à intelectualidade condensada na figura dos modernistas promoveu nas décadas subsequentes, a implantação de instituições culturais responsáveis pela formulação e pela disseminação dessa ideologia proposta, entre elas, muito especialmente, a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) em 1937, um projeto idealizado por Mário de Andrade e organizado pelo então Ministro da Educação Gustavo Capanema e direcionado por Rodrigo Melo Franco de Andrade.

destinada. De tal modo, “à cidade foi delegada a responsabilidade de ser ‘histórica’, ao mesmo tempo em que seus habitantes, pelo menos parte deles, tinha o desejo de se modernizar e acompanhar o país em seus processos desenvolvimentistas - o que gera a intervenção no espaço e paisagens urbanas, seja na esfera pública, seja na esfera privada” (Flôres, 2007, p. 21).

É com relação à paisagem urbana que São João se mostrou como uma cidade que não olhou para trás, promovendo em seu campo arquitetônico as mais significativas mudanças rumo à modernidade almejada, a julgar pela notória batalha entre o então SPHAN e a Companhia Interestadual de Melhoramentos e Obras/S.A. (CIMOSA) na década de 40 do século XX, pelo tombamento ou pela demolição do antigo casarão do Comendador João Antônio da Silva Mourão (1806-1886) [hoje o Museu Regional de São João del-Rei], ou mesmo pela construção do maior edifício do centro da cidade, com 12 andares, nos anos 50 daquele mesmo século²⁵.

Contudo, mesmo em sua sanha desmedida pelo progresso, as chamadas tradições locais continuamente estiveram blindadas das pretensões modernizantes da cidade, sendo apreciadas como “autênticos” produtos da terra²⁶. Era também motivo de orgulho o interesse que a cidade despertava por tudo o que era hi[e]stórico [leia-se as suas manifestações artísticas, culturais e principalmente religiosas], pois foi exatamente essa hi[e]stória que consolidara uma sociedade capaz de ir adiante e de progredir, como o periódico deixa entrever:

Cidade em que se encontram os prazeres da alma e espírito, lugar para educar o intelecto [...] um dos fatores que mais podem influir na educação da alma e formar, por assim, dizer, o caráter de um povo, é a tradição [...] quanto mais tradicionalista é um povo, mais seguro é na rota do progresso (S. João d’El Rey, 1935 apud. Flôres, 2007, p. 62).

²⁵ Sobre essa disputa travada entre o SPHAN e a CIMOSA, mais particularmente, e sobre os conflitos entre a “visão progressista” sanjoanense em contraposição à “visão preservacionista” nacional, mais amplamente, ver Flôres (2007).

²⁶ Quando eu digo que houve uma imunização das tradições locais, eu me refiro àquelas concepções predominantes de tradição, como é o caso das festas religiosas do Centro Histórico. Já houve casos emblemáticos na cidade em que determinadas tradições foram perseguidas, como no caso do Jubileu do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, uma vultuosa festa comemorada desde os idos de 1774 e que culminou com um ato proibitivo em 1924 por ordem do então arcebispo de Mariana Dom Helvécio Gomes de Oliveira, só voltando a ser celebrada com êxito em 1998. Sobre a hi[e]stória do Jubileu ver Passarelli (2011).

Assim, por exemplo, “vemos que graças ao tempo e aos homens de fé, a tradição religiosa se fez presente na vida local, com templos majestosos que marcavam as vistas do vale e eram um atrativo especial no calendário de festas, quando então se exibia a fé ao lado de valiosos trabalhos artísticos [...] Essa tradição é diferente daquela que estará relacionada, posteriormente, ao passado colonial, simplesmente passado e seus adjetivos consequentes: decadência e congelamento, principalmente no que tange a paisagem urbana das construções civis” (Idem, p. 35-36).

Se pelo menos com relação à arquitetura o passado amofinava a corrida rumo ao futuro a ponto de fazer com que muitas estruturas fossem ao chão em prol de interesses individuais ou de grupos específicos, que viam na permanência dos traçados coloniais um empecilho aos projetos transformadores e de renovação urbana, com relação às tradições culturais e religiosas, aparentemente não houve muito dissenso, e a herança do passado colonial mantinha seus alicerces firmes na sociedade sanjoanense. Essa concepção predominante de hi[e]stória que tem a época do barroco como o mote central era e ainda é continuamente perpetrada por meio de discursos e de práticas que convergem para a conservação das tradições deixadas pelos antepassados através do trabalho de uns, da devoção de muitos, da manutenção do *status* de outros [como no caso das associações leigas] e do poder de poucos [seja ele político, econômico ou religioso].

É a partir desse quadro que voltamos o olhar para o santeiro e para a maestrina do alto de suas respectivas atividades - a escultura e a música - que no período colonial foram tão bem desenvolvidas em São João del Rei a ponto de constituírem um mercado de trabalho próprio e um rico acervo de obras sacras e de composições musicais e que, hoje, são desempenhadas por essas duas figuras *do modo como deve ser feito* para que *a tradição não acabe em suas mãos e, assim, dar o exemplo para as futuras gerações* [frases ditas pela maestrina ao longo da entrevista].

A concepção predominante da arte e da música em São João del Rei procura, então, ser continuada, assim como veio parar nas mãos dos homens do presente, ou seja, tal como um dom recebido dos séculos passados, que se busca passar para frente. Assim, eles procedem como se “cultivando cuidadosamente o que sempre foi, quer conservar para aqueles que nascerão depois dele as condições nas quais ele próprio nasceu” (Nietzsche, 2005, p. 91). Se assim é para o campo artístico e musical da cidade, também o é para o seu campo religioso. No caso da concepção predominante de

religião, é assim e mais. O discurso do dever “conservar” ali as tradições católicas que se desenvolveram no interior dos templos barrocos é imperativo, desde as corporações religiosas, até as diferentes modalidades de toque dos sinos, ou mesmo em um ritual religioso.

A crença na hi[e]stória e em sua continuidade é tão marcante no campo religioso da cidade, que a Festa de Passos promovida pela Irmandade de Bom Jesus dos Passos na Catedral do Pilar e à qual eu me preparava para participar ao anoitecer do dia 16 de março, se desvela como um dos seus maiores exemplos. Enquanto na IV semana da Quaresma as demais paróquias da cidade estão cumprindo as observâncias próprias ao tempo, a Catedral do Pilar se prepara para três dias de comemorações que culminam com a cena do Encontro de Maria e de Jesus no Calvário, no domingo.

O empenho de se festejar o Encontro entre Mãe e Filho em um período dissociado daquele que as demais paróquias o fazem se deve ao estrito cumprimento do primeiro Estatuto [ou Compromisso] da Irmandade dos Passos que, em 1733, determinou “que na quarta dominga da Quaresma, (...) fará a Irmandade na tarde da dita dominga, a sua procissão dos Passos, com a maior solenidade e devoção que for possível” (Gaió Sobrinho, 2001, p. 07)²⁷.

“Os passinhos não haviam sido construídos, nem as Igrejas do Carmo e de São Francisco, de modo que não se pode pensar que essa procissão dos passos fosse o que é hoje a procissão do encontro, nem que fosse precedida da procissão dos depósitos” (idem, p. 107). De fato, o modo como a solenidade é hoje concebida, somente passou a ser assim realizada na segunda metade do século XVIII, após o acréscimo das procissões dos Depósitos de Nossa Senhora das Dores e do Senhor dos Passos, além do Encontro das duas imagens.

Contudo, a disposição compromissória de 1733 que fixou o IV domingo quaresmal, chamado domingo *letare*, como a data para a realização da procissão dos Passos, abriu o precedente para que as demais comemorações que surgiram posteriormente seguissem esse mesmo calendário, uma prática que vem sendo perpetrada até os dias de hoje... 279 anos, dois séculos e meio.

Isso vem há mais de 200 anos né, essa devoção ao Senhor Bom Jesus dos Passos; isso porque foi criada a irmandade em 1733 né? Então desde essa época a irmandade

²⁷ Trecho do Compromisso da Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos.

promove e realiza as comemorações dos Passos... Revive né? Todo o sofrimento que Jesus Passou e também a sua Mãe, voltado a Nossa Senhora das Dores; todo o sofrimento que Jesus e Nossa Senhora passaram.

Então, desde que foi criada né, a irmandade então começou a realizar a comemoração dos Passos, não da forma que existe hoje. A princípio só se realizava a Procissão dos Passos do Senhor, então realizava o Depósito do Senhor dos Passos e no dia seguinte, que era o quarto domingo da Quaresma, se realizava a Procissão dos Passos né? A imagem do Senhor dos Passos saía visitando todas as capelas. Então em meados do século XVIII foram acrescentadas outras cerimônias né? A irmandade mandou, então, confeccionar a imagem de Nossa Senhora das Dores e passou a se realizar a Procissão do Encontro. E foram acrescentadas também as Vias Sacras solenes que são nas três primeiras sextas feiras da Quaresma, e o Setenário das Dores que não era de responsabilidade da Irmandade dos Passos, quem promovia era a Irmandade da Santa Casa. Depois então, em meados do século XVIII passou para a Irmandade dos Passos. (Entrevista com o Provedor de Honra da Irmandade dos Passos - 19/03/2012).

Aqueles que nesse multiverso ocupam a posição seja do trabalho, seja da devoção, seja do *status*, seja do poder, ou ainda, seja de todos esses planos juntos, procedem, como o discurso do membro da irmandade deixa entrever, como se os grandes momentos hi[e]stóricos principiados nos idos do século XVIII, criassem uma cadeia contínua que promove a ligadura dos antepassados aos atuais portadores da tradição, que sustentam o calendário festivo há três séculos fixado. Ao mesmo tempo em que perpetraram a grandeza do fato hi[e]stórico [nesse caso, a Festa de Passos], assumem também o gosto por sua conservação e até certo ponto por sua adoração, voltando-se com fidelidade para o mundo de onde provêm, ou seja, para o mundo colonial barroco²⁸.

Diante da obrigação em fazer prosseguir a disposição compromissória de 1733, uma série de justificativas são aventadas para tentar explicar o fato incomum da antecipação da festa:

²⁸ De tal modo, se aproximam por um lado, da história monumental e, por outro, da história tradicionalista, dois dos três tipos de histórias distinguidos por Nietzsche em sua segunda Consideração Extemporânea, em um ensaio intitulado “Sobre a utilidade e os inconvenientes da História para a vida” (2005).

Isso existe duas versões, porque a Festa dos Passos ela vem antes da Semana Santa, e em algumas cidades nós podemos observar que ela é realizada dentro da própria Semana Santa. Aqui nós temos duas versões para esse fato: uma é que são duas irmandades distintas, uma que promove a Comemoração dos Passos que é durante toda a Quaresma, que é a Irmandade dos Passos, e a Irmandades do Santíssimo Sacramento que promove a Semana Santa em si. Então uma das versões é essa de serem duas irmandades distintas. A outra é que os músicos que tocavam aqui em São João del Rei na Festa dos Passos eram os mesmos músicos que tocavam em Tiradentes e os mesmos músicos que tocavam em Prados. E como a música exigia uma grande quantidade de coro, era uma música do compositor Manuel Dias de Oliveira, uma música para oito vozes, exigia muitos cantores. Então os mesmos que executavam aqui, executavam em Tiradentes e em Prados. Então São João del Rei ficou com o quarto domingo da Quaresma, Tiradentes ficou com o quinto domingo da Quaresma e Prados ficou dentro da Semana Santa.

(Entrevista com o Provedor de Honra da Irmandade dos Passos - 19/03/2012).

De acordo com Antônio Gaio Sobrinho, “a justificativa mais ponderável dessas comemorações antecipadas foi, certamente, o desejo da Irmandade dos Passos em dar-lhes especial destaque. De fato, se celebradas dentro da Semana Santa, elas perderiam realce diante das cerimônias desta, promovidas pela Irmandade do Santíssimo Sacramento” (2001, p. 107).

Seguramente que pode haver uma plausibilidade para muitas dessas explicações. Entretanto, a justificativa que fez no passado com que a Procissão de Passos fosse determinada no IV domingo da Quaresma permaneceu lá mesmo no passado e, aparte a diferença entre as irmandades [que hoje não possuem o mesmo papel social de antigamente], a pouca oferta de músicos ou o destaque da festa, a deliberação continua viva com a mesma intensidade de três séculos atrás.

A opção em prosseguir fazendo do jeito que sempre foi feito, essa confiança em ter que perpetuar a grandeza do passado se desvela, talvez, como a maior das transgressões cometidas na e pela festa. Em nome do cumprimento de um estatuto, a festa do Centro Histórico prefere romper com a regra da narrativa sagrada para seguir com a regra da hi[e]stória.

Em nome da manutenção estrita de uma ordem advinda com a instituição do compromisso é que a Festa de Passos infringe uma outra ordem que prescreve o movimento da narrativa do sacrifício do deus. Para Georges Bataille, a transgressão só existe porque há algo de interdito por trás dela; nesse caso, o que se quer proibir ou afastar, é precisamente a desordem.

Nesse ciclo festivo, as interdições correspondem à necessidade de rejeitar a desordem como o elemento exterior ao curso habitual das coisas. Não se pode esquecer, que essa festa preza pela ordem mais do que qualquer outra coisa, pois é ela que está nas bases da festa do passado. Porém, não há interdição que não possa ser infringida e a cidade procede com a ação transgressora para fazer valer uma outra ordem assentada no compromisso hi[e]stórico de realizar a Festa de Passos em uma data distinta daquela prevista pela tradição católica.

Bataille diz, então, que é profunda a cumplicidade entre a lei e a sua violação (1988, p. 30). Nesse caso específico, a lei é a lei da narrativa sagrada. Acompanhando a narrativa do sacrifício do Filho de Deus, a ordem prescreve, primeiramente, a cena da entrada de Jesus em Jerusalém, para onde Ele peregrinou com o intuito de celebrar a Páscoa Judaica e onde foi recebido como um rei. Esse dia corresponde, no calendário festivo, ao Domingo de Ramos. Somente depois é que ocorre o Encontro entre Maria e seu Filho no Calvário; o Jesus já com a cruz sob os ombros. No espaço-tempo da narrativa, a cena se passaria, então, entre o Domingo de Ramos e a Sexta-feira da Paixão de Cristo, o dia em que o sacrifício é consumado. Portanto, como um dos elementos da mitologia sacrificialista do deus, a cena do encontro é vivida, na temporalidade que o calendário instaura, na ocasião da Semana Santa.

A narrativa do sacrifício concatena uma série de passagens que culminam com a morte do deus. A Festa de Passos promovida Irmandade dos Passos subverte, então, essa ordem, ou antes, transgride a lei, instituindo e sustentando uma outra ordem em seu lugar, aquela determinada pelo compromisso hi[e]storicamente firmado. A desordem instaurada pela festa é produto da transgressão às normas vigentes; o que não quer dizer, contudo, uma completa ausência de ordem. Assim, a transgressão a uma norma irá instaurar, ao mesmo tempo, a prescrição de uma outra.

Porque o que acontece aqui em São João segundo a história né? Cronologicamente, se é que podemos dizer, existe uma falha porque primeiro, Nossa Senhora encontrou com

Jesus. Na, pelo que consta, não sou nem estudioso nem nada, mais esse encontro, ele aconteceu depois do próximo evento que vai acontecer aqui em São João; então primeiro eles encontram pra depois separar pra depois encontrar de novo. Então a ordem... Primeiro acontece o que vai acontecer... Primeiro é o Domingo de Ramos, uma coisa assim. Existe uma inversão nisso aí.

(Entrevista com um representante da Diocese de São João del Rei - 19/03/2012).

Ademais, o domingo *laetare*, assim chamado por conta da primeira palavra da antífona de entrada do missal do dia - *laetare, Jerusalém* [alegria, Jerusalém] - é um dos mais célebres do ano posto que nele, a igreja suspende momentaneamente o sentimento de tristeza típico da Quaresma para fazer surgir a alegria pela aproximação da ressurreição, já que ele marca a metade do percurso desse tempo do ciclo. Esse é um dos únicos dias em que o Missal Romano prevê o uso da cor rósea, expressão da exultação pela redenção que se acerca. De tal modo, se percebe que a transgressão ultrapassa os códigos da narrativa sagrada violando também as regras impostas pela igreja, já que no dia em que se prescreve uma pausa na agonia, a Irmandade dos Passos segue promovendo uma festividade de tom marcadamente sofrível, posto que é o encontro da mãe com o seu filho rumo ao sacrifício.

É então, transgredindo o tempo da narrativa bem como, as regras da igreja, para viver plenamente o tempo da hi[e]stória, que uma vez mais a Festa de Passos acontecia naquele final de semana, o IV da Quaresma do ano de 2012.

Depois de uma chuva torrencial que lavou a cidade por mais de uma hora ininterrupta anunciando a finitude do verão e o seu encerramento que lentamente se acercava, já era noite quando retornei à Catedral do Pilar para assistir à missa das 19h00min, em intenção dos ex-mesários da Irmandade dos Passos. Ainda tomando o rumo para a igreja, percebi que a chuva se fez sentir no Centro Histórico da cidade através dos congestionamentos que se formavam nas ruas mais estreitas assim como no Córrego do Lenheiro que havia assumido feições de rio, de modo que todos olhavam espantados, em cima das pontes de pedra.

Se nas igrejas do Centro Histórico cultivava-se o gosto pela conservação das tradições do passado, também se encontra fôlego para conceber outras tantas, tal como foi o caso da Recitação do Terço, uma novidade que foi instituída a partir daquela Sexta-feira das Dores. Às 16h00min um grupo composto somente por mulheres se

reuniu na Catedral do Pilar com a finalidade de recitar o Terço, o que também ocorreu no dia seguinte, no Sábado de Passos, quando foi a vez de um grupo formado apenas por homens entoar a prece coletiva.

Mais tarde, a missa em intenção dos ex-irmãos teve início com a igreja vazia, possivelmente em função da chuva que sobressaltou os fiéis que preferiram se resguardar em suas residências. Pude contar exatamente 23 pessoas presentes no interior do templo, me incluindo nessa matemática. Enquanto a missa não começava, percebi que em um dos púlpitos um homem de voz alta instalava os equipamentos de vídeo que provavelmente filmariam a solenidade, já que a missa seria transmitida ao vivo pela televisão. Mais um motivo que não faria ninguém sair de suas casas, pensei.

Após a missa que transcorreu basicamente em torno dos momentos dolorosos vividos por Nossa Senhora ao presenciar o sofrimento de seu Filho, o andor com a imagem sob o velário saiu em procissão, com certo receio pela chuva, rumo à Igreja do Carmo. Contra a minha previsão, o número de pessoas até que havia aumentado e o cortejo saiu acompanhando o velário roxo rodeado pelos irmãos dos Passos. O itinerário consistiu apenas na passagem da procissão pela Rua Getúlio Vargas, caminho que liga uma igreja à outra, e onde vencida a metade, o andor foi recebido pela Ordem Terceira Carmelita, que conduziu a imagem velada pelo restante do trajeto. Chegando ao interior da Igreja do Carmo e desvelada a imagem, a partir daquele momento, Nossa Senhora ficaria exposta para veneração até a tarde de domingo.

Ainda ao adiantar daquela mesma noite, houve a última das Encomendações de Almas que fora postergada até aquele dia por conta das chuvas da semana anterior. O último ritual de Encomendação aconteceu fora dos limites do Centro Histórico, com o início na portaria do Cemitério Municipal popularmente chamado de “Quicumbi”, passando pelas ruas próximas, no bairro das Fábricas²⁹. Além das encruzilhadas, Encomendação ainda passou pelos cruzeiros ao longo do percurso.

²⁹ Quanto ao popular nome do cemitério municipal da cidade, “Quicumbi”, Léa Perez fala que, no século XIX, as festas do batuque [nome dos cultos de origem africana empregado unicamente no Rio Grande do Sul] eram chamadas “cucumbi” ou “cacumbis”, sendo realizadas à época do ciclo natalino e na ocasião das festas do Rosário (1989).

O raiar do dia 17 de março trouxe consigo o Sábado de Passos, mais um que era dedicado ao sofrimento de Cristo que não iria cessar até que se chegasse o dia da Páscoa. Assim que alcancei a entrada do Pilar, prontamente avistei que duas meninas espalhavam as folhas de rosmaninho pelo chão. Ambas estavam acompanhadas por outras mulheres que certamente tomavam parte dos preparativos da festa; a cada novo dia, outra arrumação vigorava: eram os tecidos realinhados, o chão limpo e decorado, as velas inflamadas... Nada, senão a maior beleza possível deveria ser alcançada, no espaço que, naquele momento, abrigava a imagem do Senhor ajoelhado pelo peso da cruz que carregava. Foi ali que percebi que as folhas de rosmaninho eram lançadas frescas ao chão e que, devido à ação do tempo com o passar das horas e das pisadas, elas cumpriam o seu irreversível destino rumo à decrepitude e secavam todas.

A Mãe dolorosa cedera o lugar no andor ao seu Filho que estava sendo guardado da mesma maneira pelas quatro velas acesas em castiçais dourados. Assim como a Mãe, o Filho encontrava-se velado pela armação em tecido roxo que deixava entrever na parte de trás um bom pedaço da cruz e, na parte da frente, os ramos de manjerição - não havia lugar para flores onde uma cruz onerava os ombros. A face da imagem expressava a agonia de Cristo em aparente tranquilidade. O olhar absorto mirava para baixo, a boca cerrada e o nariz lançavam nódoas de sangue, assim como a testa, suja do sangue provocado pela coroa de espinhos que adornava a cabeça junto a um halo de prata. As vestimentas seguiam o mesmo esplendor daquelas usadas por Nossa Senhora, entre veludos roxos e bordados dourados. O nível de detalhamento a que chegaram era tanto, que a mão esquerda que segurava a cruz estava de posse de uma almofadinha que amortecia o impacto do peso, como se a cena nos dissesse que Ele queria aliviar um pouco do fardo que carregava. As almofadinhas também estavam presentes no fim das duas fitas roxas que pendiam da cruz do Senhor dos Passos, avisando a todos que ali não havia a necessidade de contato com a imagem.



Imagem 3: Velamento da imagem do Senhor Bom Jesus dos Passos – 17/03/2012 (arquivo pessoal)

Desde que as portas da Catedral foram abertas, as pessoas adentravam ao recinto com o desígnio de velarem à imagem. Talvez por seu um sábado o dia por excelência destinado ao descanso e à oração, a procura pela igreja tenha sido bem maior do que na sexta anterior. Uma mulher parou de frente para o andor e pacientemente ensinou ao seu filho pequeno como fazer o sinal da cruz, conduzindo o pequeno braço pelas partes do corpo que formavam a figura: cabeça, peito e ombros. Imediatamente lembrei-me de mim mesma que, naquela idade, estava sendo igualmente formada pela mesma linguagem corporal. De tal modo é a inserção do sagrado na vida, uma vez que “o espaço primordial a ser santificado e protegido é evidentemente, o próprio corpo. Quem é cristão benze-se sempre, e benzer-se significa *fazer o sinal da cruz*. Assim se exprime a esperança na Cruz do Salvador e na proteção que dela emana [...] A eficácia de tal gesto é tal ordem que ‘nos livramos de nossos inimigos invisíveis e visíveis’” (Da Mata, 2002, p. 106) [grifo do autor].

Logo após a educação pelo sentimento da mãe que ensinava o gesto ao seu filho, um homem chegou e rezou mentalmente a sua própria oração passando por debaixo da cruz. Era a primeira vez que eu via aquele gesto e, como não poderia ser de outro modo, me instigara bastante. Mauss (1981) se interessou pelo estudo da prece, por ser esse fato

religioso algo complexo e plástico a uma só vez, já que se reveste de múltiplas formas sem, contudo, deixar de prosseguir sendo ele mesmo.

Além dos aspectos externos, o autor deteve-se sobre a prece, precisamente, porque ela se apresenta como um dos fenômenos centrais da vida religiosa. “A prece é o ponto de convergência de um grande número de fenômenos religiosos. Mais do que qualquer outro sistema de fatos, participa, ao mesmo tempo, da natureza do rito e da natureza da crença. É um rito, pois é uma atitude assumida, um ato realizado em vista de coisas sagradas [...] Mas, ao mesmo tempo, toda oração é sempre, em certo grau um *Credo*” (1981, p. 230) [grifo do autor].

Na ocasião em que o fiel procede com uma prece, convergem pensamento e ação, no mesmo instante. Aliás, segundo Mauss, “toda prece é um ato”; que vem imbuído de palavras (1981, p. 269). A ação demanda uma linguagem que manifesta ideias e emoções que são externalizadas em palavras. Pronunciar uma oração é, então, pensar e agir. Contudo, mesmo quando não há palavras sendo ditas e a oração é realizada no mais absoluto silêncio, como o homem que passou debaixo da cruz, ainda sim, a oração se desvela em um ato; nesse caso, “um movimento, uma atitude da alma” (idem, p. 269).

A oração sugere um empenho e uma dissipação de energia física e mental que se dirige a forças sagradas. A sua eficácia reside justamente nas palavras que, sendo proferidas ou não, faz produzir os mais admiráveis prodígios. “Mesmo quando toda eficácia parece ter desaparecido da prece que se torna pura adoração, quando todo o poder parece reservado a um deus, como na oração católica [...] ainda é eficaz, pois é ela que incita o deus a agir em tal ou tal direção” (idem, p. 270).

E era em meio às mais diversas palavras convertidas, como disse Mauss, em “um contrato, um ato de fé, uma confissão, uma súplica, um louvor”, é que o dia transcorria na presença do sofrível Bom Jesus dos Passos (idem, p. 229).

Muitas pessoas entravam e saíam da igreja e cada uma que se aproximava da imagem com um gesto particular de devoção, vivia com Cristo a Sua dor. Sempre de joelhos, com olhares de consternação, as mãos sobre o peito e os passos arrastados: o corpo também contava da dor de cada um. Observei que um segundo homem também havia passado por debaixo da cruz não apenas uma, mas três vezes, beijando-a logo em seguida. Indaguei a respeito daquela prece, já que havia me intrigado tanto à primeira vista, e ele então me disse que essa foi uma oração ensinada por sua avó ainda na

infância [uma vez mais foi a educação pelo sentimento que se encarregou da prática]. Segundo ele, sua avó dizia que passar por debaixo da cruz do Senhor dos Passos não era a mesma coisa que carregá-la, mas era um ato que ajudaria Cristo a suportar o sofrimento. Foi assim que ele aprendeu e era assim que ele procedia todo Sábado de Passos.

Entrei novamente na igreja com aquela hi[e]stória entre avó e neto na cabeça e me deparei com uma família ajoelhada diante do altar coberto; pai, mãe e filha com as cabeças baixas em sinal de oração. Nesse instante, me encontrei rapidamente com seu A. que estava conferindo junto aos outros integrantes da irmandade, os detalhes para a noite de logo mais. Ele estava acompanhado de sua jovem filha que estudava no município de Juiz de Fora, mas que voltara à cidade natal naquele final de semana com o intuito de participar da Festa de Passos. Era a primeira vez, nesse ciclo festivo, que eu me deparava com a figura do filho ausente - sanjoanenses que retornam para sua cidade especialmente nos momentos festivos - personificado na filha de seu A.

A figura do filho ausente foi muito bem desenvolvida por Flávia Pires (2003) em seu estudo sobre as penosas na festa de São Sebastião no município da Catingueira, Paraíba. De acordo com a autora, os chamados filhos ausentes, se desvelam como uma importante categoria que ajuda “a expressar a identidade autorreferente de parcela significativa dos que frequentam a festa” (2011, p. 1053). Segundo Pires, os filhos ausentes estão no interior da categoria dos turistas e designam “aqueles que, tendo nascido na cidade, emigram por motivos de estudo ou emprego e que, em período de festa, retornam (idem, p. 1053). Contudo, essa figura apareceria com força total no Ciclo da Paixão somente na época da Semana Santa, mais precisamente durante o Tríduo Pascal, por ser um período que coincidia com um grande feriado.

Na parte da tarde, deixei a imagem do Senhor dos Passos por um momento para me encontrar com Nossa Senhora das Dores na Igreja do Carmo, que estava desvelada e exposta para veneração após o seu depósito na noite precedente. O interior da igreja todo na cor branca, entrecortado apenas pelo roxo dos tecidos que cobriam o altar, fazia destacar ainda mais a presença da Mãe de Jesus localizada logo à frente dos bancos. Sem os manjericões que haviam sido colhidos pelos fiéis que levaram os ramos para casa com o intuito de obter a bênção da família e do lar, o andor com a imagem estava ornamentado com pequenos arranjos florais artificiais em tons sóbrios, um em cada

extremidade. As fitas com as almofadinhas foram delicadamente colocadas em cima de uma estrutura coberta com tecidos brancos pela Ordem Carmelita.



Imagem 4: Adoração à imagem desvelada de Nossa Senhora das Dores na Igreja do Carmo - 17/03/2012 (arquivo pessoal).

Algumas pessoas veneravam a imagem sentadas o mais próximo possível dela ou ajoelhadas ante ela. Uma vez mais, os corpos dos fiéis acompanhavam e se compraziam com o aspecto doloroso da Mãe, seja na disposição das cabeças sempre baixas ou pendidas para o lado ou no olhar meditativo, como se fazendo um só corpo ou como disse Perez, fazendo corpo na duração na duração do fazer corpo, a propósito dos passos das procissões lisboetas (2010). Desde a noite de ontem, havia notado que a maior parte daqueles que iam à igreja era composta por pessoas mais velhas. Quanto a essa característica que parecia predominar na cena festiva, alguns moradores foram categóricos em dizer que o interesse dos jovens vinha diminuindo com o passar do tempo.

[Os jovens] *Não são ligados, eu acho. Na minha opinião eu acho que eles não são tão ligados, a não ser que seja dentro de uma família católica tradicional igual a minha é*

entendeu? A minha é uma família que sempre esteve ligada à igreja, se não estava aqui estava em outra entendeu? Então a gente tava sempre envolvido na igreja, sempre dentro da igreja, sempre seguimos as coisas da igreja, todas as festas, qualquer procissão não só na Semana Santa mais durante todo o ano, então eu sinto, eu particularmente sinto que saiu um pouco, não em São João del-Rei só não...
(Entrevista com moradora - 03/04/2012).

Observando a composição daqueles que participavam das celebrações, certamente havia uma preponderância da presença de pessoas mais velhas, que pode ser explicado por meio de diversas hipóteses, entre elas, o fato de que o Centro, ainda bastante residencial, é um dos bairros de São João del Rei que abriga a maior proporção de adultos com sessenta anos ou mais de idade, segundo dados do Plano Diretor do Município, e que se declararam católicos³⁰. Entretanto, as festividades desse ciclo criavam um espaço que acabava por comportar diferentes experiências que extrapolavam esses indicadores, como pude perceber a medida que minha participação no ciclo aumentava de intensidade e de frequência. Entre as missas, as procissões e as demais solenidades, o que eu presenciava era uma plêiade de possibilidades fundadas pelo tempo festivo que comportava tantas cenas quanto possível: de crianças correndo de um lado a outro a jovens agrupando-se para festejarem ao seu modo.

Sentada em um banco da Igreja do Carmo, avistei uma mulher que vi passar na Catedral do Pilar no dia anterior para beijar as fitas de Nossa Senhora. Ali no Carmo ela estava de joelhos venerando a imagem desvelada. Naquele momento, notei que com o passar dos dias e dos rituais, eu me ambientava cada vez mais à cidade, vendo cada vez mais rostos conhecidos na multidão de desconhecidos. Eu via assim como era vista, pois a minha presença também se fazia sentir nos lugares que frequentava. Por mais que eu tentasse não chamar a atenção ou atrapalhar o curso dos acontecimentos, algumas vezes me posicionando no canto das igrejas para registrar as minhas impressões, eu percebia que também era observada e que não me deixavam esquecer nem por um instante que ali eu era apenas uma estrangeira.

³⁰ De acordo com os dados do Plano Diretor Participativo do Município de São João del Rei (2006), a menor proporção de crianças na população residente foi observada no Centro da cidade com 16,6%, sendo também o local que abriga a maior proporção de adultos com 60 anos ou mais de idade com 20,5%, quase o dobro da média que é de 11,0%.

Disponível em: http://www.saojoaodelrei.mg.gov.br/repositorio/File/relatorio_rodada_tecnica.pdf

Georg Simmel foi quem discorreu a respeito desse estado ambíguo de quem se encontra de passagem, como é o caso do estrangeiro. Segundo ele, o estrangeiro é a figura sociológica que apresenta de modo mais latente, a unificação da distância e da proximidade presente em toda interação social. Nessa relação, diz o autor, “a distância significa que ele, que está próximo, está distante; e a condição de estrangeiro significa que ele, também está distante, na verdade está próximo...” (1983, p. 182). Essa dialética que envolve o estrangeiro diz respeito à posição peculiar por ele ocupada: apesar de tornar-se uma peça chave na sociedade em que aporta, mas não pertencendo a ela, ele não se amarra a nenhum compromisso, o que lhe confere certa posição de objetividade.

“Por essa razão, os estrangeiros não são realmente concebidos como indivíduos, as como estranhos de um tipo particular: o elemento de distância não é menos geral em relação a eles que o elemento de proximidade” (idem, p. 184). E era exatamente assim, como um elemento não-comum ao lugar, é que me juntava aos demais naquele tempo festivo...

A igreja do Carmo enchia cada vez mais por conta da missa vespertina que aconteceria. Antes que eu pudesse alcançar a porta lateral para sair de lá de dentro, uma mulher passou e me entregou um santinho de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro em agradecimento a uma promessa feita e à graça por ela alcançada. Com o santinho em mãos, lembrei-me de que na entrada dessa mesma igreja, na quinta-feira da Semana Santa do ano de 2009, eu recebia das mãos de uma outra mulher, um outro santinho que trazia impresso a Oração da Prosperidade.

Antes de retornar à Catedral do Pilar para assistir ao Depósito do Senhor dos Passos, percorri durante um tempo as ruas do Centro Histórico. O movimento apressado do comércio pela manhã na margem direita do córrego cedeu lugar às mesas espalhadas nas calçadas dos bares da margem esquerda que abriam as suas portas e já atraíam uma grande quantidade de pessoas que pareciam não se impressionar com o acontecimento religioso de grande relevo hi[e]stórico que aconteceria dali a poucas horas.

De volta à Catedral, com o intuito de esperar pelo início da missa solene, ao me aproximar mais uma vez do andor com a imagem velada, notei que a mão que antes segurava a almofadinha que a protegia da cruz fora levemente trocada de posição para acomodar um belo buquê de orquídeas roxas. A cada momento era uma surpresa que se apresentava ante a contemplação de todos!

A uma certa hora, um grupo de turistas adentraram à igreja na companhia de uma guia e, apesar de não estarem ali com um claro propósito religioso, procederam com as suas orações diante da imagem velada, beijaram as fitas do Senhor dos Passos e até recolheram alguns ramos de manjerição colocando-os atrás da orelha. Certamente aquela já seria uma viagem memorável que, além das belas recordações fotográficas, resultaria como fruto da festa, a bênção do Senhor dos Passos que poderia ser eficaz àqueles turistas em algum momento de suas vidas [e que provavelmente não estava incluída no pacote]. Como bem afirmou Duvignaud, a festa “deixa sementes que, mais ou menos tardiamente, agitam os espíritos e perturbam a sonolência da vida comum” (1984, p. 08 apud. Perez, 2002, p. 51-52).

Ao mesmo tempo em que os turistas faziam a sua incursão pelo templo exclamando as maravilhas do barroco mineiro, três senhoras rezavam o terço em voz alta entoando de quando em quando: *Senhor dos Passos, tende piedade de nós!* Outra senhora chegou por uma das portarias laterais da igreja, beijou a cruz e passou por debaixo dela; tudo isso acontecendo ao som dos dobres dos sinos. Havia um movimento cada vez maior de pessoas chegando e tomando os seus assentos para a missa solene. O burburinho que emanava de dentro da igreja misturava-se à reza compassada das senhoras do terço e convivia perfeitamente com o barulho que transcorria da vida citadina de um sábado à noite, das pessoas que andavam animadamente pela rua ou até mesmo de um carro que passou tocando alto uma música funk.

Apesar de o encontro ser comunal, cada um ali vivia a ocasião de um modo bastante íntimo através de suas preces silenciosas, tal como eu, que do mesmo modo rezava para o Senhor dos Passos. Naquele instante eu também compartilhei do sofrimento de ter que carregar a cruz; em alguns daqueles momentos o meu corpo também expressou piedade.

Perto das 19h00min já não havia mais lugares vazios. Muitas pessoas se achavam de pé, inclusive eu, que cedi o meu lugar para que uma senhora pudesse se sentar. No final da cerimônia, esse pequeno gesto foi motivo de grandes agradecimentos por parte da senhora, que até falou ter rezado por mim ao longo da cerimônia... *E olha que eu não faço isso pra todo mundo não*, disse ela.

A missa solene em intenção dos irmãos vivos da Irmandade dos Passos teve início com o cortejo trazendo os irmãos precedidos pela cruz coberta. Todo o trajeto foi devidamente incensado para abrir a passagem para a comitiva eclesiástica e para os

coroinhas que adentraram a igreja e se posicionaram, no altar principal, ao som da Orquestra e do Coro Ribeiro Bastos, conduzidos pela maestrina.

O celebrante convidado da noite tomou a palavra e deu início ao seu discurso, dizendo que a Festa de Passos era uma tradição muito importante para aquela igreja, porque tinha uma hi[e]stória muito longa. A ocasião dessas palavras desvelava uma dupla veneração que coexistia naquela noite: ao Senhor Bom Jesus dos Passos velado a poucos metros do altar principal de onde eram proferidas essas palavras, e ao passado forjado há séculos e, mesmo hoje, mantido naquelas mesmas palavras. A hi[e]stória longa a que o celebrante se referiu era justamente aquela que fora fixada no estatuto da irmandade promotora da festa, que transgredia as regras e que era meticulosamente seguida com obstinação pelos agentes da festa de hoje.

No momento da homilia após a Leitura do Evangelho, o celebrante disse do alto de suas vestes roxas, que *o tempo da Quaresma é o tempo que centraliza a Paixão. O Cristo que padece na cruz, o faz em um ato de amor porque cumpriu a vontade do Pai, ou seja: Deus enviou o Filho à Terra para salvar a humanidade. O tempo da Quaresma é o tempo da contemplação de Jesus.* Por fim, ele disse *Senhor dos Passos ensinai-nos a caminhar os seus passos!*

De fato, e de acordo com a narrativa do sacrifício de Jesus, o princípio de Deus na vida do povo israelita que é narrado no Antigo Testamento, se apresenta como uma efetivação total na pessoa de Jesus Cristo, o seu Filho, passa a ser narrado no Novo Testamento. Foi na existência oferecida ao Filho pelo Pai, que se realizaram todos os mistérios da salvação de Deus. Com a vinda de Jesus, o mistério salvífico do Pai realizou-se através da Páscoa de morte-ressurreição. Dado o projeto salvífico de Deus em seu Filho, o ano litúrgico do catolicismo romano passou a ser estruturado na “pessoa de Jesus Cristo e no Seu mistério celebrado sacramentalmente como ‘memória’, ‘presença’, ‘profecia’” (Barros, 2007, p. 53).

Ao final da missa, a cruz coberta ladeada pelos coroinhas com o incensário e com as velas acesas, conduziu os irmãos dos Passos e os clérigos rumo à porta principal da igreja. Logo depois o padre da Catedral anunciou a todos os presentes que em seguida a Procissão do Depósito do Senhor Bom Jesus dos Passos sairia para a Igreja de São Francisco de Assis. Entretanto, percebendo a agitação dos fiéis, ele logo acrescentou, tentando restabelecer a ordem, que o decorrer da procissão deveria ser

realizado no mais absoluto silêncio, segundo ele, “um silêncio de orações”, pois a imagem que seria conduzida era a de um Cristo martirizado pelo peso da cruz.

A saída do cortejo não se seguiu tão imediatamente como anunciada, dada a preparação da irmandade e dos oficiantes que ocorria nos bastidores. Enquanto isso, muitos fiéis que participaram da celebração aproximaram-se do andor e começaram a tocar na imagem, a beijar as fitas e a rezar. Outros tantos se empenharam em formar uma fila para passar por debaixo da cruz. Não era apenas uma ou duas pessoas, mas uma multidão querendo cumprir o seu gesto devocional ao mesmo tempo, de modo que, em volta do andor, formou-se um pequeno tumulto longe das vistas dos organizadores. Tal como uma regra infringida, a desordem instalou-se em meio a um ritual até então impecavelmente ordenado. Enquanto uma pessoa começava o seu ritual particular de passar por debaixo da cruz, outra a interceptava no meio do processo, querendo realizar a segunda de suas três voltas e era assim que o entremeio entre a missa e a procissão fluía. Aos poucos, cada um ia cumprindo a sua obrigação e acabava por tomar o seu rumo, seja de volta aos bancos para ver o andor sair ou caminhando em direção à rua para ver a imagem passar.

Os irmãos dos Passos também começavam a tomar as suas posições ao redor do andor, agora portando os seus ternos pretos no lugar das opas roxas. “Uma antiga e curiosa tradição da Venerável Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos, mantida ainda hoje, é de que os carregadores das lanternas junto ao andor do Senhor dos Passos são advogados e dos cordões de sustentação de pendão que vai a frente da procissão são médicos” (Viegas, 2002, p. 02). Ainda que não desempenhasse mais o mesmo papel na vida urbana como outrora, a Irmandade dos Passos - mas não somente ela - continuava firme e sustentando, na cidade do século XXI, certos costumes que talvez só tivessem razão de ser na cidade do passado, como essa de manter as lanternas e os cordões a cargo de homens com ocupações hierarquicamente estimadas, e que, hoje, parecem apenas exprimir a posição de *status* daqueles que participam da procissão carregando os objetos sacros.

Do lado de fora, a banda Teodoro de Faria, já disposta, arranhava os primeiros acordes nos instrumentos de metais que chegavam aos meus ouvidos ainda do lado de dentro da igreja. Assim que o andor foi retirado da estrutura de madeira e realocado sob os ombros de quatro irmãos dos Passos dando início ao cortejo, os sinos começaram a estalar em dobres duplos. O cortejo era puxado por homens que seguravam pequenas

tochas formando um corredor que iluminava e, ao mesmo tempo, abria a passagem para o andor. Na dianteira do cortejo estavam os meninos também vestidos com seus ternos pretos e de posse dos incensários, e a comitiva eclesiástica. Ladeando o andor seguiam os homens que seguravam as lanternas e, atrás dele, mais irmãos segurando os bastões.

A procissão alcançou a Rua Getúlio Vargas repleta de pessoas por todos os lados que foram sendo, lentamente, conduzidas ao som das marchas fúnebres e do toque dos sinos. Para poder sair no espaço público com segurança, o velário com a imagem do Senhor dos Passos foi completamente cerrado, destacado e protegido do mundo impuro de fora dos muros da igreja. Ao mesmo tempo, a potência sagrada da imagem em sofrimento era tão grande, que o contato mesmo que visual com ela naquele ambiente passou a ser arriscado; já não era mais possível tratar-se livremente com o Senhor dos Passos do modo como as pessoas fizeram dentro da igreja. Na rua, o sagrado tornara-se ainda mais perigoso, havia que depositá-lo na mais completa clausura até que se chegasse com segurança à outra igreja.

Esse procedimento de segurança realizado com a imagem do Senhor dos Passos evidenciava que o contato com o sagrado envolve um caráter de risco. Como afirma Callois, “a força que o homem ou a coisa consagrados encerram está sempre pronta a derrama-se para o exterior, a escapar-se como um líquido, a descarregar-se como a eletricidade (1988, p. 121).

O sagrado é capaz de suscitar sentimentos de veneração, ao mesmo tempo em que provoca sentimentos de pavor, dado que é dotado de ambiguidade. Se por um lado ele arrebatava e deslumbra, por outro, ele aterra, exigindo cautela com o seu trato. “O sagrado representa, pois acima de tudo, uma energia perigosa, incompreensível, arduamente manejável, eminentemente eficaz. Para quem decida recorrer a ela, o problema consiste em captá-la e utilizá-la da melhor maneira para os seus interesses, sem esquecer de se proteger dos riscos inerentes ao emprego de uma força tão difícil de dominar” (idem, p. 22).

Durante o trajeto, muitas pessoas assistiam à passagem do cortejo das janelas de seus domicílios; poucas eram as casas ou os sobrados que permaneciam indiferentes a esse movimento com suas janelas vazias ou as luzes apagadas. Assim que o cortejo se preparava para atravessar a ponte de pedra próxima à prefeitura municipal, avistei ao fundo, na esquina mais movimentada do Centro, a Ordem Terceira de São Francisco de

Assis esperando o andor com a imagem se aproximar para, então, recebê-lo e, dali, conduzi-lo pelo trajeto final até a Igreja de São Francisco.

Os irmãos que fronteavam a procissão foram, um a um, formando um corredor que deixava a rua livre para que o andor pudesse ser transposto de uma ordem leiga para a outra. Foi interessante observar que essa recepção se passou justamente no ponto nevrálgico do Centro Histórico de São João del Rei, no cruzamento de dois importantes caminhos, a Avenida Tiradentes e a Rua Ministro Gabriel Passos; intercessão que abrigava os bares e os cafés mais frequentados da cidade, que concentrava os principais prédios públicos e que abrigava o único *Shopping Center* da cidade, o *Hills Street Shopping*, “pelo qual se alude (em inglês, a língua global da “modernidade”), às montanhas mineiras [...], assim discursivamente associadas e compatibilizadas com um centro do consumo conspícuo” (Carneiro et. al., 2010, p. 426)

As pessoas que mais cedo pareciam não se impressionar com o acontecimento que ocorria dentro da igreja, tiveram de se ajustar quando ele ganhou as ruas e sacralizou o espaço público, a ponto de fazer com que as portas dos bares permanecessem fechadas até a metade e as mesas da calçada fossem recolhidas até que o andor e a multidão virassem a próxima esquina. Naquele momento eu não sabia responder a questão que se colocava ante mim: se foram os bares que tiveram que se adaptar à passagem da procissão que sempre transcorrerá por ali, ou se foi a procissão que teve que se acomodar às configurações da cidade contemporânea. Possível *Double bind!*³¹

A resposta a essa minha questão veio através da explicação de um morador que disse ser aquele trajeto processional muito tradicional e empregado na maior parte das procissões, não somente do Ciclo da Paixão, como dos demais ciclos festivos do calendário litúrgico da cidade. O trajeto tanto era antigo, que foi delineado tendo como referência as capelas-passos espalhadas pelas ruas por onde os cortejos cruzam, bem como as igrejas. As procissões passavam por esse caminho, então, bem antes da existência dos bares e do comércio da cidade que tomou feições “modernas”, sendo que, na antiga configuração urbana, a rua que hoje acomodava os bares e o *Shopping Center* era mais larga e os passeios mais estreitos, o que favorecia o desdobramento dos

³¹ “Double bind [duplo vínculo, proposto por Gregory Bateson em 1956, refere-se à existência de injunções paradoxais [aporéticas], dupla postulação. Uso aqui na sua acepção derridiana, que remete ao senso da diferença e da indeterminação no que tange à solução e ao fechamento de uma questão de pensamento. Em uma só palavra: indecidibilidade” (Perez, 2011, p. 23).

cortejos. Com o projeto de reconfiguração do território urbano sanjoanense empreendido pelas gestões municipais anteriores [e no qual a construção do *Shopping Center* esteve inserida] várias ruas passaram por uma revitalização, inclusive a Rua Ministro Gabriel Passos, que foi estreitada e, por conseguinte, teve o seu passeio alargado, o que, segundo o morador, deu prerrogativa para os bares explorarem as calçadas, atrapalhando, assim, a passagem das procissões³².

Assim, foi bem em meio ao burburinho que o Senhor Bom Jesus dos Passos foi entregue, pela Irmandade dos Passos, à Ordem Terceira de São Francisco de Assis. Segundo Gaio Sobrinho, “A recepção coreográfica da imagem do Senhor dos Passos pelos irmãos da Ordem Terceira de São Francisco simboliza a prisão de Jesus pelos soldados romanos coadjuvados pela guarda do Templo, no Monte das Oliveiras, donde é Ele levado primeiro a Caifás e depois a Pilatos, para julgamento e condenação” (2001, p. 108). A Ordem Franciscana recebeu a imagem sob um agudo silêncio que foi quebrado pelo som da banda do Exército que tocava a partir daquele momento. Ao longo de todo o trajeto, as bandas executaram somente a Marcha dos Passos, de autoria do compositor local oitocentista Martiniano Ribeiro Bastos. Daquele ponto em diante, a procissão foi acompanhada por uma viatura da polícia militar e por um carro da companhia de trânsito, por se tratar de uma parte do Centro que apresentava um intenso fluxo de veículos.

³² Sobre o atual esforço de reconfiguração do território sanjoanense ver Carneiro et. al. (2010).



Imagem 5: Procissão de Depósito da imagem do Senhor dos Passos - 17/03/2012 (arquivo pessoal).

Àquela altura, os fiéis ainda se mantinham firmes nos passos acompanhando o cortejo. Algumas pessoas mais apressadas andavam bem mais à frente no intento de garantir um bom lugar dentro da igreja, outras, que não se importariam em ficar de pé no momento do desvelamento da imagem, permaneciam leais ao ritmo do andor. Léa Perez delineou em palavras a imagem que eu observava naquele instante, quando disse: “lembro a bela e pungente associação entre andor e dor: an-dor. Andar com dor, andor é dor. Como diz o refrão de uma música muito popular no Brasil: ‘andar com fé eu vou, a fé não costuma falhar’” (2010, p. 19).

Assim que alcançou o Largo de São Francisco, a procissão foi recebida pelos sinos dessa igreja, mesmo sem ter se desvincilhado dos sinos da Catedral do Pilar, que badalavam longe, do outro lado da margem. A igreja iluminada já estava cheia sem mesmo o cortejo ter nela adentrado. Quando o andor atravessou o corredor principal do templo, arrastou consigo uma multidão que esperava mirar uma vez mais, naquele dia, a figura do Senhor dos Passos. Mesmo assim, outras tantas pessoas permaneceram no adro da igreja, ou observando tudo de longe, ou conversando, ou se preparando para irem embora. Eu mesma só consegui um lugar bem apertado na porta e observei à

distância o momento em que, alcançando o altar, a imagem foi desvelada com o mesmo silêncio que a acompanhou por todo o percurso enquanto esteve velada.



Imagem 6: Chegada do Senhor dos Passos à Igreja de São Francisco de Assis - 17/03/2012 (arquivo pessoal).

Retirado o velário e após a oração proferida pelo sacerdote oficiante, a orquestra e o coro encerraram o ato executando o Misere, arranjo musical setecentista do compositor Manoel Dias de Oliveira. Com a imagem pronta para veneração, mais uma vez os fiéis presentes se acotovelaram em torno do Senhor dos Passos para passar novamente por debaixo da cruz e também para pegar os ramos de manjeriço, duas práticas vistas como superstição do povo, pela religião “oficial”.

Isso eu acho que é local, pois eu nunca vi isso em outro lugar não, credices. Então vai misturando tudo, a religiosidade popular, fantasias, então as pessoas acham que têm que passar debaixo da cruz não sei pra quê, pegar aquele raminho lá pra fazer chá, pra perfumar a casa, só porque está no andor eles acham que aquilo é uma coisa... Sagrada, é curioso. Tem até um versinho: “Quem passou pelos pés de rosmaninho, e

não colheu nem um galhinho, da Paixão de Jesus não se lembrou nem um pouquinho”.
É o folclore... (Entrevista com um historiador local - 02/04/2012).

Voltando para a hospedagem percebi que a procissão passou e que a vida noturna dos bares e dos restaurantes voltara ao seu curso habitual. Muitos jovens conversavam na esquina onde, há pouco tempo atrás, só o silêncio conseguia expressar-se. Os rastros da passagem do Senhor dos Passos se faziam sentir no odor do manjericão pelas ruas onde os fiéis passavam de volta para suas casas.

Eu mal assimilara a noite anterior, e o dia 18 de março já havia se aproximado com um início de manhã carregado de rituais, confirmando que aquele era o esperado dia do Encontro. As ruas da cidade ainda estavam vazias naquela manhã de domingo e, aparte a padaria, somente as portas da Igreja de São Francisco de Assis estavam abertas. Entrei no templo e avistei muitas pessoas ao redor da imagem do Senhor dos Passos. Se no dia anterior ela estava envolta por manjericão, naquele, era por rosas, que davam um aspecto ainda mais luxuoso ao andor.

Parei em frente à sala da Ordem e presenciei uma intensa movimentação dos franciscanos com suas vestimentas características se preparando para dar início à Rasoura, termo que designa uma pequena procissão realizada somente ao redor da igreja. Enquanto ali era armada a Rasoura do Senhor dos Passos, o mesmo acontecia na Igreja do Carmo, onde se daria a Rasoura de Nossa Senhora das Dores.

Também no pátio da igreja havia uma grande concentração de pessoas esperando pelo início da solenidade, desde os integrantes da banda do exército, aos irmãos dos Passos, bem como de velhos, de adultos, de crianças e até de cachorros; esses últimos, presença obrigatória em qualquer cena, seja em uma cidade do interior de Minas Gerais, tal como São João del Rei, ou até nas mais recônditas aldeias da África fantasma de Michel Leiris, onde esses animais frequentemente figuravam no relato:

Noite ruim no mercado coberto: incomodado por cachorros e, depois, ao amanhecer, pelos gritos do almani (2007, p. 138)

Esta noite as trombetas soam, ouvem-se cantos longínquos. Latidos também - pois esse barulho irrita os cães -, e um baque seco de madeira, tonel metálico ou cabaça percutidos (idem, p. 160).

Noite conturbada por causa dos cachorros, que cada vez menos fazem cerimônia: agora, vêm até onde estamos, atraídos por um estoque de peixe seco que Griaule comprou para usar como presente, e latem até sob nossa varanda (idem, p. 173).

Na presença desses animais, a pequena procissão saiu então, mais uma vez ao som das marchas fúnebres e dos sinos, que provavelmente despertaram aqueles que aproveitavam a manhã de domingo para descansar. O andor deixou a igreja acompanhado pelos franciscanos que, desde a noite anterior, guardavam a imagem do Senhor dos Passos. Atrás, estava o oficiante de posse do Santo Lenho que, dizem, ser o fragmento da verdadeira Cruz de Cristo alocado em um relicário de prata em formato de cruz romana sob o púlpito roxo, acompanhado do restante dos irmãos.

Tomando todo o espaço externo da igreja, estavam os fiéis. Parecia que os sinos se agitavam ainda com mais vigor em seus dobres duplos comandados, lá do alto das torres, pelos jovens sineiros que observavam tudo lá de cima. A cada dobre mais forte, as fitas roxas de papel crepom se desprendiam do enfeite colocado no badalo e voavam pelo céu até alcançar o chão; uma festa particular para as crianças que assistiam encantadas e acompanhavam com os olhos a leveza das fitinhas pairando soltas pelo ar.



Imagem 7: Saída da Rasoura do Senhor dos Passos da Igreja de São Francisco de Assis - 18/03/2012 (arquivo pessoal).

Somente mais tarde tive conhecimento de que o dobre de sino das festividades de Passos era mais uma característica tida como peculiar, pois incitava um combate entre os sineiros das igrejas do Pilar, do Carmo e de São Francisco para ver quem dobrava o sino com mais intensidade. A disputa pelo melhor dobre chama atenção para o que Mary Del Priori disse a respeito do momento da festa; momento esse que “possibilita o confronto de prestígio e rivalidades, a exaltação de posições e valores, de privilégios e poderes” (1994, p. 37).

Enquanto um agrupamento foi andando lentamente com a Rasoura, fiquei no adro da igreja junto a outros fiéis, acompanhando tudo à distância. Para quem apenas via, todas essas procissões que ocorriam na Festa de Passos podiam, no fundo, parecer apenas “mais do mesmo”; a reprodução de um caminho, a repetição de um repertório musical ou a propagação de uma mesma imagem sacra. Contudo, para quem exercitava o saber olhar, acabava por perceber que cada uma delas possuía singularidades profundas e uma razão de ser criada para cada ocasião em especial. Porém, é válido dizer que o que as tornavam indistintas era a dimensão do luxo, da exibição e do

dispêndio agonístico, característicos das festas religiosas do Centro Histórico e grande motivo de orgulho para os moradores.

Afastando-me da procissão para poder olhá-la de longe, acabei por me aproximar das impressões de quem também acompanhava sem sair do lugar. Isso me permitiu ouvir, por exemplo, a conversa de duas senhoras moradoras da cidade que estavam ao meu lado. Uma delas começou dizendo:

Enquanto eu tiver vida, eu venho a essa festa.

Como resposta, escutou da amiga:

Não existe festa assim em nenhum outro lugar, nem no Vaticano!

O que fez a primeira concordar:

Eu venho aqui desde pequena e é sempre essa mesma beleza....

[A efemeridade eterna do belo. Belo e eternamente efêmero...]

A conversa despreziosamente alcovitada me mostrava que a confiança na continuidade da grandeza do passado era, naquele momento, depositada na emoção de poder viver uma vez mais a beleza barroca da festa de sempre - que se desvelava no luxo dos andores, na impecável estrutura ritual e no estrito ordenamento seguido - mas que encantava como se fosse a primeira vez. Um encantamento que era também um misto de orgulho dado à “autenticidade” de uma festa que ainda perdurava logo em sua própria cidade, no interior de Minas, a despeito de cidades ainda mais antigas e mais tradicionalmente religiosas, como era o caso do Vaticano. Nesse ponto é necessário dizer que todo trabalhador de campo, se é mesmo de trabalho que se trata, é um *voyeur...*

O trajeto do cortejo consistiu somente na passagem pelo Largo de São Francisco, questão de poucos metros, mas que foram, por inteiro, preenchidos pela complacência dos presentes. O olhar contemplativo de cada uma daquelas pessoas não mudara com a virada do Sábado de Passos para o Domingo do Encontro e naquela manhã cinzenta que expusera a nítida imagem da cruz em todas as suas amplas dimensões, parecia que aquele olhar não se deteria até que se chegasse o momento do Encontro.



Imagem 8: Rasoura do Senhor dos Passos ao redor da Igreja de São Francisco de Assis – 18/03/2012 (arquivo pessoal).

A Rasoura adentrou a igreja e assim que o andor foi novamente posicionado de frente para o altar, a missa de domingo teve início em seu tom solene. Ao final dessa celebração, o padre parou diante da imagem devidamente incensada e, convocando os irmãos e os fiéis, todos permaneceram ajoelhados enquanto a orquestra e o coro executaram a *Antífona da Santa Cruz*, de autoria do Padre José Maria Xavier, composta em 1867:

Adoramus te, Christe, et benedicimus tibi:

Quia per sanctam Crucem tuam redemisti mundum.

[Nós Vos adoramos, ó Cristo, e Vos bendizemos:

Porque pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo].

Ao final da tarde, retornei para essa igreja ficando, inicialmente, afastada do altar para observar a circulação geral das pessoas antes da procissão que conduziria ao esperado encontro. Era um vai e vem incessante de gente indo diretamente ao andor e

depois procurando um lugar para se sentar, ou mesmo gente saindo após um breve instante com o Senhor dos Passos para ter com os outros do lado de fora no adro da igreja. A festa é assim: une o homem, como disse Léa Perez, “na circulação geral dos seres”, precisamente porque ela é dom, é consumação e é sacrifício; enfim, “é o ato de produção da vida [...] Essa experimentação do campo do possível coloca em ação ‘solicitações que animam os sentidos que a vida cotidiana não utiliza jamais. Aí começa a festa’” (2002, p. 47-48). O fato era que essa circulação, em algum momento, sempre convergia para o andor do Senhor dos Passos.

Como ainda havia uma grande concentração ao redor da imagem, resolvi chegar mais perto e sentar-me ao lado dela. Definitivamente, eu não me cansava de olhar as pessoas que não se cansavam de dar voltas ao redor do andor, passando por debaixo da cruz; ou mesmo de olhar as pessoas rezando sentadas ou ajoelhadas. Não tinha um só instante em que o Senhor dos Passos permanecia afastado dos olhares dos fiéis que o cercava de comoção.

Uma menina vestida de anjo entrou na igreja acompanhada de sua avó e de sua mãe. Ao avistá-la, foi inevitável me reportar à minha própria infância e ao contentamento que sentia quando minha mãe me vestia de anjo para a coroação de Nossa Senhora, no mês de maio. Colocar aquela túnica e depois arrematar a fantasia com a asa parecia me destacar daquele mundo como se eu realmente fosse dotada de uma potência sagrada que me distinguia dos demais. Dentre outras coisas, era naquilo que consistia o *meu* sagrado (Leiris, 1979, p. 60). Ao ser questionada, mãe da criança disse que vestia a filha de anjo devido à sua própria infância, quando a sua mãe a vestia assim. Desse modo, ela somente estava ensinando a filha o que ela própria aprendeu; precisamente o movimento da duração do fazer corpo [no ensinamento de mãe para filha], no corpo da duração [o ato de se vestir de anjo]. Do lado de fora, esse anjinho encontrou-se com outros que, juntos, brincavam na humana condição de crianças, enquanto esperavam para tomarem o seu lugar na dianteira do trajeto processional.

Os sinos da Igreja de São Francisco, da Catedral do Pilar e da Igreja do Carmo avisavam que era chegada a hora das imagens deixarem as igrejas rumo ao comovente Encontro. Bem à frente do andor, os médicos, tradicionalmente, seguravam o enorme pendão em tecido roxo com as mesmas iniciais das bandeiras que pediam das janelas da igreja - *SPQR* - a ordem da crucificação de Cristo que abria o caminho para a procissão passar. A imagem do Senhor dos Passos era conduzida, além da Ordem Terceira

Franciscana e da Irmandade dos Passos, pela Irmandade do Santíssimo Sacramento, de São Miguel e Almas, de Santo Antônio, do Senhor Bom Jesus do Bonfim e pela Confraria de São Gonçalo Garcia³³. Além deles, “o Bispo, sob rico pálio vermelho, já quase bicentenário, que tem as palas bordadas a fio de ouro com estigmas da Paixão, conduz um relicário contendo um fragmento da verdadeira Cruz na qual Jesus Cristo foi crucificado”, como afirma Viegas (2002, p. 01).



Imagem 9: Adoração ao Senhor dos Passos na Igreja de São Francisco de Assis antes da Procissão do Encontro - 18/03/2012 (arquivo pessoal).

Ao longo do caminho, a imagem do Senhor dos Passos parava em frente aos “passinhos” que perfaziam o trajeto, o mesmo acontecendo com a imagem de Nossa

³³ Já a procissão que conduziu Nossa Senhora das Dores foi acompanhada pela Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, pela Arquiconfraria de Nossa Senhora das Mercês, pela Confraria de Nossa Senhora do Rosário, pela Confraria de Nossa Senhora da Boa Morte e pela Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Montes.

Senhora das Dores em seu caminho. O cheiro forte do incenso já tomava conta de todo o ambiente; àquela altura, praticamente ninguém passava incólume pelo acontecimento que estimulava todo o Centro Histórico e, muito provavelmente, outros bairros da cidade, que enviavam seus moradores e enchiam ainda mais as ruas de vida. E essa vida que transbordava partia de um Filho sofredor e de uma Mãe dolorosa que, cada um no seu caminho, arrastava consigo uma multidão em procissão que logo se encontraria.

Assim que a procissão atravessou a ponte de pedra e alcançou o Largo do Rosário, passei a perceber que as pessoas que acompanhavam o Senhor dos Passos já começavam a se diluir naquelas que acompanhavam a Procissão das Dores. A partir do ponto da Catedral do Pilar, já não se sabia ao certo quem estava acompanhado qual cortejo, sendo necessário, mais uma vez, a presença de uma viatura da polícia para fazer, além da segurança, o apoio logístico da festa. Parei de frente para a Catedral e ao meu lado, um senhor assistia àquilo tudo quieto e abraçado ao seu cachorro que, outra vez, irrompia à cena. Depois que cheguei ao largo que conduz à Igreja das Mercês, vi que as duas procissões haviam se transformado em apenas uma; era uma aglomeração de pessoas que se juntavam ao passo em que as duas imagens se aproximavam. E eis o encontro...

Alcançado o Largo da Câmara, observei que a praça havia se transformado em uma grande festa, agora em seu aspecto desprovido de luxo e de pompa comumente visto nos eventos da igreja e capitaneados pelas irmandades: eram os vendedores de pipoca, de algodão doce, de balão, de maçã do amor, de mini pizza, de churrasquinho e até de bebidas alcoólicas os responsáveis por abastecerem a multidão ávida pelo Encontro [e por uma boa diversão].

Ontem até, minha sobrinha foi na procissão e chegou contando que tinha um vendedor, ele tava lá com churrasquinho, não sei o quê, e um monte de bebida... Run, não sei o quê; eu falei que deve ser resto do carnaval...

(Entrevista com morador - 19/03/2012).

Diante daquele quadro preparado aos pés da escadaria da Igreja das Mercês, o que era de mais sagrado esperado finalmente aconteceu. Já findado o dia, Mãe e Filho se descobriram frente a frente, em alusão ao encontro no Calvário. Esse “ápice emocional” a que todos os presentes chegaram, uns na companhia da Mãe e outros, na

companhia do Filho era principalmente como disse Léa Perez, “um encontro de amor, que marca o advento do derradeiro encontro com o Pai celestial. Um corpo que se entrega para libertar o corpo humano do pecado. Um corpo que se transmuta, pelo sacrifício da morte física, em corpo divino, fundido na Santíssima Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo)” (2010, p. 20-21). Esse encontro falava então, mais do que qualquer outra coisa, sobre o amor e sobre a dádiva: da Mãe com relação ao Filho, do Filho com relação à humanidade, da humanidade, que ali estava na viva participação dos fiéis, com relação às divindades.

Os trajetos que foram um a um sendo vencidos nas vias dolorosas acabaram por conduzir ao último Encontro daquela noite. O último Encontro que também era o último caminho que conduziu Jesus tal como um cordeiro servil em direção ao seu horizonte de morte. A partir dali o sacrifício só não seria consumado porque a cidade optou por transgredir a ordem da narrativa para seguir com uma outra ordem em seu lugar. Nos próximos dias, Jesus ainda apareceria triunfante em comemoração pelo seu ingresso em Jerusalém.

O celebrante começou a pronunciar o sermão que relembra esse acontecimento carregado de amor e de dor para pessoas atentas às suas asseverações, mesmo que [e talvez justamente porque] às voltas com um saquinho de pipocas em mãos. Como ninguém é de ferro, o momento também era propício para as crianças, que brincavam sem parar, e também para os casais que aproveitavam para namorar. As palavras proferidas pareciam chegar a todos, inclusive a alguns enfermos que ouviam atentamente o sermão das janelas do Hospital das Mercês. Após o Encontro, a grande procissão seguiu o seu curso rumo à Catedral do Pilar, não sem antes passar pelos “passinhos” restantes no caminho. Uniram-se a esse grande cortejo, todas as irmandades, as confrarias, as arquiconfrarias e as ordens terceiras de São João del Rei, cada qual revestida por sua insígnia e na disposição hierarquicamente prescrita. Como era de amor que se tratava Nossa Senhora das Dores abdicou da sua primazia de mãe concedendo a cabeceira da procissão ao Filho sofredor, de modo que o andor do Senhor dos Passos seguiu à frente todo o restante do trajeto.

Assim que os dois andores adentraram a igreja, deixaram para trás um rastro de gente que não conseguiria sequer um ínfimo espaço para assistir ao Sermão do Calvário que seria proferido. As ruas ao redor da Catedral continuaram completamente

preenchidas quando, lá dentro, iniciado o sermão, descortinou-se ante o olhar de todos, a cena do crucificado no altar-mor.



Imagem 10: Momento do encontro das imagens do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores no Largo das Mercês - 18/03/2012 (arquivo pessoal).

A Festa de Passos do ano de 2012 findou com as últimas horas do dia 18 de março. Mais um ano havia se passado com a confiança de que a tradição fora devidamente seguida, sem que a festa sofresse qualquer modificação de monta. O compromisso hi[er]stórico fora rigorosamente cumprido e “mantido” pelas mãos dos que ali estiveram presentes. A Festa de Passos esvaiu-se na bruma daquela noite, mas não desfez consigo o tempo da Quaresma, que continuaria firme até que a próxima ocasião do Ciclo da Paixão irrompesse anunciando a Semana Santa.

Foi precisamente durante o período que ainda perdurava no calendário festivo, que o Ciclo da Paixão trouxe consigo o início do outono. O equinócio ocorrido em 20

de março de 2012 definiu a mudança de estação marcando também o fim do verão. Essa variação sazonal vinculada ao ciclo solar é definidora para esse ciclo festivo. Seguindo forte influência judaica, cujo calendário festeja a Páscoa na primeira lua cheia da primavera do hemisfério norte - mês de *Nisã* - que no hemisfério sul corresponde à primeira lua cheia do outono, a Páscoa cristã é celebrada no primeiro domingo posterior à primeira lua cheia, ou seja, no primeiro domingo após a comemoração da Páscoa dos judeus.

Mesmo que o equinócio de outono sele essa importância determinante - posto que institui o próprio tempo da festa - a mudança de estação no hemisfério sul tropical, de um modo geral, não se faz sentir tão profundamente marcante quanto as variações sucedidas no hemisfério norte, especialmente entre as estações do inverno e do verão. No caso do inverno então, que é longo e pesado no norte, a mudança não diz respeito somente ao tempo, mas também à morfologia que se desvela mais profunda; é donde sobrevêm as expressões de paroxismo, de incerteza absoluta e de caos. Seguindo Mauss e o seu estudo sobre as variações sazonais entre os esquimós, se comparado ao verão, o inverno é o tempo do sagrado, da festa e da comunhão, sendo aquela outra estação, portanto, marcada pelo profano, pelo trabalho e pela dispersão. “A vida social dos esquimós submete-se assim a uma espécie de ritmo regular. Ela não é, nas diferentes estações do ano, igual a si mesma. Tem um momento de apogeu [momento da festa] e um momento de hipogeu [momento do trabalho]” (Mauss, 2003a, p. 499).

Contudo, e ainda que o vento de inverno não sopra entre nós, como disse Callois, trazendo um tempo lento e profundo, mas não menos arrebatador, em contraposição ao verão, o ciclo festivo da Paixão de São João del Rei em sua coincidência com a chegada do outono tem nas águas das chuvas o seu conduto, em oposição ao período de estiagem (1979, p. 73). O Ciclo da Paixão está, portanto, envolto pelas frentes chuvosas que precipitam lavando as cidades, transbordando os rios e fechando o verão, tal como se cantou a propósito das águas de março. É precisamente a temporada de chuvas que delineia o tempo festivo, mesmo com todos os inconvenientes que isso possa causar como, por exemplo, o receio das irmandades em expor as imagens do século XVIII às intempéries climáticas quando essas saem em procissão pelas ruas.

E mesmo que ocasionando esses imponderáveis, as nuvens chuvosas que colorem o ciclo festivo de cinza, inclusive no início do outono - já que essa é uma estação que transita entre o verão chuvoso e o inverno seco - conformam uma atmosfera

propícia à interiorização própria há esse tempo festivo, tal como deixou escapar um dos entrevistados a respeito do seu próprio sentimento experimentado nesse ciclo festivo:

Eu, por natureza sou um tipo meio místico, meio calado, meio contemplativo, sabe? Então pra mim a época mais bonita de São João del Rei é exatamente a Quaresma e a Semana Santa, porque ela tem um cunho de intimidade, de introspecção, de meditação... E também está começando o outono né? A estação mais própria para essa, esse sentimento de tristeza ou de saudade...

(Entrevista com um morador - 02/04/2012).

E foi exatamente no princípio de um outono chuvoso que na V semana da Quaresma, passada a Festa de Passos, as comemorações temporariamente mudaram de eixo. Ao longo daquela semana a ênfase litúrgica não incidiria mais sobre o Filho, mas sobre a Mãe, a figura dolorosa de Maria que prosseguia com o coração transpassado pelas espadas. Era o Setenário das Dores de Nossa Senhora que, semelhante às novenas feitas em outras festividades, meditariam sobre cada uma das sete dores suportadas por Maria. Porém, diferentemente das novenas, o Setenário era todo orquestrado por arranjos musicais de compositores locais setecentistas e cantado em latim que, junto à composição ritual como um todo, realmente fazia parecer que se estava diante de uma cerimônia de séculos passados.

Assim, sempre que terminada a missa das 19h00min, o cerimonial do Setenário era dirigido à imagem de Nossa Senhora das Dores, posicionada no altar-mor e agora enfeitada com ramos de arnica, uma planta com extensas propriedades curativas que, dada a sua qualidade antiinflamatória, ajuda no processo de mitigação justamente das dores corporais.

Durante a execução dos motetos, os irmãos dos Passos conduziam o celebrante até o púlpito, de onde eram proferidas as pregações. De acordo com Gaio Sobrinho, “conserva-se ainda o costume de, para essas pregações, se utilizar o púlpito do lado do evangelho da igreja Matriz, fato que confere ao pregador uma aura daquele respeito de que se rodeavam os grandes oradores sacros do passado. A todo esse efeito barroco da cerimônia, acresce a letra das orações e dos cantos [...] de uma profunda tristeza e ancianidade” (2001, p. 110).

A cada dia da semana, o complexo ritual se repetia para cada uma das sete dores que eram consideradas e, após a pregação, o celebrante retornava para o altar e, ajoelhado, rezava a oração referente a cada dor:

Em memória...

... da primeira dor e aflição que sofreu Maria Santíssima, quando, oferecendo seu Filho no Templo, ouviu dizer o velho Simeão que uma espada de dor havia de traspasar seu coração.

... da segunda dor, das necessidades e temores que teve a senhora, fugindo para o Egito perseguida de Herodes.

... da terceira dor, da tristeza e turbacão que teve a Senhora, perdendo a seu amado Filho, vindo do Templo de Jerusalém.

... da quarta dor, da amargura que teve a Senhora, encontrando seu amado Filho, com a pesada cruz nas costas.

... da quinta dor, da agonia que teve a Senhora, por ver morrer seu Filho crucificado entre dois irmãos.

... da sexta dor, da angústia que teve a Senhora quando baixaram o corpo de seu Filho da Cruz, e lho puseram em seus braços.

... da sétima dor, da soledade que teve a Senhora, ficando sem filho, nem vivo, nem ainda morto (Piedosas e solenes tradições de nossa terra, 1997, p. 72-73).

O Setenário das Dores culminou com mais um cortejo pelas ruas do Centro Histórico, a chamada Procissão de Nossa Senhora das Dores, uma das celebrações vistas como “das mais genuínas e místicas da tradição religiosa de São João del Rei”

(Gaio Sobrinho, 2001, p. 110)³⁴. No dia 30 de março a procissão saiu da Catedral do Pilar percorrendo o mesmo trajeto das demais procissões, entre elas a do Encontro, também parando nos “passinhos”. Recolhida a procissão no interior da Catedral, e proferido o Sermão da Soledade, oficialmente estavam encerradas as Comemorações dos Passos do ano de 2012.

Era antevéspera do Domingo de Ramos e logo uma outra estação do mesmo ciclo estaria por vir. Talvez uma festa ainda mais admirável que essa - se é que isso seria possível. Era a Semana Santa que se aproximando e, com ela, a efetivação do sacrifício do Filho de Deus.

³⁴ Quando o autor disse que a comemoração era uma “genuína tradição religiosa de São João del-Rei”, talvez ele quisesse dizer realmente o que disse, ou seja, que o Setenário é uma tradição religiosa da cidade como um todo e não apenas do seu Centro Histórico, como muitas aqui reportadas o são. Isso porque a Paróquia do Senhor Bom Jesus de Matozinhos, no bairro Matozinhos, para citar um exemplo, também tem em sua preparação para a Semana Santa o Setenário das Dores e a Procissão de Nossa Senhora das Dores, no mesmo período. Por outro lado, as palavras do autor talvez quisessem atribuir a autenticidade dessa tradição apenas ao modo como ela é realizada na Catedral do Pilar do Centro Histórico, ou seja, utilizando-se dos elementos do passado colonial, tal como as composições musicais, a celebração em latim, a pregação no púlpito, etc.

PARTE II

SACRIFÍCIO E DOM DE SI

XI Estação: Jesus é pregado na cruz

Chegando a um lugar chamado Gólgota - que quer dizer 'Lugar do Crânio' -, deram-Lhe a beber vinho misturado com fel. Mas Jesus, quando o provou, não quis beber. Depois de O terem crucificado, repartiram entre si as suas vestes, tirando-as à sorte, e ficaram ali sentados a guardá-Lo (Mt, 27, 33-36).

06 de abril de 2012

Após o Sermão, dois sacerdotes sendo, cada um, José de Arimatéia e Nicodemos, iniciaram o lento desprendimento de Jesus da cruz. Logo em seguida, foi depositado no esquife. Todos que ali olhavam atentos aos mínimos gestos executados, olhos fixos na imagem do Senhor Morto, olhos de comoção pelo deus sacrificado. Por um instante ninguém se mexeu; na cruz já não restava mais o corpo. Muitos choravam.

De repente, a Verônica, em seu negro luto, entoou o canto de lamento, revelando a todos o Sudário manchado pelo sangue da face do deus morto. Sem pressa, a mulher guardou o tecido e se calou. A matraca começou a tocar e a procissão principiara.

Assim que a matraca tocou, desde lá de baixo até em cima, foi-se abrindo um corredor para a passagem do cortejo. Tudo orquestrado sem o mínimo barulho, já que todos ainda estavam acometidos pela emoção do sacrifício.

Os irmãos das diversas associações leigas tomaram a dianteira da procissão e foram preenchendo o espaço antes aberto, formando uma fileira por onde passaram os soldados romanos e os figurados do Velho e do Novo Testamento. Logo atrás os coroinhas atravessaram o caminho purificando-o com os incensários a fim de dar passagem ao andor com a imagem das três Marias, precedidas pelo esquife do Senhor Morto protegido pelo pálido e coberto por uma de renda preta.

Apesar do grande número de pessoas envolvidas, tudo foi feito no mais absoluto silêncio, só quebrado pela marcha fúnebre executada pela Banda Teodoro de Faria e pelo lamentoso canto da Verônica em determinados pontos do trajeto.

*Procissão do Enterro
A Verônica estende os braços
E canta
O pálio parou
Todos escutam
A voz da noite
Cheia de ladeiras acesas*

Oswald de Andrade

No dia 01 de abril de 2012, o som dos sinos se encarregava de lembrar à cidade que mais um dia festivo finalmente havia chegado. A importância daquele dia não residia apenas no fato de ser nele a entrada para o quarto mês do nosso calendário civil, mas, sobretudo, porque foi nele que no ano de 2012 sobreveio o Domingo de Ramos, a data que inaugura o tempo festivo da Semana Santa. A semana que esse dia inicia é aquela aonde as celebrações pelo sofrimento e pela morte de Cristo chegam ao seu mais alto grau, especialmente nos dias finais que conformam o chamado Tríduo Pascal, período anterior ao dia da Páscoa. Ademais, as comemorações passam, a partir de agora, a cargo da Irmandade do Santíssimo Sacramento que promove a festa desde a sua fundação, em 08 de fevereiro de 1711, “com toda pompa que o ato merece” [segundo determinação dos Livros de Compromisso dos séculos XVIII e XIX]. E a pompa do ato era [e ainda é] aquela de um luxo desmedido que instiga e ao mesmo tempo deslumbra, tamanha magnificência conferida à festa.

Logo cedo fui em direção ao Largo do Rosário com a finalidade de assistir à Bênção e a Procissão de Ramos na Igreja de Nossa Senhora do Rosário. De acordo com os Evangelhos sinópticos [de Mateus, de Marcos e de Lucas], a entrada triunfante de Jesus em Jerusalém ocorreu por volta da semana anterior ao dia de Sua ressurreição; de modo que essa ocorrência é festejada no domingo prévio àquele da Páscoa. Esses relatos narram que diante o acontecimento da chegada de Jesus, o povo festivamente estendeu os seus mantos, bem como, espalharam ramos de palmeiras pelo caminho exclamando: *Hosana nas alturas! Bendito o que vem em nome do Senhor.*

Enquanto a missa dominical seguia no interior da Igreja do Rosário repleta de pessoas que despontavam porta afora, no prolongamento do largo alguns cursilhistas responsáveis pela organização da festa já distribuía os ramos de palmeira para as pessoas que ali se encontravam. De repente um homem que estava parado no muro frontal da igreja falou que era para eu não me esquecer de pegar o ramo. Sem discutir tal

imperativo, fui até um dos cursilhistas que entregavam a planta e tratei de garantir a minha.

Aproximei-me do senhor que havia me chamado a atenção para a aquisição da palmeira, que me explicou que, no momento em que for abençoado, o ramo tornar-se-ia útil para as possíveis situações difíceis da vida caso algum mal se abatesse sobre mim. Se alguma eventualidade porventura se instalasse seria necessário, então, queimar o ramo e pedir a Deus para livrar-me do flagelo vivido.

O livro *Piedosas e solenes tradições de nossa terra*, também chama atenção para o poder do ramo abençoado receitando para que os fiéis “levem e guardem estes ramos bentos em seus oratórios, pois são [...] objetos dignos de toda veneração e cujo uso respeitoso [...] podem trazer muitas graças de Deus às pessoas e lugares que os guardam” (1997, p. 79). Além disso, a eficácia do ramo se estende para além do humano, se disseminando também para alguns objetos tal como os sinos das igrejas. Em São João del Rei os fundidores de sinos tradicionalmente queimam o ramo bento junto ao bronze fundido, e “rezam pedindo a perfeição do sino [...] para chamar os fiéis à oração” (idem, p. 79).

Com o ramo em mãos resolvi caminhar pelo largo com o intuito de participar da solenidade junto aos demais, naquela ensolarada manhã de domingo. Ainda não era perceptível a quantidade expressiva de estrangeiros que a Secretaria Municipal de Cultura e Turismo tanto proclamava, de posse dos seus números e das suas estatísticas, como a reportagem deixa entrever³⁵.

³⁵ Reportagem “Turismo e fé se misturam na Semana Santa em São João del-Rei”, veiculada em 29/03/2012 no jornal Gazeta de São João del-Rei. Disponível em: <http://www.gazetadesaojoaodelrei.com.br/site/2012/03/tradicao-da-semana-santa-comeca-amanha/quadro1/>.

EXPECTATIVA É DE MAIS 40 MIL PESSOAS PARTICIPANDO DAS CELEBRAÇÕES

Como não poderia ser diferente em uma cidade como São João del-Rei, que eleva a fé com venerações e procissões durante o ano inteiro, a Semana Santa atrairá alto número de pessoas que participarão das adorações no município durante o feriado.

De acordo com o presidente da associação da rede hoteleira da cidade, Joel Domelas da Silva, cerca de 80% das vagas dos hotéis e pousadas já estão reservados para o Dia Santo.

“Devido à forte religiosidade, a Semana Santa é o época que mais atrai pessoas para São João del-Rei, seguida do Carnaval e do mês de julho. A expectativa é de que a ocupação dos quartos chegue a 100%”, comentou.

A secretária de Cultura e Turismo da

cidade, Ana Luíza Capel, Nina, concordou e completou. “Temos estimativas de que entre 40 mil e 50 mil pessoas participem das comemorações durante toda a semana, incluindo visitantes e moradores. Cerca de 2 mil leitos devem ser ocupados nos hotéis e pousadas de São João, isso sem contar as pessoas que vêm e voltam no mesmo dia ou que se hospedam em casas de parentes e amigos”, lembrou.

Nina ainda comentou que a vinda de turistas para São João é importante, pois ajuda a reforçar a culto religioso e o desenvolvimento econômico do município. “Com a visita de pessoas de outros lugares podemos divulgar nossa cidade e preservar a cultura e religião aqui existentes, além de movimentar o nosso comércio”, finalizou.

Adiante, o período do Tríduo Pascal que acomoda um feriado prolongado seria aquele em que esse número de estrangeiros, entre os turistas e os filhos ausentes - os estrangeiros na própria terra - seria prontamente computado. Entretanto, a ocasião do Domingo de Ramos ainda se assinalava em um nível mais íntimo e mais comunitário, que se caracterizava pela participação predominante daqueles moradores residentes do próprio Centro Histórico, já que os outros bairros da cidade também estavam procedendo esse mesmo ritual em suas respectivas paróquias, naquela manhã.

Os presentes compartilhavam da ocasião empunhando os seus ramos à espera da bênção que seria dada pelo Bispo Diocesano. Havia muitas crianças acompanhando seus pais e parecia que aquele momento era para elas um divertimento; muitas também seguravam os seus ramos e algumas aproveitavam a ocasião fazendo-os de espadas em seus combates imaginários. Cada vez mais, as crianças irrompiam em meu campo de observação e muitas vezes eu me descobria imersa em seus sinais, em suas brincadeiras e em seus olhares... Como disse Leiris com relação ao seu trabalho de arquivista na missão Dakar-Djibuti na África, “é muito mais agradável trabalhar com as crianças do

que com os adultos: elas, em sua maioria, são realmente muito inteligentes e muito vivas” (2007, p. 119)³⁶.

De súbito, todos aqueles que tinham em suas mãos um ramo se aproximaram do portão principal da igreja. A cruz processional de madeira com dois galhos de palmeira nela atrelados ficou parada na saída, anunciando que o Bispo logo surgiria. Assim que a comitiva eclesiástica apareceu nas escadas da Igreja do Rosário, os sinos que também estavam adornados com as folhas de palmeira começaram os seus dobres agitando o ornamento com as tiras de papel crepom na cor branca.



Imagem 11: Bênção dos Ramos em frente à Igreja do Rosário – 01/04/2012 (arquivo pessoal).

Enquanto o Bispo fazia a água benta molhar as plantas, os ramos se estendiam em direção ao céu e as cabeças se curvavam em direção ao chão, aceitando respeitosamente a bênção oferecida debaixo do sol escaldante. Algumas pessoas optaram por assistir a tudo distantes da onda em verde que se formava ao redor do Bispo preferindo as calçadas que as presenteavam com uma aprazível sombra projetada dos sobrados. Havia pessoas que levavam não um ramo de palmeira apenas, mas um punhado deles para ser abençoado. Seriam eles a ajudar na travessia de mais um ano

³⁶ Flávia Pires promoveu um estudo pioneiro na antropologia brasileira, tendo como referência o ponto de vista das crianças em *Quem tem medo do mal-assombro? Religião e infância no semi-árido nordestino* (2011).

que, se difícil, ao menos poderia ser apaziguado pela planta abençoada que parecia ter o poder de neutralizar as moléstias, pois “é do sagrado, com efeito, que o crente espera todo o socorro e todo o êxito”, já nos disse Callois (1988, p. 22).

Depois que a aglomeração se dispersou da porta da igreja, demorou ainda um tempo até que a Procissão de Ramos saísse em direção à Catedral do Pilar. O cortejo preparou-se no mesmo lugar onde há pouco, as pessoas receberam suas bênçãos. A cruz processional saiu à frente rodeada pelas velas acesas e acompanhada pelos irmãos do Santíssimo Sacramento e pelos irmãos da Confraria de Nossa Senhora do Rosário, que formavam duas fileiras. Entre a ala das ordens leigas estavam os coroinhas segurando os ramos de palmeira e, atrás deles, as vozes do coro responsáveis pelos cantos em latim do decorrer do trajeto. Logo atrás, a comitiva religiosa vinha ladeando o Bispo que trocara os seus paramentos roxos da Festa de Passos pelos vermelhos, a cor da ocasião. Naquele trajeto não havia nenhuma imagem para ser seguida. A procissão, que era somente dos ramos de palmeira, rapidamente atravessou o Largo do Rosário chegando à Catedral onde os fiéis entraram para assistirem à missa solene.

Sentei-me na parte de trás, distante do altar principal, mas não deixei de perceber que certas características marcavam a diferença do tempo festivo: o altar mor havia sido decorado com mais palmeiras, entre folhas grandes e folhas pequenas, e a imagem do Senhor do Triunfo imperava na nave, esperando para sair na procissão em sua homenagem. Entretanto uma coisa permanecia inalterada: o velamento dos altares pelos tecidos roxos.

Quando a missa teve início o sentimento de exultação que deu o tom à Procissão de Ramos pela lembrança da entrada de Jesus em Jerusalém deu lugar a um súbito sentimento de tristeza relativo ao sofrível acontecimento da Paixão de Cristo. De fato, e de acordo com a liturgia prescrita para esse dia, o Domingo de Ramos manifesta justamente esses dois anseios distintos, sendo o primeiro de alegria por meio da bênção e da procissão de ramos que lembra o cortejo triunfal que conduziu Jesus a Jerusalém e o segundo, de tristeza, que é acentuado justamente pela missa contendo leituras e salmos relativos ao episódio da crucificação de Jesus. Ou seja: a partir daquele momento a lembrança do sacrifício não seria esquecida nem por um instante sequer, tornando-se a principal cena da dramatização ritual desse tempo do Ciclo.

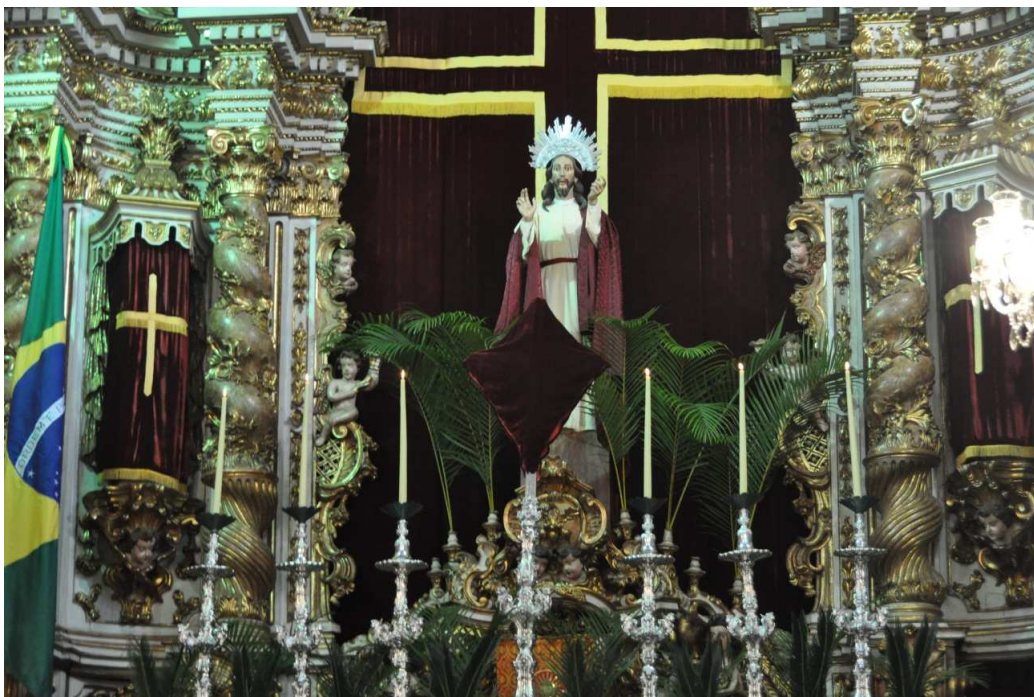


Imagem 12: Altar da Catedral do Pilar preparada para o Domingo de Ramos - 01/04/2012 (arquivo pessoal).

A missa tomou ares ainda mais melancólicos quando o Canto da Paixão foi entoado, cujos arranjos musicais datados de 1872 eram de autoria do compositor sanjoanense Padre José Maria Xavier. Além do ar de tristeza que recaía sobre a igreja, o Canto da Paixão era um daqueles momentos ritualísticos do ciclo festivo extremamente ordenado que parecia transportar para os confins do passado de onde despontou. Inteiramente em latim, o Canto era proferido em gregoriano pelo celebrante que permanecia no altar mor e ainda por dois coroinhas que subiram cada um para um dos púlpitos localizados acima das entradas laterais, sendo todos eles acompanhados pela Orquestra e pelo Coro em passagens determinadas³⁷.

Muito longa e arrastada e em até certo ponto cansativa, a solenidade do Canto da Paixão se desvelava como um exercício de provação e de fé para os devotos que a acompanhavam. Em seu decorrer, observei que muitas pessoas não aguentaram e foram embora no meio do ritual. Entretanto, a maioria prosseguiu; ou ficando sentadas

³⁷ A paróquia de Nossa Senhora do Pilar possui uma Associação de Coroinhas chamada Dom Bosco, fundada há 40 anos por um antigo padre da Catedral. Hoje a Associação conta com 70 membros com idades variadas, mas chegou a ter cerca de 120 membros em épocas passadas, configurando-se como um importante dispositivo na difusão da ideia de preservação das tradições religiosas da cidade, já que ela se dedica ao ensino e à manutenção do canto gregoriano, um dos elementos mais importante dos ofícios da Semana Santa, em São João del Rei.

enquanto a oração era cantada ou insistindo em acompanhá-la de pé, vencendo o cansaço das pernas e dos pés em uma verdadeira experiência de sacrifício do corpo que aumentava a sua amplitude à medida que o sacrifício do deus se aproximava.

Um menino brincava despreocupadamente com o seu ramo dentro da igreja e sem ter a noção daquilo tudo, também fazia parte da ocasião que revivia a morte do deus levado por sua mãe que ora o observava ternamente, ora o repreendia com severidade dada a exaltação das brincadeiras. Uma menina, não muito longe do assento da outra criança, batia palmas nos momentos em que a orquestra entrava com os seus acordes sacros. Uma vez mais, reportando a Leiris e à sua experiência na África, “as crianças dão uma impressão de alegria e de vida que eu não encontrei em parte alguma. Isso me emociona profundamente” (2007, p. 74).

Em determinado momento da celebração, todos se ajoelharam em um só compasso; inclusive o menino que antes brincava com o ramo, foi compelido a curvar-se contrariado ante o ordenamento da mãe. O motivo de tal gesto deveu-se à lembrança do sacrifício. Fez-se então, um silêncio que durou alguns poucos segundos e que só foi quebrado pelo levantar dos corpos que tiveram de se readaptar à posição anterior assim que o canto gregoriano recomeçou.

Quando o Canto da Paixão chegou ao fim e a missa solene dominical retomou o seu curso, algumas pessoas deixaram a igreja como se a missão que as conduziram ali naquela manhã já tivesse sido, por hora, cumprida. O Canto da Paixão seria ouvido uma vez mais na Sexta-feira da Paixão na cerimônia que sela a hora do sacrifício. Àquela altura o menino que antes brincava, foi também vencido pelo cansaço e repousava tranquilamente no colo da mãe; porém, sem deixar de atentar para o ramo de palmeira que ainda jazia firme em suas mãos.

Ao final da missa solene com todos já visivelmente fatigados pelo alvorecer densamente ritualístico, o padre da paróquia do Pilar pronunciou um discurso desvelando o tempo da Semana Santa ao dizer que *a partir de hoje, todos devem viver intensamente esse mistério e acompanhar passo a passo o Senhor Jesus em Sua caminhada rumo à crucificação. A partir dessa celebração, a Paixão de Cristo se consumará e todos nós somos ativos participantes desse momento.*

A crucificação do Filho de Deus que logo seria consumada, mas que já era elaborada a pouco mais de quarenta dias naquele multiverso religioso, se desvela como a apoteose do sistema sacrificial, já que a vítima oferecida em sacrifício não é nada

mais, nada menos, do que a própria divindade. Ao pensarem a respeito de uma definição sobre o que seja o sacrifício, Henry Hubert e Marcel Mauss acabaram por concluir que o sacrifício se confunde com a própria noção de consagração, já que “em todo sacrifício um objeto passa do domínio comum ao domínio religioso - ele é consagrado” (2005, p. 15). Porém, no caso do sacrifício da divindade a consagração é de outra natureza, pois nele, “a vítima se acha investida de um máximo de santidade que o sacrifício organiza e personifica” (p. 87). Em todo sacrifício o objeto tem algo de divino; porém, nesse sacrifício em particular, a vítima a ser destruída já se encontra de antemão, imersa no domínio sagrado posto que é o próprio deus.

De tal modo, “é no sacrifício de uma pessoa divina que a noção de sacrifício chega à sua mais alta expressão (idem, p. 85). O sacrifício do deus é como disse Perez, precisamente “o *corpus* mítico-místico-ideológico do catolicismo: um deus que se faz corpo (*Kenosis*) e que dá seu corpo em sacrifício (dádava oblativa de si) para a salvação espiritual da humanidade” (2010, p. 10). Esse sacrifício se torna então, a condição primeira para se operar o mistério da ressurreição, um dos pilares centrais da doutrina cristã.

Recuemos um instante à hi[e]stória que antecede o sacrifício...

Do ponto de vista dos Evangelhos sinópticos, Jesus se direcionou para Jerusalém a fim de celebrar a Páscoa judaica, de festejar a “passagem” junto aos seus discípulos. Foi na *Pessach* no mês de *Nisã*, que o Filho de Deus celebrou a Santa Ceia, aquele que é o sagrado momento em que sela o seu destino rumo à destruição. Esse é o momento da instituição da Eucaristia, em que a vítima-deus comunga a sua própria morte. A Leitura da Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios comunica a ocasião:

Na noite em que foi entregue, o Senhor Jesus tomou o pão e, depois de dar graças, partiu-o e disse: “Isto é o meu corpo que é dado por vós. Fazei isso em minha memória”. Do mesmo modo, depois da ceia, tomou o cálice e disse: “Este cálice é a nova aliança, em meu sangue. Todas as vezes que dele beberdes, fazei isso em minha memória”. Todas as vezes, de fato, que comerdes deste pão e beberdes deste cálice, estarei proclamando a morte do Senhor, até que ele venha (Cor., 11, 23-26).

A instituição da Eucaristia, sendo o prenúncio da imolação é explicitamente concebida pela igreja católica como um “sacrifício incruento” e vivido mais uma vez a

cada missa celebrada. “Todo o culto cristão é uma celebração contínua da páscoa: o sol que continua a crescer sobre a Terra arrasta atrás dele um rastro de Eucaristia que não se interrompe nem por um só instante, e a cada missa celebrada, é a páscoa que se prolonga” (Boyer, 1950, p. 09)³⁸.

Essa refeição ritual presidida por Jesus é o momento em que foi professada a “Nova Aliança”, ou seja, uma outra ordem de ligação pelo sangue derramado em sacrifício, já que na Páscoa judaica a observância residia na imolação dos cordeiros. O sacrifício do cordeiro pascal apresentava um duplo e importante aspecto ritual para os judeus: era através de sua consagração que emergia a comensalidade ou a refeição comunal e era por meio dele que se selava a aliança pelo sangue. Nesse segundo ponto, a Páscoa judaica se apresenta como a festa do sangue iniciático, já que o sangue dos cordeiros imolados destinava a poupar o povo eleito de ser vítima da cólera divina contra os opressores de Israel.

A Primeira Leitura extraída do Livro do Êxodo expõe o ritual da ceia pascal judaica que incide em um sacrifício animal:

Naqueles dias, o Senhor disse a Moisés e a Aarão no Egito: Este mês será para vós o começo dos meses; será o primeiro mês do ano. Falai a toda comunidade dos filhos de Israel, dizendo: “No décimo deste mês, cada um tome um cordeiro por família, um cordeiro para cada casa. Se a família não for bastante numerosa para comer um cordeiro, convidará também o vizinho mais próximo, de acordo com o número de pessoas. Deveis calcular o número de comensais, conforme o tamanho do cordeiro. O cordeiro será sem defeito, macho, de um ano. Podereis escolher tanto um cordeiro, como um cabrito: e deveis guardá-lo preso até o dia catorze deste mês. Então toda comunidade de Israel reunida o imolará ao cair da tarde. Tomareis um pouco do seu sangue e untareis os marcos e a travessa da porta, nas casas em que o comerem. Comereis a carne nessa mesma noite, assada ao fogo, com pães ázimos e ervas amargas. Assim deveis comê-lo: com os rins cingidos, sandálias nos pés e cajado na mão. E comereis às pressas, pois é a Páscoa, isto é, a “Passagem” do Senhor. E naquela noite passarei pela terra do Egito e ferirei na terra do Egito todos os primogênitos, desde os homens até os animais; e infligirei castigos contra todos os

³⁸ Uma das críticas de algumas igrejas reformadas com relação ao catolicismo, reside justamente no fato delas rejeitarem a concepção da missa como sacrifício, já que o sacrifício já teria sido realizado na Páscoa.

deuses do Egito, eu, o Senhor. O sangue servirá de sinal nas casas onde estiverdes. Ao ver o sangue, passarei adiante, e não vos atingirá a praga exterminadora, quando eu ferir a terra do Egito. Este dia será para vós uma festa memorável em honra do Senhor, que haveis de celebrar por todas as gerações, como instituição perpétua (Êxodo, 12,1-8. 11-14).

É por meio do ritual da ceia pascal estabelecido por Jesus que o sangue do cordeiro seria, daquele momento em diante, o Seu sangue, *o sangue da aliança que será derramado* (Mc., 14, 24) *em remissão dos pecados* (Mt., 26, 28). O Filho se torna então, o cordeiro de Deus de uma vez para sempre imolado para a salvação da humanidade. A oblação de si para a redenção humana se mostra como o núcleo mítico-místico e teológico do catolicismo. *Eis o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo!* Este se mostra como o mais perfeito e definitivo de todos os sacrifícios.

Para Hubert e Mauss, após o estabelecimento desse tipo de sacrifício não há mais porque haver outros já que a vítima destruída é a divindade. O sacrifício do deus se configura então, como “uma das formas mais acabadas da evolução histórica do sistema sacrificial” (2005, p. 83). No caso desse tipo particular de sacrifício “o deus, que é ao mesmo tempo o sacrificante, coincide com a vítima mesmo, às vezes com o sacrificador. Aqui todos os elementos que entram nos sacrifícios ordinários penetram-se uns nos outros e se confundem” (idem, p. 107).

O sangue será derramado em remissão dos pecados... As palavras reiteradas pelo celebrante a cada ritual eucarístico manifestam que o sacrifício do deus no cristianismo está vinculado a um sentimento de culpa. A mesma morte que redime, ao mesmo tempo, condena o cristão ao dolo, pois foram os pecados atentados por ele - especialmente aquele primeiro pecado cometido, que teve como punição a expulsão do paraíso - os responsáveis pela *causa mortis* do deus.

Segundo Roberto Motta, que tem como ponto de partida a tese de Freud em *Totem e Tabu* para tecer suas considerações a respeito do Xangô de Pernambuco, “na concepção freudiana [...] a atividade sexual está necessariamente ligada ao sentimento de culpa, porque a primeira relação sexual equivale ao primeiro pecado, ao ‘pecado original’ da crença tradicional cristã [...] segundo Freud (e não só segundo ele), o sentimento de culpa é aliviado pelo sacrifício, que assume diversas formas nas diversas

religiões [...] Não pode haver culpa sem expiação, ou pelo menos tentativa de expiação. E a expiação é sacrifício” (2010, p. 120-121).

No cristianismo, a expiação necessária para a salvação da humanidade de seus próprios pecados, sobretudo do “pecado original”, ocorreu por intermédio da figura de Jesus Cristo que, através da dádiva de si na cruz do Calvário ofereceu seu corpo e seu sangue como oferenda, o sacrifício de si; a condicionante necessária para a redenção acontecer. O deus pagou com a própria morte a vida que a humanidade recebeu e, a partir disso, também a graça da salvação.

Para Bataille, contudo, o que nos redime e que é paradoxalmente denominado de *Felix culpa!* - Feliz culpa, “é, ao mesmo tempo, aquilo que não deveria ter se passado” (1988, p. 231). A crucificação que salva se assenta sob um crime sangrento, logo, na transgressão mais profundamente cometida posto que o seu destino final seja a privação da vida de outrem, é a morte; o que há de mais interdito no cristianismo - Quinto Mandamento: *Não matarás*. “‘Não matarás. ‘O acto carnal só no casamento o praticarás’. São estes os dois mandamentos fundamentais que a Bíblia nos trouxe e que, essencialmente, não deixamos de observar. A primeira dessas proibições é consequência da atitude humana para com os mortos” (idem, p. 37). A eliminação da violência que o cristianismo opera se traduz pela proibição da morte.

O mandamento é a lei de Deus forjada em pedra e transgredi-lo incorre em pecado. Porém, a violação tão censurada pelos os cristãos foi justamente aquela que os redimiu e o imperativo de se cometer o pecado fica exposto. Disse Bataille que “para o cristianismo, a proibição está absolutamente afirmada, e a transgressão, seja ela qual for, é definitivamente condenável. No entanto, a condenação foi levantada devido ao próprio crime mais condenável, à transgressão mais profunda que o homem algum dia podia ter cometido” (idem, p. 231).

Se ao falar *Felix culpa!*, a igreja compactua, em um primeiro momento, com a necessidade desse crime, em um segundo momento, a lógica do sentimento cristão não o aceita. A consciência moral cristã suplantou a ideia da transgressão inicial para uma visão de superação da violência que procura restabelecer a continuidade na ligação com a divindade. O cristianismo fez então, com que o sacrifício fosse envolto por um sistema ético que regula o comportamento do fiel e a ideia do sacrifício vem, portanto, acompanhada de sentimentos e de práticas assentadas na obediência a certos princípios a serem seguidos tais como a compaixão e o amor.

Em seus fundamentos, o cristianismo “quis abrir-se às possibilidades dum amor que era princípio e fim. A continuidade perdida, reencontrada em Deus, invocaria, para lá das violências reguladas dos delírios rituais, o amor total e sem cálculo dos fiéis. Os homens, transfigurados pela continuidade divina, eram chamados a Deus, a amarem-se uns aos outros. Jamais abandonou o cristianismo a esperança de vir a reduzir este mundo de descontinuidade egoísta ao reino da continuidade, abraçado pelo amor” (Bataille, 1988, p. 102).

De modo reverso, no Xangô, segundo Motta, o ato religioso fundamental do sacrifício “não se situa na interioridade da pessoa, com suas opções e intenções, mas na observância e no rito exterior, que tanto no Xangô como no Candomblé, está eminentemente representada pela matança” (2010, p. 124). Para esse autor, o Xangô se encontra, então, em um estágio de evolução anterior ao surgimento da regulamentação moral cristã³⁹.

Voltemos então a São João del Rei e em como lá é vivido o sacrifício do deus...

Quando o padre ao final da missa solene do Domingo de Ramos, professou que cada um ali presente era um ativo participante da crucificação de Jesus, ele não falava somente da participação “externa” auferida nos rituais, mas, sobretudo, na participação “interna” concernente a cada um, já que o sacrifício se transfere também para o foro íntimo dos fiéis. E o relato de dona D., uma senhora moradora da cidade, projeta com nitidez o modo como se opera essa transferência:

É... eu, pra mim unir mais a Deus é... Na fé e no amor de Deus, que eu tenho muito, eu me uno a ele e faço uma reflexão da vida Jesus é... Contemplo Jesus no sofrimento dele e contemplo o amor dele por mim... Aí eu me abasteço mais de Deus é... Por exemplo, eu me preparo com uma confissão, eu já me confessei né? Então eu conservo aquela graça que eu recebi do sacramento em mim, e eu participo, participo, assim, vivendo mesmo sabe? Assim, unida a Jesus, eu converso com Jesus é... Por exemplo, cada passinho que eu visito, eu dialogo com Ele de acordo com aquele quadro sabe? Eu agradeço a Ele o sofrimento Dele pro meu amor é... Converso com Ele tem hora, igual

³⁹ De acordo com Roberto Motta, “a tradição cristã faz com que a gente pense que a religião está necessariamente ligada à consciência moral. Tem-se a impressão que a religião está ligada a uma regulação mais ou menos racionalizada das ações das pessoas, resultando num sistema ético [...] Isto é uma coisa própria da tradição cristã e de mais algumas tradições religiosas mas que não está necessariamente ligada a todas as religiões, pois nem todas as religiões envolvem um sistema ético no sentido de uma regulação da conduta pessoal” (2010, p. 121).

criança, eu me torno, assim, quase infantil; eu falo com Ele assim “ó Jesus você mesmo falou no Evangelho ‘Se não nos tornais como crianças não entrarei no Reino do Céu’, olha eu estou me tornando criança”; eu dialogo com ele igual criança, chamo Ele de “meu benzinho”, “meu querido”, “meu amado”, sabe? Aí eu falo, eu converso com Ele assim, bem intimamente, agradeço e peço pra Ele me dar graça, de me dar a graça Dele, de me dar força contra as tentações, contra o pecado, sabe? Aí eu falo, eu converso com Ele assim, bem intimamente, agradeço e peço pra Ele me dar graça, de me dar a graça Dele, de me dar força contra as tentações, contra o pecado, sabe? E Ele tem me dado, tem me dado muito mesmo, assim, por exemplo, eu fiquei viúva tem três anos e meio e eu achei que, assim, nossa eu não vou aguentar, eu vou morrer também. Aí eu falei com Ele assim, “ó Jesus eu não posso ficar sozinha não, você tem que me fazer companhia, sua Mãe Maria Santíssima também tem que me fazer companhia”, conversei com Nossa Senhora e eu moro sozinha, não sinto solidão, não tenho medo de nada, assim, nada que me faça medo e... Sinto que Jesus está comigo mesmo. E isso eu penso é... Eu fico até emocionada porque a bondade de Deus, a presença que eu sinto Dele, eu não vejo, eu nunca vi com meus olhos, eu sinto que Ele me ampara, aí eu falo “ô Jesus você falou no Evangelho ‘não desprezeis os órfãos e as viúvas, cuidai dos órfãos e das viúvas’, o Senhor é o primeiro a cuidar! O Senhor cuida de mim”, eu converso isso com Ele, dialogo com Ele. É muito íntimo; cada vez que a gente aproxima de Deus, você vai se envolvendo, sabe, assim... É uma coisa gostosa, não é uma coisa cansativa, que você não cansa... É uma paz que você sente dentro de você, assim, uma paz gostosa, uma paz diferente, assim, não é uma paz do mundo assim não, sabe? É uma paz muito grande da gente com Deus, sabe?

(Entrevista com Dona D. - 04/04/2012).

Após todos deixarem a igreja, eu ainda permaneci lá por mais algum tempo, o que me permitiu presenciar o início da preparação do andor para a procissão do Senhor do Triunfo por quatro homens que depositavam as flores na estrutura de madeira. Notei, contudo, que precisava deixar a igreja, já que eles fechavam as portas principais advertindo com aquele sinal que aquelas funções não eram de domínio público. A festa também era feita de segredos que não deveriam ser desvendados...

Assim que desci as escadarias da Catedral, me deparei com aquele mesmo homem que mais cedo havia me atentado para a aquisição do ramo de palmeira. Tal

como uma sentinela, me inquiriu sobre a localização da folha fazendo notar que eu a havia esquecido dentro da igreja; mais precisamente debaixo do banco, lugar onde achei conveniente colocá-la para garantir algumas fotografias e fazer anotações. Sem deixar de se mostrar visivelmente desapontado, me aconselhou voltar e procurar pela planta. Rapidamente entrei na igreja antes que os homens fechassem por completo as portas, mas já era tarde demais. Alguém avistara o meu ramo esquecido por lá e não tardara em abonar uma bênção a mais...

No caminho para um almoço tardio avistei um grande número de vans de turismo e conversando com o zelador da Catedral, me disse que elas apareciam com maior frequência aos finais de semana, levando e buscando os “turistas mesmos” que se hospedavam, majoritariamente, na cidade de Tiradentes para as cidades históricas próximas como São João del Rei.

Esse “turista mesmo” tal como disse o zelador ao se referir a esses turistas, se concentrava então, em Tiradentes que fica seis quilômetros de distância de São João. O turista que participava da festa da Semana Santa era entendido pelos moradores da cidade como um “turista diferenciado”, aquele que *não é igual aos turistas que a gente costuma ver por aí*, como ouvi um homem dizer a outro na visitação das armações da quinta-feira santa.

Então esse é o que mais vem, que é católico, que aproveita essa oportunidade, ele vem mais para participar; por que gosta, porque vivencia essa coisa religiosa, porque participa não só assistindo, mas às vezes até participa ativamente. Tem o turista só curioso que vem de passagem fazendo um circuito nas cidades históricas, e vem aquele turista religioso que, não sendo do lugar, mais ele quer participar ele... Não só... Ele assiste como ele participa, no sentido de participar é que ele vem, assiste a função, mas ele se integra dentro da coisa com a participação na missa, na comunhão... Na procissão, ele assiste os ofícios acompanhando o texto litúrgico, ele acompanha as procissões, vivencia aquilo... E procura, sempre é muito comum a pessoa procurar se tem esse tipo de livro, se tem mais uma publicação, uma coisa, se saiu algum disco da cidade... Tem esse. E tem aquele, simplesmente aquele curioso que vem (Entrevista com seu A. - 23/01/2012).

Já foram vastas as tentativas de classificar o indivíduo que sai do lugar de procedência com a finalidade de deslocar-se a um lugar sagrado bem como a sua motivação, na contemporaneidade; principalmente com relação às romarias, às peregrinações ou com relação ao chamado turismo religioso. Só para citar alguns exemplos, Carlos Steil (2003) estabelece uma categoria denominada “romeiros-turistas” a partir do estudo realizado no Santuário de Bom Jesus da Lapa. Esses se diferenciam dos romeiros tradicionais, entre outras coisas, pela externalidade do olhar: eles são mais espectadores do que participantes ativos da festa.

Sandra Carneiro (2005) apontou para a emergência de uma categoria chamada de “peregrinos-turistas” que frequenta as rotas de peregrinação no contexto brasileiro inspiradas no Caminho de Santiago de Compostela, em contraposição aos peregrinos tradicionais. Tal diferença reside no fato de que aqueles outros peregrinos caminham em busca de uma experiência individual de autoconhecimento e também de lazer. Já Fátima Tavares (2005) possui uma perspectiva diferenciada dos dois primeiros autores, utilizando a expressão “modulação de olhares” para falar que o olhar de quem se desloca não se encontra estante, mas cruzado por experiências de proximidade e de distância próprias da viagem tal como disse Simmel em sua dialética do estrangeiro.

Aparte essas e outras classificações a diferenciação que é intuída, em São João del Rei, entre os “turistas mesmos” e entre os “turistas diferenciados” - participantes do momento festivo - é, de certa maneira marcante, porque aquela Semana Santa é concebida, ao menos pelas autoridades religiosas e leigas, como uma festa realizada em nome de uma tradição e não como um mero espetáculo “para turista ver”. Se a festa do Centro Histórico se distingue e se acentua pela pompa barroca, pelo luxo desmesurado e pelo rigor ritual - presentes do passado, passado presente - não é com o intuito de ser uma mera moeda de troca ao consumo daqueles “turistas mesmos” do modo como Tiradentes é, mas sim porque é exatamente daquele jeito que ela “deve” ser feita, posto que nesta festa o passado é “escrito como imitável ou digno de imitação, como algo que pode se produzir uma segunda vez” (Nietzsche, 2005, p. 87).

Tiradentes está ficando até “hors-concours” nesse tipo de promoção pra turista porque eles investiram demais lá, eu não desejo isso pra São João del-Rei não, porque festa pra turista ver também não tem sentido. Aqui tem que fazer porque tem que fazer. E lá

eles estão fazendo um... Chegou ao ponto de se falar “não, não vai passar a procissão por aqui não senão vai atrapalhar os turistas”. Então deixa de ter sentido, né?

(...)

Qual a cidade... Vou te fazer uma pergunta, eu sei que você já foi em diversos lugares, qual a cidade que tem a quantidade de comemorações religiosas igual São João del-Rei? Nem Ouro Preto! Que foi Capital, que teve um... Acabou! Lá muita coisa hoje é feita pra turista ver. Aqui se faz porque tem que fazer.

(Entrevista com o senhor A. - 23/01/2012).

Eu acho que pra igreja, para as tradições religiosas é perniciosa {a modernidade}. E o próprio interesse do turismo... Esse turismo também... “Avacalhador”, digamos assim né? Então começou a se preocupar a fazer um espetáculo pra vender pro turista; aí acabou a piedade, acabou a religiosidade, entendeu? Acabou a graça.

(Entrevista com morador - 02/04/2012).

Então já é uma tradição da cidade fazer ela e nem por isso mudou por causa do turismo entendeu? Então é uma coisa, assim, tradicional mesmo, e que não é fácil de mudar; você não consegue mudar uma tradição né? Tão facilmente...

(Entrevista com moradora - 03/04/2012).

Os discursos procuram articular que o objetivo primeiro da Semana Santa não é o de atrair o “turista mesmo”, que a festa não é feita com a finalidade de ser turística como no caso de Tiradentes, cidade sempre utilizada como parâmetro para comparações dessa natureza. A festa é sim, feita na e pela participação dos devotos, sejam eles moradores da cidade ou não, e se aqueles turistas vão é porque a tradição que é cuidadosamente mantida também se torna convidativa dado o tom barroco do acontecimento; não o contrário.

De volta à Catedral, avistei o andor do Senhor do Triunfo na saída da igreja. O adro já contava com uma aglomeração de pessoas que crescia a cada minuto que acercava o momento de saída do cortejo. Aquele lugar que também englobava a escadaria, era um importante espaço de socialidade para as pessoas que participavam da festividade, já que ela se passava predominantemente na Catedral do Pilar. Nos dias de festa havia uma concentração de carrinhos de pipoca na calçada em frente ao adro que

abasteciam os transeuntes ao final das demoradas celebrações. Ao que parece somente esse tipo de comércio ambulante era permitido pelas autoridades religiosas e leigas nos arredores da Catedral do Pilar.

Enquanto a procissão não saía, sentei-me na escadaria da igreja pensando estar diluída em meio aos demais. Na dialética da proximidade e da distância de Simmel, naquele momento, eu me achava próxima. Uma senhora que chegou para esperar pela procissão sentou-se ao meu lado e começou a conversar comigo. “Ainda mais próxima”, pensei... Depois que ela se foi aproveitei a solidão momentânea para escrever no diário sobre as surpresas que a viagem nos proporciona, especialmente aquela do encontro com o outro. Não tardou muito e um homem se aproximou de mim perguntando se eu era jornalista. Essa seria a primeira de muitas vezes em que eu seria designada por esse ofício, algumas que até me renderam acessos privilegiados. Contudo, aquela averiguação de súbito me lembrou quem eu era e onde eu estava, assim como Leiris, “sensação inesperada de estar no estrangeiro” (2007, p. 226).

A inquirição do homem teve que ser suspensa porque a procissão pedia passagem. O cortejo alcançou a rua embalado pelo som festivo da banda expondo a alegria pela triunfante entrada de Jesus em Jerusalém. Provavelmente, aquele tom musical alegre só seria ouvido novamente no Domingo da Páscoa, ocasião da exultação máxima pela superação da morte pelo deus. De braços abertos, a imagem do Senhor do Triunfo parecia saudar a multidão exultante. Aquela alegria era, entretanto, uma alegria contida posto tratar-se da instituição religiosa [a igreja] e dos comandos leigos [as irmandades] aqueles investidos do poder, segundo Sanchis, “da missão de apresentar, representar, concretizar e distribuir este Sagrado à sociedade profana em que os homens instauram o quotidiano de suas vidas” (2006, p. 86).

Desde o primeiro momento esse ciclo festivo se desvelou sob os domínios cuidadosamente rígidos da religião “oficial”. Foi o modelo de festa conferido e regulado pelas autoridades eclesiásticas e pelas irmandades que sobressaía na duração; aquele onde predomina os Sacramentos e a Liturgia oficial revestidos pelo fulgor barroco que era trazido à tona. Mesmo que às voltas com desacordos, como se verá mais adiante, o pacto e os esforços entre a igreja e as irmandades garantiram o ordenamento da festa nesses moldes. Assim, é na Semana Santa, a festa maior do catolicismo, que o peso da ortodoxia religiosa mostrava a sua força. Nesse ponto, a igreja foi bem sucedida na

hi[e]stória da cidade porque conseguiu fazer predominar a sua concepção de festa; e nesses quase cinquenta dias festivos era ela que reinava.

As feições que o Ciclo da Paixão do Centro Histórico assume e sustenta, assim sendo, não comportam outras manifestações religiosas tais como o congado, a folia de reis ou a folia do divino, por exemplo. Esses grupos serão observados em outros ciclos festivos como o natalino, na Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, no bairro da Colônia do Marçal ou no Jubileu do Senhor Bom Jesus de Matozinhos, no bairro de Matozinhos. Contudo, isso não quer dizer que, naquele ciclo festivo e naquela localidade, outras manifestações religiosas não possam agir; ao contrário, elas atuam intensamente, só que na margem, afastadas do centro centrípeto da religiosidade “oficial” tal como o relato de um sanjoanense a respeito de uma Encomendação de Almas do ano de 2011 melhor elucidada:

Apesar de repetirem tradição muito antiga, sobretudo no que diz respeito aos trajetos rituais, as Encomendações de Almas, pela unicidade e imediatismo do momento em que cada vez realizam, são singulares. Na sexta-feira, 11/03, os fiéis tiveram que discretamente se esquivar de um pequeno, mas ostensivo despacho, feito pouco mais cedo, furtivamente, no portão do Cemitério das Mercês (rosa vermelha, copo d’água, vela branca). O sino da Matriz batia 23h30.

Três paradas depois, no portão do Cemitério do Rosário, nova surpresa, também a ser falsamente ignorada: desta vez, a oferenda deixada era uma bandeja branca, cheia de quindins, cocadas e outros doces “regalos”⁴⁰.

O império da ordem que a religião “oficial” fez prevalecer na duração e que suprime do seu centro outras manifestações como forma de afiançar a “pureza” da estrutura festiva, em uma constante tentativa de fazer com que hi[e]stória da festa do passado prevaleça no presente e no futuro se mostra, paradoxalmente, como uma de suas facetas mais populares. É justamente o rigor na etiqueta que é escrupulosamente seguido nos rituais e nas cerimônias, que confere o prestígio da festa e a sua popularidade.

⁴⁰ Disponível em: <http://diretodesaojoaodelrei.blogspot.com.br/2011/03/na-semana-santa.html>.



Imagem 13: Procissão do Senhor do Triunfo – 01/04/2012 (arquivo pessoal).

Disse Leiris com relação às touradas, que o pormenor no respeito ao cerimonial da tauromaquia e que a aproxima das cerimônias religiosas, está ligado ao caráter prestigioso disso que ele considera ser mais do que um esporte. “Olhando mais a fundo nas coisas, não se pode deixar de ficar impressionado pela extrema minúcia da etiqueta, no que concerne sobretudo o desafio à morte. Do lado dos atores, constata-se que, ao contrário das regras esportivas que têm um grande número de golpes permitidos e um número restrito de golpes proibidos, o código da tauromaquia coloca à disposição do jogador apenas um número muito pequeno de golpes permitidos em relação a um número considerável de golpes proibidos; assim, pensaríamos estar em presença não de um jogo de caráter esportivo [...] mas de uma operação mágica com desenrolar meticulosamente calculado, na qual as questões de etiqueta, de estilo, prevalecem sobre a imediata eficácia. Do lado do público, observa-se que o desafio à morte se realiza numa atmosfera de nítida solenidade [...] a atitude do público nesse momento é uma atitude religiosa diante da morte que uma criatura acaba de sofrer, como poderia provar o fato de que em certas *plazas* todos se levantam assim que o animal é abatido, só voltando a sentar no momento da entrada do animal seguinte na arena [...] O caráter prestigioso da tourada está ligado intimamente a esse caráter religioso [...] e penso que, para ser emocionante, importa relativamente pouco que a tourada seja tecnicamente boa

ou má; o essencial é haver a morte de um animal segundo leis precisas e perigo de morte para aquele que o mata” (2003, p. 71-72) [grifo do autor].

Nas solenidades da Semana Santa cada etapa é seguida em um cálculo exato, sendo cada peça movida de modo preciso nesse complexo jogo ritual: é a disposição hierárquica das ordens leigas nos cortejos, é o arranjo da música sacra no protocolo cerimonial, é o tipo específico de toque dos sinos, é o próprio ordenamento do ritual, em que isso deve vir primeiro que aquilo como o livro editado pela Catedral faz questão de prescrever para os seus fiéis.

O respeito à etiqueta deve ser rigorosamente cumprido sob pena de graves prejuízos à potência do ritual. Por essa razão é que a Catedral do Pilar compilou o passo a passo de todas as cerimônias do Ciclo da Paixão nessa espécie de guia, de modo que todos os envolvidos estejam cientes de qual é o próximo passo a ser dado. Tal como na tauromaquia, em que o *torero* segue um repertório preciso de movimentos, é exatamente esse desempenho cerimonial cumprido por todos os presentes que confere o prestígio à festa da Semana Santa e a sua conseqüente notoriedade, arrastando para dentro das igrejas e para o caminho das procissões milhares de pessoas encantadas com a ordem, com a beleza e com o luxo.

Em um primeiro momento se poderia supor que o extremo ordenamento conferido à festa fosse motivo de um baixo envolvimento popular dada à ortodoxia religiosa cujos códigos não são amplamente acessíveis a todos, além da própria festa, que se passa, predominantemente, no ambiente das igrejas. Porém, em um segundo momento, se compreende que é exatamente esse sagrado institucionalizado que torna essa Semana Santa uma festa tão popular. Como é próprio do paradoxo, é seu rigor formal, fiel à ortodoxia, que torna a festa heterodoxa.

Durante os dias de festa ouvi muitos fiéis dizerem que era ainda mais *especial vivenciar a ocasião do sofrimento de Cristo em uma festa tão tradicional e tão autêntica* como aquela. *Que festa igual a ela, não existe em nenhum outro lugar. Que essa sim, é uma Semana Santa de verdade*, e que, ter a oportunidade de participar dela, *é como ser tocado por Deus*.

O Senhor do Triunfo estendeu a sua saudação pelo caminho processional comumente percorrido pelo Centro Histórico. A procissão passou pelas ruas sem pedir licença até se aproximar daquele cruzamento dos bares, obrigando todos eles mais uma vez [e olha que essa não seria a última delas!], a recolherem as suas mesas para dar

passagem ao andor e aos fiéis. Aqueles que tiveram de abandonar provisoriamente a calçada e se encontravam de pé com os seus copos de cerveja em mãos dentro dos bares, olhavam a procissão passar com certo olhar de indiferença...

O Domingo de Ramos de 2012 passou com a confiança de uma vez mais ter sido cumprido o protocolo prescrito para o dia, estabelecendo consigo o tempo da Semana Santa. A partir da segunda-feira Santa, no dia 02 de abril, a preparação para a Páscoa do Senhor compreenderia - além das missas e das liturgias - o momento da confissão, extremamente necessário para esse tempo festivo posto que assentado no sacramento da penitência, aquele que busca o indulto dos pecados confessados perante um clérigo que, na ocasião, atua em nome do próprio deus. Daquela Segunda Santa em diante, os dias foram dedicados às confissões comunitárias que aconteceram na Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Um grande cartaz estava pregado na frente dessa igreja com o intuito de chamar a atenção dos fiéis para os horários em que o sacramento seria concedido.

Por serem dias em que não haveria muitas solenidades de relevo, a segunda e a terça-feira foram aqueles em que mais horários foram disponibilizados para a comunidade se confessar. As confissões aconteceram ao longo do dia, precisamente às 08h30min, às 15h00min e às 17h00min. Na quarta-feira, os horários para confissão foram reduzidos para dois, às 08h30min e às 15h00min, devido à solenidade do Ofício de Trevas no início da noite. Já no período do Tríduo Pascal, as confissões foram condensadas em apenas um horário para cada um dos três dias, dada a quantidade de rituais. Na quinta-feira, a confissão ocorreu às 14h00min e, na sexta e no sábado, às 08h30min.

A estrutura montada na Igreja do Rosário para receber os fiéis nos dias de confissão alterara sensivelmente a paisagem no interior do templo. As cadeiras foram emparelhadas de modo a formarem um longo banco de espera onde as pessoas sentavam-se umas de costas para as outras e de frente para os confessoriais. Esses foram perfeitamente dispostos junto às paredes laterais da igreja, um ao lado do outro, mas em uma distância capaz de garantir a privacidade de cada um dos fiéis ali

ajoelhados a desfiar os seus pecados perante o padre. Eram cerca de cinco confessionários em cada lado da igreja.

Na segunda Santa, pouco antes do horário marcado para as primeiras confissões da tarde, as portas da igreja ainda permaneciam fechadas, mas uma fila já havia sido improvisada pelas pessoas que esperavam do lado de fora. Assim que as portas foram abertas, as pessoas logo trataram de tomar os assentos com o intuito de afiançar os atendimentos iniciais. Em pouco tempo a igreja estava cheia. Se antes eu pensava ser um exagero a quantidade de horários fixados para a confissão naquela igreja, sendo que em outras paróquias, o sacramento também era distribuído de forma comunitária e, por vezes, individual, naquele momento eu vi que somente aqueles horários talvez não fossem suficientes para assegurar a demanda dos fiéis que pareciam ávidos para receberem o perdão antes da Páscoa.

Os padres começaram a chegar e a se organizar nos confessionários preparando-se para a maratona de confissões. Ao avistarem os clérigos, os fiéis ficaram na expectativa do início, porém, distraídos na leitura de um papel que fora entregue na porta.

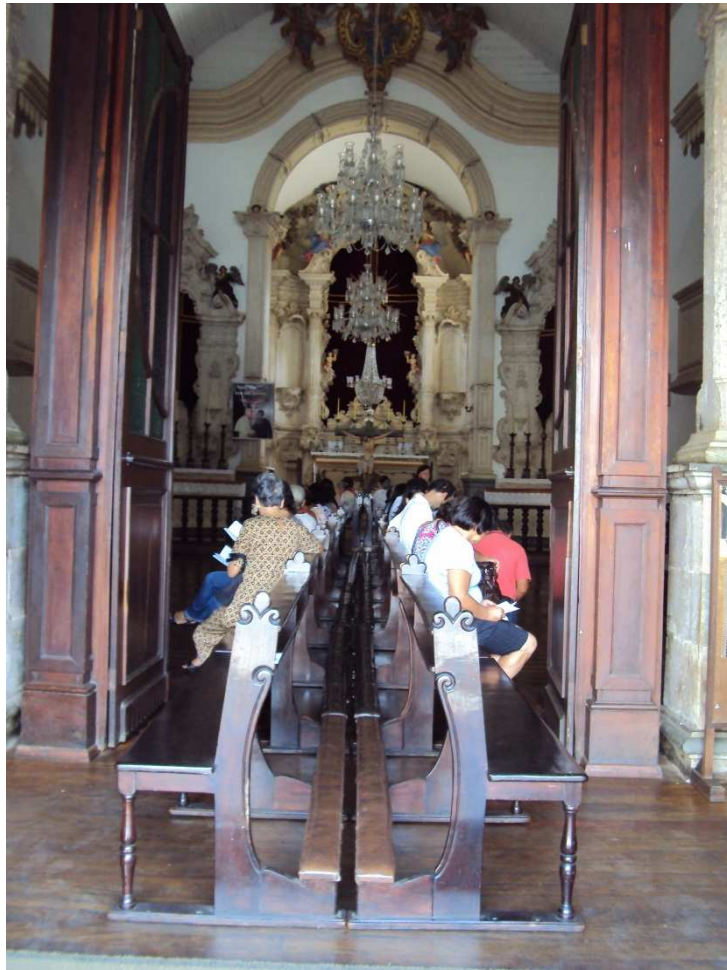


Imagem 14: Confissão comunitária na Igreja do Rosário – 02/04/2012 (arquivo pessoal).

Na entrada, uma mulher distribuía o papel que estava nas mãos das pessoas lá dentro; uma cartilha que se intitulava *Como preparar-se para a Quaresma e a Semana Santa*. Tal livreto era composto por três tópicos que se subdividiam em explicações mais detalhadas.

1. *O que é Quaresma?*
2. *Como proceder durante a Quaresma e a Semana Santa?*
3. *Que é preceito Pascal?*

Outra vez, a festa apresentava indícios de que não se poderia descuidar da etiqueta própria ao tempo, que deveria ser minuciosamente seguida. Do mesmo modo como na tourada tratada por Leiris, na Semana Santa, “todas as ações executadas são preparativos técnicos ou cerimoniais para a morte pública do herói [...]” (Leiris, 2001, p.

18). Contudo, se na tauromaquia a morte anunciada é a do touro, “esse semideus bestial”, na Semana Santa, é a do deus.

A mulher que distribuía as cartilhas disse que era costume os fiéis se confessarem durante a Semana Santa para estarem prontos a receber a comunhão na quinta-feira Santa, que é o dia da instituição da Eucaristia. E foi exatamente isso que uma outra mulher disse, após confessar-se, já do lado de fora da igreja. Não era somente na Semana Santa que ela costumava pedir o sacramento, mas ao longo de todo o ano. Porém, confessar-se na Semana Santa era uma obrigação que necessitava ser cumprida para assim, *fazer uma boa Páscoa*.

Fiquei impressionada, para não dizer decepcionada que, apenas meia hora depois de iniciadas as confissões das 15h00min já haviam chegado ao fim. Eu imaginava que essas confissões se arrastariam até se aproximarem do outro horário, marcado para as 17h00min, devido ao grande número de pessoas presentes. Ao contrário do que eu idealizara, a aglomeração se dispersou, a igreja rapidamente voltou a trancar as suas portas e a tranquilidade habitual voltou a governar a tarde abafada daquela segunda-feira Santa. Depois, pensei no que me falou Otávio Velho quando do meu exame de qualificação: será mesmo que *não há nenhuma heresia nessa São João del Rei?*

Enfim... No final das contas, aproveitando o tempo ganho - e olha que tempo é o que há de mais caro [no duplo senso do tropo] nos moldes atuais [perversos, por certo] de como se dá a mensuração do trabalho intelectual... - resolvi, então, visitar o Museu de Arte Sacra da cidade; já que avesso aos meus pensamentos, os pecados confessados pareciam não ter sido de todo graves [dada a rapidez do processo]. Assim que adentrei ao museu e principiei a percorrer as galerias, passei a perceber múltiplos espaços vazios onde deveriam constar os objetos em exposição permanente. Eram as pratarias, os castiçais, as lanternas, as imagens e outros artefatos que, de acordo com a aguda percepção de Néstor Canclini a esse respeito, “saíram da ordem de compreensão e de organização estabelecidas pelo museu”, para serem novamente empregados nas cerimônias do Ciclo da Paixão (1997, p. 47). Esse acervo, que deixou o espaço frio do museu direto para a massa viva das solenidades, era tratado, justamente, como um acervo “vivo” o que, segundo o discurso das autoridades religiosas evidencia a força das tradições religiosas da cidade.

A tentativa de São João del Rei em assegurar a sua concepção predominante da arte e da religião não se mostrava apenas nas ações cotidianas dos homens a quem as

tradições foram passadas. Era preciso também encerrá-las dentro de museus, com seus “itinerários rígidos, {com seus} códigos de ação, para serem representados e atuados estritamente [...] e que, à semelhança dos religiosos, convertem os objetos da história e da arte em monumentos cerimoniais”, ainda de acordo com Canclini (1997, p. 46). O autor ainda diz que uma das funções dos museus é justamente construir uma relação de continuidade com os antecedentes da sociedade que o edifica. “Os museus colocam não apenas a sociedade em relação com sua própria origem, mas criam na produção cultural relações de filiação e de réplica com as práticas e as imagens anteriores (idem, p. 141).

A ideia da criação desse museu partiu da iniciativa da instituição religiosa, mais precisamente através de um clérigo chamado Monsenhor Sebastião Raimundo Paiva ainda em 1975, diante da preocupação com a questão da preservação dos objetos sacros de grande valor não apenas monetário, mas também hi[e]stórico. Somente em 1984 é que houve a sua fundação com o apoio do então governador Tancredo Neves e com o patrocínio da Companhia Souza Cruz, no imóvel que antes, abrigava a primeira cadeia da cidade [o que desvela ter, esse sobrado, o destino do aprisionamento, quer de pessoas, quer de coisas]. Após dez anos de atividades interrompidas para um grande processo de restauração e de adaptação, o Museu de Arte Sacra reabriu no ano de 2010. O seu acervo é composto por cerca de 450 peças provenientes de doações de igrejas e, principalmente, do regime de comodato, já que grande parte dos objetos pertence às confrarias, às irmandades e às ordens terceiras.

De acordo com discurso proferido pela diocese de São João del Rei, “esses testemunhos materiais são os registros de diversos períodos históricos importantes para a cidade e para o estado de Minas Gerais, como o período da mineração e da produção artística dos estilos barroco e rococó [...] Abrangendo os séculos XVIII ao XX, o acervo expõe a expressiva religiosidade católica são-joanense presente desde as origens da ocupação da região [...] Destacam-se as obras dos artistas da região das Vertentes [...] cujos trabalhos artísticos com características específicas revelam a originalidade da cultura local [...] O visitante do Museu, através da contemplação desses objetos, poderá usufruir de uma parte do universo religioso dos períodos históricos de Minas Gerais e

aprender sobre a importância desta religiosidade na formação histórica e cultural de São João del Rei”⁴¹.

O gosto dessa cidade pela conservação e pela veneração do seu passado se estendeu, então, para um caminho, talvez, mais seguro - posto que aprisionado pela arquitetura do museu - do que aquele outro, que está sujeito apenas ao compromisso nas mãos de homens que passarão rapidamente pela duração. Para os mais pessimistas com relação ao futuro para onde o passado da festa caminha, isso já é um alento.

Além da imaginária, da prataria, da ourivesaria, das indumentárias, das pinturas, das gravuras, da numismática, do mobiliário e dos livros litúrgicos, o museu transmite essa concepção de arte e de religião que predomina na cidade, por meio de diversos textos espalhados pelas paredes, contando a respeito dos elementos da hi[is]tória religiosa da cidade, entre outros, sobre a Catedral do Pilar, sobre o antigo Senado da Câmara, sobre a religiosidade dos leigos e sobre os cortejos e as procissões; esses últimos, com a seguinte inscrição:

Nas Capitanias das Minas do ouro, as Irmandades do Santíssimo Sacramento e de Bom Jesus dos Passos foram pioneiras na difusão das cerimônias quaresmais e da Semana Santa. Somente em meados do século XVIII é que surgiram as ordens terceiras carmelitas e franciscanas que, seguindo a tradição ibérica reavivada após o Concílio Tridentino, apresentavam no calendário festivo ritos pertinentes à Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo.

Em São João del Rei observou-se a partir da segunda metade dos setecentos e no próprio oitocentos, uma proliferação de cerimônias no período quaresmal inflacionados na Semana Santa. Nesse período destacavam-se as cerimônias litúrgicas e extra-litúrgicas; ambas constituindo um verdadeiro fato cultural, posto que exigiam a participação de devotos e autoridades religiosas, bem como a contratação de artífices e artistas.

Para ocasiões festivas era fundamental a iluminação do núcleo urbano, a ornamentação de sacadas com colchas e toalhas coloridas, o exalar de aromas, o tanger dos sinos e matracas, a presença de espetáculos pirotécnicos, de danças coletivas, de barraquinhas e de armações efêmeras, tão ao gosto do homem barroco.

⁴¹ Disponível em:

http://www.diocesedesaojoaodelrei.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1730%3Amuseu-de-arte-sacra-sao-joao-del-rei&catid=22&Itemid=183.

E tendo sempre em mente essa narrativa é que a festa de hoje é concebida e é executada.

A segunda e a terça-feira Santas foram dias do tempo festivo em que a vida cidadina aparentemente seguiu o seu curso agitado profano: os bancos estavam cheios, o comércio procedia com o seu movimento habitual e as ruas viviam um incessante ir e vir de corpos, afeitos ao trabalho, à escola e às tarefas cotidianas. Era, contudo, uma agitação irreprimível porque, naqueles dois dias, certamente se trabalhou pensando na festa ou pelo menos, no feriado que viria junto com ela, em diversos planos e em diferentes intensidades.

As autoridades religiosas e os fiéis já viviam esse tempo festivo havia pouco mais de quarenta dias. Os hotéis e as pousadas trabalhavam esperando os estrangeiros que estavam por vir; os moradores aprontavam as suas casas para receberem os filhos ausentes; os estudantes da universidade arrumavam as malas rumo às suas cidades de procedência; os supermercados preparavam o estoque de bacalhau e os bares, o de bebidas. Andando pelas ruas da cidade eu via que se as missas e as procissões careciam de uma maior participação de jovens, o comércio de chocolate excedia em sua presença. Em uma dessas lojas havia uma enorme fila para comprar os célebres ovos de páscoa; um elemento da imaginária pascal de nuances utilitários na contemporaneidade. Essa fila, que preenchia a calçada, prosseguiu extensa até o dia anterior ao Domingo de Páscoa; esse último, o dia em que aqueles ovos seriam presenteados.

Mesmo com todas as transformações inerentes à cidade e ao ciclo festivo em questão com o passar dos séculos - mesmo que os envolvidos tendam a não apreciar, e até certo ponto, a diminuir as mudanças por que a festa passa em nome da continuidade do seu caráter hi[e]stórico - a festa da Semana Santa, ainda e de fato, inaugura um tempo excepcional em uma verdadeira suspensão da vida comum da cidade; ao menos para o seu Centro. E mesmo com as mudanças sentidas e experimentadas ao longo do tempo, a grandeza da festa e o seu alcance na vida ainda hoje se faz presente na memória e nas práticas religiosas dos moradores de São João del Rei, especialmente os católicos; tal como na hi[e]stória da vida da dona D. Conheci dona D. na época da Festa de Passos quando a vi pela primeira vez na igreja de São Francisco de Assis, rezando e dando voltas ao redor da cruz do Senhor dos Passos. Passado o tempo da Quaresma, voltei a encontrá-la na Semana Santa, em minha terceira estadia na cidade.

Na quarta-feira Santa, dia 04 de abril de 2012, dona D. abriu a porta de sua casa no segundo andar de um pequeno edifício na Avenida Nossa Senhora do Pilar no Centro. É imperativo aqui reportar que a casa nunca é simplesmente uma morada, mas um lugar digno de atenção sociológica por ser o espaço primordial do ser humano, como nos ensinou Gilberto Freyre, que foi quem introduziu essa perspectiva de abordagem quando disse que “o centro de interesse para o nosso estudo desses antagonismos e das acomodações que lhes atenuavam as durezas continuam a ser a casa” (1936, p. 09). Especialmente quando se trata de religião, a casa torna-se um espaço privilegiado de abordagem, pois “através dela é possível esquadrihar não só o todo das relações entre homens mas também a forma por meio da qual estes homens se relacionam com a transcendência”, diz Sérgio da Mata, continuando e ampliando a perspectiva freiriana (2002, p. 124).

A senhora gentilmente me acomodou em uma poltrona da sua sala de visitas. Vale ressaltar que a sala é um dos extremos da casa mineira; lugar da fronteira entre o interior da habitação e a rua, é tutelado por *Janus*, o deus da porta, o homem das duas faces como disse Sérgio Da Mata; que desvela toda a ambiguidade contida nesse recinto (2002, p. 138). Não à toa, “a sala é o espaço da ritualização, do cerimonialismo, e não é mera coincidência que o altar doméstico normalmente esteja associado a ela” (idem, p. 139).

Assim que entrei, logo percebi em uma das paredes da sala um grande quadro do Sagrado Coração de Jesus e na parede perto da janela, uma imagem da cena da 11ª Estação da Via Sacra: *Jesus é pregado na cruz*. Surpresa por avistar justamente a cena da crucificação, indaguei sobre o cartaz, que estava ali porque a paróquia a qual a senhora faz parte, a de São Francisco, faria pela primeira vez naquele ano uma Via Sacra externa que começaria em frente à Igreja de São Francisco e terminaria na Igreja de São Gonçalo Garcia. Ela ficou incumbida, então, de apresentar a 11ª Estação dessa Via Sacra em sua casa. Para tanto, ela montaria um pequeno altar na calçada do seu prédio para receber o cortejo que sairia após da missa das 17h00min.

No alto dos seus setenta anos de idade dona D., que nasceu e viveu a vida inteira em São João del Rei, disse que a Semana Santa faz parte de sua vida desde muito cedo. Já aos sete anos de idade, participava das comemorações levada por sua mãe junto com seus irmãos. Em suas recordações, essa era uma ocasião ansiosamente esperada durante

todo o ano e que, quando concretizada, tornava-se um importante momento da vida familiar e, principalmente, da sua experiência infantil:

Desde sete anos... Sete anos; a minha mãe levava. Nós éramos sete, minha mãe arrumava todo mundo, fazia roupinha prá todo mundo, ela era costureira, e levava todo mundo. Meu pai e minha mãe. A gente ia... A nossa paróquia era a Catedral, ainda não existia a nossa paróquia de São Francisco ainda. Então a gente ia pra lá prá assistir ao Ofício de Trevas, todas as celebrações a mamãe arrumava tudo era... A Semana Santa era uma semana especial mesmo sabe? A gente... A minha Mãe não fazia nada a não ser que estive em função da Semana Santa. Todas as atividades que tinha, a gente estava presente lá. E a gente ia, por exemplo, quando criança, por exemplo, quando eu tinha sete anos, eu ficava doida prá chegar a Semana Santa prá botar o vestidinho novo. Eu lembro até do cheirinho da estampa, igual, conforme a estampa que às vezes eu vejo, eu sinto o cheirinho e lembro quando eu tinha sete anos. É... A gente arrumava, vestia aquela roupinha, e todas as atividades era aquela roupinha só. Era um vestidinho que ela fazia prá gente, prá mim e prá minha irmã era igual, e para as outras duas maiores ela também fazia igual. A gente punha aquele vestidinho toda a festa e participava de tudo com ela.

(Entrevista com Dona D. - 04/04/2012).

A percepção do sagrado para dona D., e que remeteu à sua tenra infância, não se encontrava apenas nos domínios oficiais como a religião acionada por meio das participações nas missas, por exemplo; mas em fatos corriqueiros da sua vida, de onde irrompiam sensações inesperadas; o que me fez remeter a Leiris e ao seu fabuloso “Sagrado na vida cotidiana” (1979).

Ao pensar sobre em que consistia o *seu* sagrado, Leiris chegou à conclusão de que ele não se achava no interior daquele sagrado denominado por ele de oficial [porque nos limites da religião, da moral e da pátria], mas fora e para além desses limites; mais precisamente no plano das coisas triviais e nos lugares tocados pela vida cotidiana constituídos durante a infância (1979, p. 60). Assim sendo, o sagrado pode estar ligado a experiências íntimas e pessoais, sobretudo, àquelas vivenciadas quando criança. Segundo ele, as experiências infantis são os terrenos mais sofisticados na busca pelo sagrado e reportar-se a elas é ter a certeza de encontrá-lo.

Encontrar o sagrado é então, deparar-se com qualquer coisa de prestigioso, de ambíguo, de insólito, de perigoso, de interdito, de vertiginoso, de sobrenatural e de exótico, tal como concebe o autor (idem, p. 74). E Leiris pensando sobre o *seu* sagrado, deparou-se com objetos como o chapéu e o revólver do pai que para ele eram símbolos da autoridade e da virilidade do patriarca. Deparou-se com o quarto parental, o pólo “direito” do sagrado na casa, por ser o lugar que abrange o mundo noturno e com o banheiro, o pólo “esquerdo”, porque remetia ao ilícito, ao lugar da clandestinidade e da cumplicidade entre irmãos. Se o banheiro era o lugar da sociedade secreta, a sala era ao contrário, o lugar do inacessível, especialmente em dias de reunião dos adultos. Fora da fronteira da casa, o campo de corrida de *Auteil*, era um local dos mais prestigiosos pelo caráter do espetáculo, da beleza e também da imoralidade, dada possibilidade do ganhar ou do perder, da sorte, mas também do azar, contidos em qualquer jogo. O autor compartilha, então, um sagrado que é feito de reminiscências, de vestígios e de sonhos. Aquele é o *seu* sagrado, porque é pessoal e intransferível; está marcado em sua pele, em sua memória e em sua hi[er]stória.

Assim como Leiris, dona D. deparou-se com o *seu* sagrado em fatos aparentemente desprovidos de gravidade, em deslumbramentos infantis tal como o vestido de estampa costurado por sua mãe, cujo cheiro está impregnado na memória, o esmero da mãe no desempenho das atividades dos dias santos e o pastel de bacalhau feito pelo pai na sexta-feira da Paixão após a missa e que até hoje, é seguido com o mesmo afincamento de outrora. Todas elas, ancoradas e vivenciadas no tempo da Semana Santa:

Era um momento especial mesmo e eu me lembro também que meu pai, ele era padeiro, e ele fazia, na Semana Santa, fazia alguma quitanda pra gente... E na Sexta-feira da Paixão ele fazia pastel de bacalhau sabe? Então depois, à tarde quando a gente ia nas atividades e voltava, ele fazia um lanche com aquela quantidade de pastel grande, cheio de bacalhau sabe? Então... E eu continuei essa tradição. Então toda sexta-feira à tarde, depois que a gente vem da igreja, aí meus filhos casados vêm todos pra cá e a gente faz um lanche com pastel de bacalhau sabe?

(Entrevista com Dona D. - 04/04/2012).

E viver o momento festivo, aquela sensação de sentir-se diferente no contato com a mística que envolve o sacrifício do deus [e que em minha experiência infantil era uma sensação de fascinação e ao mesmo tempo, de repulsa ao ver o crucificado] era propiciada por uma atmosfera que encobria a cidade que, assim como as pessoas, também ficava diferente:

E a gente sentia naquele tempo, a gente sentia é... Não tinha, assim, muito espírito de, assim, com se diz... A gente ia, mamãe estava levando, e a gente participava e sentia diferente também; era diferente, mais foi criando aquilo na gente, aquela coisa gostosa no decorrer do tempo né, com a frequência da Semana Santa, participando das festividades é que a gente foi ficando mais imbuída mesmo no significado dela e aí a gente tem aquela é... Vontade mesmo de participar e de desfrutar de tudo, da vontade de você não perder nada, sabe?

Então a gente participava de tudo. E aí quando eu cresci e tudo, eu fazia questão, depois que o meu pai faleceu, minha mãe faleceu eu já estava casada, aí eu levava os meninos todos; arrumava e levava. Eu queria continuar aquela tradição que a minha mãe também levava a gente, eu queria continuar. Às vezes eles não estavam a fim de ir não, e eu “não vamos sim, vamos”, e levava.

Não é com obrigação não; então a gente faz essa... Eu, por exemplo, continuo participando do mesmo jeito; desde que eu era criança eu participo com aquele gostinho mesmo de Semana Santa que era antigamente, eu sinto esse gostinho até hoje, porque a Semana Santa aqui, ela parece... Nessa semana ela... Principalmente a partir de amanhã, por exemplo, hoje à noite já começa, parece que o ar da cidade torna-se diferente, a atmosfera, o ambiente parece é... Transferido pra época de Jesus, acha que a gente está em Jerusalém sabe? A gente sente uma diferença enorme, assim, no todo da Semana Santa a cidade fica diferente

(Entrevista com Dona D. - 04/04/2012).

Leiris nos ensina que são precisamente nesses pequenos episódios da vida que residem o sagrado de cada um. Ele provém de experiências fundamentais que tal como as que foram relatadas por dona D., são aquelas que deixam rastros na memória do indivíduo e que constituem as rochas sólidas da tradição, parafraseando Mauss, em seu tecimento cotidiano e comezinho, humano demasiadamente humano, diria Nietzsche. E

especialmente no caso dessa moradora de São João del Rei, muitos vestígios do que constituem o sagrado da sua vida estão nas experiências infantis relativas à festa.

A relação da festa na vida, sobretudo, por influência da família católica fez com que a senhora, assim como muitos fiéis, seguisse com obstinação certos atos devocionais próprios ao ciclo festivo como as penitências, entre os jejuns, as vigílias, as esmolas e as ambulações processionais. Nesse tempo de viver o sofrimento de Cristo, a igreja prescreve essas observâncias que devem ser oferecidas ao deus como forma de retribuição à vida que foi garantida por meio da dádiva suprema.

Eu faço é... Penitência, por exemplo, de... Porque o jejum a gente é obrigado a fazer, quer dizer, a igreja pede que a gente faça na quarta-feira de Cinzas e na sexta-feira da Paixão né, então eu faço esse jejum é... E abstinência de carne também quarta-feira de Cinzas e na sexta-feira da Paixão, eu também faço. Sempre eu faço um sacrifício às vezes de não tomar refrigerante, outra hora de... Na Quaresma toda. Outra hora de não comer doce né, aí os meus filhos também, muita gente faz isso... Meus netos... Tem um que não tomou refrigerante nem uma vez, e ele foi num aniversário e quando viu, deu uma bicada numa coca-cola e quase morreu de susto, ele falou “vó eu dei uma bicada na coca-cola”, e eu falei “não tem problema não meu filho, é só não tomar mais. Você provou foi por esquecimento e isso não quebrou seu jejum não, você pode continuar fazendo, vai ter o mesmo valor, não fez de propósito! Deus não nos cobra nada daquilo que a gente não tem culpa”. E isso também não é uma culpa, ele está fazendo uma... Uma penitência (Entrevista com Dona D. - 04/04/2012).

A penitência se configura como uma contraprestação à graça da salvação que o homem ganhou com a morte do deus no “sistema de prestações totais” que se consolida nesse ciclo festivo. Mauss chamou de “sistema de prestações totais” o contrato selado entre “pessoas morais” que se sujeitam mutuamente a um princípio de troca de bens que ultrapassam a mera utilidade econômica (2003, p. 191). “Essas prestações e contraprestações se estabelecem de uma forma sobretudo voluntária, por meio de regalos, presentes, embora sejam no fundo rigorosamente obrigatórios sob pena de guerra privada ou pública” (idem, p. 191). E o *Potlatch*, se configura para esse autor, como uma das formas mais acabadas das prestações totais, posto que a rivalidade é que

domina o sistema de trocas, sendo designado sobre a alcunha de “agonístico” (idem, p. 192).

O ciclo festivo da Paixão de Cristo também instaura um sistema e principalmente uma moral da dádiva entre deus e homem. Ao se oferecer como vítima em um sacrifício na cruz, Cristo doa-se a si mesmo para resgatar o homem de suas faltas, ou seja, dos pecados atentados por ele. O deus que se desata da própria existência e se doa, o faz em um plano outro, aquele da suprema dádiva; porque não existe riqueza maior e mais preciosa a ser ofertada do que a própria vida. Talvez, essa seja a destruição mais agonística de todas já existidas.

O próprio ato de doar-se ao outro imputou uma obrigação ao deus, já que foi a partir da sua existência humana concedida pelo deus Pai, é que todos os mistérios da salvação puderam cumprir-se. A morte do deus visou somente uma realização: o mistério da ressurreição do homem. “Somente este é o propósito da pessoa e da missão de Jesus sobre a Terra” (Barros, 2007, p. 58). Nos termos das sociedades que praticam o *Potlatch*, segundo Mauss, “as pessoas se apressam em dar. Não há um instante um pouco além do comum [...] em que não haja a obrigação de convidar os amigos, de partilhar com eles os ganhos de caça e de colheita que vêm dos deuses e dos totens; em que não haja obrigação de redistribuir tudo o que vem de um potlatch de que se foi beneficiário; em que não haja obrigações de reconhecer mediante dádivas qualquer serviço [...] sob pena de violar a etiqueta e perder sua posição social” (2003, p. 245). O *Potlatch* nos ensina, então, a atitude de obrigatoriedade que há em oferecer.

A obrigação de receber não é menos imperiosa, pois não se pode em hipótese alguma recusar uma dádiva a não ser que se queira declarar guerra. No caso do homem, embolsar a dádiva do deus através do sacrifício foi mais do que uma obrigação, foi uma *necessidade*, já que a expiação, por mais pecaminosa que tenha sido, foi a chave de abertura para a vida⁴². Foi a condenação à morte de Cristo que salvou o homem e *Felix culpa!*, canta ele, tal como já mencionado, aceitando a condição paradoxal de que foi a morte que o resgatou (Bataille, 1988, p. 231). Contudo, “ao aceitá-lo, porém, a pessoa sabe que se compromete. Recebe-se a dádiva como um ‘peso nas costas’ (Mauss, 2003, p. 248).

⁴² No ensaio “Duas memórias e o esquecimento”, Barros, Perez e Martins promovem uma diferenciação entre Necessidade e necessidade. “Necessidade: clausula da época (necessité) figura estrutural+totalidade histórica=Texto com valores de legibilidade e sua eficácia/necessidade: nascida da natureza ou da vida social, entre as duas, o jogo silencioso da diferença” (2012, p. 146).

A obrigação do homem, em retribuir a dádiva recebida do deus está vinculada ao sentimento de culpa que aquele carrega por ter tomado parte na morte desse; já que o cristianismo repugna, com veemência, a violação da lei. Assim, a retribuição à extrema dádiva não ocorre de outra forma senão com observâncias penosas que colocam o homem à prova dos seus próprios limites na busca pelo perdão do assassínio e pela contrição dos pecados em que a autoflagelação surge, talvez, como o exemplo mais extremo. As penitências aparecem, então, como uma retribuição minimamente alinhada àquela que depois de oferecida, suplantou qualquer outra.

“A obrigação de retribuir dignamente é imperativa. Perde-se a ‘face’ para sempre se não houver retribuição ou se valores equivalentes não forem destruídos” (Mauss, 2003, p. 250). De modo que, para tentar ao menos se equiparar à dádiva oferecida pelo deus [porque se tem a noção de que ultrapassá-la seria impossível], o homem retribui submetendo-se a tabus alimentares, consumindo-se em vigílias noturnas, andando longas distâncias em procissões, enfim, impondo-se comportamentos extremados. Percebe-se, que a retribuição ao deus é dada sob formas sofríveis com contornos de renúncia e de penúria que também adotadas como atitudes interiores, visam, sobretudo, restabelecer a continuidade com a divindade. O terceiro elo dessa corrente de dons e de contra dons se completa, assim, como começou: abarcado por um sacrifício de si destinado a quem, por ele, se sacrificou, como a própria dona D. analisou:

É... A gente faz um sacrifício por amor a ele, que a gente sente que é um pequeno sacrifício dentro do grande, do maior sacrifício do mundo que Ele fez por nós. Então é a gente retribuindo um pouquinho do mundo que Ele fez por nós, então é uma retribuição; é um ato, assim, de carinho pra com Ele. E, além disso, a gente fazendo essa penitência, esse sacrifício, é... Ele é, reforça na gente, por exemplo, você tem mais força contra o pecado, sabe, fortifica a gente, é a retribuição de Deus. Você educa mais o seu corpo também contra o pecado, contra o mal, você sabe que tem mais força com Ele, com esse sacrifício, com esse jejum, sabe? E a gente sente isso mesmo. (Entrevista com Dona D. - 04/04/2012).

Por outro lado, se se completa um circuito, logo outro se abre, posto que a dinâmica da dádiva instaura uma cadeia ininterrupta de dons e de contra dons. Uma vez

que o homem aceita e retribui a oferta do deus, esse passa a partir daquele momento, a ser uma espécie de devedor dando início a um outro circuito. “O suplicante não imagina, então [...] nada melhor que tomar ele próprio a dianteira fazendo-lhes uma dádiva, um *sacrifício*, ou seja, *consagrando*, introduzindo à sua custa no domínio do sagrado algo que lhe pertence e que ele abandona [...] Assim, as potências sagradas, que não podem recusar esta oferta usuária, tornam-se devedoras do donatário, ficam ligadas pelo que receberam e, para não continuarem em dívida, devem conceder o que lhes pede: benefício material, virtude ou remissão de uma pena [...] Pelo sacrifício, o fiel passou a ser credor e espera que as potestades que ele venera liquidem a dívida que contraíram para com ele satisfazer as suas súplicas” (Callois, 1988, p. 28).

A troca de dádivas entre homens e deuses está inteiramente envolta pelo sistema sacrificial. Mauss disse que “um dos primeiros grupos de seres com os quais os homens tiveram de estabelecer contrato, e que por definição estavam aí para contratar com eles, eram os espíritos dos mortos e os deuses. Com efeito, são eles os verdadeiros proprietários das coisas e dos bens do mundo. Com eles é que era mais necessário intercambiar e mais perigoso não intercambiar. Mas, inversamente, com eles é que era mais fácil e mais seguro intercambiar. A destruição sacrificial tem por objetivo ser, precisamente, uma doação a ser necessariamente retribuída” (2003, p. 206). A retribuição ao presente recebido é então, o aspecto mais importante desse mecanismo de dons e quando realizado em um grau supremo, como é o caso do sacrifício do deus, naturalmente “os deuses que dão e retribuem estão aí para dar uma coisa grande em troca de uma pequena” (idem, p. 208).

A relação estabelecida entre o humano e o invólucro sagrado que o cerca, faz com que se estabeleça uma comunicação fundamental entre deus e homem que se desdobra, então, na economia da troca. O sacrifício e a festa que daí resulta se inscrevem, então, nesse movimento que se presta à tríade dar, receber e retribuir. De modo que o sacrifício de Cristo deixa uma contrapartida de retribuição como uma obrigação implícita a esta dádiva, já que o dom se reveste de um caráter livre e gratuito, mas na verdade, é cercado de obrigações e de interesses entre aqueles que selam o contrato. A abnegação de Cristo pela humanidade faz com que esta se reúna periodicamente para dissipar a sua própria força em um gesto de penitência pelo dom do deus. De modo que a retribuição à extrema dádiva ofertada vem periodicamente na forma do jejum, das orações, das vigílias, das missas e das longas procissões.

A dimensão maussiana do dom liga-se fundamentalmente ao tema da hospitalidade cuja lei máxima é o abrir-se ao outro. Abrir a porta para o outro é fatalmente reder-se a ele, a um desconhecido que pode revelar-se salteador; atitude perigosa esta de acolhida, mas que desvenda a incondicionalidade do hospedeiro. Oferecer asilo ao desenraizado, dizer sim ao que chega sem uma pergunta sequer é, para Jacques Derrida, a lei da hospitalidade. “Tanto para o convidado quanto para o visitante a passagem da soleira, do limiar, é sempre um passo de transgressão” (Derrida, 2003, p. 67). Dona D. abriu-me a porta da sua casa e do *seu* sagrado em uma atitude semelhante à da loucura, como disse Derrida, pois nunca se sabe quem está do outro lado da porta (idem, p. 84). Permitir a passagem através da porta é um ato de entrega e não apenas de aproximação fortuita. Nessa acepção, a hospitalidade também é sacrifício; aceitar que o outro [um de fora] entre em sua vida é sacrificar-se por ele.

Abrir-se incondicionalmente ao outro é dar ao forasteiro, recém chegado, os gestos mais preciosos de guarida que se demonstram através de festins, de festas e de presentes. Após a longa conversa no início daquela quarta-feira Santa, dona D. convidou-me para um café vislumbrando que dado o horário marcado para a nossa conversa eu não havia sequer tomado a primeira xícara do dia. Fomos para a cozinha, e lá ela não me ofereceu apenas uma xícara de café, mas um pequeno banquete feito de bolo, de pães e de biscoitos.

A comensalidade em particular, se revela como o ritual no qual a hospitalidade emerge com toda sua máxima potência, pois o ato de comer e de beber conjuntamente expressa o mais típico instante de comunhão. Oferecer alimento ao outro, estranho à sua vida, gera um laço muitas vezes definitivo. O momento da comensalidade é o momento da troca; trocam-se víveres, trocam-se gestos e afeições, misturam-se almas. A troca é participação já que há a ingestão do alimento, da mesma substância comum como diz DaMatta (idem, p. 62). Assim como sorver a hóstia [o corpo e o sangue de Cristo], é selar a comunhão com ele.

Vale ressaltar que a cozinha é o outro extremo da casa. Nela se encontra o fogão, o núcleo da casa, posto que seja o lugar de reunir-se para a comunhão. Sérgio Da Mata conta que na Roma Antiga, a cozinha era o lugar mais sagrado da habitação, sendo o altar da deusa *Vesta*, a deusa do fogão. “O fogão resume a casa tal como a casa resume o mundo” (2002, p. 140). Em sua viagem por Minas Gerais, Saint-Hilaire não deixou de notar que a cozinha era um lugar interdito, reservado às mulheres, “um santuário em que

o estranho nunca penetra” (Saint-Hilaire, 1938, p. 186 apud. Da Mata, p. 140). Enquanto partilhávamos da refeição matinal, dona D. me mostrou a bacia com o bacalhau que seria utilizado na preparação dos pastéis da sexta-feira Santa, que já estava sendo dessalgando desde o dia anterior para ficar no ponto exato do quitute que seria servido em um lanche com os filhos e com os netos, como anteriormente mencionado.

Na tarde desse mesmo dia, resolvi passar na Catedral do Pilar para ver como estava a movimentação para a cerimônia de logo mais, o Ofício de Trevas. Essa solenidade talvez seja aquela considerada como a mais distinta tradição local da cidade por ser orgulhosamente mantida há mais de duzentos anos e que faz reavivar o requinte e o esplendor da época do ouro. Segundo o discurso recorrentemente mencionado, São João é a única cidade do Brasil e do mundo que ainda preserva o Ofício de Trevas quase do mesmo modo como esse era feito no período colonial. Por essa razão, é uma solenidade concorridíssima, que faz a igreja atrair mais pessoas mais do que todas as outras celebrações do ciclo.

Assim que me aproximei da Catedral, avistei uma van, dessas que possuem uma ilha de edição de vídeo, estacionada em frente à escadaria da igreja. Era um veículo que pertencia a uma rede de televisão afiliada a uma grande emissora e que possui cobertura, ente outras regiões, no Campo das Vertentes e em parte do sul de Minas. Aquela cena me forneceu uma prévia do quão comentado e concorrido seria esse Ofício. A presença daquele veículo causava um certo alvoroço até mesmo em quem já parecia estar acostumado a observar aquilo todos os anos, já que as pessoas paravam para ver a equipe de reportagem armando a parafernália para a transmissão do evento.

Àquela hora do dia eu sentia que a cidade ia, lentamente, se modificando para acomodar os três dias de festa que se seguiriam até chegar o último dia do ciclo, o Domingo de Páscoa. Os estrangeiros já começavam a chegar. Naquele momento, acabara de ver um jovem casal que segurava a programação da “Semana Santa Cultural” entrando em um carro com a placa de Belo Horizonte, uma das cidades que mais enviam pessoas a São João, nessa época festiva. Ao mesmo tempo, muitas pessoas também deixavam a cidade e não era difícil vê-las com suas malas em mãos esperando a carona ou rumando para a rodoviária.

Voltei ao Largo de São Francisco para esperar pela saída da primeira Via Sacra daquela igreja. O horário combinado passou e eu não via nenhuma movimentação que me parecesse religiosa, até que avistei dona D., que falou que a caminhada já havia

começado, convidando-me para acompanhá-la até a sua casa. Chegando à porta do prédio, ela abriu a garagem revelando os preparativos para o pequeno altar que seria montado na calçada. O altar preparado por dona D. era feito por uma mesinha baixa coberta por uma toalha branca bordada e um tecido roxo por baixo daquele branco. Em cima da mesa havia um arranjo com flores naturais e um castiçal com duas velas. Pregado no muro do prédio, estava o cartaz com a cena da 11ª Estação, que eu havia visto mais cedo em sua casa e, logo acima, uma imagem de Cristo crucificado adornada com dois ramos de palmeira.

Assim que o altar ficou pronto algumas pessoas começaram a chegar. Eram os amigos e os vizinhos por ela convidados. E com todos que chegavam e paravam em frente ao altar, dona D. iniciava a mesma explicação sobre a cena retratada no cartaz: *aqui esse homem está preparando o cravo, esse homem aqui já está pregando o cravo na mão de Jesus, já esse, está arrumando os pés de Jesus para depois pregá-lo... Olha só que coisa!* Um homem passou de moto na avenida e fez o sinal da cruz assim que avistou o altar, mostrando que aquele pequeno local de culto havia momentaneamente, sacralizado o mundo da rua.

A Via Sacra despontou na avenida exatamente às 19h00min, horário em que muito provavelmente também iniciava o Ofício de Trevas na Catedral do Pilar. O cortejo era capitaneado por um carro de som de onde eram entoadas as orações relativas a cada Estação. O carro, elemento “moderno” dessa celebração, me chamou muito a atenção, pois destoava de todo aquele aparato “tradicional” comuns às celebrações do ciclo e que as irmandades faziam questão de seguir. Contudo, aquela primeira via sacra já surgira como uma tradição na Semana Santa da paróquia de São Francisco envolta pelos ares da “modernidade”.

O carro era precedido pela cruz quaresmal, ladeada pelas lanternas nas mãos de dois franciscanos; atrás dele, muitas pessoas acompanhavam o cortejo, algumas delas, segurando cruces de madeira. A cruz parou em frente ao altar e ao lado de dona D. A oração foi entoada no alto falante do automóvel sendo acompanhada pela ladainha dos presentes. Após passar pela 11ª Estação na casa de dona D., continuei com a Via Sacra pela 12ª Estação, que parou em uma casa vizinha à da senhora, pela 13ª Estação, em frente à Santa Casa de Misericórdia e por fim, pela 14ª Estação, em frente à Igreja de São Gonçalo Garcia. Mal esperei pela última oração e rapidamente atravessei a ponte de pedra rumo à Catedral do Pilar, para participar do Ofício de Trevas.



Imagem 15: Altar preparado por Dona D. para a primeira Via Sacra externa da Igreja de São Francisco de Assis – 04/04/2012 (arquivo pessoal).

Cheguei à Catedral e o seu interior já estava completamente tomado, me obrigando a ficar de pé em uma das laterais da igreja. Havia algumas pessoas que vislumbrando o que estava por vir, preferiram ficar sentadas nos bancos da ante-sala que levava até as salas dos clérigos e das ordens, bem como até a saída, mesmo que dali não se enxergasse nada do que se passava no altar.

O Ofício de Trevas é um ritual que se inicia na noite de quarta-feira e se estende pelas manhãs da sexta e do sábado. O Ofício da noite é composto pelas chamadas *Matinas* e pelas *Laudes*, as duas primeiras Horas Canônicas⁴³. As Horas Canônicas ou Ofício Divino [do latim *Divinum Officium*] eram as antigas divisões do tempo cristão que serviam como o norte para as orações realizadas ao longo do dia. Essa diferenciação e a sua justificativa se baseavam nas passagens bíblicas, sendo “o meio-dia, {a} hora em

⁴³ As Horas Canônicas dividiam o dia em oito partes, assim distribuídos: A primeira parte eram as *Matinas*, que iam da meia noite às três da madrugada; a segunda eram as *Laudes*, que iam das três às seis da manhã; a terceira era a *Prima*, de seis às nove da manhã; a quarta era *Tertia*, de nove ao meio dia; a quinta chamava-se *Sexta*, que ia do meio dia às três da tarde; a sexta era a *Nona*, que ia das três às seis da tarde; a sexta eram as *Vésperas*, que ia das seis às nove da noite e, finalmente, as *Completas*, que iam das nove à meia noite.

que se iniciava a agonia de Cristo - assim como seu reverso, a meia-noite -; as 15:00h, quando Ele expira no Calvário (“E desde a hora sexta houve trevas sobre toda a terra, até a hora nona; Mt 27,45”); às 18:00h, a hora da Anunciação [...] também chamada hora da Ave Maria ou do Ângelus” (Da Mata, 2002, p. 105).

As Matinas são divididas em blocos denominados de “noturnos” que são compostos por nove salmos e de suas antífonas, três versículos e nove leituras. Após cada leitura, que podem ser retiradas das Sagradas Escrituras, de sermões ou de homilias, entram os responsórios, que também são nove⁴⁴. Já as Laudes, do latim *laudare*, que quer dizer louvor, são assim designadas porque os salmos que as compõem são consagrados aos louvores de Deus. As Laudes abrangem cinco salmos, um versículo e um hino. Nessa segunda parte do Ofício de Trevas, antes das orações finais, entoa-se o Cântico de Zacarias - o *Benedictus* - seguido de antífona⁴⁵. O ritual, muito complexo, é difícil entendê-lo quando se participa e, mais ainda de descrevê-lo quando se tem a pretensão de explicá-lo, o que passa ao largo de minhas intenções. Assim, me furto das palavras de Carlos Rodrigues Brandão para falar que “não preciso explicar o que compreendo, mas compreender o que sinto” (1982, p. 13).

A Orquestra e o Coro Ribeiro Bastos, com os seus integrantes vestidos de gala desceram do andar superior onde habitualmente ficavam para se misturar aos fiéis, posicionando-se de frente para o altar mor. Naquela ocasião, a parte musical seria o elemento principal da celebração junto ao canto gregoriano; dando o tom carregado ao Ofício que é composto por salmos, por leituras bíblicas, por antífonas, por responsórios, por trechos de leituras papais, por lamentações e por lições entoadas em latim, que meditam sobre a Paixão e a morte de Cristo.

No altar havia um tenebrário em destaque posicionado ao lado direito, uma espécie de candelabro triangular com quinze velas acesas. Ao final de cada salmo cantado uma das velas era apagada, sempre começando pelas bases do triângulo. Era tudo tão admiravelmente sistematizado - o canto, as músicas, as orações e o apagar das velas - que eu me sentia até um pouco paralisada diante da sofisticação e da riqueza

⁴⁴ A antífona é uma resposta, cantada em gregoriano, a um salmo ou a uma parte da liturgia. Já o responsório é uma espécie de canto litúrgico em que um solista entoava versos que são respondidos pelo coro.

⁴⁵ Fonte: <http://preciosodeposito.blogspot.com.br/2008/03/liturgia-anlise-do-ofcio-divino.html>.

tanto material quanto litúrgica e musical do acontecimento. Ao mesmo tempo, o peso e a dramaticidade do Ofício fascinavam pela beleza com que tudo se passava.

Por ser uma solenidade que se arrastava entre um apagar e outro de velas, uma menina que estava sentada em um dos bancos no meio da igreja se comunicava com uma outra sentada um pouco mais atrás, por meio de gestos, contando que lá no altar, até aquele momento, e apesar do tempo transcorrido, apenas três velas haviam sido apagadas.

Aguntei ficar por uma hora e meia assistindo ao Ofício e depois precisei sair da igreja para sentar um pouco e recuperar as forças. Quem diz que o campo também não é uma espécie de sacrifício, de externalização do dar-se, é mentiroso. Tanta coisa acontecendo ao mesmo tempo e a uma só vez... Consola-me Mauss com quem aprendemos o que, *à la fois*, quer dizer. Saí por umas das portarias laterais que se encontrava próxima ao lugar onde estava e que conduzia para a sala da Irmandade dos Passos. Quando olhei em direção à sala, percebi que a cena do encontro com as imagens da Festa de Passos fora armada. Algumas pessoas aproveitavam a abertura da armação e rezavam ajoelhadas diante de Nossa Senhora das Dores e do Senhor Bom Jesus dos Passos enquanto o Ofício acontecia lá dentro. Do lado de fora as pessoas conversavam animadamente concentradas, principalmente, no adro da igreja. Para uns, o Ofício de Trevas se tornava apenas um pretexto para o encontro, especialmente quando a festa já dava sinais da presença dos filhos-ausentes que retornavam à cidade.

Sentei-me em um canto para aliviar o cansaço das pernas e só pensava em como era penoso acompanhar aquela solenidade, sobretudo, se você não conseguiu um lugar para se sentar. Léa Perez disse, a propósito do seu cansaço corporal, após os intensos dias de atividade acompanhando as procissões lisboetas, que “fazer procissão implica em um exaustivo investimento corporal” (2010, p. 07). Assim era para mim, ao participar das missas. A fadiga e a dor que me acompanhavam nesse Ofício ofereciam uma pequena dimensão do próprio sacrifício pelo qual os fiéis se submetiam ao longo de todo o ciclo festivo e ao qual o meu corpo e a minha mente também se submeteria nos dias que estavam por vir, todos compostos por longas missas, por procissões e por eventos noturnos e diurnos.



Imagem 16: Cena do Encontro montada pela da Irmandade dos Passos na Catedral do Pilar - 04/04/2012 (arquivo pessoal).

Retornei para o interior da igreja e continuei a assistir ao Ofício que, denso e dramático pelo mitigar das velas, advertia que o momento da morte se aproximava. Passado o tempo, somente a vela disposta no vértice do candelabro permanecera acesa e assim que o coro começou a cantar *Christus factus est*, o acólito a protegeu da visão de todos, contudo sem apagá-la⁴⁶. Aquele objeto consagrado que era o próprio deus, ou a luz do deus, suscitava sentimentos ambíguos de veneração e de temor, pois não se sabia ao certo com qual força se estava lidando naquele momento. Para Callois, “a força que o homem ou a coisa consagrados encerram está sempre pronta a derramar-se para o exterior, a escapar-se como um líquido, a descarregar-se como a eletricidade” (1988, p. 21). Por isso era tão necessário interdité-lo da visão dos presentes.

Christus factus est pro nobis obædiens usque as mortem.

[O Cristo fez-se por nós, obediente até a morte] (Piedosas e solenes tradições..., 1997, p. 198).

⁴⁶ O acólito é um auxiliar do sacerdote nas ações litúrgicas, sobretudo, nas celebrações da missa. Também é a sua função cuidar do altar e distribuir a hóstia no momento da comunhão.

Enquanto o canto prosseguia, as luzes da igreja eram uma a uma apagadas, conferindo um aspecto soturno ao templo barroco. Com um mínimo de luz que incidia somente do altar o celebrante, ajoelhado, rezou em latim uma oração. Que, quando chegou ao fim, fez com que as poucas luzes que ainda restavam acesas fossem apagadas, deixando a igreja na mais completa escuridão. Naquele breve instante vivificado pela experiência do sagrado, cada um ali presente perecera junto ao deus nas trevas. Ainda segundo Callois, “o sagrado é sempre mais ou menos aquilo de que não nos aproximamos sem morrer” (1988, p. 21).

Assim que as luzes se apagaram, imediatamente um ruído tomou conta do ambiente: eram os pés dos presentes batendo no assoalho de madeira e emitindo um barulho que era amplificado pela força do gesto. O deus havia morrido. Esse ato não durou mais do que poucos segundos. Em seguida, todas as luzes foram novamente acesas e o acólito apareceu diante de todos os presentes com a chama da vela ainda intensa, sinalizando que para o deus, a morte seria apenas passageira. A cerimônia chegara ao fim.



Imagem 17: Cerimônia do Offício de Trevas na Catedral do Pilar – 04/04/2012 (arquivo pessoal).

Imediatamente, as pessoas emergiram das trevas que há horas as inebriava naquele complexo procedimento ritual e começaram a sair da igreja, meio atordoadas pela magnitude da potência com que sagrado agira ali. Na saída, percebi que algumas pessoas estavam extremamente emocionadas, com os olhos marejados pelas lágrimas e atônitas pelo que acabaram de presenciar; mesmo que para algumas delas aquilo ocorresse todos os anos. Callois expôs, a respeito do sagrado, que a sua elaboração não se encontra nos limites das possibilidades da linguagem abstrata, assim como a sensação, no momento em que se tenta formulá-la. “O sagrado aparece assim como uma categoria da sensibilidade. Na verdade, é a categoria sobre a qual assenta a atitude religiosa, aquela que lhe dá o seu caráter específico, aquela que impõem ao fiel um sentimento de respeito particular, que presume a sua fé contra o espírito de exame, a subtrai à discussão, a coloca fora e para além da razão” (1988, p. 20).

Após a minha experiência no Ofício de Trevas, a solenidade selou, definitivamente, a percepção de que São João del Rei toma fôlego na contemplação do seu passado por meio da festa. Determinados grupos acreditam e agem como se os grandes momentos da hi[e]stória formassem uma cadeia contínua em que eles ligam, ao longo dos tempos, as glórias da festa de um passado ainda vivo e grandioso tal como disse Nietzsche, a respeito da forma monumental da história (2005, p. 84).

São João del Rei possui, na paróquia de Nossa Senhora do Pilar, algumas características próprias {na Semana Santa}, como a manutenção do Canto da Paixão em latim e em gregoriano e, sobretudo, a preservação na íntegra, dos multisseculares OFÍCIOS DE TREVAS, sendo a única cidade do mundo, a mantê-los, sem interrupção, em sua totalidade, com o latim, canto gregoriano e coral-orquestral, esta de compositor sanjoanense (Tirado, 2007, p. 09) [grifo do autor].

O Ofício de Trevas é então, uma solenidade proclamada como aquela que resistiu aos tempos e às mudanças, posto que realizada em sua integralidade; enquanto que no resto do mundo ela foi-se perdendo.

Qualquer possibilidade de mudança, mesmo que inevitável - porque a festa se encontra em constante transformação - é vista como algo a ser combatido em nome da hi[e]stória, porque é dever fazer a festa do jeito que sempre foi feito; pois nesse caso, “o que é grande deveria durar eternamente” (Nietzsche, 2005, p. 84). Mas é precisamente

na perspectiva da mudança que se encontra todo o fôlego para tentar eternizar essa grandeza do passado. E nenhuma mudança tal como ocorreu com a reforma do Concílio Vaticano II, parece ter impactado tanto o *modus operandi* das práticas religiosas perpetuadas, principalmente, pelas irmandades nas igrejas do Centro Histórico.

Não é difícil ouvir falar nas mudanças que esse Concílio acarretou na vida religiosa da cidade, sobretudo, na percepção dos moradores mais velhos que vivenciaram mais intensamente as transformações sobrevindas com essa reforma:

O Concílio Vaticano II, ele trouxe pra nós uma série de modificações em termo de liturgia, de, de, né? Não é do seu tempo mais eu cheguei a participar disso. A gente ia à igreja, às vezes eu cheguei ir à igreja com a minha esposa hoje, como uma namorada, eu ficava de um lado da igreja e ela ficava do outro; nós não podíamos ficar juntos. O padre celebrava de costas para nós né, ele celebrava de frente para Jesus no altar, para Deus e... Celebrava em latim.

(Entrevista com um morador - 04/04/2012).

Depois do Concílio Vaticano II que terminou em 1965, as cerimônias foram abreviadas, muitas foram passadas para o português, o latim só pareceu um pouco de moda, então o que é que acontece, muitas celebrações mesmo no Pilar aqui são feitas conforme as mudanças litúrgicas ocorridas por influência do Concílio Vaticano II e desde o Papa Pio XII, no final do pontificado dele, quando foram introduzidas simplificações e a língua portuguesa. Então alguma coisa permaneceu não é?

(Entrevista com um morador - 02/04/2012).

Então, naquele tempo, na quarta-feira de Cinzas tinha, era a missa de manhã, o Ofício de Trevas a... Naquele tempo até as coisas... Antes do Concílio Vaticano II, que é 1960 me parece, o Concílio Vaticano II, as celebrações eram quase todas de manhã; a tarde é que tinha o Lava-pés lá, não tinha, assim, muita cerimônia à noite não, principalmente a missa do Crisma era, por exemplo, no sábado meio dia; não tinha essa missa que tem à noite, às oito horas da noite não. Depois do Concílio Vaticano II é que aí as missas vespertinas começaram a ter, mais não tinha, as missas todas eram de manhã. Então começou... Aí eles mudaram a programação da Semana Santa como é até hoje (Entrevista com uma moradora - 04/04/2012).

O Concílio Vaticano II foi convocado em 1961 pelo Papa João XXIII, sendo o 21º Concílio Ecumênico realizado pela igreja católica. Geralmente, os concílios são convocados mediante alguma controvérsia teológica, contudo, o Concílio Vaticano II se mostrou como uma exceção já que foi um concílio de cunho pastoral e ecumênico, fazendo com que a igreja abrisse as suas portas para um diálogo com o mundo dada as intensas mudanças que estavam ocorrendo nesse período hi[e]stórico.

De fato, o período que antecedeu o Concílio Vaticano II foi marcado por grandes mudanças que afetaram não só a igreja, mas outras instituições e as sociedades como um todo. Apesar de o concílio ter se passado em um curto espaço de tempo [iniciado em 1962 e terminado em 1965], ele já estava em processo de elaboração como uma tentativa de convocar um novo concílio ou de concluir o Concílio Vaticano I (1869-1870) - que foi suspenso devido à guerra franco-prussiana. Inclusive, no discurso de abertura do Concílio, o papa João XXIII afirmou que aquela assembléia estava destinada a “tornar a Igreja presente no mundo e sua mensagem sensível à razão e ao coração do homem engajado na revolução técnica do século XX” (Santos, 2005, p. 09).

Papas como Pio IX levantaram a questão de um outro concílio entre os anos de 1923 e 1924, além do papa Pio XII, que chegou a criar comissões sem que o projeto avançasse. Até mesmo antes, de acordo com Ney de Souza, “numa linha intermediária e de grande importância para a compreensão da modernidade e do evento conciliar, situa-se o pontificado de Bento XV (1914-1922). O papa envolveu-se nas questões relativas à I Guerra Mundial, mas sem sucesso. O caos global da guerra (1914-1918) tornou evidente que os principais valores da modernidade estavam em crise [...] A I Guerra Mundial colocou em marcha a revolução global que se tornaria explícita após a II Guerra Mundial: ‘a mudança de paradigma eurocêntrico da modernidade’, que tinha marca colonialista, imperialista e capitalista. O novo paradigma que começou a se desenvolver seria global, policêntrico e de orientação ecumênica” (2005, p. 02).

Assim, foi nesse ambiente de transformações e de rupturas que o Vaticano II agiu, implantando outros pensamentos e outras ações que orientariam a igreja católica dali em diante, entre elas, o ecumenismo, o diálogo com o mundo e uma outra concepção de igreja a ser concebida como “Povo de Deus”⁴⁷.

⁴⁷ Na América Latina, o retorno aos princípios cristãos fundamentais trazidos pelo Concílio Vaticano II, fez com que se propagasse, por exemplo, a Teologia da Libertação, que refletiu teologicamente a respeito da conscientização e da organização daqueles que são submetidos a qualquer forma de opressão. No Brasil, emergiram os movimentos de participação popular, reavivados em 1968, quando a igreja se

Certos princípios traçados no Concílio Vaticano II foram fundamentais para essa outra igreja católica que se estava buscando em consonância com esse outro mundo que estava se estabelecendo, tais como:

1. A igreja se configura como uma comunidade de iguais e deve chamar-se povo, “Povo de Deus”. A palavra povo é uma das mais freqüentes nos textos conciliares sobre a igreja.
2. A autoridade eclesiástica não está acima da Palavra de Deus.
3. A igreja não é a cúria romana e nem a hierarquia eclesiástica; essas devem estar submetidas à Palavra de Deus.
4. A missão que define a igreja faz parte de todos, sendo os leigos importantes, porque conduzem a igreja até o povo.
5. A igreja não é um “poder sobrenatural” superior a esse mundo, mas atua no mundo, sendo um “sinal eficaz” dessa comunhão a qual o mundo aspira.
6. A igreja deve agir na história, mas tendo a sabedoria de que ela não tem resposta para tudo, e que aprendeu e ainda pode aprender da história humana; mas que ela também tem algo muito decisivo para oferecer à humanidade.
7. A liturgia, como a alma da igreja, deve ser, por essa mesma razão, mais participativa e mais acessível ao Povo de Deus.
8. Os direitos humanos não são contrários aos direitos de Deus, mas a maneira como Deus quer que realize os seus direitos.
9. A igreja deve saber que não é apenas ela, mas todo o mundo, que deseja a comunhão plena com toda a humanidade.
10. E é por esse desejo de comunhão, que a liberdade religiosa é uma verdade para o cristianismo, por que Deus quer dos homens a bondade, que não pode existir sem a liberdade⁴⁸.

Entretanto, foi precisamente o item sete dessa lista o princípio mais palpável e emblemático do Concílio. A reforma litúrgica por qual a igreja passou tornou-se a obra mais sensível do Vaticano II, pois se fez sentir no cotidiano da igreja e dos fiéis. Assim,

prestou a uma abertura até então enfraquecida pelo golpe de 1964. “Da complexidade de iniciativas e movimentos associados a esta orientação ecumênica e à ética da solidariedade, destacamos a organização das Comunidades Eclesiais de Base – CEBs e dos Agentes da Pastoral Negra – APN, que fomentaram a emergência de novas lideranças carismáticas e populares” (Ferreira, Mahfoud & Silva, 2011, p. 180).

⁴⁸ Fonte:

http://www.diocesedesaojoaodelrei.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2513:ano-da-fe-aplicacao-do-concilio-vaticano-ii-na-diocese-de-sjdr&catid=13:principal&Itemid=129.

entre outras modificações, a missa que antes era celebrada de frente para o altar passou a ser presidida de frente para os fiéis, a liturgia em latim, passou a ser proferida na língua particular de cada povo, com o projeto de que a assembléia deixasse de ser mera espectadora e passasse a fazer parte das celebrações [como se participar mais ou menos, dependesse unicamente de um frente a frente ou de uma mesma língua, excluindo, ou melhor, diluindo o distanciamento mágico necessário para o êxtase místico. Secularização em outros termos].

“A constituição [...] sobre a liturgia, a primeira do Concílio, foi sem dúvida o documento que suscitou os frutos mais visíveis do Vaticano II. Com esse texto, os fiéis, bispos, padres, religiosos e leigos, foram entendendo que a liturgia deve ser mais que um mero cerimonial com rubricas e normas: é a ação na qual Jesus Cristo Sacerdote associa a si a Igreja para tornar presente e atuante o mistério pascal de nossa redenção [...] A renovação litúrgica promovida pelo Vaticano II marcou a vida da Igreja e mudou a mentalidade dos fiéis. O uso do vernáculo modificou o estilo das celebrações litúrgicas. O celebrante voltado para o povo estabeleceu novo tipo de participação ativa e consciente da comunidade. Numerosas publicações em estilo popular, sobretudo os folhetos litúrgicos, para cada domingo, colocados generosamente nas mãos dos fiéis, contribuíram para sua participação na celebração eucarística [...] Particularmente úteis foram os ministros paroquiais leigos, os que podiam ajudar na distribuição da comunhão, levar a eucaristia aos enfermos, oferecer assistência especial aos moribundos e dar aos falecidos enterro mais eclesiástico” (Kloppenburg, 2005, p. 64).

Entretanto, essa renovação empreendida pelo Vaticano II não foi amplamente aceita, em um primeiro momento, no multiverso religioso de São João del Rei, havendo um nítido embate entre essa concepção e aquela preconizada pela tradição religiosa das ordens leigas, sobremaneira, assentada na cultura religiosa transplantada da metrópole e que aqui na América portuguesa, ganhou outros ares. No caso, essa tradição religiosa que se procurou manter cuidadosamente face ao concílio é aquela estabelecida ainda sob as bases do catolicismo ibérico assentado em um ritualismo festivo e acentuadamente barroco e conduzido pelas diretrizes do Concílio Tridentino.

Então, tudo isso veio com o Concílio de Trento e que seria os sinais visíveis da igreja a construção de igrejas decoradas - não na simplicidade das igrejas góticas, ela é, ela é isenta de ornamentos - então isso dentro do próprio espírito do barroco, que é o

excesso de ornamentação, o impacto. E logo em seguida vem também a Igreja dos Jesuítas que é a primeira manifestação do barroco na Itália, dos Jesuítas né, de Jesus - Inácio de Loyola - a Companhia de Jesus, e esse espírito também vem junto com próprio Portugal e uma ordem que se disseminou na Europa com uma facilidade tremenda, porque a obediência dos Jesuítas ia diretamente ao Papa. Então houve aquele “jeito” de usar e criar essa mentalidade de servir à Igreja incondicionalmente, tudo para a maior glória de Deus. “Ad maiorem gloriam Dei” é o lema dos Jesuítas, é o lema deles. Então, tudo que fosse bom, tudo que fosse belo, tudo que fosse... Seria aplicado na igreja. Convém a ela a própria música, tem o excesso de coisa, a pompa do ritual, e aí foi, foram os liturgistas vendo, as missas solenes, a riqueza dos paramentos... E a coisa mais simples, aquela casula, passaram a ter essas casulas ricas com pedrarias; o próprio gestual dos novos manuais de Liturgia foi acrescentando cada vez mais pompa; e tudo aliado: música, o aspecto de... Se você fizer um altar despojado desse cerimonial, dessa pompa, perde o simbolismo - Então tudo isso aglutinou vindo dessa região de Portugal que, sempre muito rica, e aqui no Brasil, primeiramente no litoral, mas, depois ficou mais disseminado aqui em Minas Gerais, aqui ficou muito preso em função de que as ordens religiosas não puderam estabelecer conventos aqui em Minas Gerais.

(Entrevista com seu A. - 23/01/2012)

Apesar das adequações trazidas pelo Concílio Vaticano II a que as igrejas paroquiais tiveram de se submeter impostas pela nascente diocese da cidade, criada à mesma época do concílio, na década de 1960, foram pelas iniciativas das ordens leigas, que misturavam [e misturam] além do poder religioso, o político e o econômico, que aquela visão predominante da cultura religiosa se justapôs a essa do concílio.

Assim, a manutenção cuidadosa dos traços da festa do passado colonial [de inspiração tridentina] nas igrejas do Centro Histórico de São João del Rei e que em outro lugares perderam força e até deixaram de existir após o Concílio Vaticano II, se encontra, fundamentalmente, nas mãos desses leigos organizados em irmandades. A possibilidade da mudança trazida pelo concílio fez com que esses grupos - que em São João são um dos principais responsáveis pelo discurso e pela prática da permanência da concepção predominante de religião [e de arte] - entrassem em embate com o corpo da igreja pela manutenção da tradição. Eis a outra faceta da transgressão sanjoanense.

Isso é típico de fazer; se vamos fazer, vamos fazer o melhor possível. São João del Re nesse ponto é privilegiado, porque esse espírito teve uma certa continuidade; ele teve continuidade pelas irmandades. Se você ouvir só as regras da Igreja, quantas modificações houve através dos Concílios, dos Decretos papais e... Teve gente... Vou usar um termo bem popular, gente “bicuda” que falou “nós não vamos obedecer isso não, nós queremos fazer assim”. Então muita coisa foi preservada por isso.

(Entrevista com seu A. - 23/01/2012).

O Tríduo Pascal chegara à esteira da quinta-feira Santa, no dia 05 de abril de 2012. É certo que a cidade já vivia a Semana Santa havia quatro dias, mas foi a partir desse dia que ela parecia mais predisposta a festejar, pois esse período compreendido entre a quinta e o sábado seria aquele com uma grande concentração de rituais relativos à Paixão do Senhor.

Pelas ruas já era visível a grande quantidade de automóveis de outras regiões de Minas Gerais e também do Brasil, especialmente das cidades da região sudeste, de onde provinha a maior parte dos estrangeiros, de acordo com um levantamento prévio realizado em hotéis do Centro, em um dos trabalhos de campo. Além dos turistas, os filhos ausentes também retornavam com força à cidade para os festejos.

No Largo do São Francisco pela manhã, já havia um grupo bem grande de pessoas às voltas com a confecção dos tapetes de rua do projeto “Semana Santa Cultural”. Esse era um evento que acontecia na cidade há, pelo menos, doze anos, durante o período do Tríduo Pascal, organizado por uma ONG de apelo cultural chamada “Atitude Cultural”. Aplicando a questão da exaltação dos elementos do passado colonial da cidade aos seus interesses, o projeto costumava montar para esses três dias, uma programação repleta de atividades entre recitais de músicas do século XVIII, visitação aos museus e a confecção dos tapetes [que, todo ano tem como tema um elemento do barroco]. De acordo com as palavras da gestora do projeto:

A Semana Santa Cultural é o esforço de potencializar a manifestação cultural mais voltada pra questão da música e dos tapetes de rua que é a forma do sanjoanense se manifestar. Então a gente envolve artistas, inclusive tem vários artistas que são mestres

santeiros né? Na Semana Santa a gente trabalha um tema que é relacionado à questão da cultura e do patrimônio da cidade, a gente já trabalhou um tema que é uma forma da gente tá discutindo, da gente tá esclarecendo alguns conceitos, da gente tá divulgando, da gente tá registrando no portal... Temas: a gente já trabalhou com temas vitrais, com o tema estuques, então você pergunta pra mim “o que é estuque?” São esses elementos decorativos da nossa arquitetura, e a gente reaplicou nos tapetes de rua. Esse ano a gente tá trabalhando com o tema volutas, volutas são esses desenhos em formas côncavas e convexas... E a gente trabalha, a gente aproveita esse grande público que vem pra cidade e a gente faz exposições, sempre exposições relacionadas à questão do patrimônio, a gente faz exposições da Estrada Real, exposições do artesanato, esse ano a gente vai fazer a exposição dos 12 anos da Semana Santa de todos os tapetes que já foram feitos, de todos os eventos que a gente já fez... (Entrevista com a gestora do projeto - 21/03/2012).

A definição do que venha a ser a “Semana Santa Cultural” fornecida pela própria gestora do projeto mostra ecoando Canclini, como os promotores de uma pretensa modernidade, sentem cada vez mais atração pelas referências do passado (1997, p. 51). Esses projetos modernizadores miram nos usos dos bens hi[e]stóricos e das tradições do passado que, transformados em patrimônio, passam a ser teatralizados em comemorações desse tipo, em monumentos ou até mesmo em museus, como diz o autor. “A teatralização do patrimônio é o esforço para simular que há uma origem, uma substância fundadora, em relação à qual deveríamos atuar hoje” (idem, p. 162).

A montagem dos tapetes era visivelmente muito bem estruturada, já que havia uma equipe para cada parte onde seriam desenhados: ao longo da rua em frente à Igreja de São Francisco, no próprio largo entre as palmeiras e na Rua Padre José Maria Xavier. As equipes eram compostas por artistas plásticos que promoviam desenhos elaborados utilizando materiais de primeira qualidade como areia colorida, serragem, flores, pedriscos, etc., bem como os moldes dos desenhos. Esses tapetes seriam confeccionados durante toda a quinta-feira Santa estendendo-se também para a sexta da Paixão.

Os projetos desenvolvidos por esses grupos atuantes no poder compostos, principalmente, por promotores culturais e por agentes da patrimonialização, mesmo que diferente do que era idealizado pelas irmandades, coadunavam com um mesmo substrato que era a contemplação do passado [em um nível de interesse distinto daquele

das autoridades religiosas, é claro]. Isso fazia com que o projeto “Semana Santa cultural”, em especial, não incomodasse tanto, pelo menos à Ordem Terceira de São Francisco de Assis, que era a responsável pela Igreja e pelo Largo de São Francisco; este último, onde o evento acontecia. A parceria conquistada pela ONG com a ordem leiga se firmava, precisamente, porque o projeto cultural desenvolvido se alinhava à atmosfera da festa religiosa como deixou claro, a própria gestora do projeto:

A gente tinha dificuldades sim. Porque você, afinal de contas, tá entrando... Tudo que é novo em tradição (sic) você tem que chegar devagar, chegar respeitosamente e eu acho que a gente soube fazer isso, tanto que hoje a gente tem um trânsito muito bom porque a gente submete à Ordem Terceira de São Francisco de Assis, porque a gente trabalha na praça dela né, na praça da igreja e a gente apresenta pra eles a programação, discute com eles se tá legal o horário... Apesar de que agora já tá mais fácil porque a gente já consolidou, mais a gente, inicialmente a gente... Eles achavam o que era compatível, o que não era compatível e a gente sempre respeitou demais sabe? Isso foi muito importante pra gente inclusive, porque a gente às vezes acha que a gente pode inovar em umas coisas que muitas vezes a gente não deve impor, porque a cultura tem que ser tudo realmente muito respeitoso pra gente poder evitar conflitos e evitar distorções que às vezes acaba até comprometendo um objetivo que seja comum.

(Entrevista com a gestora do projeto - 21/03/2012)

O consentimento da Ordem Terceira de São Francisco com relação ao evento ocorria porque, mesmo não sendo estritamente de cunho religioso, a “Semana Santa Cultural” era percebida como um evento que procurava estar em conformidade com a festa religiosa, de acordo com um representante da Ordem e com a secretária da igreja, respectivamente:

Então, temos essa parceria, fazemos questão de posicionarmos muito, posicionarmos mesmo, no sentido de que a praça sendo da igreja, o objetivo primeiro é da igreja. Se a igreja, em uma parceria, pode permitir que ali se realize eventos sem que venha interferir nos eventos religiosos da igreja, nós somos parceiros, estamos aí pra apoiar... Vai ter aí agora sábado depois das 10h30min, respeitando os atos litúrgicos, na hora que houver a Aleluia, que arrebentar a aleluia como falamos, aí eles vão poder dar o

show do lado da igreja, é um show... É claro que vai ser um show de acordo com a Semana Santa, não vai ser um show de escola de samba, até que pode fazer um show de escola... Na época do carnaval faz, a escola de samba passa aí, não tem interferência nenhuma da nossa parte, e zelamos... Toda parceria de acordo conosco, nós estamos aí para que ela se realize, eu acho que isso é importante para a nossa cidade, pra promoção da nossa cidade, é importante para o nosso turismo... Agora, se qualquer um vier se instalar ali sem ordem, aí nos não somos parceiros, nós não concordamos. Então nada impede que faça isso; claro que nós procuramos que essa festa não seja uma festa de orgia, mais uma festa perfeita, com músicas perfeitas, de acordo com a época. Então perfeitamente cabível.

(Entrevista com o ministro da Ordem Franciscana - 04/04/2012).

Então tudo que é feito na praça ali, tem que vim, tem que ser autorizado pela igreja, tem que ser... Tem que ver se não tem nenhuma cerimônia dentro da igreja que vai interferir no que tiver tendo lá fora, então há uma parceria sim, tá? Todo esse acontecimento que tem lá fora nesses dias, essa confecção de tapetes, inclusive faz, entre as palmeiras faz, esse ano eles pediram autorização e vai fazer naquela rua que entra também, com certeza tem uma parceria sim, não é feito assim... Eles fazem o projeto e pronto não. Se a Ordem Terceira não aprovar ali não pode fazer nada entendeu? E os tapetes propriamente ditos, são confeccionados em coisas religiosas. As pessoas vêm, “ah a igreja está aberta”, acaba uma coisa puxa a outra, “ah vamos lá ver a igreja”... Então eu acho que nessa hora o profano dá certo com o religioso, nesse ponto sim, entendeu? Tem... Na hora que arrebenta a Aleluia, que a Aleluia vai arrebentar 10 horas da noite, aí vai ter um show aqui, mais sempre o quê? Sempre um show de músicas sacras, ou alguma orquestra... Nada muito profano porque não tem nada a ver com a festa.

(Entrevista com a secretária da Igreja de São Francisco - 03/04/2012).

Assim, neste caso exemplar, observa-se que “a necessidade que tradicionalistas e renovadores têm de apoiar-se uns nos outros leva a alianças frequentes de grupos culturais e religiosos com grupos econômicos e tecnocráticos modernizadores” (Canclini, 1997, p. 159). Por outro lado, se o acontecimento não fosse minimamente

alinhado às concepções [dominantes] da tradição religiosa, as alianças não eram seladas tal como o episódio ocorrido com um morador da cidade aponta:

Eu tenho um grupo de samba que toca choro e coisa e tal e há uns quinze dias morreu um sambista aqui de São João e que foi enterrado aqui no São Francisco e... São Francisco é uma igreja que não pode tocar instrumentos profanos, só pode tocar instrumentos sacros. E o pessoal pediu pra gente fazer uma homenagem pro Chacal, o apelido dele era Chacal, no cemitério, e era só o cavaquinho. Não deixaram. O padre falou: “Vocês queriam tocar cavaquinho?”, e eu falei: “Se fosse violino vocês deixavam...”. Disseram que estava chegando uma bateria de escola de samba, mas não era isso, era só o cavaquinho e não deixaram porque foge dessa tradição sacra...

(Entrevista com morador - 19/03/2012).

Há ainda igrejas, especialmente a Catedral do Pilar, que não permitiam em seus domínios, nada que seja fora do âmbito religioso, sendo que na parte de trás dessa igreja, por exemplo, o espaço era utilizado somente para a montagem de um palco onde acontecia a encenação do Lava-pés e, na parte da frente, como já mencionado, somente alguns carrinhos de pipoca eram autorizados. Desse modo era flagrante o descompasso entre um evento tal como o que esse ocorria no Largo de São Francisco acomodado no interior de uma festa religiosa, como enfatizou o discurso de seu A.:

Isso aí é um desses que estavam fazendo, depois cismaram de fazer lá a Semana Santa do Largo São Francisco, na hora da, da Vigília Pascal, começa um som alto com uma música que não tem nada a ver com a festa religiosa, é o oportunismo de, de... É pegar o gancho na festa e se promover. Aí vai desde a venda de bebida alcoólica que atrai o pessoal jovem e tudo, e daí a pouco o negócio descamba pra outra coisa que não tem nada a ver.

(Entrevista com seu A. - 23/01/2012).

Realmente ficava evidente uma diferença na postura assumida pela Igreja de São Francisco de Assis em relação às demais igrejas do Centro Histórico no que diz respeito a uma maior abertura dos seus domínios às parcerias desse tipo, bem como ao turismo, como os relatos a seguir evidenciam:

Talvez, sem qualquer falsidade, despido de qualquer interesse de promoção da nossa igreja, da nossa ordem, mais nós, por exemplo, aqui na Igreja de São Francisco, na missa das 09h15min, nós temos uma bênção especial para o turista, nós damos uma bênção pro turista, porque é a igreja que mais recebe turista, por quê? Ela é uma igreja bonita por si só, ela tem uma missa muito santa, assim, respeitosa, e acompanhada da música da Orquestra Ribeiro Bastos, que é uma orquestra bicentenária. Então o povo vem realmente; eu acho que a maior parte dos turistas vêm à Igreja de São Francisco às 09h15min, pra ver a igreja e para ouvir a orquestra. Mais eu acho que é um dever meu de fazer algo, como dos freis, pra que isso não fique só nisso, e, no fim, eu acho que eles saem daqui totalmente evangelizados; que é o nosso objetivo, nós temos um templo e nós queremos evangelizar, o padre fala, “é preciso evangelizar”. Então isso, pra mim, tem muito mais importância do que a importância material da divisão financeira do resultado do turismo em si. “Você abre mão disso?” Eu acho que não, a vil moeda ela é importante, a cidade precisa dela, até a própria igreja pra pagar a luz precisa de dinheiro, então, uma das indústrias mais importantes que nós temos em São João del Rei, porque, à medida que ela é uma indústria que ela mantém, ajuda a manter a nossa cidade. Realmente o turismo é um grande ponto de interesse, é uma grande indústria financeira para nossa cidade. Nós temos que realmente conviver com essa linha da indústria do turismo; é importe, é, mais nós procuramos, também, além dessa indústria do turismo, que evolve divisas materiais para a nossa cidade, nós não deixamos de, principalmente cumprir a nossa tarefa de evangelizadores, de construir... A evangelização o que é? É um caminho ao gosto de construir um mundo melhor para todos nós né?

(Entrevista com o ministro da Ordem Franciscana - 04/04/2012)

O que uma pessoa vem de fora e vem conhecer em São João del Rei? As igrejas, os museus né? Você chega aqui em São João... Eu se viesse aqui em São João eu ia ficar muito danada da vida, porque vem, não são todas as igrejas que ficam abertas o dia inteiro igual aqui em São Francisco fica, entendeu? Eu acho que tem que ficar aberto dia de semana, feriado, final de semana, a pessoa está vindo conhecer em São João del Rei é isso, a nossa cidade tem pra oferecer é isso; são as igrejas, são os museus, são as lojas de artesanato que tinham que ficar abertas todo dia, a toda hora, entendeu?

(Entrevista com a secretária da Igreja de São Francisco - 03/04/2012).

Pela manhã, acontecia na Catedral a Missa do Crisma, aquela que consagra os óleos com os quais serão ungidos os batizados, as mãos do prebíteros, a cabeça dos bispos, a igreja e os seus altares. Fiquei apenas do lado de fora da igreja e vi que todas as janelas das tribunas estavam decoradas com uma espécie de bandeira em tons de amarelo e de dourado e bordadas com insígnias no centro, marcando a excepcionalidade do tempo e das solenidades. Contornei a igreja em direção ao Largo da Cruz, aos fundos, e me deparei com uma estrutura já montada para a encenação do Lava-pés. Compondo o cenário, havia um grande painel pregado no muro da igreja que retratava a cena bíblica da última ceia. Já na janela da casa paroquial uma propaganda convidava os visitantes a adquirirem, como *souvenir*, as réplicas dos sinos das igrejas vendidos como símbolos que conferem a São João del Rei o título de “terra onde os sinos falam”, outra marca de “autenticidade” atribuída à cidade.

Outra coisa da cidade é o sino né? Realmente aqui os sinos falam. Por isso que aqui o sino só pode tocar realmente quando for necessidade, pra chamar pra uma missa, morreu alguém, alguma festa, novena... Porque se você chegar lá no sino agora, esbarrar lá no sino e fizer um barulhinho, a pessoa já liga, “olha, o que é que está acontecendo lá no São Francisco?”, “porque o sino tocou?”... Realmente o sino é só nas horas... Agora, por exemplo, se morrer alguém não pode tocar sino por causa da época, porque nós estamos na Semana Santa, não é época liturgicamente falando, de dobrar sino. Igual outro dia teve um enterro que não pôde tocar o sino. Sexta-feira da Paixão, por exemplo, o sino, nem a hora a Matriz dá. A Matriz dá a hora o dia inteiro. Na sexta-feira da Paixão nem a hora, não pode nem encostar nos sinos; só depois... Pára na quinta-feira, umas cinco ou seis horas o sino pára, e ele só vai dobrar no sábado 8 horas da noite...

(Entrevista com a secretária da Igreja de São Francisco - 03/04/2012).

Há certa hora, a produção dos tapetes no Largo de São Francisco estava a pleno vapor. O fluxo de pessoas aumentava próximo às ruas fechadas para o evento e muitas delas paravam diante dos tapetes para acompanhar a produção e para tirar fotos. Na esquina da Rua Pare José Maria Xavier com a Rua do Largo avistei, pela primeira vez no ciclo festivo, um policial fazendo ronda a pé, naquela parte da cidade. Ele falou que aquele tipo de policiamento de rua nas igrejas e nos largos do Centro Histórico se

iniciava mais ostensivamente a partir da quinta-feira Santa, por conta do feriado que trazia para a cidade um grande número de visitantes. Além do policiamento realizado nas ruas da confecção dos tapetes, também haveria policiamento nas Igrejas do Pilar, do Carmo, do Rosário e nas imediações da Igreja das Mercês. Nos momentos das celebrações, além do policiamento a pé haveria também a ronda em viaturas - como observado na Festa de Passos - pois seriam ocasiões de maior concentração de pessoas nas ruas. A respeito de como se opera a logística nas festas do Ciclo da Paixão, seu A. explicou:

Isso de segurança já... Isso aí é obrigatoriedade do Estado. Então qualquer manifestação... Também existe isso. Anualmente a irmandade, isso é pra preparação, vai desde aquela carta aos poderes constituídos até a polícia... Pede segurança, ao Corpo de Bombeiros... Então o que é que eles puseram: um carro, uma ambulância dos Bombeiros à disposição e deixaram uma via de acesso que não podia fechar com o povo, para que tivesse movimentação... A polícia de trânsito da prefeitura, quando se tem uma coisa, então pede nas ruas onde vai passar a procissão o que for para se tirar todos os estacionamentos de carro para fluir melhor o cortejo.

(Entrevista com seu A. - 23/01/2012).

A tarde avançava e o número de pessoas aumentava pelas ruas, especialmente naquelas próximas às igrejas e aos museus. Na portaria principal dos templos, muitas crianças vendiam as ervas aromáticas que faziam parte dos rituais do ciclo festivo, principalmente os ramos de arnica. No interior da Catedral do Pilar, os fiéis esperavam sentados à missa solene da Ceia do Senhor que teria início às 17h00min e, ao mesmo tempo em que havia essa espera, outras tantas começavam a visitação às armações efêmeras montadas no interior das igrejas do Centro Histórico com as cenas da vida de Jesus.

Faltando apenas cinco minutos para o início da celebração, a igreja estava com todos os seus lugares praticamente ocupados; há tempos se ouvia a afinação dos instrumentos da orquestra, que voltara para o seu palco habitual descer para o Ofício de Trevas. No altar mor, a cruz estava coberta por um tecido na cor branca e não mais na cor roxa. Com o passar arrastado dos dias, as tonalidades da festa alteravam de

gradação, passando da cor roxa do sofrimento e ao negro do luto até chegar às cores alvas da redenção.



Imagem 18: Missa da Ceia do Senhor na Catedral do Pilar – 05/04/2012 (arquivo pessoal).

Essa associação das cores a um certo estado de espírito ou a etapas da vida se descortinava mais ou menos tal como a recordação de Leiris que, quando menino, se conscientizou do que era a morte na ocasião em que teve contato com um livro chamado *As cores da vida*. Associando as imagens do livro às cores, ele descobriu que a fase infantil era aquela do “lusco-fusco”, a cor do caos e da indecisão ao passo que a cor rosa era a adolescência. Passando pelo azul, pelo verde, pela cor das “castanhas cozinhas” - onde havia dois homens bêbados de meia idade - pelo vermelho, pela amarela e pela cinza, enfim, chegou-se à cor preta, “cujo elemento essencial era um personagem muito lúgubre e de uma magreza ressequida, sentado numa espécie de adega onde ‘moía a escuridão’, parece-me, com o auxílio de um aparelho à manivela semelhante aos usados para moer café; com uma cartola na cabeça e vestindo um terno preto que lhe dava o aspecto de um coveiro, os olhos lacrimosos, o nariz ranhento, ele segurava na mão uma vela prestes a se extinguir e quase derretida” (2003, p. 34).

No ar, o cheiro característico de incenso tomava conta do ambiente quando a missa teve início, com a antífona de entrada:

Nos autem gloriari oportet in cruce Domini nostri Jesu Christi:

In quo est salus, vita et resurrectio nostra, per quem salvati et Liberati sumus.

[A cruz de nosso Senhor Jesus Cristo deve ser a nossa glória:

nele está nossa vida e ressurreição; foi ele que nos salvou e libertou] (Piedosas e solenes tradições..., 1997, p. 229).

No momento em que o Missal foi conduzido até o celebrante, e este entoou o *Gloria in excelsis Deo* [Glória a Deus nas alturas], as campainhas, os carrilhões e os sinos começaram a tocar a um só compasso. Aquela seria a última vez em que esses sons seriam ouvidos; dali para frente, a igreja ficaria no mais absoluto silêncio até a Vigília Pascal e só se ouviria o forte uníssono emitido pela matraca, que era o som do luto pela morte de Jesus.

Após as leituras dos Evangelhos, o celebrante proferiu um discurso para a assembleia dizendo que *a ceia é o momento em que Jesus deixa o seu corpo; é o momento da Instituição da Eucaristia, a nova Páscoa, a Páscoa do povo cristão. O senhor é o cordeiro de Deus imolado para a nossa salvação.*

Na hora do ofertório, os cursilhistas se espalharam pela igreja, distribuindo um informativo a respeito da Trasladação do Santíssimo Sacramento que ocorreria logo após a missa. Assim que a solenidade chegou ao fim formou-se, então, um cortejo no interior da igreja que conduziu o Santíssimo Sacramento, completamente coberto, para ser venerado em sua capela, que ficava anexa ao altar principal. Assim que o cortejo sumiu porta adentro rumo à capela, uma legião de fiéis acompanhou-o com o intuito de adorá-lo em silêncio, mesmo que por um breve instante. A possibilidade de conferir o corpo de Cristo fez com que se formasse um tumulto na entrada da capela que estava ricamente ornamentada por alfaias e por flores naturais. Os bancos foram retirados para que coubesse o maior número de pessoas a vigiarem o corpo de Deus.

Saí da capela do Santíssimo direto para a praça onde já estava tudo montado para a encenação do Lava-pés. O cenário fora acrescido de uma mesa coberta por uma toalha branca e sobre ela, vasos, pratos, jarros de barro, pães, e vinhos. Prestes a começar a encenação, uma mulher se posicionou ao meu lado, na praça, e começou a conversar comigo. Proveniente de Itajubá, no sul de Minas, era a primeira vez que participava dos festejos do ciclo da Paixão em São João del Rei aproveitando o ingresso da filha na universidade no início do ano. Efusiva por tudo o que presenciara até aquele

momento, ela não cansava de exaltar o que se descortinava ante o seu olhar: *você viu a beleza da adoração ao Santíssimo no Pilar? E aquele caminho de velas que eles fizeram na rua ali na frente? Eu estou encantada com a festa aqui nessa cidade... Todo católico deveria vir a essa festa, pelo menos uma vez na vida para vivenciar o que é uma Semana Santa de verdade... Eu voltarei com certeza, porque é impossível ver tudo de uma só vez.*

Essa não era a primeira vez que eu ouvia o qualificativo “verdade” quando se referiam a essa Semana Santa. A percepção de estar diante de uma festa “verdadeira”, diz muito do modo como aquela festa era concebida, ou seja, tentando seguir cuidadosamente à maneira do passado. Isso faz com que certos rituais e certas celebrações dado o luxo, a pompa e a ordem característicos, tenham um caráter de “autenticidade” já que não se vêem certos elementos em quase nenhum outro lugar, como o latim, a orquestra, as irmandades, etc. A própria atmosfera criada que tenta reportar à festa do passado colonial provocava nos fiéis a sensação de uma maior religiosidade, se comparado às cerimônias de caráter “moderno”, de cerimonial menos rebuscado trazidas pelas reformas do Concílio Vaticano II. Transgressão à *la* São João...



Imagem 19: Cerimônia do Lava Pés em palco montado atrás da Catedral do Pilar – 05/04/2012 (arquivo pessoal).

A cerimônia do Lava-pés teve lugar com a subida dos irmãos do Santíssimo, dos celebrantes e de alguns meninos coroinhas que faziam o papel dos apóstolos. De acordo com Gaio Sobrinho, essa foi mais uma mudança impetrada na festa que “perdeu muito de seu realismo quando substituíram, por meninos, os adultos que representavam os apóstolos” (2001, p. 114). Acompanhados pela orquestra, cujos instrumentistas estavam sentados ao lado do palco, todos se colocaram em seus devidos lugares. Após o canto em latim do Evangelho de São João, o Bispo no papel de Jesus, colocou na cintura uma toalha branca e aproximou-se de cada um dos apóstolos ajoelhando-se para lavar e enxugar os pés de cada um. Nessa ocasião, a orquestra executou uma peça do padre José Maria Xavier; um diálogo em latim entre Jesus e o apóstolo Simão Pedro:

Domine, tu mihi lavas pedes?

Respondit Jesus, et dixit ei:

“Si non laveri tibi pedes, non habebis partem mecum”.

[Senhor, tu me lavas os pés?

Respondeu Jesus e lhe disse: “se eu não te lavar os pés, não terá parte comigo”]
(Piedosas e solenes tradições...,1997, p. 260).



Imagem 20: Armação efêmera da Igreja das Mercês – 05/04/2012 (arquivo pessoal)

Subi em direção à Igreja das Mercês enquanto a cena do Lava-pés se desenrolava cada vez mais distante do meu olhar. Subi as escadarias junto às muitas pessoas que tomavam o mesmo rumo que eu. Ao entrar na igreja, caminhei pelas folhas secas de rosmaninho até o altar que retratava o evento descrito no Evangelho de Mateus (2: 13-23), no qual José e Maria, com Jesus recém nascido, fugiam do Egito dada a ordem de assassinato de todos os recém nascidos emitida pelo rei Herodes. A armação estava iluminada por um verde que ressaltava a grande quantidade de plantas utilizadas na composição da cena. Enquanto algumas pessoas permaneciam sentadas diante da armação, outras apenas passavam por ela e entravam em uma sala anexa.

Acompanhei as pessoas por aquela porta lateral à direita do altar e me deparei com a imagem de Nossa Senhora das Mercês luxuosamente vestida e ornamentada por rosas brancas. De braços abertos, segurando a capa amarela com os mesmos bordados dourados do vestido, era como se a imagem quisesse embalar a todos que por ela, oravam naquele pequeno espaço. Muitos fiéis estavam ali, imóveis, admirando-a em silêncio.

Quando saí da igreja, observei um número maior de pessoas subindo a escadaria em busca da armação das Mercês. Desci a caminho da Igreja do Carmo e à medida que entrava nas ruas que me levariam cada vez para mais perto do Largo do Carmo, o fluxo de pessoas com que me deparava aumentava proporcionalmente à aproximação da igreja. Assim que alcancei o Largo, avistei uma aglomeração tumultuosa na entrada da igreja. Uma fila havia sido organizada com o intuito de guiar os visitantes conduzindo-os por um caminho que retratavam ao menos seis momentos da vida de Jesus. O interior da igreja estava tão cheio, que ninguém mais respeitava a direção correta da visitaçãõ; só me lembro, com certeza, da cena que retrava o encontro entre mãe e filho.



Imagem 21: Imagem de Nossa Senhora das Mercês - 05/04/2012 (arquivo pessoal).

No meio do percurso, de frente para o altar, se encontrava a magnífica imagem de Nossa Senhora do Carmo envolta por flores em tons de amarelo e de roxo. Situar-se diante da imagem era o momento do trajeto em que a fila mais emperrava, já que os presentes queriam parar e ali mesmo fazer as suas orações. Outros, que vislumbravam uma conversa mais alongada com Nossa Senhora, não se importavam em deter-se nos bancos e gastar o tempo que fosse necessário com a oração. O certo era que a maioria das pessoas estava apenas de passagem, pois era muita igreja para visitar em uma única noite.

Apesar do ciclo festivo ser devotado inteiramente para o Filho de Deus por vezes até cobrindo as imagens dos altares para que a atenção se volte somente para o seu sofrimento, a quinta-feira Santa dedicava um lugar especial ao orago de cada igreja, como a Virgem Maria que é grandemente cultuada no catolicismo popular por ser a mãe, a advogada, a consoladora, a protetora...



Imagem 22: Imagem de Nossa Senhora do Carmo - 05/04/2012 (arquivo pessoal).

Maria está acima até do próprio Cristo para quem ela canalizou todo o seu amor perfeito de mãe que é difundido pelo mundo cristão como uma onda infinita de misericórdia. É por isso que todos os fiéis se sentem um pouco filhos dela. “A importância do culto mariano pode ser facilmente verificada através da toponímia. Dos 289 municípios mineiros cujos nomes ainda fazem menção ao panteão católico, nada menos do que 74 contêm uma das invocações de Maria” (Da Mata, 2002, p. 121).

Ao sair igreja afora, lançada pela multidão ávida para entrar, me dei conta do tanto que o Centro Histórico estava cheio. Eram pessoas passando por todos os lados! A festa pulsava e ultrapassava o espaço institucionalizado das igrejas, derramando-se pelas ruas, fazendo os casais saírem para namorar nas praças, os rapazes colocarem as suas melhores roupas para verem e serem vistos ou as meninas passarem, com um sorriso no rosto, comentando sobre aquele menino bonito que viram lá atrás no último passinho...

Além das igrejas, todos os passinhos também se abriram à visitação, cada um mais enfeitado do que o outro. Era um ajuntamento de gente indo em direção às igrejas e parando no caminho dos passinhos, que se formou um circuito de visitação. Juntos, as armações efêmeras e os passinhos faziam com que as pessoas se dedicassem a uma verdadeira romaria pelas ruas do Centro Histórico; alguns na procura da dádiva com o deus, outros, integrando-se à circulação geral dos seres. Nesse caso, a aproximação com

a romaria não é fortuita, porque em ambos os casos e guardadas as devidas proporções, o que importa é o ato mesmo de se colocar em movimento, é o caminhar mais do que a sua concretização na presença do santo, como disse Pierre Sanchis (2006, p. 87). O movimento é precisamente, transportar-se para outra realidade, um entremeio muitas vezes penoso, porém, repleto de encontros lúdicos pelo caminho (idem, p. 86).



Imagem 23: Visita às armações efêmeras no interior da Igreja do Carmo - 05/04/2012 (arquivo pessoal).

Alcansei a Igreja do Rosário junto ao fluxo incessante de pessoas. Além do barulho das matracas tocadas pelos meninos na entrada, o som do canto gregoriano reverberando por todo o templo dava o tom à armação de Jesus com a cruz sob os ombros. Junto à matraca, os meninos seguravam um recipiente para a esmola, pedindo em alto e bom som: *para a cera do Santo Sepulcro!* Segundo Gaio Sobrinho, esse costume de pedir esmolas para as velas da capela do Santíssimo era muito difundido no passado, todavia, com o passar do tempo, ele foi aos poucos se perdendo, sendo praticada somente em algumas poucas igrejas (2001, p. 114).

Ingressei na sala anexa ao altar e fiquei extasiada ao ver diante de mim a imagem de Nossa Senhora do Rosário. Era como se fosse uma aparição, tão bela estava, cercada por rosas e por velas a segurar o rosário perolado. A sala escura incidia a luz



Imagem 24: Movimentação no Centro Histórico para visita às armações efêmeras montadas nas igrejas - 05/04/2012 (arquivo pessoal).

somente na santa, o que conferia à cena algo ainda de mais sublime. Junto a mim, a sala cheia permanecera paralisada perante a imagem. Naquele momento, e mesmo sem ter visitado as igrejas que ainda restavam pelo caminho, eu decretei, para mim mesma, que a Confraria do Rosário havia se superado na corrida pela armação efêmera mais suntuosa.

O ciclo da Paixão do Centro Histórico já havia dado vivos sinais do fausto, da grandeza e da pompa da festa, tão próprios à cultura barroca e que as ordens leigas de cada igreja faziam questão de seguir com a mesma devoção com que seguiam o deus em suas procissões. Afinal, quem não se esmeraria, orgulhosamente, em tentar acompanhar os rastros de uma cultura que criou em seu esteio o Triunfo Eucarístico e o Áureo Trono Episcopal, os dois exemplos paradigmáticos da festa barroca em Minas? Contudo, as armações efêmeras montadas na quinta-feira Santa se desvelavam, nesse ciclo festivo, como a apoteose da dimensão do luxo, da exibição e do agonístico presentes na festa.

Nesse multiverso religioso, havia uma forte disposição e mais do que isso, uma grave obrigação em se investir no sagrado, que era marcada por uma dilapidação de vultuosas quantias com o desígnio de fazer uma festa em retribuição à maior glória de Deus, mas que fosse uma festa alinhada à festa barroca do passado, pois era *dever* assim fazê-la, ou seja, com a maior pompa que o ato merecia.



Imagem 25: Imagem de Nossa Senhora do Rosário - 05/04/2012 (arquivo pessoal).

De modo que, para perpetrar o ciclo com a pompa barroca do passado, a festa demandava sistematicamente, durante quase cinquenta dias, a presença de oradores, de músicos, de ajudantes, de marceneiros, de operadores de som, de figurantes, de pintores, e por vezes, até de artesãos, como expõe o relato a seguir, a respeito de uma festa ocorrida em anos anteriores:

Tem um rapaz aqui que tem uma oficina, é um artesão, ele aprendeu a trabalhar a prata com um mestre português que tinha uma oficina aqui, então ele ensinou ele a trabalhar... Ele criou alguns objetos, de criação dele, do trabalho dele, aqui pra catedral... Uma vez eu comentei aqui com o padre que aqui era Catedral, era Basílica, mas não tinha um cálice próprio dela. Então eu peguei e mostrei a ele um... Esse tipo de arte, uma Catedral que tem um cálice chamado cálice da dedicação, é um cálice feito só para ser usado naquela igreja. Então ela tem todos os simbolismos daquela igreja; então esse aí foi elaborado com o símbolo da coluna que é esse aqui ó, o Pilar, como ela é Basílica ela tem as chaves de São Pedro, depois os santos padroeiros: São José, São João Batista e Sagrado Coração de Jesus. Ele foi consagrado na Semana Santa; na quinta-feira Santa foi consagrado esse cálice. Ele entrou solenemente na hora do ofertório, em vez de entrar coberto, o padre trouxe o cálice descoberto. Aí o

padre falou: “esse cálice vai ser consagrado pela primeira vez, ele já foi abençoado na bênção própria dos objetos, mas ele agora vai ser consagrado pela primeira vez, e colocar nele o sangue e o corpo de Cristo”. E teve essa coisa... O artesão que fez isso aí foi convidado especial, ele com a mulher acompanharam o padre...

(Entrevista com seu A. - 23/01/2012).

Além da mão de obra, a festa necessitava de uma quantidade expressiva de velas, de flores, de ervas, de incensos, de hóstias, de óleos, de quilos de amêndoas para os cartuchos, de fogos de artifício, de ornamentos conforme a exigência de cada cerimonial, de cortinas, de toalhas, de tecidos nobres, como a renda e a seda para enobrecer as peças sacras, de objetos como a matraca, os pratos, os castiçais, as lâmpadas, as cruzes, e até de miudezas, como a linha, o alfinete e o papel; só para citar alguns poucos componentes de um multiverso ainda mais vasto da cultura material das festas da igreja.

A pompa que o ato merecia era então, extremamente complexa e envolta por suntuosos gastos que não deviam ser mensurados quando o assunto era o sagrado, a fonte de toda a energia dissipada. De tal modo, eu jamais tive acesso, com exatidão, aos valores que eram despendidos com as festividades do ciclo, mesmo porque eu percebia que esse era um terreno escorregadio em que todos os envolvidos resvalavam quando o assunto era explanar a respeito de números.

Basicamente, em um primeiro plano, os encargos financeiros ficavam sob responsabilidade das associações leigas que eram as promotoras e as patrocinadoras da festa; da Irmandade de Passos no caso da Quaresma e da Irmandade do Santíssimo no caso da Semana Santa [além das ordens terceiras e das confrarias, dependendo da ocasião]. A Irmandade do Santíssimo possui até o título de *fabriqueira*, pois era ela a responsável pelos recursos para a promoção da Semana Santa por meio da contribuição dos seus irmãos sob a forma de anuidades e de donativos. O relato a seguir, descreve o modo como se opera a aquisição dos recursos para a festa do ponto de vista da irmandade:

Tudo envolve essa equipe a que se dá o nome de mesa administrativa. Ou, nas igrejas paroquiais, as chamadas comissões de festa. Principalmente na paróquia do Pilar são as mesas administrativas as responsáveis, desde aquele cargo de... Em que o chefe...

Tem o “cabeça” da mesa administrativa, ele pode ter o nome de juiz, provedor, ministro, rei, em alguns lugares é rei até hoje; um cargo que criou, agora eles mudaram pra moderador. Tem as pessoas que servem os chamados cargos honoríficos. Então elas passam a ter uma série de prerrogativas também dentro da sua qualidade de irmão. Tem juiz executivo e tem o juiz de honra. Esse juiz de honra ele só participa, ele não tem voz ativa na mesa, só no caso de uma assembléia... Ele é convidado. Alguns são mais ativos, que são membros ativos na irmandade, então são ouvidos e tudo... Então essas pessoas em caso de qualquer uma... Ou... Problema maior que tiver na irmandade... Uma hipótese: a igreja está precisando de uma boa reforma, então se reúne não só a mesa administrativa, mas chama todas as pessoas influentes na irmandade a opinar, “como é, o que você acha disso, o que é tal campanha, tal...”; e tem aqueles que “ah bom eu posso contribuir com x, eu não posso trabalhar, mas contribuo com x”. Tem umas pessoas que contribuem porque eles sabem que no princípio da festa eles vêm e fazem aqueles donativos generosos que contribuíram para montar a festa.

A gente manda uma correspondência para as pessoas que, mesmo que não sejam membros da irmandade, têm pessoas que contribuem generosamente. Então, tem a famosa, eu até tenho ali no computador a carta peditório. Vamos supor: nesses anos, a cada ano teve um tipo de comemoração mandada pela igreja. Ano da Eucaristia, ano de São Paulo, ano paulino, comemorando a morte de São Paulo, é... Ano Santo, enfim, o que for, ano Mariano... Então a gente dá essa ênfase a esse ano, e a gente vai fazer isso pra convidar pregadores com os recursos da irmandade, confia na generosidade... Bem vinda é aquela contribuição mínima, que a pessoa para ela é o máximo, aquela contribuição mais que generosa da pessoa que tem e se dispõe a ajudar. Têm pessoas que chegam aqui com cinco reais, que é o máximo que ela pode ajudar, outras vêm com cinco mil reais como já aconteceu aqui. Ele disse assim: “não comente que eu dei essa importância pra tudo mundo achar que eu tenho que dar pra tudo mundo a mesma coisa, que eu não tenho”. Tem um irmão aqui, que anualmente ele economiza, é aposentado, não passa aperto porque ele é o tipo que trabalhou a vida inteira e tem uma aposentadoria razoável que dá pra ele viver com dignidade, mas ele economiza e no final, é um salário que ele ganha e ele entrega aqui pra irmandade. Ele economiza todo o mês um pouquinho pra que no final, na época da irmandade aqui, é irmão com mais de 50 anos do irmão, ele vem e entrega assim ó: “a minha anuidade é tanto”. A

anuidade, só pra você ter uma ideia... Essa aqui é uma pessoa que entrou pra irmandade, ela, antes de ser irmã, ela contribuía generosamente diversas vezes. Então, a irmandade deu a ela a entrada gratuita... Então aqui ó: anuidade 30 reais; aqui o donativo dela só pra você ver... Mais ela não deixou de pagar a anuidade. E todo ano tem sido assim. Então essa... Ajuda a fazer o custeio dessa... O compromisso desse recurso. É o que eu estou te falando, vem desde aquela contribuição mais pequena... (Entrevista com seu A. - 23/01/2012).

Num segundo plano, além do apoio logístico, a prefeitura municipal da cidade destina um recurso anual à promoção da festa. Porém, quando indagada a esse respeito, a secretária de Turismo e Cultura da cidade, objetou, dizendo:

Existe um repasse que, a gente apóia eles com verba também, mas aí o valor eu não sei te falar. É diretamente... Não é específico pra semana santa, ele já vai direto pra diocese entendeu? Ela que distribui. Por isso que a gente fala que a gente não tem é... A gente não tem o discriminamento, a gente não sabe do que, como a produção é feita desse evento lá.

(Entrevista com a secretária municipal de Turismo e Cultura - 18/01/2012).

Contudo, um artigo publicado em um jornal local que coloca em pauta uma possível ameaça à Semana Santa devido à redução do valor repassado pela prefeitura, ainda no ano de 2009, forneceu o primeiro dado concreto a respeito de valores despendidos com a festa e que, porventura, rebate o discurso pronunciado pela secretária, de que as quantias não são especificadas. No caso, além da quantia especificada para Semana Santa, o artigo aponta também, aquela destinada ao carnaval da cidade:

Considerando o investimento de R\$400 mil na promoção do Carnaval desse ano e a revelação de que em 2008, a Prefeitura Municipal investiu R\$60 mil na Semana Santa e que, nesse ano, o município deve investir apenas R\$25 mil, causa um impacto bastante

*negativo na comunidade e demonstra, entre outros fatores, a ausência de um correto planejamento e de uma política cultural coerente da atual gestão*⁴⁹.

Por fim e em um terceiro plano, a festa é realizada com o patrocínio do Governo do Estado e da Companhia de Energia de Minas Gerais [CEMIG]. Sobre esse outro colaborador, eu só tomei conhecimento no momento em que tive contato com a programação impressa da festa, na parte que sinaliza os parceiros da Irmandade, já que ninguém com quem conversei havia falado a respeito desse repasse financeiro a nível governamental e setorial. Um outro artigo jornalístico, também do ano de 2009, indicou o segundo dado concreto sobre os valores quando publicou que o governo e a empresa de energia já haviam garantido os recursos para a festa daquele ano:

*O Governo de Minas, através da Cemig, vai garantir os recursos necessários para a celebração da Semana Santa em São João del Rei, uma das mais importantes e antigas do país. Vão ser disponibilizados R\$70 mil para que sejam mantidas as tradicionais celebrações, como o Ofício das Trevas, o Descendimento da Cruz e os repiques dos sinos sanjoanenses no dia em que celebram a ressurreição de Cristo, no Domingo da Ressurreição*⁵⁰.

A ideia de buscar as possíveis somas empregadas na festa partiu mais na direção de indicar o vulto a que essa festividade estava submetida bem como a consequente prodigalidade nos gastos que ela deveria assumir para sustentar a pompa que ato merecia, posto que seja o ato de retribuir ao dom do deus. Pois o ciclo festivo da Paixão sendo antes de tudo, um ciclo de dádivas entre deus e homens, inscrito no sistema sacrificial, não podia encontrar-se submetido ao princípio de uma economia restrita, que canalizasse esses montantes somente à produção para a conservação ou para o acúmulo.

Esse circuito de dádivas que integra o fluxo de energia da vida e “uma relação constituinte com o além-vida, fonte da vida, o sagrado”, como disse Sanchis, se assenta precisamente na aquisição para a perda, onde a festa aparece como a manifestação de um dispêndio inútil, posto que seja um gasto destinado a algo que é da ordem do

⁴⁹ Fonte: <http://www.saojoaodelreitransparente.com.br/works/view/91>.

⁵⁰ Fonte: <http://www.orkut.com/Main#CommMsgs?na=2&nst=3&tid=2457357055853943648&cmm=11086330&hl=pt-BR>.

efêmero, daquilo que não pode durar porque é festa (2006, p. 82). Segundo Bataille, a produção das coisas sagradas é constituída por uma operação de perda; “a acumulação de recursos está, em princípio, destinada à destruição: os indivíduos que a efetuam não possuem verdadeiramente essa riqueza” (1975, p. 112). Assim sendo, na Semana Santa a riqueza só é acumulada de distintas frentes [principalmente das ordens leigas, mas também do poder público municipal e estadual] em um primeiro momento, porque já se sabe que o seu destino é a dissipação ostentatória e o gasto suntuoso que, animada pela via do barroco, “coloca a atividade produtiva a serviço do divertimento” [e, no caso do Ciclo da Paixão, também do sofrimento] (Duvignaud, 1984, p. 130 apud. Perez, 2011, p. 151).

Aceitar o sacrifício do deus é ao mesmo tempo sacrificar-se por ele, o que se traduz, na festa, pela dissipação, além de toda energia, de toda a riqueza anteriormente acumulada, com o incremento da festa realizada em honra do deus:

Desde... Como é que vai ser feito, quem que vêm, quantos bispos de tal lugar vem, como é que vai ser feito isso aí, o pintor pra pintar o famoso painel que existe na praça... Enfim, tudo isso implica em recursos. Quando se tem recursos faz desde a ornamentação floral... E aqui ainda tem uma coisa que é também desde o século XVIII: é o famoso cartucho de amêndoas. Era aquele agrado que se faz às crianças que vinham vestidas de anjos nas procissões. E a quantidade que se faz não é pouca não. Na semana santa fizeram na faixa de 1500 a 2000 cartuchos dependendo do que se vai fazer. E ainda tem o famoso cartucho enfeitado que é todo decorado, é enorme, uma quantidade de amêndoas maiores, e esse é para entregar para os padres, os pregadores, as personalidades que vêm... Vai desde a ornamentação... A contratação de pregadores conhecidos de outros locais. Pregadores famosos que vieram aqui... A música, que se preparasse a melhor música, que houvesse o recurso de músicas necessárias, a aquisição, no caso, de paramentos melhores que fosse necessário, a limpeza e a organização todinha. Enfim, tudo isso necessário e... Desde também aquela questão de hospedar, no caso, aí vinha um pregador onde se hospedava com a dignidade necessária. Ia desde transporte, a alimentação, com a hospedagem incluída. Nesse caso aí não vai comer o trivial, vai comer o angu, bife de porco, a macarronada caprichada e não o feijão, angu e couve do mineiro né? (Entrevista com seu A. - 23/01/2012).

O princípio da reciprocidade como formulou Mauss, da troca entre o humano e a divindade, em que a irmandade retribui ao deus de forma “usuária e suntuária” em uma festa onde o caráter agonístico é muito bem marcado, faz surgir um outro tipo de economia pautado pelo dispêndio dito improdutivo da riqueza, pois essa se configura em uma produção que não leva ao acúmulo [como se quer a outra economia], mas a uma dilapidação que se verifica no luxo dos cultos, nas celebrações soberbas, nos excessos e nos consumos suntuosos bem ao gosto da atitude barroca que é ainda se quer viva (2003, p. 192).

Para Jean Duvignaud, a festa deve desfazer-se da utilidade e do valor para que o sacrifício seja consumo, mas um consumo na concepção de uma consumação, ou seja, do dispêndio que não tem finalidade alguma a não ser a força mesmo provocada pelo dom. Assim ele diz, “porque atribuir a esses consideráveis dons feitos ao invisível nossa ideia de finalidade e considerar que não são inúteis nem vãos? Porque haveria de querer impor nosso ‘funcionalismo’ a essas orgias de sangue, que não têm maior finalidade que a destruição mesma? Se a força do dom é uma aposta pela natureza ameaçadora e ameaçada, como afrontá-la senão mediante à destruição e à morte? (Duvignaud, 1997, p. 153) [tradução minha].

Duvignaud diz do caráter - surpreendente - desse ato de destruição de si e do que se possui que acompanha o dom. E as armações montadas na quinta-feira Santa dizem respeito a essa produção que converge para um sacrifício inútil, posto que vultuosas quantias são empregadas na contrapartida, sob a forma fulgurante da festa, primeiramente, ao dom máximo do deus, mas também ao amor desmedido oferecido pela mãe Maria e à proteção concedida pelos santos.

Como se observa, na comunicação fundamental com o sagrado, o homem ganha por todos os lados e por isso, se apressa em retribuir à divindade o que se tem de melhor. E “dar é perder [...] Sem a ideia de retorno ou de restituição. Sem imagem econômica. Se fez de Deus um contador para inverter melhor o dom em um sistema de trocas, como se fez da troca uma premeditação selvagem da economia de mercado. Dar nada ao nada [...] e, desse modo, destruir a si e aos demais em um ato que arranca à duração um desses instantes, do qual Spinoza dizia que contém a eternidade (Duvignaud, 1997, p. 156) [tradução minha].

No circuito de dádivas evidenciado pelas armações da Quinta Santa se aposta tudo o que tem oferecendo-o ao nada, em um instante efêmero, pois elas não foram

feitas para durar. Sob esse ponto de vista, esse momento festivo se aproxima do jogo. Quem se presta ao dom inútil é sempre um apostador. E nas armações os homens se submetem a uma dupla aposta: com as divindades onde “se submetem assim a própria existência à prova do cosmos”, como disse Duvignaud, e também com outros homens, onde as ordens leigas concorrem pela montagem da armação mais luxuosa (1997, p. 154) [tradução minha]. E “o luxo autêntico exige um desprezo total pelas riquezas (Bataille, 1975, p. 113). De tal modo, nessa festa, não se “imagina a paixão com que esses homens se dedicam a este jogo” (Burmeister, 1980, p. 251).

O jogo não se relaciona com aspirações no plano propriamente material, mas está, sobretudo, assentado na glória e na honra. “Mesmo a destruição pura das riquezas não corresponde ao desapego completo que lá se acreditaria encontrar. Mesmo esses atos de grandeza não são isentos de egotismo. A forma puramente suntuária, quase sempre exagerada, com frequência puramente destrutiva, do consumo, em que bens consideráveis e longamente acumulados são dados de uma só vez ou mesmo destruídos [...] confere a essas instituições um caráter de puro gasto dispendioso, de prodigalidade infantil” (Mauss, 2003, p. 305).

No caso da aposta com as divindades entra em cena a ideia da usura, pois a retribuição à dádiva recebida deve tentar suplantá-la ou ao menos, se equiparar a ela no episódio do sacrifício do deus. Assim, para agradar ao deus não há que economizar, mas gastar com tudo do bom e do melhor, desde a música até a quantidade de flores. Já no caso da aposta com os homens, a ideia presente é da provocação. Ao mesmo tempo em que se agrada à divindade, a dissipação da maior riqueza possível com a montagem de uma armação suntuosa compete com as demais armações feitas nas outras igrejas pelo título de mais bela. Ano após ano, as ordens leigas tentam suplantam o luxo da armação anterior, preparando cenas cada vez mais bonitas e imagens cada vez mais ornamentadas com o intuito de ofuscar o brilho alheio e garantir o prestígio de ser o mais visitado. A obtenção da glória é, então, o senso do dispêndio e ela só pode ser definida nessa relação não utilitária com a economia. Entretanto, quem entra em um jogo está sujeito à sorte, mas também ao azar; pois mesmo que se gaste tudo [e é para se gastar], nunca se sabe se será retribuído pelo deus ou se será honrado pela construção da armação mais bela. Não há garantias. Mas todo o jogo é um risco e todo o jogador, uma vez dentro dele, deve se arriscar.

Após sair da Igreja do Rosário, peguei rumo para a Rua Santo Antônio em direção à capela de mesmo nome. Contrastando com o volume de pessoas nas ruas próximas, essa rua estava deserta, sem aquele ir e vir constante, só passando uma pessoa, vez por outra. A capela praticamente se escondia em meio a essa tortuosa rua, obrigando à ordem leiga responsável afixar um cartaz no início do caminho com uma imagem e uma oração a Santo Antônio, com o intuito de chamar a atenção dos transeuntes para a visita da capela. Além do cartaz convidativo, a extensão do caminho fora decorado com velas no chão de paralelepípedos conferindo um aspecto de mistério, de não saber o que encontrar ao final da passagem iluminada. Nesse jogo, cada irmandade utilizava as suas melhores técnicas para alcançar a glória e obter o prestígio do público.

Ao final, as velas levavam à pequena capela de Santo Antônio, uma típica construção religiosa do século XVIII mineiro cuja fachada acomodava apenas uma porta frontal que estava aberta convidando à visita da cena de Jesus no Santo Sepulcro, que era observada por duas ou três pessoas naquele momento. O interior da pequena capelinha destoava da riqueza característica dos demais templos do Centro Histórico. A decoração interna era de uma simplicidade composta por balaústres de madeira, por pinturas, por entalhes dourados e por um frontispício. Na sala em anexo, a imagem de Santo Antônio estava exposta em meio a quatro arranjos de flores em tons de amarelo e de laranja, atrás de um tecido negro que fazia uma harmonia perfeita com as flores e com as vestimentas da imagem, desse que é um dos santos mais populares do panteão do catolicismo, compostas por uma túnica escura conjugada com uma outra de renda branca por cima e arrematada com uma faixa amarela.

Além das imagens marianas, os santos também deixaram o velamento que os ocultava por mais de quarenta dias para terem um lugar de destaque na Quinta Santa; afinal, são eles a oferecer proteção e a conceder graças aos fiéis durante todo o ano, conformando uma percepção de proximidade mais até do que o próprio Jesus, pois como observou Pierre Sanchis, o santo participa do mundo sagrado sem abandonar os traços da humana psicologia (1992, p. 56). Por essa razão, o santo ganha a intimidade do fiel sendo tratado à semelhança de um parente próximo, relação já observada por Gilberto Freyre em seu magnífico livro *Casa-grande e senzala*, onde falou da composição religiosa brasileira dos “ santos e anjos, só faltando tornar-se carne e descer dos altares nos dias de festa para se divertirem com o povo” (1984, p. 22).



Imagem 26: Imagem de Santo Antônio - 05/04/2012 (arquivo pessoal).

Sanchis fala que a atitude de um fiel à presença de um santo nas romarias portuguesas é a que se teria com uma pessoa viva: é com quem se conversa, se faz afagos, se conta confidências e se troca bens (1992, p. 42). “Percebe-se afinal que os princípios que regem esta modalidade de relação com o sagrado são os da *afetividade*, da *intimidade* e da *troca*”, segundo Sérgio da Mata (2002, p. 118) [grifos do autor]. A intimidade com Santo Antônio é tanta que às vezes chega-se até o ponto de admoestá-lo, especialmente as moças, quando não vêm o seu pedido de casamento atendido. Aí é preciso “castigar” o santo amarrando-o, colocando-o de cabeça para baixo, ou mesmo enterrando-o, pelo desacato com que ele tratou o fiel.

Terminado o itinerário de visitação das igrejas daquela margem do rio, me orientei então à outra margem, para proceder com a visitação das igrejas do lado de lá. Assim que atravessei a ponte de pedra em direção ao Largo de São Francisco, a face de um outro Centro Histórico surgira ante meu olhar. Na margem esquerda, as pessoas que visitavam a Igreja de São Francisco se misturavam àquelas que enchiam os bares com suas mesas nas calçadas. Não se sabia quem estava ali para visitar as igrejas, ou quem estava ali para entreter-se na noite da cidade. As duas coisas eram somente uma.

De fato, aquela margem do córrego do Lenheiro era mais afeita à noite, já que os bares e os restaurantes se concentravam predominantemente naquela parte,

especialmente nos arredores do Largo de São Francisco. A outra margem flertava mais com o dia dada a predominância do comércio, das igrejas e das residências. Apesar dessas características não serem estanques e muito menos deterministas [já que na margem esquerda também havia comércio, igrejas e residências, ao passo que a direita apresentava alguns bares e restaurantes], elas acabavam por imprimir uma feição particular a cada uma das margens do córrego na parte que conformava o Centro Histórico. Assim, as noites na margem da Catedral do Pilar eram, geralmente, mais pacatas e mais vazias do que aquela outra, que era aonde a agitação noturna se concentrava.



Imagem 27: Tapetes do projeto “Semana Santa Cultural” sendo observados na noite da quinta-feira Santa - 05/04/2012 (arquivo pessoal).

Na praça do Largo, os tapetes do projeto “Semana Santa Cultural” àquela hora já finalizados e decorados com velas ao longo de sua extensão, encantavam a todos que por ali passavam; tanto os visitantes das armações das igrejas como os clientes dos bares. Os tapetes se tornaram uma atração à parte na paisagem agitada do Largo tamanho requinte com que foram construídos, obedecendo a uma harmonia entre as cores, a uma perfeição nos traços dos desenhos e a uma beleza no conjunto da obra. Não havia quem passasse e não parasse para admirar aquele trabalho.

Fui à Igreja de São Francisco, mas não consegui entrar para ver a sua armação, pois as portas já haviam sido fechadas dado o adiantar da hora, já passava das 23h00min. De cima do adro eu notei que se os templos cerraram suas portas àquela hora, as lojas de artesanato mantinham as suas bem abertas aproveitando o movimento noturno na tentativa de atrair quem por ali passavam. Andando rumo a casa onde estava hospedada, percebi que todos os bares e os restaurantes estavam praticamente com todos os seus lugares ocupados.

No caminho, passei em frente à Igreja de São Gonçalo Garcia e, como nas demais igrejas que eu havia estado àquela noite, pessoas entravam e saíam com a finalidade de visitar a armação. Aquela era uma igreja que eu nunca havia entrado e de todas as igrejas do Centro Histórico, definitivamente, a de São Gonçalo Garcia era a mais simples e completamente desprovida de elementos artísticos. Consta que essa foi uma igreja inaugurada em 1903 para substituir uma antiga capela construída no local, no ano de 1722.

A imagem do santo padroeiro estava exposta em cima de uma estrutura coberta por um tecido vermelho e abaixo, a pequena imagem de Santa Luzia vestida de branco. Havia apenas um tímido vaso de flores à frente das imagens e duas velas que completavam a cena; nada mais do que isso. No ano de 2011, a população da cidade foi convocada a ajudar a Confraria na reforma dos altares da igreja que estavam danificados, além de outras reformas. A necessidade de recorrer aos moradores através de campanhas em busca de recursos, se deveu ao fato de que essa igreja não é resguardada em nenhuma instância governamental⁵¹.

Fiquei por pouco tempo no interior da igreja e na saída avistei um grupo de rapazes parados ao redor de um carro estacionado de frente para o templo. Enquanto o som do carro tocava em alto volume, os garotos preparavam, ali mesmo, as bebidas que abasteceriam a noite. Dado o adiantar da hora e o cansaço do corpo, deixei para trás a agitação que se formara pelo Centro afora. Para o dia seguinte, seria necessária tanta ou mais energia para ser consumida junto ao sacrifício do deus.

⁵¹ Fonte: <http://www.saojoaodelreitransparente.com.br/projects/view/711>.

O dia 06 de abril trouxe consigo a sexta-feira da Paixão, o dia do sacrifício. Na manhã desse dia o primeiro som que ouvi logo cedo foi aquele das matracas na Igreja de São Gonçalo Garcia chamando os fiéis à visitação. Desde a missa solene de ontem, só se ouviam elas. Os sinos calaram-se dada a iminência da morte de Cristo.

Fui diretamente à Igreja de São Francisco com o intuito de visitar a armação. Ainda na entrada da igreja alguns meninos vendiam os ramos de arnica dispostos em fileiras nos muros de pedra. Avançando para o portão principal o som da matraca aumentava de intensidade convidando à entrada. Lá dentro, a armação que retratava a cena da entrada de Jesus em Jerusalém já era observada por muitas pessoas que se aglomeravam próximo ao altar, naquela manhã. Assim que entrei na sala anexa, esperava encontrar a imagem de São Francisco de Assis; afinal, esse era o orago daquela igreja. Contudo, para a minha surpresa, me deparei com a imagem de Nossa Senhora da Imaculada Conceição ao alto, naturalmente iluminada pelos girassóis que circundavam. Quanto a esse respeito:

Antigamente no nosso tempo antigo, mais anterior, que a cidade era menor, nós tínhamos em São João del Rei uma só paróquia, que era a paróquia Matriz da igreja, que hoje é Catedral, por sermos sede de diocese e passamos a ser sede de diocese desde, me parece, 1960, por aí. Então nós tínhamos, naquela época, somente uma paróquia, e a igreja que tem a Imaculada Conceição. A Imaculada Conceição não é a padroeira da cidade de São João del Rei, a padroeira da cidade de São João del Rei é Nossa Senhora do Pilar, que foi trazida pelos taubetanos, veio pelos bandeirantes de Taubaté. Mais a Imaculada Conceição tornou-se a padroeira dos franciscanos, então ela, na Igreja de São Francisco, ela tem essa importância, essa função, porque ela está aí como padroeira de São Francisco. E, coincidentemente, e isso confunde muito as pessoas... Então, naquela época, quando não existia outras paróquias, era de praxe a comemoração que é dedicada ao dia de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, dia 08 de dezembro, era de praxe que a Festa da Imaculada Conceição ocorresse sempre aqui na Igreja de São Francisco; e nós, evidentemente, da Venerável Ordem Terceira, mantemos essas festividades em honra à Imaculada Conceição, mas hoje nós já temos na nossa São João del Rei, paróquia dedicada a Imaculada Conceição lá na Colônia do Marçal, então coincide, né? E uma outra coincidência grande que houve também é que o dia 08 de dezembro consagrado a Imaculada Conceição é o dia de aniversário da

nossa cidade, sabe? E esse dia de aniversário da nossa cidade tornou-se tradição da cidade também, além de uma tradição religiosa tornou-se uma tradição civil comemorar o aniversário da cidade de São João del Rei com missa na Igreja de São Francisco, dia da Imaculada Conceição, onde muita gente confundia achando que Imaculada Conceição era a padroeira da cidade, e não é, ela é a padroeira da ordem franciscana, certo?

(Entrevista com o ministro da Ordem Franciscana - 05/04/2012).

Ao ver a imagem da Imaculada Conceição, eu comecei a titubear sobre qual armação eu realmente havia achado a mais bela...



Imagem 28: Imagem de Nossa Senhora da Conceição montada pela Ordem Franciscana na Igreja de São Francisco de Assis - 06/04/2012 (arquivo pessoal).

A Sexta da Paixão era um dia de observâncias mais rígidas para os católicos que deveriam se concentrar na meditação sobre a Paixão e sobre a morte de Jesus através da

prática do jejum ou da abstinência além da reclusão, evitando o trabalho, os afazeres domésticos e o divertimento; enfim, o dispêndio de uma maior energia que não fosse unicamente em função da crucificação de Jesus. Nesse ponto, o discurso dos moradores mais velhos, cheio de saudosismo, falava que, na festa do passado, havia um maior envolvimento dos fiéis com relação a essas observâncias:

Eu tenho a lembrança, por exemplo, que eu tenho gravado comigo como menino, eu tinha uma “sinuquinha” de brinquedo dentro casa, na quinta-feira, bateu o meio dia, aonde estava o jogo... O jogo ficou parado, o taco encostado... Minha mãe, de quinta-feira depois do meio dia a sexta-feira até arrebentar a aleluia, nem a casa se varria.

(Entrevista com um morador - 05/04/2012)

Os antigos, a minha avó falava, se a gente pegasse numa vassoura na sexta-feira da Paixão pra varrer a casa, ela “vocês não podem varrer casa não, hoje não é dia disso não...”

(Entrevista com moradora - 04/04/2012).

No Largo de São Francisco o recolhimento e a contrição haviam ficado apenas na Semana Santa do passado que os moradores mais velhos desenhavam em suas recordações. As equipes da “Semana Santa Cultural” trabalhavam incessantemente na confecção dos tapetes que deveriam ficar prontos para a passagem da Procissão do Enterro do Senhor daquela noite. E na sexta o trabalho seria ainda mais demorado e mais minucioso do que do dia anterior, pois os tapetes seriam feitos na extensão das ruas próximas à igreja de São Francisco; aquelas que compunham o trajeto processional.

Muitas pessoas estavam na rua para acompanhar a confecção daqueles tapetes de rua. A todo instante mais pessoas chegavam para ver o trabalho dos artistas e dos voluntários que passavam cerca de oito a dez horas por dia traçando os desenhos e preenchendo os moldes de feltro com os mais diversos materiais. O trecho de um texto publicado no portal eletrônico desenvolvido pela mesma ONG responsável pelo projeto dos tapetes expõe o alicerce sob o qual estão assentadas as ideias desses tapetes de rua:

Revirando documentos históricos, vemos que não é de hoje que o povo de São João del Rei tem gosto especial por produzir expressões artísticas passageiras, criadas

especialmente para fatos importantes. As Exéquias de Dom João V, por exemplo, realizadas em dezembro de 1750 não tiveram, no Brasil, celebração tão expressiva quanto as celebradas na Matriz do Pilar, registradas em publicação do século XVIII que noticiou a Portugal as homenagens prestadas ao monarca defunto na Vila de São João. Entre essas homenagens, um mausoléu temporário no centro da nave da igreja.

Daquela época à metade do século XX, os tapetes de rua repetiam iconografias simples, utilizando flores, folhas, areia branca e serragem, nas procissões festivas, como Ressurreição, Corpus Christi e homenagens a Nossa Senhora. Principalmente flores vermelhas, amarelas e de outras cores fortes, como bico de papagaio, alegria bunganvília, fogo de mulher velha e monsenhor. As janelas das casas térreas e dos sobrados emolduravam o quadro bucólico, com toalhas rendadas e vasos de flores. Na rasoura de Nossa Senhora das Dores, em derredor da igreja do Carmo, manjeriço, crista de galo e folhas de coqueirinho roxo apelavam para a memória olfativa e visual, pelo aroma e pela cor.

Os sinais de modernidade dos anos cinquenta e sessenta marcaram São João del Rei, com arroubos de verticalização urbana, linhas retas e pilotis e pelo abandono a algumas tradições culturais. Sobretudo aquelas voluntárias e espontâneas, como os tapetes de procissão e outras manifestações que nos anos setenta do século XX já estavam inexpressivas.

Uma das ações visando despertar para essa perda foi a realização de várias edições da Exposição de Arte e Artesanato [...] Tal qual nos tapetes do Largo de São Francisco, as exposições eram ponto de encontro onde os sanjoanenses – residentes e exilados – reconheciam a riqueza cultural de São João del Rei e discutiam fatos recentes que valorizavam ou degradavam o patrimônio e a memória da cidade [...]veio a ideia de se recriar a tradição dos tapetes de rua, transformando-a em arte-manifesto.

Assim foi o início da história da nova era dos tapetes de rua de São João del Rei. O resultado de uma ideia solitária, que foi encampada por todos e se materializou na nova forma de expressão artística sanjoanense, que hoje, inclusive, é motivo de orgulho e já faz parte do calendário turístico e cultural da cidade⁵².

Nessas ideias se percebe um nítido uso que é feito da hi[e]stória através dessas expressões artísticas efêmeras pelos promotores culturais da cidade que procuram re-

⁵² Fonte: <http://saojoaodelreitransparente.com.br/works/view/61>.

avivar a tradição tornando-a parte integrante do seus negócios - patrimonial e turístico - com a festa. Sem dúvida, os tapetes de rua eram uma das atrações mais procuradas pelos visitantes da cidade. Contudo, esse evento não encantava apenas as pessoas de fora, mas também os próprios moradores da cidade, como uma mulher de um bairro distante do Centro que me falou enquanto tirava fotografias dos desenhos, que todos os anos fazia questão de conferir o trabalho no Largo e que se maravilhava com os tapetes como se fosse sempre a primeira vez.

Um carro da empresa de abastecimento de água da cidade [DAMAE] distribuía copos de água potável para os transeuntes na Rua Padre José Maria Xavier, em que uma parte da criação dos tapetes era destinada a uma oficina realizada com crianças. Permanecendo um bom tempo observando a confecção dos tapetes eu pude perceber com mais intensidade também, e que o ritmo das celebrações não me havia permitido notar com tamanha nitidez, a felicidade do reencontro dos filhos ausentes que se reconheciam nas ruas e se aprontavam para um caloroso abraço.

Semana Santa é hora boa de você encontrar com sanjoanense que está fora, entendeu? Todo mundo vem, é realmente uma tradição. Tem muito sanjoanense hoje que mora fora e que aproveita a Semana Santa e vem.

(Entrevista com moradora que já foi uma filha ausente - 04/04/2012)

A pessoa que volta a sua origem prá celebrar ou prá rever os parentes aproveitando sempre uma, uma festa, um evento religioso, que aproveita essa oportunidade, ele vem, não só para rever a família, mais para participar.

(Entrevista com morador - 23/01/2012)

Mais uma vez, atravessei a ponte em direção à Matriz do Pilar que já estava com o adro cheio de pessoas esperando pelo início da Solene Ação Litúrgica, cerimônia que selaria a hora do sacrifício, às 15h00min. Antes, porém, houve o Sermão das Sete Palavras ao meio dia; uma solenidade em memória à agonia de Jesus na cruz.

A sexta palavra sobre a qual se meditou no Sermão especificava bem o sentimento referente há esse dia: *Tudo está consumado!* Contudo, o consumo do sacrifício não é aquele subordinado à necessidade de durar, a uma operação de longo prazo, como disse Bataille, mas a uma operação do instante, justamente porque “o

sacrifício é a antítese da produção, feita visando o futuro, é o consumo que só tem interesse no próprio instante [...] É o que significa ‘sacrificar a divindade’, cuja essência sagrada é comparável a um fogo. Sacrificar é doar, como se dá carvão à fornalha” (1993, p. 41).

Em seu interior, a igreja estava completamente às escuras recordando as palavras narradas pelo Evangelho de Matheus que diziam, *desde a hora sexta, cobriu-se de trevas toda a terra*, e o ar embargado pelo cheiro forte das folhas de rosmaninho secas que cobriam o chão. Normalmente, como acontecia na maioria das celebrações do Ciclo da Paixão, há certa hora não havia mais lugares para se sentar. O altar estava completamente vago, desprovido da cruz, dos castiçais e das toalhas que geralmente o adornavam. O prenúncio da morte do deus tolhera todos os objetos de culto que ficavam visíveis. Porém, o vazio deixado no altar contrastava com os excessos apresentados pela solenidade: a extrema gravidade do momento, somado à escuridão e à lotação do templo pesava sob os ombros tal como a cruz. Haveria de ser forte como o deus, porque aquela cerimônia seria carregada e demorada.

A Primeira Leitura, extraída do Livro do Profeta Isaías (52, 13-53, 12), contava de todas as violências sofridas pelo deus que, tal como um cordeiro servil, submeteu-se a todas elas aceitando o seu destino:

[...]

Foi maltratado, e submeteu-se, não abriu a boca; como cordeiro levado ao matadouro ou como ovelha diante dos que a tosquia, ele não abriu a boca.

Foi atormentado pela angústia e foi condenado. Quem se preocuparia com sua história de origem? Ele foi eliminado do mundo dos vivos; e por cauda do pecado do meu povo foi golpeado até morrer.

Oferecendo sua vida em expiação, ele terá descendência duradoura, e fará cumprir com êxito a vontade do Senhor. Por esta vida de sofrimento, alcançará a luz e uma ciência perfeita.

[...] (Piedosas e solenes tradições..., 1997, p. 331).

Após a orquestra executar a peça *Eripe me, Domine* iniciou-se o Canto da Paixão como na missa do Domingo de Ramos. Ao seu final, o Bispo fez uma breve homilia que continha as principais ideias a respeito do lugar que o sacrifício divino

ocupa na crença cristã: *celebrar a morte de Jesus é concretizar a nossa salvação. Deus quis dar um mundo novo a nós, através do sangue do seu Filho derramado na cruz e, ao ser sacrificado, Jesus assume a sua missão. A cada momento o sacrifício de Cristo torna-se realidade.*



Imagem 29: Cerimônia da Solene Ação Litúrgica na Catedral do Pilar - 06/04/2012 (arquivo pessoal).

A Liturgia da Palavra, uma das três artes dessa solenidade ainda composta pela Adoração da cruz e pela Sagrada Comunhão, terminou com o momento da Oração Universal em que, a cada pedido de “oremos” feito pelo celebrante, os fiéis se ajoelhavam e, logo depois, voltavam a ficar de pé assim que ouviam “levantemo-nos”. Esse verdadeiro exercício físico de levanta e ajoelha que era imputado aos fiéis aconteceu cerca de dez vezes, pois a oração fora dirigida à “santa igreja”, ao “papa”, à “todas as ordens e categorias dos fiéis”, aos “catecúmenos”, às “unidades dos cristãos”, ao “judeus”, aos “que não crêem no Cristo”, aos “que não crêem em Deus”, aos “poderes públicos” e, finalmente, a “todos que sofrem provações”.

A cerimônia já se arrastava por horas devido a uma intrincada liturgia prescrita para o dia, quando o momento mais aguardado pelos presentes finalmente havia chegado. O cortejo com os celebrantes, precedidos pelos irmãos do Santíssimo de posse

das lanternas, trouxe até o altar a cruz coberta por um tecido roxo forrado sobre outro na cor vermelha. Após a cruz ser lentamente desnudada revelando o crucificado - o momento maior do ciclo - ela foi cruzando toda a igreja para ser adorada.

Primeiramente, a cruz atravessou o lado esquerdo da igreja voltando a se posicionar na entrada para, em seguida, continuar o caminho pelo centro, sendo inclinada em direção aos fiéis que estavam sentados nos bancos do lado direito. Depois de passar pelo centro, a cruz foi levada para o lado direito da igreja sendo, por fim, reconduzida ao centro para ser inclinada em direção aos bancos esquerdos.



Imagem 30: Momento da Adoração da Cruz na Catedral do Pilar - 06/04/2012
(arquivo pessoal).

Nesse verdadeiro balé da cruz pela extensão da igreja não tinha uma só pessoa que não desejasse chegar perto dela. Os presentes se apertavam nos corredores estreitos quando entreviam a chegada do cortejo com o poderoso símbolo e, assim que ela passava, todos se acotovelavam na tentativa de tocá-la, de beijá-la ou pelo menos, de lançar-lhe um olhar. A cruz é um símbolo por meio do qual tudo se torna sagrado. Não é à toa que por todos os lados, no topo dos morros, nas estradas, em pontes ou em encruzilhadas, elas são erguidas imponentes, onde “nenhuma esfera da vida deixa de se beneficiar com a sua presença”, segundo Da Mata (2002, p. 106).

Saí da Catedral em direção à Igreja das Mercês para esperar pela cerimônia do Descendimento da Cruz. Na escadaria um tablado de madeira fora montado com a cena da crucificação de Cristo; no centro, o deus crucificado estava ladeado pelos dois ladrões e ao pé da cruz de Cristo, a imagem da dolorosa Mãe a velá-lo com o coração flechado.



Imagem 31: Cena da crucificação montada na escadaria da Igreja das Mercês - 06/04/2012 (arquivo pessoal).

O cair da noite da Sexta da Paixão trouxe consigo uma bela lua cheia que emoldurava a cena do Calvário no conjunto arquitetônico da Igreja das Mercês. Enquanto a multidão ainda não tomava todo o espaço do largo, as viaturas policiais estrategicamente se posicionavam nas ruas junto à ambulância que acabara de estacionar em frente ao Hospital, um suporte necessário para eventos daquele porte.

Com o avançar das horas as pessoas, timidamente, começavam a procurar e a garantir um lugar na imensa escadaria, para não perderem nenhum lance da celebração. Às 19h00min, o fluxo em direção ao largo havia aumentado consideravelmente e nessa mesma hora, entrava ao ar o jornal da emissora local diretamente daquelas escadarias.

Na ocasião, o pároco da Catedral do Pilar concedeu uma entrevista à repórter discorrendo sobre o episódio da crucificação do Filho de Deus.

Ainda antes do início da cerimônia do Descendimento duas mulheres sentaram-se ao meu lado. Ambas, que eram da cidade de Montes Claros, me disseram que todos os anos montavam uma excursão para a Semana Santa de São João fechando um ônibus com cerca de quarenta pessoas. Uma delas me disse que fazia questão de sair do norte de Minas para passar a Semana Santa na cidade, porque ali a festa era diferente já que a cidade conservava certas tradições que deixava a festa ainda mais bela. *Eu não troco a Semana Santa daqui por festa em nenhum outro lugar*, completou.

Às 20h00min, o Largo das Mercês já tinha gente a perder de vista. Lá embaixo, homens vestidos de soldados do Império Romano subiam a passos firmes entre a multidão. Alcançado o tablado, ficaram com o semblante fechado, andando de um lado a outro e batendo a lança no chão como se vigiassem a imagem do deus.



Imagem 32: Elite sanjoanense de posse das lanternas da Procissão do Enterro - 06/04/2012 (arquivo pessoal).

A cerimônia começou com a entrada dos irmãos do Santíssimo e das demais ordens leigas que ganharam, naquela noite, o direito de carregar uma lanterna ao redor do andor do Senhor Morto, o local mais importante e disputado da procissão. Aliás, essa era a solenidade do Ciclo da Paixão de maior acento político, em que as autoridades e as

figuras de maior destaque da cidade integravam a cerimônia, primeiramente ascendendo ao tablado e depois, carregando as lanternas junto às autoridades eclesiais e leigas. Aí, a opção por sustentar o caráter “do poder e de poder” da festa, como disse Perez, ficava evidente (2010, p. 17). Vão-se os reis, ficam-se os governadores e os senadores [os filhos da terra, no caso, os Neves].

Logo depois, subiram uma infinidade de figurados representando diferentes personagens do Antigo e do Novo Testamento como Abraão, Isaac, Noé, Sara, Moisés, Rainha de Sabá, Maria Madalena, etc.; outro elemento hoje mantido, mas que já esteve em vias de desaparecer. Todos os personagens estavam tão rigorosamente caracterizados que até impressionava o elaborado trabalho de figurino. Por último, a comitiva eclesiástica tomou o seu lugar completando a cena da morte de Jesus.



Imagem 33: Figurantes dos Testamentos na Cerimônia do Descendimento da Cruz - 06/04/2012 (arquivo pessoal).

Registrava todo aquele grande momento com uma máquina fotográfica semi profissional emprestada por minha irmã. Em certa medida, o instrumento me aproximava dos jornalistas que trabalhavam na festa, dentro dos limites do tablado separado por grades. Pensando, então, que se tratava de um colega de profissão, o operador de câmera da emissora local sugeriu que eu entrasse no espaço destinado à imprensa, pois do lugar onde eu estava a minha visão seria rapidamente talhada por

algum outro fotógrafo. O movimento de passar pelas grades e entrar no tablado imediatamente mudou o meu status mesmo eu revelando o meu ofício. A câmera havia me dado as credenciais necessárias para me nivelar aos profissionais da comunicação, ao mesmo tempo em que me diferenciava da multidão de onde eu havia acabado de sair. Até mesmo aquelas duas mulheres sentadas ao meu lado ficaram surpresas ao me verem mudando de lugar. De algum modo, aquela passagem me aproximara dos poderes constituídos da festa.

Após o sermão do Descendimento que terminara com a frase *O cordeiro de Deus foi por nós, imolado*, dois sacerdotes fazendo às vezes de José de Arimatéia e de Nicodemos, iniciaram o lento desprendimento da imagem da cruz que foi, logo em seguida, depositado no esquife. Aquele fugaz instante, talvez o mais importante de todo o ciclo festivo, selou a morte do deus. Todos que ali estavam, olhavam atentos aos mínimos gestos executados, olhos fixos no deus morto, olhos de comoção pela dádiva do deus sacrificado. Por um instante ninguém se mexeu; na cruz não já não havia mais o corpo. Restava o silêncio. Muitos choravam.



Imagem 34: Momento do Descendimento de Jesus da cruz - 06/04/2012 (arquivo pessoal).

Naquele momento, vida e morte não eram opostos, por mais paradoxal que possa parecer. A vida, na figura do deus, estava morrendo para continuar a viver na figura do

homem. Segundo Bataille, “a morte tem o sentido da continuidade do ser” (1988, p. 12), e a experiência do sacrifício é a aprovação da vida até a morte.

Por essa razão tantos choravam. Porque o sacrifício se define pela angústia, disse Bataille (1993, p. 43). A angústia de saber que a mesma morte que matou, deu a vida, devolveu ao homem à intimidade perdida. “Paradoxalmente, a intimidade é a violência, e é a destruição, pois ela não é compatível com a posição do indivíduo separado. Quando se descreve o indivíduo na operação do sacrifício, ele se define pela angústia. Mas, se o sacrifício é angustiante, é porque o indivíduo nele toma parte. O indivíduo se identifica com a vítima no movimento súbito que a devolve à imanência (à intimidade), mas a assimilação ligada ao retorno da imanência se funda tanto no fato de que a vítima é a coisa, como no de que o sacrificador é o indivíduo” (idem, p. 43).

As coristas vestidas das três Marias emitiram um som lamurioso pelo morto. São elas as figuras femininas que acompanharam Jesus nos episódios da crucificação, do descendimento e do enterro. Além de Maria Madalena, Jesus foi seguido por Maria de Cleofás, de acordo com o Evangelho de João (19, 25) e por Maria Salomé, de acordo com o Evangelho de Mateus (27, 55-56). De repente, a Verônica, em seu negro luto, entoou o canto de lamento de cima do parlatório onde fora proferido o sermão, revelando à multidão presente, o Sudário marcado pelo sangue da face de Jesus. Sem pressa, a mulher guardou o tecido e calou-se. A matraca começou a tocar dando início à procissão do Enterro.

Assim que a matraca tocou, desde lá de baixo até em cima, foi-se abrindo um corredor para a passagem da procissão. Tudo feito sem o menor rumor. Em primeiro lugar, desceram as associações leigas hierarquicamente dispostas, preenchendo o espaço e formando uma dupla fileira por onde passaram os soldados romanos e os figurados. Logo atrás, atravessaram os coroinhas purificando o caminho com os incensários para, a seguir, dar passagem ao cortejo com o esquife adornado por uma peça de renda negra e pela arnica sob o pálio roxo, e ao andor de Nossa Senhora das Dores, ambos acompanhados pela comitiva eclesiástica sob o pálio vermelho. A hierarquia, mais uma vez, era escrupulosamente seguida.



Imagem 35: Platéia de fiéis na cerimônia do Descendimento da Cruz - 06/04/2012 (arquivo pessoal).



Imagem 36: Canto da Verônica após o Descendimento - 06/04/2012 (arquivo pessoal).

Depois que o cortejo ganhou as ruas, rapidamente as escadarias das Mercês ficaram vazias. Somente uma ou outra pessoa não teve pressa de se juntar ao cortejo preferindo aproveitar um instante a mais naquele cenário. O senhor Morto arrastou

consigo a multidão em silêncio que preencheu as ruas do Centro Histórico. Um silêncio que só era quebrado pelo som da marcha fúnebre e pelo canto da Verônica em determinadas paradas do cortejo. Enquanto centenas de pessoas seguiam os rastros do deus morto, outras tantas ocupavam pontos estratégicos ao longo do trajeto processional, esperando pela passagem do deus. A maior parte se concentrou no Largo de São Francisco, mais precisamente na extensão dos tapetes. Todos ansiosos pela chegada do momento em que a procissão passaria desfazendo, com o cadenciar dos passos, o minucioso trabalho de confecção dos tapetes. As crianças até sentaram no meio fio para alcançarem uma visão privilegiada da destruição...



Imagem 37: Esquife com o Senhor Morto - 06/04/2012 (arquivo pessoal).

Com a mesma rapidez com que uma onda extingue as pegadas na areia da praia os tapetes foram desfeitos. Em poucos segundos, os rostos foram desfigurados, as cores se misturaram e as flores foram pisoteadas; tudo consumido pela energia do caminhar do cortejo fúnebre. Ao mesmo tempo em que as pessoas desfaziam os tapetes, faziam o sinal da cruz e se curvavam em reverência ao morto. Um menino falou para o pai assim que avistou o andor: *olha pai, Jesus está na cama!*



Imagem 38: Início da Procissão do Enterro - 06/04/2012 (arquivo pessoal).

O Senhor Morto avançou mais um pouco, saindo dos tapetes e foi contemplado pelos moradores das casas com velas acesas. Nesse momento uma chuva fina começou a cair, sendo o suficiente para apressar o cortejo. Dali em diante, a Verônica não parou mais para lamentar, tentando encurtar ao máximo o tempo de exposição das imagens na chuva. Por onde passou, a procissão deixou gente em seu rasto. Aqueles que não tomaram o rumo da igreja ou de casa ficaram nas ruas a conversar ou foram para os bares, que também estavam cheios.

Após a chegada do cortejo à Catedral, o coro cantou, enquanto a imagem do Senhor Morto era purificada:

Tendo sido sepultado o Senhor, foi selado o sepulcro e rolaram uma pedra à entrada do túmulo.

E puseram soldados para guardá-lo.



Imagem 39: Destruição dos tapetes na passagem da Procissão do Enterro - 06/04/2012 (arquivo pessoal).

Em silêncio, os fiéis passavam diante da imagem para adorá-la antes que fosse recolhida. Já passava de uma hora da madrugada e eu já estava fatigada pela energia despendida durante todo o dia. Eu me consumira em um perfeito sacrifício de mim mesma. Mas não tinha como ser de outra forma...

PARTE III

FESTA...
PARA ALÉM DA FESTA

XIV Estação: Jesus é depositado no sepulcro

José pegou no corpo de Jesus, envolveu-o num lençol limpo e depositou-o no seu túmulo novo, que tinha mandado escavar na rocha. Depois, rolou uma grande pedra para a porta do túmulo e retirou-se. Entretanto, estavam ali Maria de Magdala e a outra Maria, sentadas em frente do sepulcro (Mt,27, 59-61).

08 de abril de 2012

Os sinos com seus dobres festivos anunciavam a todos o acontecimento maior da Páscoa; a Procissão do Santíssimo Sacramento era a comprovação maior de que o deus vencera a morte. A procissão seguiu o trajeto habitual, sendo saudada pelas janelas enfeitadas com toalhas e com flores, dos sobrados do caminho. Os anjinhos iam à frente abrindo passagem para a multidão que acompanhava logo atrás. O cortejo atravessou a ponte e virou a rua rumo à Igreja do Carmo. Em toda a igreja que passava, o cortejo era recebido pelos dobres dos sinos...

Ressurreição

*Um atropelo de sinos processionais
No silêncio
Lá fora tudo volta
À espetaculosa tranquilidade de Minas*

Oswald de Andrade

O dia 07 de abril de 2012 trouxe consigo o Sábado de Aleluia; o dia que fechava o Tríduo Pascal e o Ciclo da Paixão. Naquela manhã o Centro Histórico acordava timidamente da noite anterior... As ruas vazias e silenciosas só mostravam uma maior afluência de pessoas próximas à Catedral do Pilar onde, às 08h00min, aconteciam as Matinas e as Laudes. Um pouco adiante, na Igreja do Rosário, mais pessoas chegavam para afiançar a última confissão antes da Páscoa. No Largo de São Francisco a única coisa que se percebia eram os rastros de cores dos tapetes de rua consumidos pela Procissão do Enterro.

O Sábado de Aleluia era, fundamentalmente, um dia de espera, em que poucas atividades religiosas aconteciam nas igrejas ao longo do dia. As celebrações concentravam-se, predominantemente, na parte da manhã e só voltavam a acontecer à noite, quando todos estariam preparados em vigília para a redenção do deus. O dia era, então, propício aos encontros familiares, aos passeios turísticos pelos arredores, ou simplesmente a uma pausa em meio a uma festividade carregada e que exigia uma intensa participação. Já à noite, o momento era para o qual toda a energia do ciclo fora convergida: para redenção. Ocasão em que a Aleluia “arrebentava”, esse era um tempo ansiosamente esperado por todos, posto que era a hora em que o sofrimento chegava ao fim dando lugar à alegria com contornos de bailes, de festas e de excessos.

Nesse dia, grande parte do comércio estava fechada, não havia confecção dos tapetes, bem como aquele considerável movimento pelas ruas. Apesar de ser a sexta-feira da Paixão, o dia em que tudo era deixado de lado pela morte do deus, no Centro Histórico dada a grande quantidade de acontecimentos dentro e fora das igrejas, o dia era de ampla circulação de pessoas pelas ruas fazendo com que o comércio, especialmente o alimentício e o de artesanato, abrisse as suas portas aproveitando o público presente. Entretanto, era exatamente essa configuração da Sexta da Paixão um

dos pontos mais explanados pelos moradores nostálgicos face o espírito de recolhimento percebido e sentido na festa de antigamente.

{Na Sexta da Paixão} *Abre tudo, abre tudo... E na Sexta-feira Santa eu acho que devia evitar; que abra o bar então, mais que não coloque mesa. Mais... Hoje em dia não tem muito disso não. Bar no shopping, ali perto do shopping que tem aquele monte de bar, abre tudo normalmente como se fosse carnaval, parece carnaval. Durante o dia... O maior movimento, povo bebendo... E antigamente a gente não via muito isso não, hoje vê* (Entrevista com uma moradora - 03/04/2012).

E aqui geralmente... A gente que acompanha há muito tempo... Houve uma... A Sexta-feira Santa em São João del Rei, ela era bem característica mesmo, não abre nada, tem supermercado que não fecha dia nenhum só na Sexta-feira. Então é... Hoje em dia já... A procissão passa com os bares abertos, o pessoal tomando cerveja. Então houve uma mudança né, nesse comportamento de quem frequenta, de quem assiste.
(Entrevista com morador - 19/03/2012)

Naquele sábado, no entanto, tanto para aqueles que estavam na expectativa da Aleluia [ou, pelo menos, dos bailes que a acompanhava], como para aqueles que nada esperavam do dia santo, a feira de artesanato que se instalara na cidade durante os derradeiros dias do ciclo festivo se apresentava como uma alternativa de lazer para atravessar o último dia do Tríduo Pascal.

Certamente, há uma estreita relação entre as festas - especialmente as religiosas - e as feiras que se formam no esteio delas, já que ambas são o espaço da troca, da socialidade, do movimento e dos exageros. Geralmente os ritmos instaurados pelas romarias e pelos dias santificados são aqueles que arrastam consigo e que mobilizam um grande número de gente afeita ao comércio festivo. Não à toa, é que Sanchis disse, para o caso de Portugal, que “a maior parte das feiras e dos mercados teve por origem uma romaria” (2006, p. 94).

Em dias festivos, as povoações e as cidades são tomadas por uma irrefreável animação decorrente das feiras que mesclam à cena festiva - onde aparentemente predomina o sagrado - intensos momentos de divertimento, de teatro, de bailes, de jogos, de galanteios e também de uma dose de ganhos comerciais. Assim, as festas

religiosas, acomodam no espaço das feiras, uma intensa atividade que vai além do plano puramente econômico; mas que abarca uma circulação de riquezas, de pessoas, de encontros e de momentos lúdicos.

De acordo com Bianca Arruda, em seu estudo sobre a festa de São Jorge em um bairro da cidade do Rio de Janeiro, à festa “pode-se acrescentar ainda a existência de ‘feiras’ ou ‘folias’ ao redor das igrejas e santuários: um mundo de barracas vendendo comidas, artigos religiosos, decorativos e objetos de todos os tipos, sem falar das apresentações de grupos musicais e toda a sorte de entretenimento que é oferecida aos fiéis. São esses divertimentos que compõem o que se denomina o ‘aspecto profano’ de tais festas; aspectos que não está separado das atividades religiosas (ou ‘sagradas’), mas sim integradas a elas de modo a compor o todo chamado festa” (2008, p. 24).

E esse “aspecto profano” trazido pelas feiras que integram e que compõem a festa religiosa foi muito bem trazido à tona por Leila Schoenenkorb, a respeito da experiência vivenciada por Padre Eustáquio na festa de Nossa Senhora da Abadia, no povoado mineiro de Água Suja. “A festa de Nossa Senhora da Abadia em Água Suja, transformava a cidade em uma quermesse com circos, roletas, jogos de azar, apresentações de presdigitadores, espetáculos pirotécnicos, além das casas de divertimento e os dancings que funcionava durante toda a noite [...] Na medida em que a festa se aproximava [...] a cidade se convertia em um ‘enorme parque de diversões’, ou ainda, em ‘uma quermesse monstruosa que crescia diariamente’. O lugarejo parecia adquirir novas proporções com a chegada crescente de romeiros [...] A cada dia novas barracas surgiam na praça da matriz” (2012, p. 52).

No caso particular de São João del Rei, algumas festividades em honra aos santos vêm acompanhadas da presença de feiras [não no porte da descrita acima] tal como no caso do Jubileu do Senhor Bom Jesus de Matozinhos, que atrai uma infinidade de romeiros ao santuário de mesmo nome. Algumas notícias dão conta desse “aspecto profano” da cena festiva desde o século XIX:

Estas paragens, onde há vastas e bellas chácaras, perpétuo pomar de variados frutos. Que linda garça campeia entre as verduras e a risonha capella do Senhor Bom Jesus de Mattosinhos, para onde afluem romeiros e grande multidão de povos por ocasião das festas do Divino Espirito Santo que celebravam-se com toda a magnificência,

renovando-se algumas vezes os costumes antigos de cavalhadas, bailados e corrida de touros (Arauto de Minas - 1877).

Para abrigar os romeiros que superpovoavam o bairro, erguiam-se barracas, casinhas, ranchos de capim e coberturas toscas, pois muitos mudavam provisoriamente para Matosinhos, para melhor participarem dos dias de festas, com isso os aluguéis de casas e hospedagens subiam de preço. O Arraial de Matosinhos no subúrbio da cidade é dotado de ótima capela, na qual se festeja o Espírito Santo, havendo nos dias de festa, romaria de dia e de noite (Autor desconhecido)⁵³.

Em determinadas festividades em homenagem a São Sebastião, em São João del Rei e região, por exemplo, é comum observar quermesses com ajuntamento de fiéis, movimento de barracas e de jogos, tal como observou Passarelli na festa de alguns bairros como o Araçá e de algumas cidades vizinhas como Santa Cruz de Minas. “Nestas festas – digo, as populares, não a solene que se celebra no Pilar – são comuns as festividades de largo com quermesse, grande reunião de fiéis, pagadores de promessas, conglomerado de povo [...] Enfim há confraternização [...] Há grande movimento de barraquinhas, com comes-e-bebes e jogos simples. Eis a parte profana. A religiosa é sempre concorrida com novena ou tríduo, missa(s), procissão” (2000, p. 02).

Geralmente, as festas dos padroeiros das igrejas do Centro Histórico, devido ao forte controle exercido pela religião “oficial”, que lhes imputa um caráter de solenidade, como o próprio autor assinalou a respeito da festa de São Sebastião da Catedral do Pilar, caracteristicamente, seguem a prática das barraquinhas para arrecadação de fundos no lugar das grandes feiras; mas sempre seguindo as determinações impostas pelas autoridades religiosas, como na festa de Nossa Senhora das Mercês:

A partir do entardecer de hoje ela estará ainda mais iluminada, mais visível de todos os pontos da cidade, para avisar, aos são-joanenses, que a Festa de Nossa Senhora das Mercês está começando. E que durante os próximos dez dias vai movimentar aquela colina e o seu grande largo - que é quase uma esplanada - com música barroca,

⁵³ Fonte: <http://www.ograndematosinhos.com.br/noticias/06.htm>.

*novena, barraquinhas, foguetórios, banda de música, coloridos fogos de artifício e todos os encantamentos que deixam São João del-Rei em estado de graça*⁵⁴.

O mesmo acontece com a festa de Santo Antônio, só para citar mais um exemplo, onde também se constata a presença das barraquinhas:

*Em 13 de junho é comemorado o Dia de Santo Antônio, o santo casamenteiro. Na Paróquia de São Francisco de Assis, em São João del Rei, aconteceram as já tradicionais barraquinhas com inúmeras delícias, sem contar a barraca da víspera. Durante os dias da trezena o movimento foi intenso e os lucros revertidos para as obras sociais da Paróquia. Tudo isso sob o comando de Frei Jaime, pároco que marcava o ponto todas as noites*⁵⁵.

Não obstante, se as festas de padroeiro comportam ao menos um espaço para as barraquinhas, o mesmo não ocorre com as festividades do Ciclo da Paixão. Nesse tempo, dada a uma maior ortodoxia da igreja, não é tradição da festa comportar as pequenas quermesses e muito menos as grandes feiras. Ao longo do ciclo, eram poucos os momentos em que era visível um comércio festivo, como foi no caso da festa do Encontro, no período quaresmal.

Hi[is]toricamente, o comércio que predominou no período do Ciclo da Paixão girou em torno, basicamente, de um mercado voltado para as artes, já que essa festa demandava uma gama de artífices dada à proliferação dos ritos dedicados à Paixão a partir do século XVIII. “No mundo pré-industrial esse tempo qualificado espiritualmente suscitava demanda em termos de imagens, andores, alfaias e serviços: o trabalho de bordadeiras, costureiras, carpinteiros, escultores, entalhadores, armadores, pintores, músicos e pregadores (Campos, 2001, p. 1197). Para uma cidade que tenta reconstruir no presente, a festa do passado, esse ponto seria mais um daqueles que se procurava manter com afinco, sendo até mesmo praticado com mais rigidez do que outrora, para que a festa mantivesse o seu caráter de “pureza”.

⁵⁴ Fonte: <http://diretodesaojoadelrei.blogspot.com.br/2011/09/sao-joao-del-rei-em-estado-de-graca-e.html>.

⁵⁵ Fonte: <http://www.folhadasvertentes.com.br/default.asp?pagina=integra&idMateria=4909>.

É, geralmente na Semana Santa não existe. Geralmente a festa do padroeiro é que vem acompanhada de uma barracinha pra arrecadar dinheiro né? Na Semana Santa eu acho que não existe isso, existem os ambulantes. Então eles... Mais existe essa... Existe essa coisa, mas é mais vendedores ambulantes. Não é igual numa festa da paróquia que eles montam barracinhas pra arrecadar dinheiro. (Entrevista com representante da diocese - 19/03/2012).

Nesse contexto, a feira de artesanato que aparecia, então, naquele sábado, como uma opção de lazer para a cidade, se instituiu como uma outra condição econômica que entrava na composição da festa contemporânea e que, diferentemente daquelas outras feiras estava assentada, justamente, em uma troca estritamente econômica.

A Feira Mineira de Artesanato [FEMIART] é um evento que ocorre na cidade desde o ano de 2005, por meio da iniciativa do governo do estado de Minas Gerais [após a criação da Superintendência de Artesanato], na pessoa do então governador Aécio Neves. Coincidência ou não, essa figura pública do cenário político do país pertence a uma das famílias mais tradicionais e mais poderosas de São João del Rei. Uma vez mais, percebe-se a estrutura política, nesse caso a nível estadual e dessa vez em parceria com a Companhia de Saneamento de Minas Gerais [COPASA] e com o Serviço de Apoio à Micro e Pequenas Empresas [SEBRAE], se articulando à estrutura econômica e, ambas, se articulando à estrutura festiva.

De acordo com as palavras da então superintendente de artesanato do governo, também uma sanjoanense, por ocasião da sexta edição da feira:

Nestes cinco anos, somos testemunhas do crescimento deste evento, do desenvolvimento, a cada ano, de um maior número de artesãos participantes e de um público entusiasmado que já considera a Feira são-joanense como um atrativo fundamental dentro dos festejos da Semana Santa. A união das duas vertentes, sagrada e profana, fazem de São João del Rei, nesta ocasião, um dos roteiros turísticos mais procurados do Estado⁵⁶.

⁵⁶ Fonte: <http://www.saojoaodelreitransparente.com.br/events/view/821>

A feira estava instalada no campo de um time de futebol da cidade, o Minas Futebol Clube - o “Leão da Biquinha” - localizado na Praça da Biquinha, no Bairro do Tejuco. Apesar de estar em um lugar outro que não o Centro, isso não era a mesma coisa de dizer que a feira estava afastada do Centro, já que a praça se situava a alguns metros da última ponte de pedra, próximo ao Largo de São Francisco. Para os que não eram habituados àquela parte da cidade, vários cartazes foram espalhados, especialmente na região do largo, indicando qual era o caminho a ser seguido.



Imagem 40: Entrada da feira de artesanato - 07/04/2012 (arquivo pessoal).

Logo na entrada do campo, uma armação foi montada com a logomarca do SEBRAE e da COPASA de um lado e, de outro, do Governo de Minas e da JF Empreendimentos [responsável pela organização do evento] para dar as boas vindas aos visitantes. Acima dessa armação, um cartaz com a imagem do mascote segurando o escudo do time mostrava a quem pertencia o campo de futebol. Ao lado desse cartaz, havia sido pregada uma sugestiva faixa em agradecimento a um deputado com as cores do partido.

Dentro do campo, uma grande estrutura havia sido montada para acomodar os artesãos vindos de várias regiões de Minas Gerais. Além dos estandes com os mais variados tipos de artesanatos, a feira contava também com uma praça de alimentação bastante diversificada. Aproveitando o ensejo do evento, a “Semana Santa Cultural” ganhou um espaço bem no centro da feira para promover uma exposição das ações do projeto contendo uma série de fotografias. A própria programação impressa da “Semana Santa Cultural” anunciava a oitava edição da feira de artesanatos como uma das atrações da festa da cidade, mostrando a parceria existente entre ambos os empreendimentos.

Segundo o organizador, a feira computava cerca de 550 estandes e de 300 expositores em 2000 metros quadrados de área coberta construídos para receber, nos quatro dias de evento, uma média de 25 mil pessoas entre moradores e estrangeiros, sendo o Sábado de Aleluia o dia mais concorrido, de acordo com o empreendedor.

E nós fazemos essa feira na Semana Santa por que... Feira de artesanato em cidade pequena só deve acontecer em época de turismo, porque o turismo forte é que atrai que gosta de vim, buscar o artesanato né? Uma feira desse tamanho não tem condição de fazer numa cidade se não for em época de turismo, porque não tem sucesso, o nosso sucesso se deve a isso, essa é uma feira organizada, uma feira que atrai público porque o nosso trabalho na mídia é muito grande, nós investimos muito em mídia; então é por isso que a gente consegue um público muito grande aqui constante, né, em todos os dias.

Hoje, hoje o público é maior... Aqui em São João del Rei ele é dividido, ele tem o turista de São João del Rei, ele tem o turista de Tiradentes que é 10 quilômetros, que vem prá cá, e tem o que vem pra Semana Santa. As famílias que vêm pra Semana Santa, que moram fora, que trazem realmente sempre os amigos, e o público da cidade que é grande né? É um público grande que vem em massa visitar, principalmente hoje e amanhã dá muita gente da região. O turismo dá muito na sexta-feira e no sábado, e no domingo dá mais o povo de São João del Rei.

(Entrevista com o organizador da feira - 07/04/2012).

O empreendimento, para se tornar bem sucedido economicamente necessitou, então, ser realizado em um período em que atraísse um público suficiente para garantir

o seu sucesso. E nesse caso, a Semana Santa se desvelou como o terreno propício para que essa outra mentalidade econômica se assentasse, já que os seus últimos dias, ou seja, o Tríduo Pascal, eram aqueles em que se verificava um amplo trânsito de pessoas pela cidade.

{A feira} *Só funciona na Semana Santa, por quê? Porque a Semana Santa de São João del Rei, hoje é considerada a melhor Semana Santa do Brasil, e já me falaram até do mundo. Que um perfil e uma trajetória na parte litúrgica que é uma semelhança da vida real do sofrimento, paixão e morte de Cristo. Então ela tem uma tradição de... Eu não tenho certeza, mais tem uns 300 anos que ela acontece. 301 anos que ela acontece. Isso, a cada ano, ela vem mantendo... As irmandades da igreja vêm mantendo aquela tradição, aquele cortejo, aquele acontecimento né? Por isso é que ela é famosa. Com isso atrai turista e nós entramos no meio disso pra pegar o turismo né? E é mais uma atração na Semana Santa para o turista, que ele vem ver a Semana Santa e vem e visita a feira. Isso já está fazendo tradição, têm pessoas que já estão vindo prá feira porque já vêm no turismo, e outras já vêm para o turismo para aproveitar a feira.*

(Entrevista com o empreendedor da feira - 07/04/2012).

A feira de artesanato foi estrategicamente alocada no feriado do Tríduo Pascal e acabou por se beneficiar dos esforços de determinados grupos em sustentar um discurso e uma prática que elevava a festa como portadora de uma hi[e]stória que continua. Isso se dá por ser essa opção claramente atrativa em termos turísticos, como comprovou ser nos dias festivos. Assim, o fato da Semana Santa ser hi[e]stórica, também servia bem aos propósitos desse domínio do mercado na festa contemporânea.

Porém, é importante ressaltar que mesmo integrando e interagindo, assim, com a composição estrutural da Semana Santa e modificando o seu cenário, essa outra dimensão, ainda que puramente econômica e com tênues vínculos com o mercado festivo, por si só não pervertia a estrutura festiva ocasionando o seu fim; mesmo porque, em outros momentos, essa estrutura já fora atravessada por outras dimensões do mercado a despeito do mercado de artes que outrora se formou.

Entretanto se por um lado, a feira selava parcerias vindouras com determinados grupos como a ONG “Atitude Cultural”, por outro, ela se encontrava na mira de alguns outros, especialmente daqueles vinculados às ordens leigas que viam essa iniciativa

como algo que, porventura, pudesse colocar em risco os objetivos últimos da festa, mesmo sem nenhum prejuízo à estrutura festiva advinda com essa presença. Isso mostra que as ações das diversas estruturas que convergem para a formação de uma determinada realidade social, como é o caso da festa da Semana Santa, são orquestradas ora por consonâncias, ora por dissonâncias. E a parte conflitual dessa relação com a presença da feira no espaço/tempo de uma festa que pretende ser fiel ao seu passado, fica manifesta com o discurso de seu A.⁵⁷:

Tem essas coisas que andaram fazendo aproveitando... Eu acho até que é um oportunismo inadequado, é aproveitar a festa e fazer umas bobajadas... Cismaram de fazer uma feira de artesanato dentro da Semana Santa... Isso é ridículo! Não é prá isso. Isso aí é até de gente da M. é que faz esse negócio aí, tem até a feira de cachaça, e não tem sentido uma coisa dessas, e fazendo um auê danado, e teve até um tempo que começaram a colocar um som muito alto e música que não tinha nada a ver com a cidade, aí houve uma reclamação e proibiram.

(Entrevista com seu A. - 23/01/2012).

Na volta da feira, passei pelo Largo de São Francisco e não pude deixar de notar uma equipe montando o palco onde, depois de arrebatada a Aleluia, se daria a quinta edição do Encontro de Chorinho e de Samba de Raiz promovida pela “Semana Santa Cultural”. Mais tarde, indo em direção à Catedral do Pilar para a Vigília Pascal também observei que em todos os salões de dança e nos principais os clubes do Centro Histórico, havia um cartaz na porta convidando para os diversos “Bailes de Aleluia” que aconteceriam após as 22h00min com variadas atrações musicais.

Havia chegado tão cedo para a cerimônia da Vigília Pascal no Pilar que as portas da igreja ainda permaneciam fechadas. A liturgia da Vigília Pascal indicava que a cerimônia deveria ser celebrada durante a noite, tendo início sempre após o crepúsculo e o término antes da aurora do domingo. Fiquei sentada na escadaria e observava que, aos

⁵⁷ O conflito aqui é pensado a partir da perspectiva simmeliana, que o dota de positividade. Em Simmel (1983a) o conflito se mostra uma condição necessária para à vida social tanto quanto o consenso. “O conflito favorece a formação de associações e de organizações que concentram forças de união visando à oposição com outros grupos também associados da mesma forma. Não é, portanto, um dado residual da vida social, ao contrário, é parte integrante. Mais ainda, é uma forma pura de sociação e constitui, juntamente com a determinação quantitativa dos grupos e com o processo de subordinação-dominância, as condições formais para a existência da sociedade” (Perez, 2003, p. 07).

poucos, alguns fiéis se juntavam a mim na espera pela abertura da igreja. Quando dei por mim, percebi que ao final daqueles intensos dias imersos em celebrações religiosas, eu estava procedendo tal como os fiéis mais fervorosos que ficavam esperando a igreja abrir na tentativa de conseguir o melhor lugar.

Quando as portas da igreja foram abertas, logo vi que as cruzes dos altares laterais estavam descobertas mesmo que os próprios altares ainda estivessem velados. Já o altar mor havia sido coberto por um tecido branco no lugar do tecido roxo quaresmal, mostrando que aquela noite, após tantas noites de luto, seria envolvida por um sentimento de outra natureza. A noite continuava a ser de espera, assim como foi ao longo de todo o dia: de vigília pelo retorno do deus.



Imagem 41: Cartaz informando sobre baile de Aleluia - 07/04/2012 (arquivo pessoal).

Ainda na entrada da Catedral, os cursilhistas entregavam uma vela a cada um que chegava para participar da solenidade. Somente depois eu soube que a vela era, de fato, vendida mediante o pagamento de um real. Alguns irmãos do Santíssimo preparavam, também na entrada, a chama que logo mais acenderia o Círio Pascal. Rapidamente a igreja encheu e eu, pela primeira vez, estava satisfeita por ter auferido um lugar naqueles concorridos assentos logo à frente do altar. Os lustres centrais

estavam apagados fazendo com que o templo ficasse sombrio auxiliado pela noite que tomava conta do espaço. Somente as luzes dos altares laterais ofereciam uma iluminação difusa ao recinto.

Um grupo que estava sentado à minha frente começou a conversar comigo depois que indaguei a respeito do pagamento das velas. Composto por três mulheres e um homem, esse grupo era da cidade de Jacareí, interior do estado de São Paulo e participava da festa pelo segundo ano consecutivo, salvo uma das senhoras que contou ser a sua primeira Semana Santa na cidade. Elas disseram que escolheram a festa de São João del Rei porque o seu forte componente hi[er]stórico fazia com que a participação fosse mais intensa e mais emocionante. E a iniciante ainda emendou: *Eu estou encantada, parece que eu estou em outro mundo! Nunca vi nada igual em toda a minha vida...*

Faltando apenas cinco minutos para o início da cerimônia, todas as luzes da igreja foram apagadas, ficando acesa somente a luz do púlpito onde o locutor sacro se encontrava. Às 20h00min, a cerimônia teve início na porta da igreja. Ainda do lado de fora o Círio Pascal fora abençoado e aceso com a chama retirada dos carvões, no adro da Catedral e à medida que adentrava no templo, as luzes, antes apagadas, iam se acendendo no compasso dos passos do cortejo, sempre ao som das palavras *Lumem Christi, Deo gratias!* [Luz de Cristo, obrigado Senhor].

A luz do Círio ia, pouco a pouco, fornecendo a chama daquelas velas que estavam nas mãos das pessoas mais próximas do corredor central por onde a grande vela passava. E as velas dos que estavam mais próximos iam fornecendo a chama para as velas seguintes até que todas as velas estivessem iluminadas. Os mais apressados não esperavam a chama chegar até as suas velas e iam, eles próprios, ao encontro do fogo do Círio Pascal, no meio do corredor. *Essa é a luz de Cristo ressuscitado em cada um...* Comentou a senhora que estava sentada ao meu lado, após ter a sua vela acesa. Vinda da cidade de Guaxupé, no sul de Minas, ela falou que era tradição, todos os anos, participar da Semana Santa de São João del Rei junto ao seu marido.

O movimento de acender as velas consistiu na primeira parte da Vigília: a celebração da luz. A esse respeito, disse Bataille, que o sagrado é comparável à chama do fogo “que destrói a madeira ao consumi-la”, sendo, “o incêndio ilimitado, que se propaga, irradia o calor e a luz, inflama e cega, e aquilo que ele inflama e cega, por sua vez, subitamente, inflama e cega” (Bataille, 1973 apud, Perez, 2002, p. 30).

Depois que o celebrante, em vestes brancas, entoou o canto do *Præconium Paschale* [Proclamação da Páscoa], já no altar, todos apagaram as velas, restando no ar, somente o forte odor da cera queimada. Até aquele instante, a orquestra havia permanecido no mais absoluto silêncio, atenta à hora de entrar em cena.

Esse momento chegou, somente após a Segunda Leitura do Livro do Êxodo (14, 15-15, 1), que narrava a travessia do povo de Israel pelas águas, guiado por Moisés. Assim que a leitura terminou, a orquestra e o coro irromperam com o *Cânticum* [Cântico] (Ex., 15, 1-2); uma composição musical visivelmente mais alegre e mais festiva, se comparada àquelas executadas nos dias que antecederam o sacrifício.



Imagem 42: Cerimônia da Vigília Pascal - 07/04/2012 (arquivo pessoal).

Depois da última das quatro Leituras do Velho Testamento, acompanhadas dos cânticos correspondentes, as luzes da igreja foram novamente apagadas; seguindo-se, então, de uma intensa preparação do altar. Arranjos de flores foram posicionados entre os castiçais, que tiveram as suas velas acesas com a chama do Círio Pascal. Observei que, ao mesmo tempo em que o altar era arrumado, por trás do tecido branco, também se preparava algo, que até então era segredo.

Todo aquele exercício era feito ao som do *Kyrie eleison* [Senhor, tende piedade], um canto que, na liturgia reformada do Concílio Vaticano II, fora eliminado da celebração da Vigília, mas que, na Catedral do Pilar, ainda era mantido em nome de uma tradição quase tricentenária, segundo o discurso da obrigação em ter que levar adiante a grandeza da festa do passado. Uma faceta a mais da transgressão...

Todo aquele período de preparação em razão de algo que estava por vir - mas que não se sabia do que se tratava - gerava um misto de expectativa e de inquietação, que eu tinha certeza compartilhar com todos que ali se encontravam. Momentaneamente, aqueles instantes estavam em suspenso; era um tempo fora do tempo de referência usual, que era elaborado, para fazer emergir algo que não pertencia ao mundo ordinário, mas ao mundo do sagrado.

Assim, e mesmo que todo o ritual estivesse sendo realizado, uma vez mais, seguindo um plano preciso e meticulosamente ordenado [pois o rito se encontra ao lado da técnica]; ainda assim, se sentia estar ante uma vacilação, uma con-fusão; precisamente, porque estávamos atravessando, a partir daquele instante, de acordo com Duvignaud, um tempo limiar (1997, p. 119).

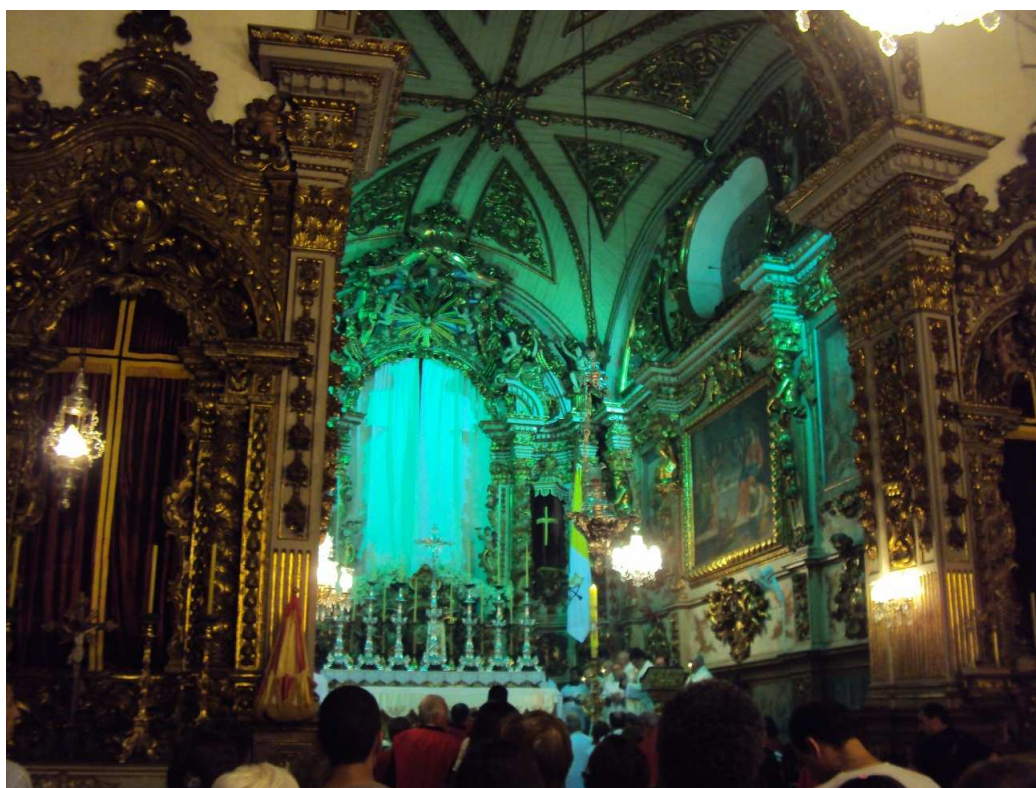


Imagem 43: Altar da Catedral do Pilar momentos antes da arrebentação de Aleluia - 07/04/2012 (arquivo pessoal).

Em determinado momento, o canto cessou para dar voz ao celebrante, que pronunciou as palavras: *Gloria in excelsis Deo* [Glória a Deus nas alturas]. Imediatamente ao pronunciamento, o tecido branco se descortinou, desvelando, no trono, a imagem do deus que vencera a morte, abraçado por flores brancas e envolto por uma bruma, que perfazia o momento cênico. Logo abaixo da imagem do Cristo Ressuscitado, estava a imagem de Nossa Senhora do Pilar, a padroeira de São João del Rei. Assim que a cortina foi aberta, tocaram-se os sinos, agitaram-se as campainhas e os carrilhões e soltaram-se os fogos de artifícios, em uma suntuosa busca pela quebra do silêncio, que há dias sufocava. Todo aquele barulho arrebentou devido à revelação do mistério pascal. O deus havia ressuscitado e Aleluia!, rejubilavam todos, ante a sua aparição e o seu retorno à cena. Finalmente, a espera havia terminado, no jogo entre o homem e a divindade.

O modo como a irmandade preparou a cena, foi qualquer coisa de belo, de exagerado, de teatral; enfim, de barroco. De modo que não tinha como conter a emoção junto às pessoas que ali estavam. A aparição fora montada com o propósito de surpreender os presentes e de externalizar os seus sentimentos. Alguns preferiram não segurar a emoção e suscitaram-na, deixando o choro vir à tona. Era um choro de alegria e também de alívio, pois o sofrimento havia, finalmente, ficado para trás. Não era, porém, o fenecimento apenas de um sentimento prescrito pela liturgia do catolicismo, mas era a conclusão de um longo ciclo, que estava chegando ao fim. Assim sendo, se estava ingressando em um tempo limiar, porque fundado na margem; território do desconhecido e carregado de potência, onde tudo poderia se suceder, pois não mais se estava no ciclo anterior; mas o próximo ciclo, ainda não havia aportado. Era uma coisa e outra e eram, ao mesmo tempo, nada.

Em meio a essa condição limiar instaurada pela finitude do Ciclo da Paixão, o ritual prosseguia dentro da igreja. Concluída a Leitura da Carta de São Paulo aos Romanos, o celebrante entoou três vezes a *Aleluia!* E, na terceira, a orquestra e o coro executaram, em latim, o salmo (117, 1 e 116), que solicitava: *Cantai louvores ao Senhor, todas as gentes, povos todos festejai-o!* (Piedosas e solenes tradições..., 1997, p. 460). E, no momento da homilia, após a Leitura do Evangelho segundo São Marcos (16, 1-7), o celebrante reafirmou, em suas palavras, o outro tempo que se aproximava e que mudava o eixo da morte para a ideia da vida eterna. *A morte foi vencida pelo Filho de Deus! Essa é a festa das festas. É a festa mais importante da igreja católica.*

Terminada a segunda parte da celebração, que consistiu nas leituras do Antigo e do Novo Testamento, teve início a Liturgia Batismal, com a bênção da água para o batismo, além da realização do batismo de uma criança. *É uma vida nova que vem junto à passagem de Jesus*, analisou a senhora sentada ao meu lado.

Ainda integrando essa parte litúrgica, houve a renovação das promessas de batismo dos presentes. Para isso, o Círio Pascal passou novamente pela extensão da igreja, para que todos pudessem acender as suas velas. Nesse momento, a senhora pediu para que eu a ajudasse a segurar a vela, para que o meu batismo também pudesse ser renovado, já que eu não havia adquirido uma vela na entrada. Deixei a máquina fotográfica e o caderno de anotações de lado e juntei-me em comunhão com os demais. Ao final da celebração da Vigília, a senhora me ofereceu aquela vela, dizendo que era para ser acesa nos momentos mais difíceis do meu trabalho, mas também, nas ocasiões em que ele me trouxesse as maiores alegrias.



Imagem 44: Círio Pascal na Cerimônia da Vigília - 07/04/2012 (arquivo pessoal).

Antes que eu pudesse sair, o grupo do interior de São Paulo, mais a senhora do sul de Minas e o seu marido, me detiveram com a saudação de uma feliz Páscoa e o desejo de uma boa trajetória de trabalho, naquele feliz encontro propiciado pela festa.

Quase alcançando a saída, um homem me chamou de longe, perguntando como andava a minha pesquisa. Era o primeiro turista que eu havia conversado, junto à sua esposa, ainda na quinta-feira Santa. Já do lado de fora, permaneci no adro da Catedral durante um tempo, observando a habilidade com que os sineiros agitavam os sinos, no intuito de arrancar-lhes os dobres e os repiques festivos, que avisavam desde longe, através dos embalos, a notícia da ressurreição. E foi assim que, acompanhada pelos encontros e pelo som dos sinos, rumei em direção à outra margem do córrego.

À medida que eu me afastava da Catedral, o barulho dos sinos ficava cada vez mais distante, ao passo que distintos sons começavam a tomar conta do ambiente, advertindo que outro movimento acontecia na margem. Assim, após atravessar a ponte de pedra da prefeitura, me deparei com a outra face da mesma festa. Aquela vacilação nascida da condição limiar e marginal que o momento da revelação fez emergir nos domínios da igreja - ocasionando também a conclusão do ciclo festivo - se disseminou pelos caminhos do Centro Histórico da cidade. E o que se via, então, era uma con-fusão generalizada pelas ruas, saindo porta afora dos templos e ingressando porta adentro dos bares e dos bailes.

O arrebentar da Aleluia, momento mais emblemático do núcleo mítico-místico e teológico do catolicismo, expôs que, apesar de ser fundada em uma religiosidade rígida, nos preceitos litúrgicos e no culto “oficial”, aquela outra face da festa desvelava, definitivamente, que as missas e as procissões compunham somente uma parte do tempo festivo. É certo, que era aquela que predominava ao longo do ciclo, mas a irrupção da desordem no Sábado de Aleluia, dizia que a festa da Semana Santa não era unicamente votada às atividades religiosas formais. Ao contrário, e mesmo com os esforços da igreja e das ordens leigas, em fazer prevalecer a face estritamente religiosa da festa, a Semana Santa comportava experiências e manifestações variadas.

A noite do Sábado Santo transformou-se, então, em uma inquietação que tomava conta das ruas, acompanhada da música alta, de gritos, do riso e da bebida em excesso. Muitos eram aqueles que, sucumbidos pelo álcool, caíam desacordados pelas sarjetas. Aliás, foi o próprio Callois quem advertiu que “não existe festa, mesmo triste por definição, que não comporte pelo menos um princípio de excesso e de pândega [...] É preciso que toda a gente se divirta à grande, até se prostrar, até cair doente. É a própria lei da festa” (1988, p. 96).

O instante culminante que a festa instaurava naquela noite, portanto, possuía contornos sacrificiais, que eram vividos “através de atos e gestos excessivos” (Perez, 2002, p. 26). Abandonava-se a si mesmo em meio aos exageros do corpo. Tanto é que, no Domingo da Páscoa, à hora da Procissão do Santíssimo, a mesma senhora que se sentou ao meu lado na cerimônia da Vigília, contou que, na noite do Sábado, indo em direção ao chorinho do Largo de São Francisco, ela e o marido se depararam com a cena de um jovem completamente alcoolizado e desmaiado, pelo caminho. Os amigos, talvez tão bêbados quanto, nada faziam diante do fato. Ela, então, tomou a dianteira da situação, ligou para a emergência e esperou, junto ao rapaz desacordado, até a chegada da ambulância; o que a fez perder o evento musical.

Segundo Léa Perez, “os atos e gestos excessivos da festa, sua atmosfera sacrificial são geradores de desordem, sim, de tumulto, sim, de violência, sim, mas de uma natureza particular, aquela que gera comunhão pelo aniquilamento, pelo esgotamento, pela efervescência das paixões” (2002, p. 29). A ocasião limite em que se fundava o Sábado de Aleluia, era propícia às rupturas dessa natureza, já que nesse tempo de suspensão, tudo era passível de acontecer, devido à situação de indefinição que se instalara; afinal, se estava perante o término de um ciclo e a iminência de um outro.

O Sábado Santo era, então, um tempo favorável a desordens de toda espécie, algumas, transformadas até, em ocorrências policiais. Foi o caso, por exemplo, de um processo criminal registrado na cidade, em 1853, contra um homem detido por desacato e arruaça. Nos termos do tal processo, consta:

Um tumulto ocorrido na noite do sábado de aleluia nas ruas de São João del Rei. Um grupo de 200 pessoas saiu pelas ruas da cidade após a queima do Judas nos quatro cantos, puxando um carro vazio com grande algazarra e alarido. Ao passarem pela segunda vez diante da cadeia, os guardas tomaram o carro do grupo, que passou, então, a insultar a guarda da cadeia, xingando e atirando pedras. Dois dos participantes reagiram à ordem do juiz e tabelião para se dissiparem, puxando pistola e espada, sendo preso um deles, José Joaquim da Silva. Com base no depoimento das testemunhas o juiz julgou improcedente o processo e prisão do réu, por se tratar apenas

da “*saturnal pela festa do Judas das Aleluias*”. No tumulto há participação de escravos⁵⁸.

A con-fusão própria ao tempo, também pode ser observada por meio da experiência dos modernistas com a Semana Santa na cidade, em 1924. Na noite do Sábado de Aleluia, os viajantes se depararam com um desfile de blocos carnavalescos. “Um deles [...] era o bloco do ‘Boi’, ‘uma extraordinária reunião de belos ‘travestis’, que divertiram intensamente o povo com as suas inigualáveis touradas’. Além dele, desfilaram o ‘Custa, mas vai...’ [...] Dirigiram-se, logo a seguir, a ‘animadíssimo festival dançante’, que só foi terminar após as 4 da madrugada” (Cortez, 2010, p. 24).

O caos instaurado após a Aleluia arrebentar se desvelava como o produto da transgressão às normas que vigoravam na festa. Durante quase cinquenta dias, o Centro Histórico vivera sob o peso da ordem de uma festividade que tentava seguir exatamente o roteiro de rituais tricentenários, que eram dramatizados a cada celebração, em nome de uma tradição que era dever ser seguida.

Essa busca de uma continuidade da hi[e]stória da festa, empreendida como algo digno de ser imitado uma vez mais, como disse Nietzsche, era fruto de intrincados processos de interação, de tensão e de negociação entre práticas e entre visões de mundos de distintos grupos sociais que colaboravam para a criação de um determinado imaginário que definia a festa como tradicional, autêntica e barroca. Certos elementos assumiam um lugar de destaque na produção dessa imagem, tais como a música sacra orquestrada, o cerimonial em latim, os recursos estéticos e teatrais, a pompa e o rigor ritual; esse último, imbuído de um ordenamento extremamente formal, que conferia o caráter prestigioso da festa e, portanto, popular.

A ordem se apresentava como um dos pontos mais emblemáticos do Ciclo da Paixão, já que era ela que garantia a festa nos termos do passado. Praticamente coisa alguma, saía ao controle meticulosamente traçado pelas autoridades religiosas com o apoio dos participantes, que executavam habitual e ritualmente os atos técnicos, tanto nas missas quanto nas procissões. Era exatamente essa, a força de atração exercida pela Semana Santa, considerada por muitos, como uma festa de “verdade”, frente às

⁵⁸ Fonte: Arquivos Históricos da Comarca do Rio das Mortes [Registros criminais de 1793 a 1900]. Acervo do Museu Regional de São João del Rei/IPHAN. Disponível em: <http://www.documenta.ufsj.edu.br/modules/primes/brtacervo.php?cid=2958&op=1>.

celebrações de cunho “moderno” - e mais flexíveis - praticadas pelas igrejas, após o Concílio Vaticano II.

Contudo, era nesse extremo ordenamento que se encontravam os diques que irrompiam para a desordem, do tipo que se verificava naquele Sábado Santo. De tal modo é que, no caso da Semana Santa, a desordem não deveria ser procurada, então, nela mesma, mas a partir dos momentos de extremo ordenamento que perfaziam essa estrutura festiva em particular.

Mais além do rito e da técnica, que imperavam durante o longo período de lembranças pelo sofrimento de Cristo, se estendia uma zona ainda desconhecida, cujo peso da ordem era esgotado no encontro com o caráter liminar do Sábado Santo. A suspensão do tempo entre dois ciclos era marcada pelo sentimento de alívio da Aleluia - momento de abandono desse ordenamento com contornos penitenciais -; um curioso estado de caos e de con-fusão noite afora, assaz condenável, especialmente, pelas autoridades religiosas que tinham o interesse, além de prosseguir com o passado, de moralizar e de espiritualizar “a festa das festas”.

Assim, por meio dos usos que a cidade fazia da sua hi[e]stória, para perpetuar uma ideia de festa do passado, a extrema ordem da cena, aparecia como o mais característico daqueles elementos que se quis manter. A ordem se expressava até, na denominação dos leigos que foram os responsáveis, entre outras coisas, pela difusão do culto à Paixão de Cristo na Minas colonial; outro elemento ainda presente, para além daquele cenário festivo, no cenário religioso de São João del Rei.

Através da execução da ordem, é que o sucesso da religiosidade “oficial” era garantido no ciclo festivo do Centro Histórico. Porém, era justamente da tentativa em se garantir o excesso da ordem, que brotavam os instantes de desordem na cena festiva; desvelando a sutil fronteira existente entre esses dois estados. Assim, quanto mais as autoridades religiosas buscavam a ordem como forma de cumprir o discurso da obrigação em ter que fazer a festa do passado, mais a desordem se formava nos rastros daquela, trazendo consigo alguns acontecimentos que a própria ordem lutava para afastar. Mais uma feição desse ciclo festivo tão transgressor...

Certos aspectos daquele tumulto festivo, contudo, se conectavam minimamente, aos moldes do que era aceitável para algumas autoridades religiosas, tal como o evento musical do Largo de São Francisco, promovido pela “Semana Santa Cultural”. Naquela ocasião, acontecia o “Encontro de Chorinho”, no palco que havia sido montado mais

cedo. Diante dele, algumas cadeiras foram dispostas, para que as pessoas pudessem se sentar para melhor apreciar o estilo musical. Muitos ouviam atentamente à música, sentados; entre aqueles que preferiam ficar de pé, alguns dançavam animadamente. Ali, não era claramente visível a agitação que tomara conta dos espaços do Centro. Do modo como era concebido o evento, os presentes tranquilamente poderiam se divertir sem preocupação, apreciando músicas condizentes com o propósito “cultural” da festa, como salientou a gestora:

Além da gente estar perpetuando uma forma de manifestar que são os tapetes de rua, a questão musical no Sábado de Aleluia, a gente trabalha sempre a questão, encontro de chorinho, encontro de música raiz; sempre voltado prá questão da cultura brasileira, sanjoanense...

(Entrevista com a gestora da ONG - 23/03/2012).

Concorrendo com a música, pela atenção dos estrangeiros e dos moradores presentes no largo, para aqueles tapetes de rua da praça que ainda não haviam sido pisoteados pela procissão, também convergiam os olhares de quem passava pelo local. Entretanto, dado o volume de gente pelas ruas do Centro Histórico àquela hora da noite, o evento não parecia tão cheio e atrativo quanto à capacidade que mostrava ter. Talvez, em meio à desordem que se instalara no entorno, esse fosse o objetivo mesmo do evento, o de “selecionar” o seu público.

No caminho para minha hospedagem, o restante dos espaços daquela margem se encarregava de me dizer, que o evento que ocorria no largo era apenas mais um. Durante todo o percurso, me deparei com toda sorte de gente bêbada, caída pelo chão ou, simplesmente, acostada próxima aos carros que tocavam músicas no último volume.

Domingo, dia 08 de abril de 2012. Finalmente a Páscoa havia chegado! Os sinos enfim, poderiam ser novamente ouvidos e, pela manhã, lá estavam eles, chamando a todos para as obrigações religiosas do dia mais importante do catolicismo. De fato, bastava apenas um dia para que todo o bem-aventurado mistério pudesse acontecer. Enquanto o sofrimento fora longo e arrastado, sendo experimentado por dias a fio, para

Páscoa - O acontecimento - somente um dia era suficiente e necessário à vida eterna alicerçada pelo sacrifício. Para além dessa festa, outro tempo logo surgiria, com o intuito de desenvolver melhor essa ideia.

Não se pode esquecer, que o Domingo da Páscoa estava instalado em um tempo liminar iniciado na noite anterior. A própria acepção do termo Páscoa - passagem - desvelava ser esse, um tempo determinado pela margem. Era a passagem que o deus empreendia da morte, para a vida eterna; era a passagem do sofrimento para a aleluia; era, afinal, a passagem de um ciclo festivo para outro. Logo após o Tempo da Quaresma e da Semana Santa, que configuravam o Ciclo da Paixão, o calendário litúrgico do catolicismo romano avançava rumo ao Tempo Pascal; um ciclo festivo preparado com vistas ao prolongamento do dia “novo” instituído pelo Domingo de Páscoa e que se estendia ao longo de sete semanas, abarcando as solenidades da Ascensão, até desembocar no Domingo de Pentecostes.

De modo que, o deus já ressuscitado, seria o ponto fundamental desse outro ciclo festivo, e toda liturgia que o perfazia, se concentraria nos cantos de louvor em agradecimento à redenção, especialmente através do hino de Aleluia. Os oito primeiros dias que se seguiriam ao Domingo da Páscoa formariam a oitava da Páscoa, ocasião na qual a alegria e a exultação pela ressurreição do deus chegariam à sua mais alta expressão. Já no quadragésimo dia depois do dia pascal, celebrar-se-ia a Ascensão de Cristo e os dias seguintes, até o sábado anterior ao início do Pentecostes, seriam aqueles de preparação para a vinda do Espírito Santo. Por fim, com a entrada do Domingo de Pentecostes, o Ciclo Pascal daria lugar a outro ciclo festivo.

Porém, as igrejas do Centro Histórico de São João del Rei ainda estavam completamente imersas naquele acontecimento para além da festa, já que o dia era de festejos por conta da Páscoa. Ao longo do dia, três missas “comuns”, aconteceram na Catedral do Pilar e, logo pela manhã, às 09h30min, houve a missa solene comemorativa do dia. Cheguei um pouco antes do início dessa missa e me achei diante de todos os altares laterais descobertos e decorados com flores vermelhas e brancas, ressaltando ainda mais a beleza das imagens. Nesse dia, a igreja voltara a exibir a sua mais completa riqueza. Não tive dificuldades em me sentar no mesmo lugar da noite anterior, pois a igreja não estava cheia. Também pudera. Após o dispêndio de energia da noite anterior, seriam poucos aqueles dispostos a começar cedo as atividades, seriam elas religiosas ou não; pois as ruas também estavam vazias.

Dessa vez, uma senhora da cidade mineira de Sete Lagoas sentara-se ao meu lado. Ela disse que ficava impressionada com a aquela festa, sobretudo, com as irmandades, por conseguirem mantê-la por mais de 300 anos. Era visto que o discurso das “permanências” hi[e]stóricas da festa havia, há muito, ultrapassado o plano local, ampliando suas fronteiras e sendo compartilhado em outros espaços, principalmente auxiliado pelas mídias, que, assim, divulgavam a Semana Santa da cidade para fora dela. Desse modo, era com essa imagem pré-concebida, que a maior parte das pessoas, ia à procura da festa. Quando não tomavam conhecimento por meio de parentes e de amigos que já tiveram um contato precedente, era por meio dos diversos veículos de comunicação, que as pessoas vislumbravam essa festividade envolta pelo passado.

Uma breve pesquisa realizada através da internet desvela o modo como a cidade, geralmente, é apresentada nesse canal de comunicação. Em primeiro lugar, um grande portal de notícias de circulação nacional produziu uma matéria que não falava especificamente sobre a Semana Santa, mas falava sobre a cidade, apresentando-a como “a cidade mineira na qual os sinos falam”:

É difícil de imaginar nos dias de hoje, meios de comunicação que não envolvam alta tecnologia de transmissão de dados. Em São João del Rei, mantém-se uma tradição secular cada vez mais rara em todo o Brasil: a linguagem dos sinos em suas igrejas barrocas para anunciar diversas informações por meio de badaladas.

A antiga Vila foi marcada pela extração do ouro e criada estrategicamente para ser um entreposto entre o Rio de Janeiro e Paraty, enquanto o Brasil era colonizado por Portugal. Ela pertence ao circuito turístico da Estrada Real e encanta por seu passado preservado até hoje, principalmente em suas igrejas barrocas.

Todas as igrejas históricas do município possuem torres com sinos. Os sinos são tocados para informar, com badaladas e repiques, informações precisas como o horário (o sino toca informando as horas e os minutos a cada intervalo de quinze minutos), horários de missas, tipos de celebrações (missas comuns, velórios, batizados, entre outros) e sobre quem será o palestrante. Se a missa for realizada por um vigário, o sineiro emitirá uma sequência de quatro badaladas, se palestrada por um bispo diocesano, ouvem-se sete badaladas, ou por um arcebispo metropolitano nove badaladas.

A tradição dos sineiros que embalam o sino nas igrejas barrocas foi repassada hereditariamente durante anos. Hoje, encontrar profissionais está cada vez mais difícil. Os sineiros dizem que o toque mais bonito e difícil de realizar é o da Nossa Senhora da Boa Morte, tocado no dia 14 de agosto, que é realizado com quatro sinos ou mais. A cidade preserva belezas arquitetônicas do período barroco, abriga a primeira biblioteca pública de Minas Gerais criada em 1827. Possui a orquestra Sinfônica Ribeiro Bastos que atravessou séculos e mantém-se atuante com diversas apresentações em todo o país. Preservar os costumes seculares é manter presente a história que não foi perdida junto à decadência da extração do ouro⁵⁹.

No portal da Secretaria de Estado de Turismo de Minas Gerais, a Semana Santa é apresentada aos leitores da seguinte maneira:

A Semana Santa de São João del Rei - terra da música e do soar dos sinos - é uma das mais belas do Brasil. Além de conservar as antigas características barrocas, a música das orquestras Ribeiro Bastos e Lira Sanjoanense abrilhantam os principais cerimoniais.

Na cidade, o período religioso prima pela organização, beleza cênica, emoção e tradição, numa combinação que faz com que São João seja procurada por milhares durante o feriado. A celebração é a única no Brasil que preservou antigas tradições, hoje abolidas, como o latim – considerado língua morta – que é utilizado nos Motetos e nas Matinas e Laudes, tocados e cantados na Catedral do Pilar. Um dos momentos mais encantadores das cerimônias da Semana Santa de São João del-Rei é o Descendimento da Cruz, realizado na Sexta-Feira Santa (21), na escadaria da Igreja de Nossa Senhora das Mercês. Em seguida, segue a Procissão do Enterro com o acompanhamento de mais de 15 mil pessoas⁶⁰.

⁵⁹ Matéria veiculada no “Yahoo Notícias”, em 11 de janeiro de 2013

Fonte: <http://br.noticias.yahoo.com/conhe-cidade-mineira-na-qual-os-sinos-falam-125300946.html>.

⁶⁰ Fonte:

http://www.turismo.mg.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=268&Itemid=59.

Por fim, um blog, que tem como objetivo a difusão da cultura da cidade, apresentou um texto intitulado “Semana Santa em São João del Rei atualiza e eterniza passado setecentista”:

*Não é de agora que a Semana Santa de São João del Rei, hoje considerada a mais tradicional do Brasil, é imponente e grandiosa. Repetindo ainda hoje, praticamente inalteradas, muitas liturgias e solenidades próprias do século XVIII, surpreende a todos pela vivacidade e autenticidade com que são mantidas. Desta forma, os ofícios e procissões, ao preservarem suas características originais, tornam-se a um só tempo clássicos e contemporâneos, o que os livra de qualquer folclorização, congelamento ou cheiro de naftalina. Assim, apesar de bisseculares, parecem (e são!) sempre atuais. Para conhecer a dimensão desta "festa" religiosa no século XIX, basta avaliar uma informação divulgada pelo jornal **Tribuna do Povo**, que circulou na cidade no dia 16 de abril de 1882. Segundo o antigo periódico são-joanense, naquele ano distante, "trinta padres tomaram parte nos festejos da Semana Santa de São João del-Rei"⁶¹ [grifo do autor].*

Aquela senhora mesmo, contou que havia cinco anos que participava da Semana Santa, sabendo da sua existência através de jornais do tipo impresso; e que, todos os anos, se impressionava com a festa como se fosse a primeira vez. Ela não parava de exclamar ao meu lado: *Olha a história! Olha a beleza disso aqui!* Encantada com a composição das cores das flores que decoravam os altares descobertos. A todo instante, ela não se cansava de exclamar a beleza da festa...

As luzes da igreja, mais uma vez estavam apagadas para a cerimônia e só foram acesas, no momento em que a cortina branca foi aberta, revelando a imagem de Cristo Crucificado, como na celebração da noite anterior. Como ontem, assim que a imagem surgiu aos olhos de todos, os fogos de artifício espocaram do lado de fora. Nessa cerimônia, a orquestra e o coro tocavam composições musicais mais festivas do que nunca, como a Antífona da Comunhão (1 Cor 5,7-8):

⁶¹ Texto publicado em 13 de abril de 2012.

Fonte: <http://diretodesaojoadelrei.blogspot.com.br/2012/04/semana-santa-de-sao-joao-del-rei.html>.

Pascha nostrum immolatus est Christus, allelúia: itaque epulemur in azymis sinceratis, et veriatis, alleluia.

[Cristo, nossa Páscoa, foi imolado; celebramos a festa com pão sem fermento, o pão da retidão e da verdade, aleluia] (Piedosas e solenes tradições..., 1997, p. 515).

Era evidente a mudança que se operara no ritmo dos rituais, com a chegada da Páscoa. A partir daquele dia, a liturgia prescreveria então, um sentimento de incontida felicidade, que se concretizava na música, na decoração das igrejas, nas leituras sagradas e até mesmo, nas sensações experimentadas. Se nos dias da Paixão era o aroma das ervas medicinais que tomavam conta do ambiente, no dia da Páscoa, a atmosfera era envolvida pelo perfume das flores.



Imagem 45: Vista do altar da Catedral do Pilar durante a Missa Pascal - 08/04/2012 (arquivo pessoal).

No momento da homilia, as palavras do celebrante foram ainda mais incisivas, a respeito desse outro tempo que chegava à companhia do dia “novo” e que deixava para trás, por um momento, a ideia sofrível da morte e do sacrifício. Disse ele, pedindo um instante de silêncio aos presentes, que *cada cristão deve anunciar esse momento. Cristo está ressuscitado! Participamos com ele dessa ressurreição e somos chamados a*

perceber que o túmulo está vazio. O túmulo está vazio! A morte não venceu Jesus. Hoje é o dia mais importante para nós, católicos; a Páscoa é a passagem de Jesus...



Imagem 46: Altares desvelados na Catedral do Pilar no Domingo de Páscoa - 08/04/2012 (arquivo pessoal).

Ao final da celebração, o pároco da Catedral leu um poema como o desejo de uma feliz Páscoa a todos os fiéis presentes:

Renova-te.

Renasce em ti mesmo.

Multiplica os teus olhos, para verem mais.

Multiplica-se os teus braços para semeares tudo.

Destrói os olhos que tiverem visto.

Cria outros, para as visões novas.

Destrói os braços que tiverem semeado,

Para se esquecerem de colher.

Sê sempre o mesmo.

Sempre outro. Mas sempre alto.

Sempre longe.

E dentro de tudo.

[Cecília Meireles - Cântico XIII]⁶².

Após a missa, fui andando pela Rua Direita em direção à Igreja do Carmo e me vi diante de um grupo de homens e de crianças preenchendo, no maior alvoroço, o caminho entre essa igreja e a Catedral, com desenhos de serragem. Fui até um dos homens e perguntei do que se tratava, e ele disse que aquela era a confecção dos tapetes do Largo do Carmo, que há dez anos era realizada pelo grupo chamado “Arte de Rua do Largo do Carmo”. Era tradição do grupo, promover os desenhos daqueles tapetes em frente à Igreja do Carmo, na Quinta Santa e no Domingo de Páscoa; esse último, o mais importante, porque era para a passagem da Procissão do Santíssimo.



Imagem 47: Confecção dos tapetes do Grupo “Arte de Rua do Largo do Carmo” - 08/04/2012 (arquivo pessoal).

Naquela confecção de tapetes, não havia sequer um turista fotografando ou a imprensa realizando a sua cobertura jornalística. Era somente o grupo, que trabalhava com a ajuda de alguns moradores. Os desenhos não eram enquadrados em moldes elaborados e nem feitos por renomados artistas plásticos da cidade. Quem concebia os traçados eram os próprios integrantes do grupo, por meio do riscado a giz feito na hora, diretamente nos paralelepípedos. Ademais, o grupo não contava com nenhum patrocínio

⁶² Fonte: <http://www.tanto.com.br/ceciliameireles-13.htm>.

de monta, que pudesse garantir os recursos para a realização dos trabalhos, como a aquisição de materiais e de mão de obra; tudo aquilo era um trabalho voluntário e em equipe, onde os subsídios para a confecção dos tapetes eram conseguidos através de doações. Tinha aquele que doava a serragem, aquele outro que disponibilizava o carro para o transporte, e ainda tinha aquelas outras pessoas, que ajudavam fornecendo a comida e a bebida. Nada, então, que lembrasse aquele outro evento ocorrido no Largo de São Francisco, ou mesmo, daquele que ocorreu no Largo do Rosário no ano do meu primeiro contato com a festa, em 2009.

Aliás, desde essa primeira experiência festiva, eu havia observado que a questão dos tapetes de rua envolvia algo mais do que o simples desejo de ornamentar as ruas do Centro Histórico para a passagem das procissões. A confecção dos tapetes era, antes de tudo, uma questão de território, de prestígio e de poder. A escolha do local onde se daria a montagem dos desenhos, contava muito a respeito da importância auferida pelo grupo em questão. Tirando a Catedral do Pilar, que não permitia nenhuma atividade que não fosse propriamente religiosa em seus domínios, praticamente todo largo acomodava um projeto distinto quanto à proposta, quanto à soma de recursos empregada, quanto às parcerias seladas, bem como, quanto à posição social ocupada pelos integrantes, etc.

Enquanto no Largo de São Francisco, o projeto dos tapetes possuía, como já mencionado, o patrocínio do governo e da companhia energética do estado, sendo algo quase profissional e voltado para o trabalho de vários artistas; o trabalho realizado no Largo do Carmo era mais comunitário e voluntário. Por outro lado, o projeto do Largo do Rosário, realizado com a Lei Estadual de Incentivo à Cultura, possuía um tom mais social, já que trabalhava com crianças carentes. Quanto a esse último, o promotor contou um pouco a respeito do surgimento do projeto, sendo uma espécie de projeto dissidente daquele do Largo de São Francisco e que também marcava a diferença com relação àquele do Carmo, composta por “uma turma mais simples”, segundo o responsável pelo projeto do Rosário:

Aí a gente resolveu fazer o tapete de rua na Procissão do Enterro na sexta-feira da Paixão. Aí, aqui em São João del Rei eles fazem há anos, ali naquela Igreja do Carmo, um tapete também; não tem nada a ver com... Com o que a gente faz. Aí nós começamos a fazer no Largo do São Francisco com serragem, a gente usava borra de café na época... E areia. Então, em 1999, nós pegamos o Largo de São Francisco e fizemos lá

voluntariamente com algumas crianças. Aí, a partir já de 2000, uma empresa já quis adotar o Largo São Francisco, o negócio deu, chamou a atenção do lugar, entendeu? Aí a Companhia Industrial Fluminense começou a apoiar. O pessoal começou a organizar muitas coisas no Largo São Francisco e acabou que a gente começou a fazer o... Continuou a fazer o tapete prá eles tipo meio que contratado sabe? Aí foi até o ano de 2007. Aí quando foi em 2008, a gente fez um projeto na Lei Estadual de Incentivo à Cultura e eu aprovei o projeto, cem por cento de orçamento. Aí a gente conseguiu patrocínio do R., presidente da FIEMG. Aí fizemos aqui {no Lago do Rosário}. Aí que foi, quando a gente foi lá no São Francisco pra conversar com a pessoas que acabou ficando comandando a área, ela olhou e viu que não interessou uma coisa social e preferiu continuar com a arte; aí a gente fez, não, já que é assim, a gente vai sair lá pro Largo do Rosário, não tem nada a ver esse argumento de artístico com social; o artístico a gente já faz mesmo e estamos fazendo agora só com o pessoal daqui. Aí são envolvidas oitenta crianças do bairro Matozinhos, carentes sabe, que não têm oportunidade. Aí a gente separou, o artístico hoje aqui e amanhã faz um pra procissão. (Entrevista com responsável pelo tapete do Largo do Rosário - 09/04/2009).

Ao mesmo tempo em que cada grupo se projetava no cenário festivo, tentando se diferenciar dos demais, o relato mostra uma tácita disputa existente entre os projetos, na busca por prestígio e por status, especialmente entre os turistas, no espaço da Semana Santa. Contudo, nessa disputa, cada grupo, independente de ser referenciado como simples ou não, reclamava para si um pedaço de rua para chamar de seu. E nessa busca por prestígio junto à festa, é importante também salientar a ocasião em que cada tapete era montado; pois, se na Sexta da Paixão, que era o dia mais importante da festa, a procissão passava por cima dos tapetes daquele projeto mais “aprimorado”, o tapete daquele projeto mais “simples” era desfeito pela procissão do Domingo de Páscoa; muito menos concorrido do que aquela.

Após um tempo observando o trabalho no Largo do Carmo, fiquei sabendo que aquele mesmo grupo que confeccionava os tapetes na época da Semana Santa, integrava um grupo de escola de samba chamado “Irmãos Metralha”, que saía no carnaval da cidade há mais de quarenta anos. Um dos senhores com quem conversei, e que foi o carnavalesco da escola durante três anos, disse que, na arte dos tapetes, ninguém cobrava nada de ninguém e que todos se ajudavam mutuamente, assim como no

carnaval. *Uns dão o tira-gosto, outros dão a pinga e a cerveja e a gente vai trabalhando assim, nas duas festas.*

Ainda na rua, depois de saber da existência dos tapetes do Largo do Carmo, observei muitas pessoas de malas prontas para deixarem a cidade, procedendo com o movimento de volta, já no início da tarde, perto da hora do almoço. A ratificação de que a cidade lentamente voltava ao seu curso normal poderia ser visto na Procissão do Santíssimo que, de longe, não mais apresentava aquela multidão a tomar as ruas do Centro Histórico, como nos dias festivos precedentes.

Para participar dessa procissão, aportei à Catedral do Pilar, como sempre, nesses últimos dias, mais cedo. Como era também o último dia antes que um outro ciclo festivo se instalasse, cheguei mais cedo, justamente, para ver se conseguia acompanhar as solenidades finais de um ponto de visão diferente daquele que eu havia seguido desde o primeiro dia. De modo que eu pretendia auferir um espaço nas tribunas do Pilar que, no passado, pertenciam, às famílias mais abastadas da cidade. Para isso, procurei o zelador da igreja, que me levou para conversar com um dos homens responsáveis pela organização do templo. Para tanto, fui conduzida por um espaço restrito somente às autoridades religiosas, que passava por trás do altar mor. Ali, percebi várias passagens internas que levavam para uma infinidade de salas. Naquele momento e mesmo que rapidamente, achei interessante ter contato com os bastidores da igreja, tão secreto e inacessível à maioria das pessoas.

Após garantir o meu passe para além dos bancos, fui para o adro esperar pela saída da procissão. Pouco antes das 16h00min, o cortejo se aprontava para deixar a igreja. Integrando-o, estavam todas as associações leigas hierarquicamente posicionadas e devidamente paramentadas com as suas opas de diferentes cores. O dia ensolarado conferia um matiz especial ao acontecimento, colorido com o entardecer.

Os sinos com seus dobres festivos não se cansavam de anunciar a Páscoa; a exposição do Santíssimo Sacramento era a confirmação de que o deus vencera a morte. A procissão alcançou as ruas sob um lindo céu azul de fim de tarde. O barulho do estouro dos fogos de artifício se misturava ao som irrequieto dos sinos e ao barulho da Banda Teodoro de Faria, que embalava o cortejo com as marchas processionais. A procissão seguiu o seu trajeto habitual encontrando, por onde quer que passasse, as janelas das casas enfeitadas com toalhas bordadas e com arranjos de flores. Os anjinhos iam à frente abrindo o caminho.



Imagem 48: Início da Procissão do Santíssimo Sacramento - 08/04/2012 (arquivo pessoal).

De vez em quando, o cortejo parava e o celebrante erguia a custódia com o Santíssimo em direção ao céu. O trajeto do cortejo já havia alcançado a região dos bares, quando se deteve para que a custódia fosse, uma vez mais, erguida diante de todos os presentes. Bem no instante em que o movimento ocorreu pelas mãos do sacerdote, os torcedores que assistiam, nos bares, a um clássico embate do futebol mineiro soltaram, em uníssono, um grito: gol! Imediatamente, a impressão que deu, era a de que aquele brado havia sido destinado ao Santíssimo evidenciado no ar... Seguindo o trajeto, a derradeira passagem pela ponte da cadeia fora realizada. Nesse tempo festivo, as pontes do Centro, desempenhavam um importante papel unificador dos espaços sagrados. Havia perdido a conta de quantas vezes a festa demandava esse movimento de atravessar as pontes de pedra, da prefeitura e do Rosário, que ligavam as margens.

Certamente, existem espaços e elementos, em especial, aqueles que selam as fronteiras, que são limiares por excelência, dado o caráter ambíguo contido neles. As águas dos rios são um desses elementos que encerram em si, a qualidade de marcos delimitadores. É por essa razão, que a ponte se torna tão profundamente importante, pois é ela que une o que está separado, como disse Simmel. Segundo esse autor, a ponte não pode ser relegada apenas a um caráter utilitário ou estético, uma vez que, “na

correlação entre divisão e reunião, a ponte acentua o segundo termo e supera o distanciamento das suas extremidades ao mesmo tempo em que o torna perceptível e mensurável” (1996, p. 12).

O município de São João del Rei é toda entrecortada por diversos cursos d’água - o Lenheiro, o Gameleiras, o Rio Acima, o Segredo, a Água Limpa - e, conseqüentemente, por diversas pontes, responsáveis por ligarem as diferentes partes da cidade. A própria edificação do povoado, se deu às margens de um rio, cujo nome, rio das Mortes, desvelava ser necessária a sua transposição por meio de acessos seguros.

Entretanto, ainda em fins do século XVIII, todas as pontes que cortavam a cidade eram de madeira; um material de construção altamente frágil. Um fato, em especial, aconteceu em 1797, evidenciou o fato de que as pontes deveriam ser mais reforçadas, pois esse foi o dia em que “caiu a ponte da rua da Intendência na ocasião em que o Reverendo Pároco levava o Santíssimo, sendo que, por milagre extraordinário, ficaram ilesas e salvas da corrente do rio as sagradas formas, ao mesmo passo que todas as pessoas que o acompanhavam em maior parte delas foram gravemente molestadas” (Viegas, 1953, p. 75).

A partir desse fato que, curiosamente, aconteceu na ocasião de uma Procissão do Santíssimo, o então Senado da Câmara tornou público, naquele mesmo ano, a necessidade da construção de uma ponte de pedra no local do desabamento e, no ano de 1800, a construção da ponte ligando a Rua do Rosário à Rua da Prata.

A pedra, definitivamente, fazia a ligação entre o começo e o fim do trajeto processional, de modo a “coagular o movimento por uma estrutura sólida”, como salientou Simmel (1996, p. 13). As construções fortificadas em pedra, assim, ligariam eficazmente, de uma vez por todas, os templos, bem como os passinhos; os principais marcos do trajeto processional do Centro Histórico. De tal modo, que essas pontes ultrapassaram os seus objetivos práticos, tornando-se, para além deles, algo também sagrado.

Quando discorreu a respeito da cruz como um símbolo que simplesmente é, sem que haja qualquer representação que lhe subjaz, Duvignaud falou a respeito da eficácia contida na pedra; o cimento, por excelência das cruzes, porque as faziam algo passível de surgir e de invadir o espaço; e não simplesmente de serem hasteadas por missionários ou por colonizadores. Nas pedras, elas apareciam tal como um poder sem nome (1997, p. 63-64). As pedras, portanto, são materiais “carregados de força, {que}

condensam uma visão do mundo em uma força material” (idem, p. 65) [tradução minha].

A fim de vincular as fronteiras e de conectar os espaços sagrados que completavam o trajeto processional, as passagens feitas de pedra tornaram-se, então, um sítio importante e carregado de força para o multiverso religioso, em geral, e para aquele ciclo festivo, em particular, cujo desfecho estava se realizando naquele fim de tarde, após a última transposição de margens, a última passagem.



Imagem 49: Santíssimo Sacramento em procissão - 08/04/2012 (arquivo pessoal).

Assim que alcançou o Largo do Carmo a procissão - que àquela altura, era capitaneada por um cachorro que andava despreocupadamente junto ao cortejo - amorteceu os seus passos nos tapetes de traçados grossos e de materiais simples. Ao fundo, um cartaz pregado na Igreja, com o desenho da redenção de Cristo, já anunciava aos fiéis, o ciclo que seria festejado dali em diante. Quase chegando à Igreja do Pilar, um irmão do Santíssimo começou a distribuir os cartuchos de amêndoa para as crianças vestidas de anjo, outra tradição do passado, de que não poderia se descuidar.

Depois da procissão, retornei, novamente, para a outra margem do rio e li, no jornal mural afixado na prefeitura, os primeiros balanços da festa. Uma reportagem dava

conta que, na Semana Santa daquele ano, houve um aumento de 22% no fluxo turístico da cidade, segundo dados da Secretaria de Cultura e Turismo.



Imagem 50: Procissão do Santíssimo Sacramento - 08/04/2012 (arquivo pessoal).

Procedendo em meu movimento de ir e vir, encurtado pela passagem na ponte, retornei para a Catedral na espera pela última missa, que seria seguida da coroação de Nossa Senhora e do *Te Deum Laudamus*. Assim que cheguei, fui direto para a rua lateral, esperar pelo momento de subir à tribuna. Fiquei sentada na calçada, escrevendo por um tempo, quando o mesmo operador de câmera que me colocou na área da imprensa, na noite do Descendimento, chegou e, assim que soube da minha intenção em subir para assistir à missa, prontamente falou que me levaria até lá; já que a emissora havia montado a estrutura de transmissão, justamente ali. Aproveitei o convite, sem esperar pelo aval do homem que me prometera o lugar, e subi.

Com uma visão privilegiada da orquestra e do coro, bem como de todos aqueles que estavam sentados lá em baixo, assisti à missa das 19h00min, que antecedeu as últimas cerimônias pascais. No centro do altar, a imagem de Nossa Senhora das Dores havia sido posicionada em destaque; agora vestida por um vestido alvo e por uma capa azul clara. Completando o traje, em sua cabeça, havia um diadema com doze estrelas.

A missa transcorria com a pompa que lhe era habitual; porém, no momento da comunhão, a orquestra se calou e, em seu lugar, estranhamente um teclado deu o tom

àquela parte litúrgica. Com a pausa, dois integrantes do coral desceram até a tribuna. Um deles não escondia o descontentamento com a “novidade”, ao falar que, aquele ano, a missa fora descaracterizada pela presença do teclado, colocado por um dos padres visitantes da festa.



Imagem 51: Cerimônia da coroação de Nossa Senhora - 08/04/2012 (arquivo pessoal).

Assim que a missa acabou, algumas pessoas deixaram a igreja e outras tantas entraram ocupando os lugares que ficaram vagos, para assistirem à solenidade da coroação de Nossa Senhora. Após o sermão, que girou em torno da alegria da Mãe em viver a experiência do ressuscitado, o bispo e o pároco da Catedral subiram até o camarim do trono. Ao som de *Regina Cæli*, uma composição do padre sanjoanense José Maria Xavier, o Bispo retirava, uma a uma, as espadas cravadas no peito da imagem,

beijando-as, antes de serem depositadas em uma salva de prata nas mãos de um sacerdote.

Regina cæli, lætari, alleluia;

Quia quem meruisti portare, alleluia;

Ressurrexit sicut dixit, alleluia,

Ora pro nobis Deum, alleluia.

[Rainha do céu, alegrai-vos, aleluia;

Porque aquele que mereceste trazer em vosso seio, aleluia;

Ressuscitou, como disse, aleluia;

Rogai a Deus, por nós, aleluia] (Piedosas e solenes tradições..., 1997, p. 522).

Logo em seguida, o diadema foi retirado da cabeça de Nossa Senhora e, em seu lugar, uma coroa de prata fora colocada sob o barulho das campainhas, dos carrilhões e dos sinos, acompanhados por uma chuva de pétalas de rosas. Em seguida, o bispo e os demais sacerdotes ajoelharam-se diante do altar iniciando o *Te Deum Laudamus*; o canto de Ação de Graças pelo término das festividades da Semana Santa.



Imagem 52: Fiéis acompanhando o canto do *Te Deum Laudamus* - 08/04/2012 (arquivo pessoal).

O ciclo festivo estava atingindo a sua finitude. O tempo liminar que acabava junto às últimas palavras do hino do *Te Deum*, se encarregara de findar com ciclo do sofrimento e da morte, selado com um sacrifício. Um sacrifício que fora cometido, naquele multiverso religioso, com a confiança de que a hi[e]stória estava, a todo o momento, no centro de tudo; em alguns casos, até mesmo do que a própria narrativa sagrada. E era com essa mesma confiança nos usos da hi[e]stória da festa, revestida pela obrigação em ter que fazer do jeito que sempre foi feito, que o calendário festivo continuava no multiverso do Centro Histórico de São João del Rei. Na segunda-feira, outro ciclo já se iniciava. Porque, mesmo para aqueles que veneravam a grandeza do passado - com a certeza de que ele nunca terminaria - a vida movimentada em ciclos, era feita de começos e de fins.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meados do século XX, a igreja católica se viu às voltas com uma grande reforma que buscava alinhar-se às profundas mudanças pelas quais o mundo passava e que, diretamente, afetavam os rumos da própria instituição religiosa. Assim, em 1962, um concílio foi convocado, em caráter de urgência, para discutir e para traçar diretrizes que fizessem a igreja acompanhar e se tornar mais próxima desse mundo em rápidas transformações.

O chamado Concílio Vaticano II teve as suas decisões aprovadas e expressas em quatro constituições, nove decretos e três declarações que procuraram fornecer uma outra orientação à igreja, pautada na busca por um papel mais participativo na sociedade, com atenção para as questões sociais e econômicas. Dentre essas orientações destacaram-se as renovações na pastoral da igreja, que passou a ser mais aberta e mais igualitária, bem como na liturgia, onde houve a simplificação do rito que, entre outros pontos, passou a ser celebrado em língua vernacular.

Cabia, então, às autoridades eclesiais acolher e adaptar as decisões conciliares em suas respectivas dioceses, fazendo valer a atualização e a reconstrução proposta das instituições, da linguagem e dos ritos. Sob essa perspectiva, porém, as autoridades parecem ter encontrado sérias dificuldades, no caso específico do multiverso religioso de São João del Rei. Mais do que isso, elas tiveram de se incorporar ao ambiente altamente transgressor desse multiverso - ambiente esse que o presente trabalho buscou mostrar como tese central -, que se utiliza de sua própria hi[e]stória para fazer prevalecer uma concepção de religiosidade assentada no catolicismo luso-brasileiro que se constituiu no período colonial baseado, sobretudo, nas orientações tridentinas e coloridas pelo espírito barroco.

Assim, ainda que, na época, o primeiro passo da diocese tenha sido “traduzir os textos latinos para o português e o doloroso serrar dos altares das igrejas barrocas para que ficassem voltados para o povo”, ainda sim, o que predominou, ao menos para essas igrejas barrocas do chamado Centro Histórico, foi um ritualismo festivo marcado pela ordem, pela exibição da riqueza e pelos momentos lúdicos, recorrendo-se à linguagem teatral e espetacular em seus atos⁶³.

E ainda que na América Latina [e no Brasil, inclusive], a questão do Vaticano II envolvesse uma redefinição do lugar do social na igreja, em uma opção preferencial

⁶³ Fonte:

http://www.diocesedesaojoaodelrei.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2513:ano-da-fe-aplicacao-do-concilio-vaticano-ii-na-diocese-de-sjdr&catid=13:principal&Itemid=129.

pela ação social, os templos barrocos de São João continuaram a se deter no consumo suntuário e agonístico, na destruição e no excesso, no luxo e na pompa, com vistas ao comércio festivo com a divindade, numa direção contrária à das resoluções do concílio nascente.

No Brasil é... Houve um entendimento muito errôneo dessa questão do Concílio Vaticano, então foi um tal de abolir as coisas simplesmente por abolir, e esse novo clero que veio, eles não estão aí, eles estão preocupados com aquela questão da ação social, existe isso muito, essa questão de ação social e eles ficam enfocando muito nessa parte... E eles dizem que, em vez de é... Gastar esse dinheiro, porque não comprar pão para os que estão famintos? Então, essa é... Esse modismo de ação social virou essa coisa toda, então fica focando sempre nisso né? Igreja dos oprimidos, igreja dos pobres...

(Entrevista com seu A. - 23/01/2012).

E nesse contexto, quando se fala dos usos da hi[e]stória para fazer dominar uma certa concepção de religiosidade, em São João del Rei, talvez nenhuma outra manifestação seja tão emblemática quanto o Ciclo da Paixão, cuja arrastada e intrincada celebração pelo sacrifício do deus se desvela imperativa para se chegar ao acontecimento maior: a ressurreição - o núcleo mítico-místico e teológico do catolicismo.

Para perpetrar, então, a grandeza da tradição festiva do passado colonial, o Ciclo da Paixão de Cristo não busca infringir somente as normas do Concílio Vaticano II. O aspecto transgressor da festa vai além e viola até mesmo a narrativa do sacrifício do deus, em nome do cumprimento de um estatuto tricentenário.

De tal modo, é de transgressão em transgressão, que os moldes da festa do passado são dramatizados na festa contemporânea, e o que se observa, então, é a cerimônia do Ofício de Trevas realizada integralmente [mesmo que o Vaticano II tenha abolido a prática], é a Procissão do Encontro feita no período quaresmal [mesmo que a observância é fazê-la durante a Semana Santa], é a missa proferida em latim, é a música orquestrada com composições sacras centenárias, é o protagonismo das ordens leigas, entre outras...

Mesmo com as intensas e inerentes mudanças ocorridas ao longo da duração, rumo a uma pretensa modernidade, houve a opção por levar adiante a ideia da festa imbuída de elementos do passado. Aliás, é justamente porque a mudança opera de modo inexorável, é que a cidade, através de determinados grupos, se utiliza da sua hi[e]stória para prosseguir com os rastros do seu passado, pelo menos no caso das festas religiosas. E é sustentando essa opção que as transgressões acontecem. Elas se sucedem para manter uma tradição festiva - ao mesmo tempo ortodoxa e heterodoxa, espetacular, dispendiosa - que é contemplada [e imitada] tal como se estivesse nos áureos tempos da antiga vila.

É aí que se encontram, do ponto de vista sociológico, as mais instigantes questões. Relevante para esse ponto de vista é, justamente, a transgressão da ordem em nome da ordem. De uma ordem levada adiante por meio de inúmeras transgressões... De tal modo é que, o substrato desse ciclo festivo, é todo ele, feito **da ordem e de transgressão**. É precisamente disso que se trata.

Esse multiverso envolve intrincados processos de interação e de negociação entre diferentes instâncias e entre distintas visões de mundo que, ao mesmo tempo em que se vêm às voltas com os usos da hi[e]stória para sustentar a festa do passado, se beneficiam e lucram com eles, em várias e diferentes dimensões.

Em um primeiro momento, observa-se a igreja e as ordens leigas [abarcando os envolvidos com a arte e com a música] que, juntamente com os devotos, promovem o comércio com o deus, na perspectiva da dádiva. Nessa dimensão, a festa se torna o conduto por meio do qual se cria um terreno propício aos negócios com sagrado; mas um negócio que é de natureza distinta daquele do utilitarismo, precisamente porque abarca, como disse Léa Perez, “consumação, dispêndio, sacrifício, troca-dom, reciprocidade”, por meio de uma dramatização fantástica da morte do deus, solicitada pela festa do passado (2002, p. 49).

Em um segundo momento, apresenta-se o contexto dos agentes do turismo, do patrimônio e das políticas públicas, instância que, em termos globais, especialmente nos últimos vinte anos, vêm fazendo a festa retornar no formato do negócio de natureza utilitária, que tem na lógica do mercado seu caráter principal. Isso não quer dizer que, em outros momentos da sua própria hi[e]stória, a festa não tenha sido atravessada pelo mercado. Porém, pela primeira vez se percebe a tendência em justificar a festa como um produto que precisa ser resguardado [nos termos patrimoniais] para, posteriormente, ser

comercializado [principalmente, em termos turísticos]. Nesse ponto de vista, essas instâncias aplicam a acepção da preservação e da salvação, engessando a festa no discurso da patrimonialização para, em seguida, mercantilizá-la.

Assim, “no *front* da racionalidade, a festa a serviço do político {e, acrescento eu, do econômico} tornou-se tradição. Nesse ponto, a festa só adquire valor porque serve para algo [...]; neste instante, em que deixa de ser experimentada como transcendente, é que o discurso da salvação pode colonizá-la, aproximando-a, assim, da tragédia da cultura. Imortalizada como mercadoria, a festa é salva dela mesma [...] A transformação das festas em patrimônio é tomada aqui, portanto, como indício da inflação da cultura (encenada na inflação do conceito de patrimônio) que expandiu-se para as esferas política e econômica, esvaziando-se, entretanto, de seus conteúdos convencionais e transcendentais” (Martins, 2012, p. 24) [grifo do autor].

Contudo, como bem se observou nesse multiverso, há uma convivência relativamente tranquila daquelas primeiras instâncias com esses movimentos globais de mercantilização e de patrimonialização, precisamente porque a festa do passado acaba por tornar-se favorável a ambos. Essas últimas instâncias, para fazerem da festa um negócio lucrativo em termos de mercado, carecem dessa postura transgressora das primeiras instâncias que, sustentando um discurso [e uma prática] que prega o dever e a obrigação em fazer a festa do jeito que ela sempre foi feita, cometem as maiores violações em nome dessa ordem que vem sendo sustentada há séculos, e que potencializa o comércio com a divindade.

Já desse outro lado, para quem viola as regras fazendo atual um tempo passado, no comércio com o deus, a demanda da preservação não está em questão; pelo menos, não do ponto de vista estabelecido por aquelas outras instâncias, que fazem da festa do passado um *vir a ser* [ou seja, transformada em produto]. Para quem transgride as normas, instituindo uma outra ordem em seu lugar, não se trata, portanto, de resistência, nem tampouco de conservação “que transforma as festas em bens culturais, inserindo-as num mercado que tem múltiplas possibilidades de captação, seja como documentação através de projetos sob patrocínios das leis de incentivo da cultura, seja como atração turística, ou mesmo como a capitalização política”, como asseverou Marcos Martins (2012, p. 82).

A opção pelos usos da hi[e]stória [transgressora, por certo] para fazer surgir no presente, a festa do passado, se desvela apenas como um modo *sui generis* de lidar com

a tradição. Por certo, é uma opção pela ortodoxia, que é altamente prestigiada, tornado-se, assim, heterodoxa. Sobretudo, é uma opção que a cidade de São João del Rei quis levar adiante e que a enche de orgulho; ano a ano, ciclicamente, como se fosse em seus primeiros e antigos tempos.

E já que, na festa, tudo se passa no movimento incessante dos ciclos, durante o ciclo festivo do carnaval do ano de 2013, veio à tona a notícia da renúncia do 265º Sumo Pontífice da igreja católica, o papa Bento XVI. Em audiência realizada alguns dias após a notícia, o papa fez um discurso convocando a igreja, a partir desse fato, para uma completa renovação. “Precisamos trabalhar para a realização do verdadeiro concílio e para uma verdadeira renovação da igreja”, disse, referindo-se ao Concílio Vaticano II⁶⁴.

Certamente, esse fato, que já se tornou hi[e]stórico para a igreja católica, deixa entrever instigantes questões futuras, principalmente, quando pensado em relação ao multiverso religioso sanjoanense e à sua forte disposição em violar as regras para seguir com os moldes de festa do passado. Assim, diante de mais essa mudança, a primeira das questões que, inevitavelmente, se colocaria, seria: qual transgressão mais se cometeria em nome da ordem, frente a essa onda renovadora proposta, agora, pelo “verdadeiro” concílio?

⁶⁴ Fonte: <http://www.cartacapital.com.br/internacional/papa-pede-renovacao-da-igreja-antes-de-renuncia-historica/>

**REFERÊNCIAS
BIBLIOGRÁFICAS**

Arruda, Bianca. *As sagas de Jorge: Festa, devoção e simbolismo*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia do Museu Nacional, UFRJ, 2008.

Barros, Manuel J. *A beleza do catolicismo: um guia*. Lisboa: Guerra e Paz, 2007.

Barros, Rafael; Martins, Marcos da Costa; Perez, Léa. *Duas memórias e o esquecimento ou de como a festa investe sobre o instante e preenche a memória, destruindo a palavra*. In: Revista Lampejo. Volume 10, n. 02, pp. 142-155, 2012.

Disponível em: <http://revistalampejo.apoenafilosofia.org/edicoes/edicao-2/ensaios/Ensaio_14_Coletivo_142_a_155.pdf>. Acesso em dezembro de 2012

Bataille, Georges. *A parte maldita. Precedida de "A noção de despesa"*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

_____. *O erotismo*. Lisboa: Edições Antígona, 1988.

_____. *Teoria da religião*. São Paulo: Ática, 1993.

Benjamim, Walter. *Sobre o conceito de História*. In: Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, volume I. São Paulo: Brasiliense, 1994.

Boschi, Caio César. *Os leigos e o poder: irmandades leigas e políticas colonizadoras em Minas Gerais*. São Paulo: Editora Ática, 1986.

Brandão, Carlos Rodrigues. *Diário de campo: a antropologia como alegoria*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

Burmeister, Hermann. *Viagem ao Brasil através das províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

Campos, Adalgisa Arantes. *Semana Santa na América portuguesa: pompa, ritos e iconografia*. In: Actas del III Congreso Internacional del Barroco Americano: Territorio, Arte, Espacio y Sociedad. Sevilha, 2001.

Disponível em:

<<http://www.upo.es/depa/webdhuma/areas/arte/3cb/documentos/095f.pdf>>. Acesso em janeiro de 2013.

Canclini, Néstor. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 1997.

Callois, Roger. *Le vent d'hiver*. In: Hollier, Denis. *Le Collège de Sociologie (1937-1939)*. Paris: Gallimard, 1979.

_____. *O homem e o sagrado*. Lisboa: Perspectivas do homem, 1988.

Carneiro, Eder Jurandir; Leite, Dayse Souza de; Tavares, Denis Pereira. *Conflitos ambientais, construção de territórios urbanos e estratégias de empresariamento urbano*

da *Capital Brasileira da Cultura*. In: Andrea Zhouri & Klemens Laschefski (Orgs.). *Desenvolvimento e Conflitos Ambientais* (pp. 412-438). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

Carneiro, Sandra de Sá. *Novas peregrinações brasileiras e suas interfaces com o turismo*. In: Ciências Sociais e Religião. Ano 6, n. 6, p. 71-100. Porto Alegre, 2004.

Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar. *Piedosas e solenes tradições de nossa terra. A Quaresma e a Semana Santa em São João del-Rei*. Volume I. São João del-Rei: Setor de Informática do Pilar, 1997.

Cordeiro, Graça Índias. *Um lugar na cidade: cotidiano, memória e representação no bairro da Bica*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 19

Cortez, Luciano. *Por ocasião da descoberta do Brasil: três modernistas paulistas e um poeta francês no país do ouro*. In: O eixo e a roda. V. 19, n. 1. Belo Horizonte, 2010.

Disponível em:

<http://www.lettras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_pgs/Eixo%20e%20a%20Roda%2019,%20n.1/01-Luciano%20Cortez%20.pdf>. Acesso em janeiro de 2013.

Crapanzano, Vincent. *A cena: lançando sombra sobre o real*. In: Mana, 11(2), 2005. <Disponível em: www.scielo.br/pdf/mana/v11n2/27451.pdf>. Acesso em agosto de 2012.

Da Mata, Sérgio. *Chão de Deus. Catolicismo popular, espaço e proto-urbanização em Minas Gerais, Brasil. Séculos XVIII-XIX*. Berlim: Wissenschaftlicher Verlag Berlin, 2002.

DaMatta, Roberto. *Sobre comidas e mulheres...* In: O que faz o Brasil, Brasil? Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

Del Priori, Mary. *Festas e utopias no Brasil colonial*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

Derrida, Jacques. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade*. São Paulo: Escuta, 2003.

Douglas, Mary. *Pureza e perigo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.

Duvignaud, Jean. *El sacrificio inutil*. México: Fondo de Cultura Económica, 1997.

Eliade, Mircea. *Imagens e símbolos. Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

Ferreira, Maria Letícia M. *A memória coletiva dos santos lugares*. In: Revista Memória em Rede; v. 1, n.1: Pelotas, dez. 2009/mar. 2010.

Ferreira, Shirley L., Mahfoud, Miguel, Silva, Marcos V. *Trajetória coletiva de congadeiros*. In: Memorandum; n. 20: Belo Horizonte: UFMG, Ribeirão Preto: USP,

2011. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/memorandum/revista/wp-content/uploads/2011/06/ferreiramahfoudsilva01.pdf>>. Acesso em novembro de 2012.

Flôres, Ralf José C. *São João del-Rei. Tensões e conflitos na articulação entre o passado e o progresso*. São Carlos: Dissertação de mestrado apresentada à Escola de Engenharia de São Carlos, USP, 2007.

Freyre, Gilberto. *Casa-grande e senzala. Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.

_____. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural no Brasil*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1936.

Gaio Sobrinho, Antônio. *Visita à colonial cidade de São João del-Rei*. São João del-Rei: Edição do autor, 2001.

Hubert, Henri; Mauss, Marcel. *Sobre o sacrifício*. São Paulo: Cosac & Naify, 2005.

Leiris, Michel. *A idade viril: precedido por Da literatura como tauromaquia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

_____. *África fantasma*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

_____. *Espelho da tauromaquia*. São Paulo: Cosac Naify, 2001.

_____. *Le sacré dans la vie quotidienne*. In: Hollier, Denis. *Le Collège de Sociologie (1937-1939)*. Paris: Gallimard, 1979.

Lévi-Strauss, Claude. *O totemismo hoje*. Lisboa: Edições 70, 1986.

Martins, Marcos da Costa. *O Registro do Patrimônio Cultural Imaterial: Considerações sobre o processo de materialização do intangível nas festas religiosas*. Belo Horizonte: Dissertação do curso de mestrado em sociologia da UFMG, 2012.

Mauss, Marcel. *A Prece*. In: *Ensaio de sociologia*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1981.

_____. *Ensaio sobre as variações sazonais das sociedades esquimós*. In: "Sociologia e Antropologia" (pp. 423-505). São Paulo: Cosac Naify, 2003a.

_____. *Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas*. In: "Sociologia e Antropologia" (pp. 183-314). São Paulo: Cosac Naify, 2003b.

Motta, Roberto. *Sexo, culpa, sacrifício e expiação no Xangô de Pernambuco*. In: *Revista Esboços*. Volume 17, n. 23, pp. 119-139, Santa Catarina: UFSC, 2010.

Nietzsche, Friedrich. *II Consideração Intempestiva sobre a utilidade e os inconvenientes da História para a vida*. In: Escritos sobre História. Noéli Correia de Melo Sobrinho (Tradução). Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio; São Paulo: Loyola, 2005.

Nogueira, Silvia; Pires, Flávia. *Entrevista com Otávio Velho*. In: Revista Antropológicas. Ano 14, volume 21 (2), 2010.

Passarelli, Ulisses. *Encomendação das almas: um rito em louvor dos mortos*. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei; v. 12, 2007.

_____. *Informativo do Jubileu do Divino Espírito Santo*, São João del-Rei, Paróquia de Matosinhos, Comissão Organizadora da Festa do Divino Espírito Santo, n.14, 2011. Disponível em: <<http://folclorevertentes.blogspot.com.br/2012/10/festado-divino-237-anos-de-caminhada-1.html>>. Acesso em dezembro de 2012.

_____. *Santo Mártir está na Terra*. In: Tradição. São João del-Rei, Subcomissão Vertentes de Folclore, n. 4, jan., 2000.

Perez, Léa Freitas. *Acreditar em acreditar com Gianni Vattimo*. In: Numen: Revista de estudos e pesquisa da religião; v. 15, nº. 1. Juiz de Fora, 2012.

_____. *Antropologia das efervescências coletivas. Dionísio nos trópicos: festa religiosa e barroquização do mundo - por uma antropologia das efervescências coletivas*. In: A festa na vida. Mauro Passos (org.). Belo Horizonte: Editora Vozes, 2002.

_____. *Conflito religioso e politeísmo dos valores em tempos de globalização*. Texto apresentado na mesa redonda “Conflito religioso no Brasil: implicações históricas, sociológicas e antropológicas”, no V Simpósio da Associação Brasileira de História das Religiões, Juiz de Fora/MG, 2003. Disponível em: <<http://antropologia.org.br/arti/colab/a25-lfreitas.pdf>>. Acesso em setembro de 2012.

_____. *Festa, religião e cidade: corpo e alma do Brasil*. Porto Alegre: Editora Medianiz, 2011.

_____. *Notes et reflexions sur la cite moderne: comment naît une ville l'extreme sud du Brésil*. Tese de doutorado apresentada à Ecole des Hautes Études em Sciences Sociales: Paris, 1989.

_____. *Passos de uma pesquisa nos passos das procissões lisboetas*. Lisboa: Centro de investigação e estudos de sociologia, ISCTE-IUL, 2010.

Pimenta, Denise. *O Sertão, o mar e Derri-dada land: uma travessia quixotesca através da corda-bamba*. In: Comunidade Virtual de Antropologia, edição nº 41, 2008. Disponível em: <www.antropologia.org.br/arti/colab/a41-dpimenta.pdf>. Acesso em janeiro de 2013.

Pires, Flávia Ferreira. *A festa de São Sebastião em Catingueira: transformações e permanências dez anos depois*. In: Revista de Antropologia, v. 54, nº 2. São Paulo:

USP, 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/39655/43151>>. Acesso em agosto de 2012.

_____. *Quem tem medo do mal-assombro? Religião e infância no semi-árido nordestino*. Rio de Janeiro: E-papers; João Pessoa: UFPB, 2011.

_____. *Os filhos ausentes e as penosas de São Sebastiãozinho. Etnografia da Festa da Catingueira/PB*. Rio de Janeiro: Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, UFRJ, 2003.

Prefeitura Municipal de São João del-Rei. *Plano Diretor Participativo do Município de São João del-Rei*. São João del-Rei, Outubro, 2006.

Sanchis, Pierre. *Arraial, festa de um povo: as romarias portuguesas*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

_____. *Peregrinação e romaria: um lugar para o turismo religioso*. In: Ciências Sociais e Religião. Porto Alegre: ano 8, n. 8, 2006.

Santos, Manoel Augusto. *Quarenta anos depois do Concílio Vaticano II*. In: Manoel Augusto Santos (org.). Concílio Vaticano II: quarenta anos de *Lumen Gentium*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

Schoenenkorb, Leila. *Santidade e sacrifício: a passagem do bem-aventurado Eustáquio no limiar do sagrado*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia, UFMG, 2012.

Simmel, Georg. *A ponte e a porta*. In: Revista Política & Trabalho n° 12. Programa de Pós-Graduação em Sociologia: UFPB, 1996.

_____. *O conflito*. In: Simmel: Sociologia. Evaristo Moraes Filho (org.). São Paulo: Editora Ática, 1983a.

_____. *O estrangeiro*. In: Simmel: Sociologia. Evaristo Moraes Filho (org.). São Paulo: Editora Ática, 1983b.

Süssekind, Flora. *O Brasil não é longe daqui. O narrador, a narrativa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Steil, Carlos Alberto. *Peregrinação, Romaria e Turismo religioso: Raízes etimológicas e interpretações antropológicas*. In: Edin Sued Abumansur (org.). Turismo religioso: ensaios antropológicos sobre turismo e religião. Campinas: Papirus, 2003.

Tavares, Fátima R. G. *Religião, turismo e cura: modulações do olhar nos deslocamentos contemporâneos*. In: XIII Jornadas sobre alternativas religiosas na América Latina. Porto Alegre, 2005.

Tirado, Abgar Campos. *Ritos religiosos em São João del-Rei*. In: Suplemento Literário de Minas Gerais Edição Especial: São João del-Rei Capital Brasileira da Cultura. Belo Horizonte, dezembro, 2007.

Vattimo, Gianni. *Acreditar em acreditar*. Lisboa: Relógio D'Água, 1988.

_____. *Depois da Cristandade. Por um Cristianismo não religioso*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

Viegas, Aluizio. *Solenidades dos Passos e Semana Santa em São João del-Rei*. São João del-Rei: Edição do autor, 2002.

Viegas, Augusto. *Noticias de São João del-Rei*. Belo Horizonte, 1953.

White, James F. *Introdução ao culto cristão*. São Leopoldo: Sinodal, 1997.

Disponível em: <http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=GC8DN2qw-lcC&oi=fnd&pg=PA5&dq=james+white&ots=lYP8niQSIT&sig=hqaQRDHRJH4LoMtT-7tk_F5xNEs#v=onepage&q=james%20white&f=false>. Acesso em agosto de 2012.


Kloppenburg, Boaventura. *Teologia na América Latina depois do Vaticano II: avanços e crises*. In: Manoel Augusto Santos (org.). Concílio Vaticano II: quarenta anos de *Lumen Gentium*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. Disponível em:


<<http://books.google.com.br/books?id=NrVSU7DwmasC&pg=PA74&lpg=PA74&dq=conc%C3%ADlio+vaticano+ii+pastoral&source=bl&ots=qEZUvBp7cn&sig=ngE1M6ePL-MOA9QcVHvCKay7e-I&hl=en&sa=X&ei=ECDbUP2KPIa8AT58oDQDw&ved=0CGsQ6AEwCA#v=onepage&q=conc%C3%ADlio%20vaticano%20ii%20pastoral&f=false>>. Acesso em dezembro de 2012.


ANEXOS


Legenda:

 Trajeto Processional Principal

 Trajeto da Via Sacra Externa

 1 Passo Igreja S. F. Assis

 2 Passo Rua José Maria Xavier

 3 Passo Largo do Rosário

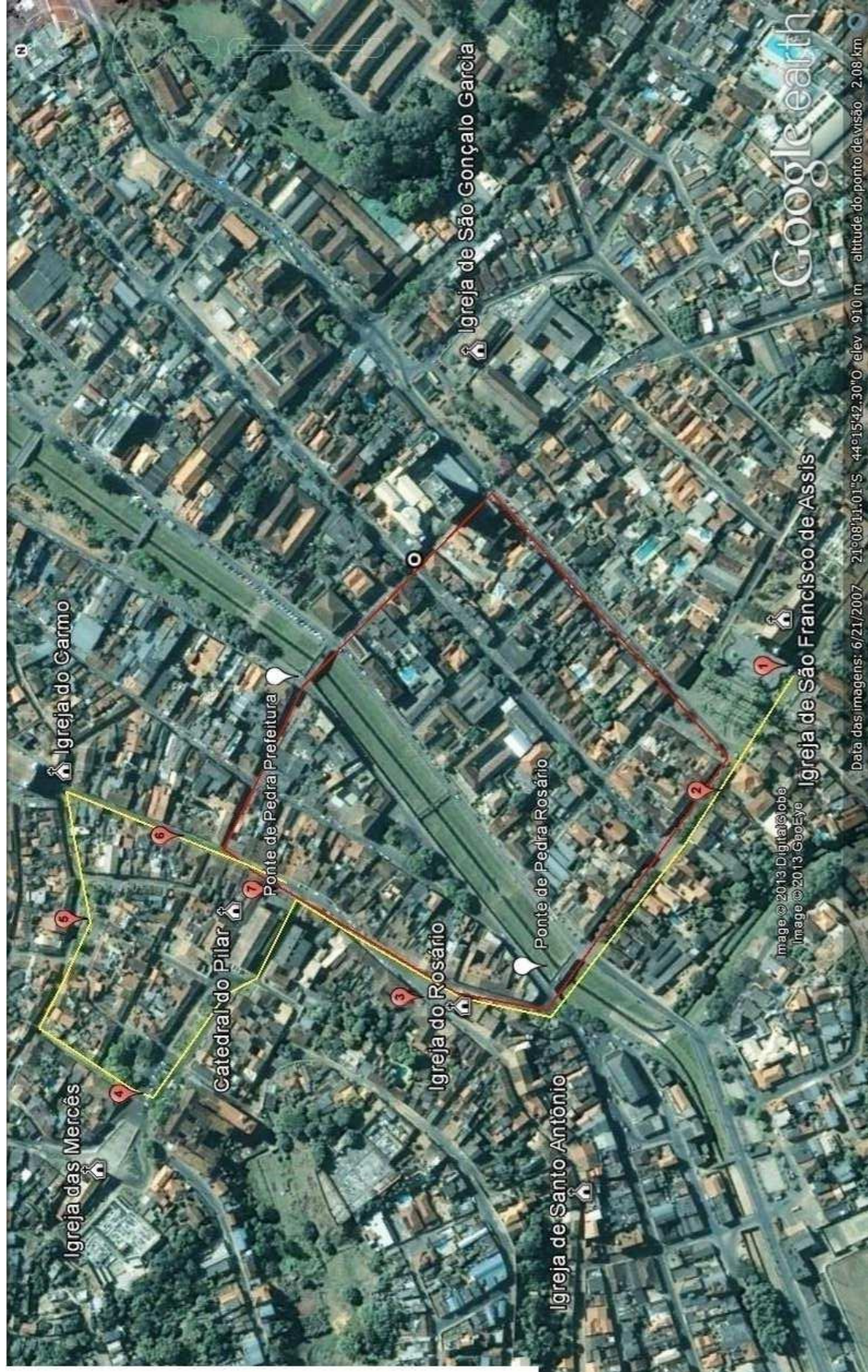
 4 Passo Largo da Câmara

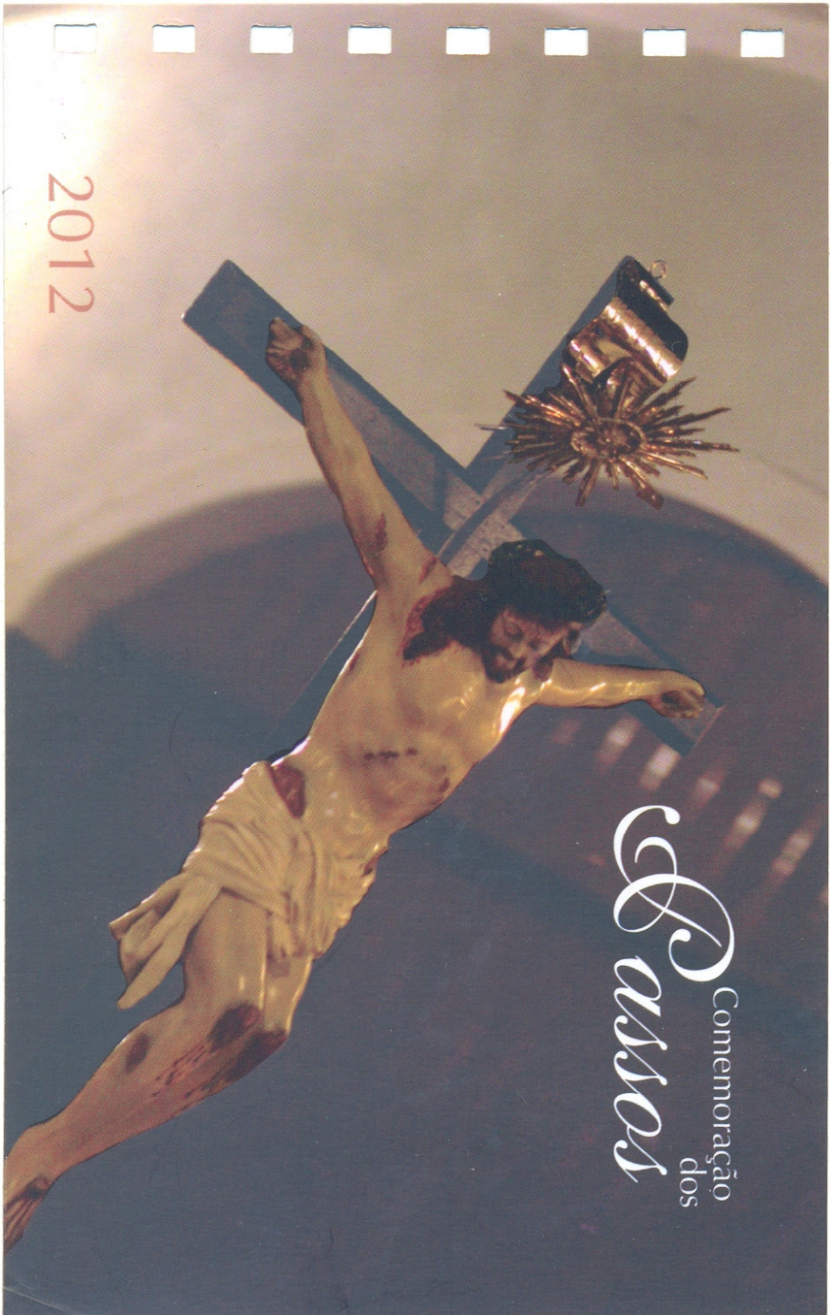
 5 Passo Largo da Cruz

 6 Passo Rua Getúlio Vargas

 7 Passo Catedral do Pilar

 0 Cruzamento Av. Tiradentes c/
Rua Ministro Gabriel Passos





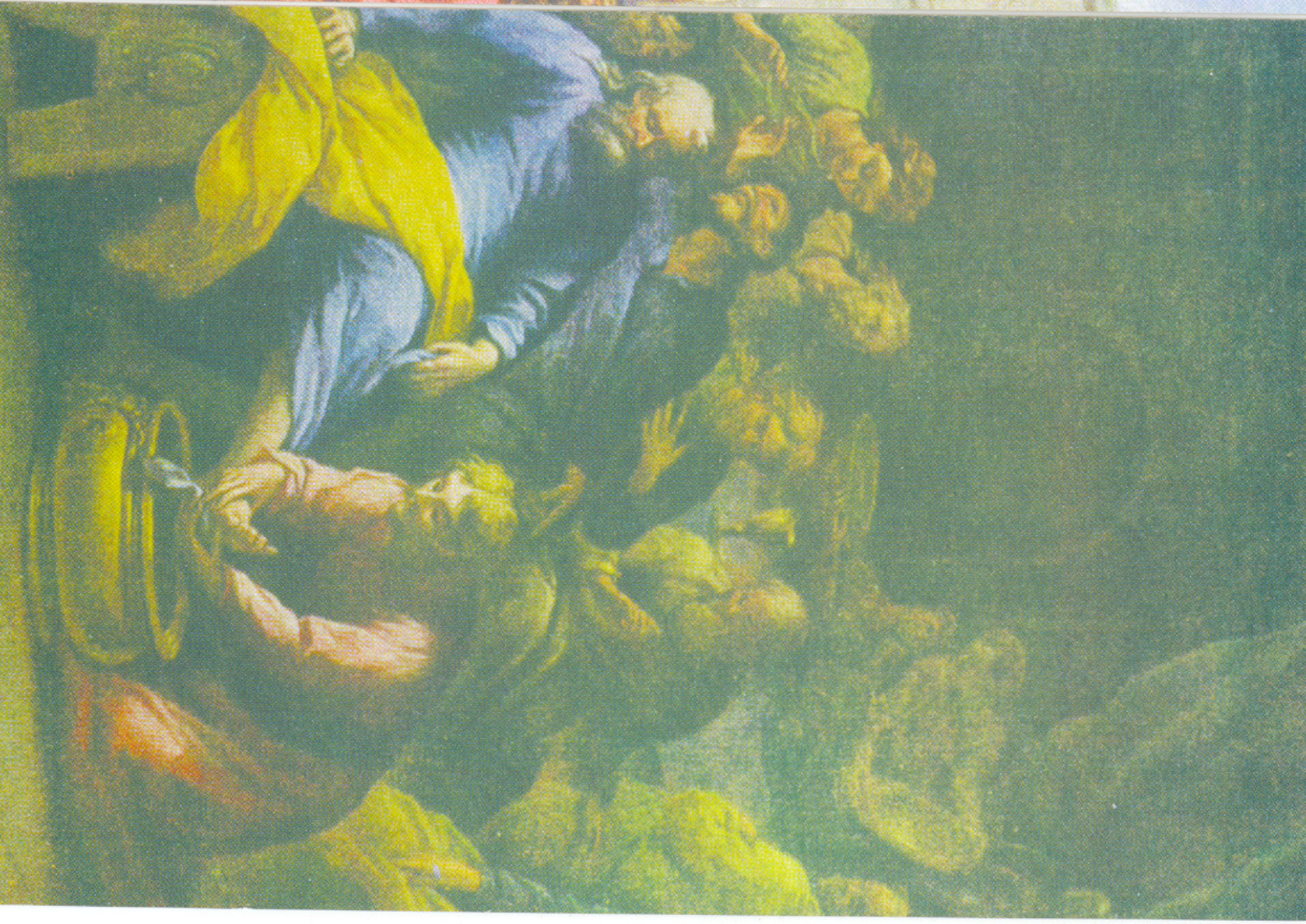
2012

Comemoração
dos
Passos



LAVABO

innocentes manus meas & circumdabo
asinum Domine. Et sanctam vocem laudo
aurem universae militiae tuae Domine & ve
stem domus tuae & locum habitationis gratiae
Noverdas cum impio. DEUS enim meam &
vniuersum vnam meam. Et quorum me
s iniquitates sunt: dexterae gratiam suam et
veribus. Ego autem miserabilem meam
sum redime me & miserere mei. Es misericors
pater in factis benedixit te Dominus
Gloria Patri & Filio & Spiritui Sancto
Sicut erat in principio & nunc
& semper & in secula seculi
Amen



Ser nobre é ter identidade

APOIO CULTURAL: A PRIMAVERA MÓVEIS , A COLEGIAL , ARROZ STRECK , BOLAS TITAN
CANTINA DO ÍTALO , COPASA ; CULTURA INGLESA , DAMAE , DELFOR MOTORS
EXPRESSO VERA CRUZ , FACI FESTAS , INDÚSTRIA E MADEIRA SÃO JOSÉ , LSM BRASIL SA
MM FLORES , MINERADORA OMEGA , PADARIA PÃO QUENTE , PADARIA SENHOR DO BONFIM
POSTO BANDEIRANTES/TIRADENTES , POUSADA BECO DO BISPO , POUSADA SETE QUEDAS
POUSADA VILLA MAGNOLIA , PRODUTOS LOREDO , QUERUBIM BISTRÔ/TIRADENTES
RESTAURANTE CHAFARIZ , ROB'S PIZZARIA , SERRARIA AGOSTINI ; SUPERMERCADO AGOSTINHO

AGRADECIMENTOS: Comunidade de SJDR , Andrea Neves , Valeria Cordeiro

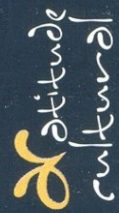
PARCERIA: Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio SJDR
Associação Amigos de SJDR , Venerável Ordem Terceira de São Francisco de Assis
Polícia Militar MG , Conservatório Estadual Música PJMX , IPHAN
MAS-Museu de Arte Sacra , Museu Regional de SJDR



Patrocínio:



Realização:



Ministério da Cultura



MINISTÉRIO DA CULTURA, CEMIG, GOVERNO DO ESTADO DE MG E ATITUDE CULTURAL

Apresentam
Semana Santa

CULTURAL



São João del-Rei

2012 anos